

AS CRÔNICAS DO RIO AMAZONAS

TRECHO DO LIVRO

“Nesta província de Machifaro que eu vi, se podem povoar cinco ou seis vilas mui ricas, porque sem dúvida há nela muito ouro. E ao que ela me pareceu, é tão bondosa de mantimentos e sã como a do Peru. Esta terra está entre o rio da Prata e o Brasil pela terra adentro. Por esta terra vem o rio grande das Amazonas, e na margem desta terra tem este rio muitas ilhas no rio e bem povoadas e gente bem luzida. E da outra banda do rio, há muita povoação da mesma gente, de maneira que de uma banda e de outra está povoado.

Os mantimentos desta terra é o *mais*, que aqui se chama milho, e caçabe (beiju), que serve de pão, e disto há muita quantidade. Há neste rio muito pescado de toda sorte como em Espanha, porque em cada povo que chegam acham muitas casas cheias de pescado seco que eles levam a vender pelo sertão e têm suas contratações com outros índios. Vão os caminhos muito abertos de muito seguidos, porque corre muita gente por eles.

Há carnes montesas nesta terra: veados, antas, porcos monteses, patos e outras coisas muitas. Tive notícias que até o rio da Prata, nesta mesma terra, havia ovelhas como as do Peru, que é o melhor sinal que nestas partes pode haver, porque onde há ovelhas, há todo o mais em abundância” (Da Carta de D. Diogo Nunes a D. João III de Portugal).



Uma vida pelo bom livro.

ISBN 85.326.0877-9



9 788532 608772

Capa: Omar Santos



AS CRÔNICAS DO RIO AMAZONAS

Antônio Porro

AS CRÔNICAS DO RIO AMAZONAS

NOTAS ETNO-HISTÓRICAS SOBRE AS
ANTIGAS POPULAÇÕES INDÍGENAS DA AMAZÔNIA



ANTÔNIO PORRO



A presente obra é a narrativa de um aventureiro português que navega o alto Amazonas antes da sua descoberta por Francisco de Orellana; durante a viagem ele encontra nada menos do que os Tupinambá de Pernambuco a caminho do Peru em busca da *terra sem males*. Uma versão pouco conhecida do livro de Carvajal, o cronista da épica viagem de Orellana, e as memórias de quatro soldados da trágica expedição de Aguirre, que explorou o Amazonas à procura do Eldorado. A relação de Pedro Teixeira, o *condottiere* que pela primeira vez subiu o rio desde Belém do Pará com 47 barcos e 1200 homens e chegou a Quito em 1638. Os diários de jesuítas e franciscanos espanhóis que no século XVII passaram longos anos entre os Omágua e Jurimágua do alto Amazonas; são deles as melhores descrições dos usos e costumes, técnicas, crenças e organização social dessas populações há muito desaparecidas, e também os primeiros depoimentos sobre as epidemias e o genocídio que acompanharam a colonização da Amazônia.

Estes e outros relatos de viajantes, quase todos inéditos em português, foram traduzidos e comentados pelo autor para dar ao leitor comum, e também ao estudioso, notícias de primeira mão sobre as tribos indígenas que viviam ao longo do Amazonas no começo do período colonial. A imensa várzea, que a moderna geografia nos acostumou a imaginar como um deserto pitoresco, mas inóspito e insalubre, aparece aqui densa-

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO E DIVULGAÇÃO (CID)
PUBLICAÇÕES CID

AS CRÔNICAS DO RIO AMAZONAS

AS CRÔNICAS DO RIO AMAZONAS

Tradução, introdução e notas etno-históricas
sobre as antigas populações indígenas
da Amazônia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Camara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

As Crônicas do Rio Amazonas / tradução, introdução
e notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas
da Amazônia / [por] Antonio Porto & Petrópolis RJ :
Vozer, 1997.
Bibliografia.
ISBN 85-326-0877-9
I. Amazônia - Descrição e viagens. 2. Índios da América do
Sul - Amazônia I. Porto, Antonio, 1940-II. Título.
CDD-680.111 92-2884

Índice para catálogo sistemático:
I. Amazônia: Índios 280.111
2. Amazônia: Índios: Descrição 280.111
3. Amazônia: Índios: Índices 280.111

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO E DIVULGAÇÃO (CID)
PUBLICAÇÕES CID

História/14

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

As Crônicas do Rio Amazonas / tradução, introdução
e notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas
da Amazônia / [por] Antonio Porro. - Petrópolis, RJ :
Vozes, 1992.

Bibliografia.

ISBN 85-326-0877-9

1. Amazônia - Descrição e viagens 2. Índios da América do
Sul - Amazônia I. Porro, Antonio, 1940-II. Título.

92-2884

CDD-980.411

Índices para catálogo sistemático:

1. Amazônia : Índios 980.411

2. Amazônia : Índios : Genocídio 980.411

3. Amazônia : Índios : História 980.411

Antonio Porro

SUMÁRIO

AS CRÔNICAS
DO RIO AMAZONAS

I. INTRODUÇÃO,

II. AS CRÔNICAS, 29

Tradução, introdução e notas etno-históricas
sobre as antigas populações indígenas
da Amazônia

1. Carta de Gaspar de Carvajal na versão de Oviedo y Valdes, 36
2. A relação do descobrimento do rio Amazonas de Gaspar de Carvajal, na versão de Oviedo y Valdes, 36
3. Notícias da chegada de índios Tupi ao Peru (1549), 74
4. Os cronistas da expedição de Uruel e Aguirre ao Amazonas (1560-61), 81
5. Os leigos franciscanos e o viagem de Pedro Teixeira ao Equador (1636-38), 115
6. Laureano de la Cruz no rio Amazonas (1647-1650), 127
7. Samuel Fritz e as Notícias das Índias do rio Marañon (1686-1723), 158
8. José Chantre y Herrera e o rio Amazonas, 202

Renato Nicolai



Petrópolis
1993

© 1992, Editora Vozes Ltda.
Rua Frei Luís, 100
25689-900 Petrópolis, RJ

Copidesque:
Orlando dos Reis

Diagramação:
Daniel Sant'Anna

ISBN 85-326-0877-9

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO, 7

II. AS CRÔNICAS, 29

Nota sobre os textos, 29

1. Carta de Diogo Nunes a D. João III de Portugal, 33

2. A relação do descobrimento do rio Amazonas, de Gaspar de Carvajal, na versão de Oviedo y Valdés, 36

3. Notícias da chegada de índios Tupi ao Peru (1549), 74
Gasca, 77

Aguilar y Córdoba, 78

4. Os cronistas da expedição de Ursua e Aguirre ao Amazonas (1560-61), 81

Vásquez, 85

Altamirano, 96

Zúñiga, 104

Monguia, 108

5. Os leigos franciscanos e a viagem de Pedro Teixeira ao Equador (1636-38), 115

Rojas, 117

Teixeira, 120

6. Laureano de la Cruz no alto Amazonas (1647-1650), 127

7. Samuel Fritz e as Notícias autênticas do rio Marañón (1686-1723), 158

8. José Chantre y Herrera e a história dos jesuítas no alto Amazonas, 202

BIBLIOGRAFIA, 213

Este livro foi composto e impresso nas oficinas gráficas da Editora Vozes Ltda., em fevereiro de 1993.

©1992, Editora Vozes Ltda.
Rua Frei Luis, 100
25690-900 Petrópolis, RJ

Capitulos
Orlando dos Reis

SUMÁRIO

Diagramas
Daniel Sant'Anna

ISBN 85-026-0577-4

I. INTRODUÇÃO 7

II. AS CRÔNICAS 29

Nota sobre os textos 29

1. Carta de Diogo Nunes a D. João III de Portugal 33

2. A relação do descobrimento do rio Amazonas, de Gaspar de

Carvajal, na versão de Oviedo y Valdes 36

3. Notícias da chegada de índios Tupi ao Peru (1549) 74

Gasca 77

Aguilar y Córdoba 78

4. Os cronistas da expedição de Urua e Aguirre ao Amazonas

(1560-61) 81

Vesquez 82

Altamirano 96

Zúñiga 104

Montaña 108

5. Os leigos franciscanos e a viagem de Pedro Teixeira ao

Ecuador (1636-38) 112

Rojas 117

Teixeira 120

6. Laureano de la Cruz no alto Amazonas (1647-1650) 127

7. Samuel Fritz e as notícias científicas do rio Marañón

(1686-1723) 138

8. José Chantre y Herrera e a história dos jesuítas no alto

Amazonas 202

BIBLIOTECA

I. INTRODUÇÃO

Este livro quer colocar ao alcance do leitor brasileiro uma série de crônicas históricas pouco conhecidas que tratam dos antigos habitantes do rio Amazonas. Quase todas inéditas em português, elas foram escritas por viajantes e missionários espanhóis ou a serviço da Espanha nos séculos XVI e XVII, época em que este país disputava com Portugal a posse da Amazônia. São fontes importantes para o conhecimento da história e da cultura dos povos indígenas que habitavam as margens do rio Amazonas no começo do período colonial. Sabe-se pouco sobre esses povos porque pouco se escreveu sobre eles enquanto existiam, e já em meados do século XVIII haviam praticamente desaparecido.

A conseqüência mais trágica e freqüente da ocupação do Novo Mundo pelos europeus foi o vertiginoso declínio, em muitos casos a total extinção, da população indígena. Quantificar o genocídio americano é tarefa difícil, porque o número inicial é quase sempre desconhecido e o número final quase sempre discutível. Com exceção de algumas regiões do México e dos Andes centrais, onde se conhecia a escrita ou formas equivalentes de registro, não havia censos demográficos entre os índios da América, e inventariar a população local não foi exatamente uma prioridade dos colonos. Quanto ao número final, ele é discutível devido aos processos seculares de assimilação e aculturação. Se hoje há no Brasil cerca de 200.000 índios que se consideram e são considerados como tais, porque mantêm a própria identidade étnica, há um número, certamente

muito maior, de brasileiros cujo tipo físico revela, em maior ou menor grau, a herança genética do índio. Todavia, se não se pode ter certeza sobre os números, pode-se tê-la sobre o fato que a ocupação da terra pelo colonizador, quando não trouxe o extermínio físico da população indígena, fez desaparecer as sociedades e as culturas indígenas. Na Amazônia isto começou no século XVI e ainda não terminou.

À medida que os portugueses, a partir de 1600, foram subindo o curso do Amazonas em busca de braços para o trabalho nas fazendas e das valorizadas *drogas do sertão*, as populações ribeirinhas foram sendo dizimadas. Um número incalculável de índios morreu com as doenças introduzidas pelo branco; outros refugiaram-se nas matas do interior subindo rios e igarapés; outros ainda, talvez a maioria, foram aprisionados e levados para o trabalho servil. Com o despovoamento das margens do Amazonas começou o *descimento* dos índios do interior. As feitorias e vilas recém-fundadas, Gurupá, Parintins, Manaus, Tefé e muitas outras foram, inicialmente, fortalezas e entrepostos de mão-de-obra escrava; com o tempo, a diversificação de sua função econômica e o estabelecimento das missões religiosas fizeram com que uma nova população, mais ou menos permanente, se constituísse ao longo do Amazonas. Esta população, trazida do interior pelas *tropas de resgate* (assim chamadas porque, num odioso sofisma, *resgatavam* os índios da vida pagã e do cativeiro decorrente das guerras intertribais), tinha pouco a ver com os antigos habitantes do rio. De línguas e culturas as mais variadas, esses agrupamentos heterogêneos de índios da *terra firme* trazidos à força para as margens do Amazonas iriam dar origem ao *caboclo* ou *tapuio* amazonense. Como não podia deixar de acontecer, eles assimilaram uma série de técnicas essenciais à sobrevivência na várzea, mas as antigas sociedades ribeirinhas, altamente integradas e adaptadas àquele ecossistema específico, haviam desaparecido para sempre.

O pouco que sabemos dessas sociedades é o que foi registrado pelos primeiros viajantes; as crônicas quinhentistas e seiscentistas, apesar de sua frustrante pobreza, deixam entrever uma população numerosa, assentada em grandes povoados, com vida econômica, organização social e instituições políticas diferentes e, em muitos aspectos, mais desenvolvidas do que as dos povos da terra firme. Estes últimos, embora igualmente dizimados, sobreviveram até hoje e têm sido estudados pelos antropólogos desde o século XIX. O rótulo *agricultores da floresta*

tropical, embora não faça justiça à riqueza de soluções adaptativas que encobre, indica o modo de vida comum a essas populações, geralmente pouco numerosas em comparação aos antigos padrões demográficos da várzea. Ainda não há consenso, entre os especialistas, sobre eventuais limitações impostas pela floresta tropical à produtividade da agricultura indígena e sobre as verdadeiras relações de causa e efeito entre esta última e a dinâmica demográfica. Por outro lado, recentes estudos arqueológicos e uma leitura crítica das fontes quinhentistas sugerem que a orla ribeirinha, especialmente a várzea inundável, tenha sido um habitat favorável à produção intensiva de alimentos, ao comércio intertribal, ao crescimento da população e à evolução das instituições políticas associada a esse crescimento. O estudo das antigas crônicas pode portanto dar contribuições fundamentais à compreensão do processo evolutivo das sociedades indígenas interrompido pela conquista européia. À parte suas implicações para a teoria antropológica ele também permite, num plano mais geral de conhecimentos, saber quem eram e como viviam dezenas de povos hoje desaparecidos. Neste sentido, a situação dos índios do rio Amazonas assemelha-se à dos Tupi do litoral brasileiro que, em parte exterminados e em parte assimilados pela sociedade colonial, deixaram de existir como grupo étnico antes que pudessem ser observados pela ciência moderna. Mas apesar de as duas situações terem sido semelhantes, o que hoje sabemos dos Tupi litorâneos é infinitamente mais do que se sabe dos antigos habitantes do Amazonas, e isto se explica pelos diferentes modos de ocupação e exploração da terra pelos brancos.

No litoral, especialmente no Maranhão, em Pernambuco, na Bahia, no Rio de Janeiro e em São Vicente, houve desde o começo estabelecimentos permanentes que empregavam a mão-de-obra indígena; como parte do projeto colonizador havia oficiais do governo e, especialmente, missionários que, por tradição e dever de ofício, muito escreveram sobre os índios, sua língua e seus costumes. Na Amazônia, a área efetivamente ocupada pelos colonos limitou-se, durante os séculos XVI e XVII, aos arredores da baía de Marajó e a umas poucas feitorias no médio e baixo Amazonas. Todo o curso do rio, via natural de comunicação e densamente povoado, tornou-se porém, em pouco tempo, um grande celeiro de braços que pouca atenção mereceu, inclusive do ponto de vista da curiosidade intelectual, dos primeiros missionários. A situação periférica da Amazônia em relação aos centros da vida econômica, política e cultural da

colônia e ainda o fato de, até o final do século XVII, o rio Solimões ter sido área de influência espanhola, lhe deram durante muito tempo o caráter de fronteira. Desta forma, se em relação aos Tupi litorâneos temos hoje mais de uma vintena de tratados descritivos, crônicas, relatos de viagem e estudos lingüísticos dos séculos XVI e XVII, a documentação contemporânea sobre as tribos do rio Amazonas é, tanto em quantidade como, especialmente, em qualidade, muito mais pobre. Essas circunstâncias parecem ter inibido o interesse de historiadores e antropólogos brasileiros em relação às antigas populações da várzea, fato que se reflete na pouca divulgação e estudo que a documentação amazônica mereceu. Vale observar, neste sentido, que das 42 fontes primárias sobre os Tupinambá citadas por Florestan Fernandes no clássico *Organização social dos Tupinambá*, 18 foram escritas originalmente em língua estrangeira e somente quatro delas não haviam sido traduzidas para o português. Sobre o Amazonas, uma recente bibliografia comentada (Porro 1986) arrola, por coincidência, o mesmo número de fontes primárias, das quais 22 escritas em língua estrangeira; somente quatro delas tinham, até agora, tradução portuguesa. São elas as crônicas de Carvajal (1542), Rojas (1639), Acuña (1641) e Fritz (1686-1723); as três primeiras foram publicadas em português por Melo-Leitão em 1941; a última por Rodolfo Garcia em 1918. A essas quatro obras e aos livros de Heriarte (1662) e Bettendorff (1698), escritos em português, resume-se, praticamente, a informação sobre os antigos habitantes do rio Amazonas acessível ao leitor de língua portuguesa.

Assinale-se também que, para o antropólogo e o etno-historiador, a qualidade dessas edições deixa muito a desejar. Os comentários de Melo-Leitão a Carvajal, Rojas e Acuña são úteis para a identificação da flora e fauna regional, mas suas notas históricas são medíocres e as etnográficas amiúde equivocadas. Rodolfo Garcia fez um estudo erudito do diário de Fritz, mas o seu interesse por assuntos etnográficos era circunstancial; além do mais, a sua tradução corresponde a uma parte somente daquilo que Fritz escreveu sobre a Amazônia brasileira. As notas de Varnhagen ao livro de Heriarte são, obviamente, superadas e o texto de Bettendorff ainda está à espera de uma edição revista e anotada. Uma breve resenha destas seis obras dará uma idéia do seu conteúdo e de como a percepção do mundo indígena pelos cronistas reflete as mudanças que este mundo sofreu a partir da conquista e da colonização.

Gaspar de Carvajal, dominicano, acompanhou Francisco de Orellana na primeira expedição que, em 1541-42, percorreu todo o rio Amazonas desde o Equador até o oceano Atlântico. Seu livro, um clássico da literatura dos descobrimentos, retrata as populações amazônicas ainda intocadas pelos efeitos da ocupação européia; descreve uma série de *províncias* ribeirinhas cujos habitantes se diferenciam, aos olhos dos exploradores, pela indumentária ou enfeites, pelas armas e pelo tipo de moradia. Mas o traço comum a essas províncias, que distingue a crônica de Carvajal das outras, mais tardias, é a população surpreendentemente numerosa. Na maioria delas o povoamento é praticamente contínuo, com grandes aldeias ocupando léguas de extensão ao longo do rio, as cabanas enfileiradas sem interrupção e centenas de canoas deixando as praias em formação de combate ao aproximar-se dos espanhóis. Das aldeias, geralmente situadas nas barrancas do rio, saem caminhos largos e muito freqüentados que demandam as roças e aldeias do interior. Há evidências de comércio de longa distância, culto religioso elaborado e alusões, embora nem sempre demonstradas, a chefias políticas centralizadas e poderosas. Nas proximidades da foz do Trombetas há o famoso encontro com uma tribo cujos guerreiros são comandados por um pequeno número de mulheres. No episódio, Carvajal e seus companheiros acreditam ver confirmada a existência do lendário *país das amazonas*, um mito grego que ganhara nova popularidade e difusão com as primeiras navegações oceânicas e que estava presente no imaginário dos espanhóis desde os Andes equatorianos. Esta passagem, que autores mais tardios se incumbiram de ampliar e florear, acabou por impor a Carvajal o estigma de ter inventado as amazonas americanas, o que prejudicou, para autores modernos, a credibilidade da sua obra como um todo.

As notícias trazidas por Carvajal, que ao fim da viagem regressou a Lima, reavivaram no Peru a crença já existente de países fabulosamente ricos perdidos nas florestas equatoriais: o *El Dorado*, o *Lago Paititi*, a *Gran Omagua*, o *País das Esmeraldas*. Nos anos seguintes diversas expedições percorreram a vertente oriental dos Andes na procura inútil dessa miragem; a mais famosa, não pelo resultado mas pelos dramas humanos que envolveu, foi a de Ursua e Aguirre, em 1560-61, que desceu o Marañon e todo o Amazonas até o Atlântico. O fracasso dessas aventuras e a descoberta da prata no Potosí fizeram abandonar as buscas e, durante mais de setenta anos, os espanhóis se desinteressaram pela Amazônia. Enquanto isto, os portugueses

começavam a se estabelecer na foz do Amazonas; em 1616 fundaram o Forte do Presépio, futura Vila de Belém do Pará, e nos anos seguintes deram combate, até conseguir expulsar, os flamengos, irlandeses e ingleses que haviam fundado feitorias em vários pontos do baixo Amazonas. Em 1637, para surpresa dos moradores de Belém, chegou a esta cidade uma canoa tripulada por dois franciscanos e seis soldados espanhóis. Sobreviventes de uma malograda expedição aos Encabellados do rio Napo, eles haviam-se deixado levar pela correnteza e três meses mais tarde chegavam à foz do Amazonas. A aparente facilidade com que uma única canoa havia conseguido atravessar o continente e a perspectiva de que o conhecimento da rota encorajasse os espanhóis a novas tentativas nesse sentido, levaram o governador Jácome Raimundo de Noronha a organizar uma frota que deveria subir o Amazonas e o Napo até Quito e, na volta, tomar posse de todas as terras que ficavam abaixo dos Omagua. Comandada por Pedro Teixeira, que já navegara até o Tapajós combatendo os ingleses, a frota de 47 canoas, 70 portugueses e quase 2000 índios deixou Belém em fins de 1637; dez meses mais tarde estava em Quito. Era a primeira vez que o grande rio e seu formador, o Napo, eram navegados em toda sua extensão, mais de 4000 quilômetros, contra a correnteza, e o feito foi comemorado em Quito com um entusiasmo que mal disfarçava a mútua desconfiança de portugueses e espanhóis. Antes porém que aqueles fossem diplomaticamente convidados a regressar a Belém, algumas pessoas em Quito tiveram acesso a informações precisas sobre o roteiro da viagem. Entre elas estava o jesuíta Alonso de Rojas que, mantendo o anonimato, escreveu em 1639 o *Descobrimento do Rio das Amazonas e suas dilatadas províncias*, uma sucinta descrição geográfica baseada nas notícias e no mapa levantado por Bento da Costa, piloto da frota portuguesa, mas com poucos dados sobre a população indígena. O livro teve pouca divulgação, provavelmente porque boa parte do seu conteúdo foi aproveitado, dois anos depois, por Cristóval de Acuña, numa obra que iria ganhar enorme notoriedade.

Acuña era um dos dois jesuítas que, por imposição da Audiência de Quito, acompanharam Pedro Teixeira como observadores e capelães na viagem de regresso. De Belém, onde chegaram em fins de 1639, Acuña passou à Espanha, onde em 1641 foi impresso o seu célebre *Novo descobrimento do grande rio das Amazonas*. Ao lado da *Descrição* de Heriarte, o livro de Acuña é a obra mais importante sobre a Amazônia e seus habitantes escrita até meados do século XVIII. Se na leitura de Carvajal

quase tudo são dúvidas, sua geografia deve ser decifrada e sua etnografia raramente leva além das hipóteses, com Acuña navegamos em águas mais familiares. Os rios e as tribos têm nomes que conhecemos e mesmo quando eles se perderam a reconstituição é menos problemática. Velhas lendas e erros geográficos são refutados; outros são repetidos, mas com reservas. Depois de uma introdução sobre a geografia, fauna, flora e alguns costumes indígenas, em boa parte tomada de Rojas, descreve as principais províncias do Solimões: os Omagua, desde acima do Javari até abaixo do Jutai; os Curuzirari ou Aisuari, desde o Juruá até o Coari; os Yoriman, que os portugueses chamariam Solimões, entre o Coari e o Purus e os Carabayana, na região dos lagos de Manacapuru. Trata em seguida do rio Negro e do rio Branco e da articulação deste com as Guianas; do Madeira, pelo qual "... se há de descobrir saída para os mais próximos rios da comarca de Potosí"; da ilha Tupinambarana, à qual vieram ter os Tupinambá de Pernambuco depois de longa migração. Refere-se depois aos Canuris do Nhamundá e às "amazonas" que, de acordo com informações dos Tupinambá, viveriam no alto curso daquele rio. Registra enfim a grande província dos Tapajós, à época já saqueada pelos portugueses e as muitas tribos do baixo Amazonas já sujeitadas. Acuña é também o primeiro cronista a enumerar, sem tê-las visto mas por notícias dos índios do Amazonas, dezenas de tribos da terra firme distribuídas ao longo dos principais afluentes.

Maurício de Heriarte havia sido companheiro de Pedro Teixeira na expedição ao Equador; vinte e três anos depois era ouvidor-geral e provedor-mor do Maranhão e Grão-Pará e nesta condição escreveu, em 1662, uma *Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Corupá e Rio das Amazonas*, publicada pela primeira vez em 1874 por Varnhagen. O livro descreve o litoral norte desde São Luís até Belém, a baía de Marajó, o baixo Tocantins, todo o curso do Amazonas e o Napo. Apesar de sérios erros geográficos, é muito mais rico do que Acuña em informações sobre o modo de vida, os costumes, a economia, a organização social e a religião das populações indígenas. É também o último autor a dar uma visão de conjunto das antigas sociedades e culturas do Amazonas, que por essa época já começavam a desaparecer.

Trinta anos mais tarde, quando são escritas as últimas duas das seis crônicas mais conhecidas, a orla ribeirinha do Amazonas já estava em grande parte despovoada. Samuel Fritz,

jesuíta das missões espanholas, deixou um *Diário* de quase quarenta anos vividos no alto Amazonas a partir de 1686. É, essencialmente, um relato da resistência e, por fim, do recuo dos jesuítas diante das investidas portuguesas pelo rio Solimões, com observações importantes sobre costumes e crenças dos Omagua e dos Yurimagua. O relato de Fritz e o grande mapa que ele desenhou em 1691 são fundamentais para a localização dos grupos étnicos do alto Amazonas. João Felipe Bettendorff, também jesuíta mas da província do Maranhão e Pará, foi missionário no baixo Amazonas a partir de 1661 e chegou a ser superior das Missões. No último ano de sua vida, 1698, terminou de escrever a *Crônica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*, publicada somente em 1910. A obra é fundamental para a história civil e religiosa do norte do Brasil, mas não tem preocupações naturalistas e sua utilidade para a etnografia amazônica é, na verdade, limitada. Salvo uma ou outra descrição de costumes e cerimônias, o índio aparece nela como objeto indiferenciado e anônimo da catequese. Mas a deficiência não é somente do autor; ao longo do Amazonas devassado e despovoado, as antigas *nações* ou *províncias* já não constituem, neste final do século XVII, entidades singulares que se imponham à curiosidade do europeu.

Os povos da várzea

A partir dos estudos de demografia histórica da América indígena (Denevan 1977, Dobyns 1966) e de algumas escavações e prospecções arqueológicas (Lathrap 1975, Meggers e Evans 1957, Myers 1973), admite-se hoje que no século XVI a várzea amazônica tinha uma população muitas vezes mais concentrada do que a terra firme. Denevan admite para a várzea uma densidade de 14,6 habitantes por quilômetro quadrado, que para a área de 65.000 km² que ela tem em território brasileiro corresponde a quase um milhão de habitantes. O número poderá parecer exagerado face às noções correntes de demografia indígena, mas uma pequena amostra para a qual dispomos de dados históricos concretos o confirma: cinco ilhas do alto Amazonas, em território Omagua, tinham em 1647 uma média de 5,2 habitantes por km², e isto um século depois do primeiro contato com os europeus (Porro 1981). De qualquer forma, esses números são ainda aproximativos e devem ser tomados somente como um referencial de ordem de grandeza.

As fontes quinhentistas falam do poderoso senhorio de *Aparia* ou *Carari*, que se estendia desde o baixo curso do Napo até a região de São Paulo de Olivença, entre o Javari e o Içá, portanto por mais de 700 km. Tratava-se dos Omagua, que os portugueses chamariam *Cambeba*, verdadeiros senhores do rio ou *Fenícios da América*, como os apelidaria a historiografia romântica. Abaixo deles, mas ainda acima da foz do Içá, viviam as tribos de *Aricana* e *Arimocoa*, cuja identificação é problemática. Em meados do século XVII, o território Omagua havia-se porém estendido para leste até abaixo do Jutai. A jusante dos Omagua ficava a província de *Machiparo*, que ocupava as duas margens do Solimões por mais de 200 km, entre Tefé e Coari; aqui os povoados sucediam-se sem interrupção e, conforme Carvajal, os mais distantes "... não estariam a mais de meia légua e houve aldeia que durou cinco léguas sem interrupção". Evidentemente um assentamento humano de cinco léguas (20 a 30 quilômetros) de extensão ao longo do rio não poderia ser aquilo que usualmente se entende por *aldeia*; mesmo que o cronista tenha exagerado na avaliação, a densidade do povoamento não pode ser posta em dúvida. O mesmo Carvajal afirma mais adiante que uma patrulha de espanhóis "... correu meia légua através da aldeia", em cuja praça, em determinado momento, reuniu-se "um esquadrão de mais de 500 índios". A partir do século XVII os habitantes de Machiparo foram conhecidos como *Curuzirari* ou *Aisuari* e haviam-se expandido rio acima, até a foz do Juruá. Na margem esquerda, entre o baixo Japurá e o paraná Copeá, viviam no século XVII os *Ybanoma* e os *Yaguanai* e na margem direita, junto ao Tefé, os *Paguana*, que Carvajal havia registrado algo mais a leste. Entre o Coari e o Purus ficava "... a mais conhecida e belicosa nação de todo o rio Amazonas, que atemorizou a esquadra portuguesa (*de Pedro Teixeira*) em sua primeira entrada" (Acuña). Os autores quinhentistas a haviam chamado *Omagua*, mas não deve ser confundida com os verdadeiros Omagua de rio acima, pois tratava-se dos *Yoriman*, *Yurimáguá* ou *Solimões*, que deram o nome ao rio. Suas aldeias tinham, no século XVII, de 20 a 24 casas comunais que abrigavam, cada uma, "... quatro, cinco e muitas vezes mais" famílias (Acuña), portanto de 500 a 600 pessoas. Na região de Codajás ficavam seus maiores povoados, um deles com mais de uma légua de extensão. No baixo curso do Purus viviam os *Cuchiguara*, nome pelo qual este rio foi conhecido durante muito tempo e mais abaixo, na margem esquerda, o rio e lagos de Manacapuru eram habitados por

um conjunto de tribos conhecidas coletivamente como *Carabaya-na*. O baixo curso do rio Negro era dominado pelos *Tarumã*.

Sobre a etnografia antiga do baixo Amazonas, a leste de Manaus, as notícias são muito mais pobres que sobre o Solimões; para as *províncias* ali mencionadas por Carvajal não se conseguiu estabelecer nenhuma filiação ou associação com grupos mais recentes e a segunda geração de cronistas, em meados do século XVII, já encontrou a região em processo de desorganização. Da barra do rio Negro até a foz do Urubu havia, no tempo de Carvajal, uma série de aldeias fortificadas com estacas e com uma única entrada. Dali até Parintins uma série de aldeias, geralmente situadas sobre os outeiros da margem esquerda, foi chamada *Provincia de Picotas* ("pelourinhos"), devido às estacas com cabeças-troféus; no século XVII alguns grupos desta região eram conhecidos como *Aruaqui*. As crônicas quinhentistas não mencionam os *Tupinambarana*, que por essa época estavam se fixando na ilha que levaria o seu nome. Eram grupos Tupi, ao que tudo indica procedentes do litoral de Pernambuco, que após uma série de longas migrações se estabeleceram no médio Amazonas. Durante algumas gerações foram a tribo mais importante e aguerrida do médio Amazonas; Heriarte, que erroneamente coloca o princípio de sua migração em 1600, diz que chegaram à região "... e conquistaram os seus naturais, avassalando-os, e com o tempo se casaram uns com os outros e se aparentaram; mas não deixam de conhecer os naturais a superioridade que os Tapinambarana têm neles... Aos que estão debaixo de seu domínio lhe dão as filhas por mulheres..." A região compreendida entre o baixo Nhamundá e o baixo Tapajós, que inclui algumas das mais importantes zonas arqueológicas da Amazônia, impressionou Carvajal por suas "grandes cidades" que se espalhavam pela terra adentro em ambas as margens do rio. Era a "Província de São João", onde deu-se o famoso combate com os *Canuri* ou *Conduri*, aparentemente comandados por mulheres guerreiras. Os *Tapajó* tinham seus grandes povoados na região de Santarém, mas só aparecem com este nome no século XVII; Heriarte, possivelmente exagerando, diz que esta nação "... bota de si 60 mil arcos quando manda dar guerra". Abaixo da foz do Maicuru (Monte Alegre) vivia uma tribo de índios de grande estatura ("mais altos que os espanhóis") que tingiam todo o corpo de preto e eram canibais; o seu chefe chamava-se Aripuna, palavra cujo componente final indica a cor preta em Tupi.

Sistemas políticos

Os primeiros cronistas falam em *províncias* governadas por *senhores*, o que sugere um poder político diferenciado e centralizado. Mesmo fazendo abstração dos termos e conceitos ocidentais, temos algumas evidências da existência de sistemas políticos em nível regional. O *senhor Aparia* da aldeia de Aparia Grande, que talvez deva ser lido "de Aparia o Grande", nas proximidades de Letícia e Tabatinga, era reconhecido desde Aparia Menor ("o Menor?"), no baixo Napo, até a foz do Jandiatuba (São Paulo de Olivença), a *Gran Omagua* dos autores seiscentistas. Heriarte diz que os Omagua "... governam-se por principais nas aldeias e no meio dessa província, que é dilatada, há um principal, ou rei deles, a que todos obedecem em grandíssima sujeição e lhe chamam *Tururucari*, que quer dizer o seu Deus e ele por tal se tem". Uma modalidade de poder político regional encontrava-se também no rio Negro, onde os índios, ainda conforme Heriarte, "... têm um Principal... que é como o Rei, por nome Tabapari. Tem debaixo do seu domínio muitas aldeias de diversas nações e delas é obedecido com grande respeito". Quatro tribos do alto Amazonas, os Omagua, Tukuna, Peva e Cavachi, reconheciam prestígio diferenciado a algumas famílias ou linhagens; "... será difícil que um jovem ou uma moça desta classe superior case com quem não lhe seja igual na estima das gentes, nem os anciãos a quem cabe ajustar os casamentos dos nobres concordariam facilmente. ...Na terra dos Zete, parte dos Omagua... casava-se com a mulher do cacique morto o irmão segundo... porque acreditavam ou imaginavam haver uma espécie de razão ou conveniência de que o irmão segundo sucedesse ao primeiro no ofício e que a capitana não fosse degradada da dignidade de que havia desfrutado na vida de seu marido" (Chantre y Herrera). Os Iruri do baixo Madeira tinham linhagens hierárquicas adscritas a territórios específicos: "Governam-se as aldeias dos Iruri com principais electivos de tal sorte que o mais capaz entre elles é o que succede pela morte de seu principal; e em as aldêas só os que são parentes podem ter casa à parte, porque os vassallos moram em roças dos que os governam, com o que as aldêas contam somente principaes, os quaes elegem sobre si um cabo, que é como cabeça de todos. Havia... cinco aldêas grandes... porem estas cinco continham mais de vinte aldêas, porquanto cada roça daquelles principaes era uma boa aldêa de vassallos" (Bettendorff). Entre os Tapajós cada aldeia de 20 ou 30 casas (ou casais?) tinha um chefe "... e a todos os

governa um Principal grande sobre todos, de quem é mui obedecido" (Heriarte). Entre os Tapajó a poliginia era comum e as mulheres adúlteras sofriam severas punições, mas apesar dessa posição subalterna há evidências de que algumas mulheres, pelo menos quando pertencentes a determinadas linhagens, podiam gozar de status privilegiado; o caso mais conhecido é o de Maria Moacara, que ainda em meados do século XVII era considerada "... princeza desde seus antepassados de todos os Tapajoz, e chamava-se Moacara, quer dizer fidalga grande, porque costumam os índios, além de seus Principais, escolher uma mulher de maior nobreza, a qual consultam em tudo como um oráculo, seguindo-a em seu parecer" (Bettendorff). Escravos aprisionados em guerra eram freqüentes, mas somente após a conquista, pela demanda dos colonos, eles adquiriram um valor de troca que fez do apresamento maciço de inimigos uma atividade econômica importante para muitas tribos. Os Omágua só matabam, entre os cativos, os chefes e os muito valentes, para prevenir insurreições; os demais eram incorporados à comunidade, onde cada chefe de família tinha um ou dois escravos domésticos, geralmente tratados com benevolência.

Relações intertribais

Os primeiros cronistas atestam a existência de alianças e de rivalidades tradicionais entre os grupos da várzea e entre estes e os da terra firme. Os Omágua, mediante incursões guerreiras, mantinham grandes áreas despovoadas a montante e a jusante do seu território. Machiparo tinha com os Omágua uma rivalidade de longa data; já com os seus vizinhos de rio abaixo, os Yoriman ou Solimões, os de Machiparo mantinham relações amistosas: os seus chefes "... são amigos e se juntam para dar guerra a outros senhores que estão terra adentro e os vêm diariamente atacar em suas casas" (Carvajal). Os Tupinambara eram intrusos recentes no médio Amazonas e apesar da relação senhorial que mantinham com os seus vizinhos foram por estes assimilados em poucas gerações. Os Conduri da Província de São João (baixo Nhamundá e Trombetas) ocupavam uma posição que os cronistas definem de "vassalagem" em relação a uma tribo do alto Nhamundá que uma tradição panamazônica dizia ser de mulheres, as *coniupuyara* ou *cunhãpuiara*, em que os europeus identificaram as amazonas. As crônicas quinhentistas falam de redes de caminhos, mais do que simples

trilhas, que saíam das aldeias ribeirinhas para o interior e serviam ao comércio intertribal. Os Aisuari de Machiparo tinham "... muitas casas cheias de pescado seco, que eles levam a vender pelo sertão e têm suas contratações com outros índios. Vão os caminhos muito abertos, de muito seguidos, porque corre muita gente por eles" (Diogo Nunes). O capitão Altamirano, da expedição de Ursua e Aguirre, descreveu alguns destes caminhos entre o Tefé e o Coari: eram "... largos e bons, feitos à maneira daqueles dos Incas do Peru, exceto pelas paredes", ou seja, não tinham muretas laterais; a cada três léguas tinham abrigos com "... índios de serviço para os viajantes que iam das províncias de Machifaro e de outras regiões próximas para a terra adentro comerciar com os de outras nações". Os rios permitiam vencer grandes distâncias com regularidade; os Manaus do médio rio Negro faziam expedições anuais ao Solimões passando em canoas do Urubaxí ao Japurá na época das enchentes; traziam lâminas de ouro do Içana, urucu, raladores de mandioca, redes de miriti, cestos e tacapes "que lavram curiosamente" e os forneciam aos Aisuari, Ybanoma e Yoriman (Fritz). Da mesma forma, diversas tribos do rio Branco, do Negro e do médio e alto Amazonas relacionavam-se, no século XVII, através de circuitos comerciais em cuja extremidade os holandeses da Guiana introduziam armas e ferramentas, recebendo em troca escravos capturados para o trabalho nas plantações. Um desses circuitos, descrito por Fritz, tinha como principais agentes os Cauauri ou Caburicena que viviam entre o Negro, o Japurá e o Solimões. Eles desciam até a várzea do Solimões para adquirir dos Yoriman (Yurimágua) umas contas de caracóis "mais apreciadas por aquelas gentes do que as contas de vidro"; com essas contas compravam, em alguma tribo do interior, escravos que levavam para o norte; atravessavam o rio Negro junto à foz do Branco, onde entregavam os escravos aos Guaranágua ou Uaranacoacena, que por sua vez os forneciam aos holandeses em troca de armas e ferramentas (os holandeses subiam o Essequibo e o Rupununi e encontravam os Guaranágua nas cabeceiras do rio Branco). As ferramentas européias passavam então dessa tribo para os Cauauri e desses aos Yurimágua. O engajamento de tribos tão afastadas num sistema regular e multidirecional de trocas comerciais não deixa muitas dúvidas quanto à existência de um padrão preexistente de relações intertribais no qual veio inserir-se o trânsito de mercadorias européias (Porro 1987).

Artes e ofícios

O algodão era cultivado, fiado e tecido principalmente no alto Amazonas, onde os Omágua e as tribos vizinhas vestiam "... roupas de algodão pintadas a pincel e as índias costumavam calçar botinhas e meias-mangas feitas de algodão, trabalhadas com muita habilidade e empastadas com um piche negro" (Vásquez de Espinosa). Em todo o alto Amazonas era comum o adorno pessoal com pequenas lâminas de ouro de aluvião, fornecidas pelas tribos do rio Negro e do alto Japurá. No médio e baixo Amazonas as roupas eram desconhecidas; usavam-se enfeites de fibras trançadas, penas e tiras de algodão, além dos *muiraquitã*, pedras esverdeadas geralmente lapidadas em forma de pequenos animais. As ferramentas e utensílios domésticos eram machados de pedra, facas e raspadores de osso, pedra, concha, casco de tartaruga, espinhas de peixe e madeira. Nas armas também havia diferenças regionais: em todo o alto Amazonas era usado o propulsor de dardos, que os cronistas chamam *estólica* ou *palheta*; abaixo do rio Negro predominavam arco e flechas, envenenadas ou não, além de sarabatanas, lanças e tacapes. Na guerra saíam ao rio flotilhas de até 200 canoas, os guerreiros protegidos por longos escudos de pranchas de madeira ou couro de jacaré; nos combates corpo a corpo eram usados pequenos escudos redondos de couro de anta ou peixe-boi. Os utensílios e recipientes domésticos de cerâmica eram os mais variados: "fazem grandes olarias em que fabricam tinas, panelas, fornos em que assam suas farinhas, caçarolas, jarras, alguidares e até sertãs (*assadeiras rasas*) bem formadas" (Acuña). A grande tradição policrômica das culturas arqueológicas persistia em algumas tribos; na *Aldeia da Louça*, algo abaixo da foz do Coari, Carvajal opinou ser essa cerâmica "... a melhor que já se viu no mundo, porque a ela nem a de Málaga se iguala. É toda vidrada e esmaltada de todas as cores, tão vivas que espantam, e além disso os desenhos e pinturas que fazem nela são tão compassados que com naturalidade eles trabalham e desenham tudo como o romano". Havia muitas especializações locais; os Caripuna e os Zurina da margem direita do Amazonas, entre o Purus e o Madeira, faziam excelentes trabalhos em madeira como banquinhos zoomorfos, propulsores de dardos e ídolos entalhados. Os Mutayu do rio Maués ou do Andirá eram especialistas na fabricação de machados de pedra, essenciais e valorizados pela escassez desta matéria-prima na várzea e os forneciam, entre outros, aos Tupinambarana, de quem era tribu-

tários (Acuña). Com as cuias polidas e pintadas faziam-se vasilhames leves e resistentes e algumas tribos, sobretudo os Yurimágua e os da região de Monte Alegre, especializaram-se na sua fabricação para o comércio. No século XVIII as cuias de Monte Alegre, muito procuradas pela população cabocla e branca, eram decoradas com motivos europeus e chegaram a ser exportadas para Portugal em quantidades consideráveis.

Religião

As informações dos cronistas sobre a vida religiosa dos índios referem-se principalmente a cerimônias e rituais; o horror às idolatrias e o receio da censura parece ter inibido maiores notícias sobre crenças e mitos. Os Omágua de Aparia "... adoram e têm por seu Deus ao sol, que chamam Chise" (Carvajal); Métraux (1948:689) observou que em Guarani, idioma muito semelhante ao Tupi falado pelos Omágua, *chise* significa *estrelas*. Acreditavam também num ser supremo, Sumé-Tupã (*Zumi-Topana*, escreve Fritz), sem dedicar-lhe nenhum culto particular. Os Yurimagua e os Aisuari acreditavam num personagem de poderes excepcionais, o *Guaricaya*, que assumia formas animais e humanas sempre aterrorizantes. Faziam-lhe uma cabana na mata, onde levavam bebidas e ofertas, e os doentes para serem curados. Quando ele chegava à aldeia não podia ser visto por mulheres e crianças; os homens o recebiam ao som de umas flautas especiais, submetendo-se em seguida a um ritual de punição em que o Guaricaya os chicoteava para torná-los valentes (Fritz). Nas práticas funerárias era comum a ingestão das cinzas do morto por parentes e amigos. Os Tapajó depositavam o morto numa cabana especial, acompanhado dos seus bens pessoais e com o rosto coberto por uma máscara de tecido; depois de decomposta a carne moíam os ossos e com eles faziam uma bebida (Heriarte). Guardavam porém "... o corpo mirrado de um dos seus antepassados, que chamavam *Monhangarypy*, quer dizer primeiro pai, lhe iam fazendo suas honras com suas ofertas e danças já desde muitíssimos anos, tendo-o pendurado debaixo da cumeeira de uma casa como a um túmulo a modo de caixão (Bettendorff). Em Carvajal temos a descrição daquilo que parece ser um ritual propiciatório que antecede a batalha: "Andavam entre essa gente e canoas de guerra quatro ou cinco feiticeiros, todos pintados de branco e com as bocas cheias de cinzas, que atiravam para o ar, tendo nas mãos uns hissopes com

os quais iam jogando água ao rio à maneira de feitiços, e depois de ter dado uma volta em nossos bergantins fazendo isto, chamavam os homens de guerra e começavam a tocar suas cornetas, trombetas de pau e tambores com grande gritaria e nos atacavam". O episódio se passa em Machiparo e na versão de Oviedo desta crônica os feiticeiros seriam mulheres.

Ídolos esculpidos em madeira eram muito comuns; os dos Aisuari eram chamados *Tururucari*, uma informação de Heriarte, por sinal suspeita porque o mesmo autor diz também que este era o nome ou título do chefe supremo dos Omágua e sabemos que as duas tribos falavam idiomas diferentes; aos ídolos dos Aisuari eram sacrificados os prisioneiros de guerra. Os carabayana da região de Manacapuru "... não comem carne, que lho vedam os ritos das suas leis, exceto a carne humana, de que são mui carniceiros. Têm ídolos de pau mui curiosos, e cada um tem o ídolo que adora em sua casa, sem terem casa particular para eles. Têm muitos feiticeiros, que servem de sacerdotes de ídolos" (Heriarte). Já os Yoriman da *aldeia da louça* tinham no tempo de Carvajal uma casa-templo com dois ídolos tecidos com folhas de palmeira, de estatura gigantesca e com as orelhas grandes e furadas. Há notícias de surtos messiânicos ligados à situação de crise e penúria que acompanhou a ocupação do alto Amazonas pelos portugueses no fim do século XVII. A figura central desses surtos foi o padre Samuel Fritz, a quem o papel de messias não parece ter de todo desagradado: "A opinião que esses índios têm de mim deve-se a que eles pensam ser eu um homem de natureza diferente dos demais e que eu não irei morrer... Os terremotos e os eclipses que ocorreram nesses anos eles os atribuem a mim, dizendo em lágrimas que nós (*os Aisuari*) levamos o Pai (*Fritz*) a matar o sol por nossa causa... A convicção geral dos índios era que eu havia causado a turbidez das águas como sinal do meu desgosto por não terem eles vindo viver rio acima como me haviam prometido". Corroborando o depoimento de Fritz, Bettendorff informa que por ocasião do tremor de terra que abalou o médio Amazonas em 1690, havia entre os índios do rio Urubu uma expectativa na qual hoje reconhecemos o caráter milenarista: "Há por aquelas partes grandes feiticeiros a quem chamam pajés; estes diziam... que os índios se haviam de converter em brancos e os brancos em índios".

Assinale-se, para concluir, que não obstante o desaparecimento das sociedades da várzea, encontramos nessas notícias fragmentárias elementos que ampliam a perspectiva histórica

sobre algumas instituições indígenas atuais ou do passado recente. Assim, o culto ao Guaricaya, com flautas sagradas, interdição às mulheres e flagelação ritual é um óbvio precedente das chamadas *festas de Jurupari*, cerimônias ligadas à afirmação do domínio dos homens sobre as mulheres em muitas sociedades amazônicas. E as crenças messiânicas que associam a cataclismologia a um sentimento de culpa pela crise social que, por fim, será resolvida com a inversão das relações de dominação, obedecem a um padrão que será recorrente no alto Amazonas até os dias de hoje.

Os parágrafos precedentes resumem o principal do que se sabe sobre os antigos habitantes da várzea amazônica e o seu modo de vida. Uma parte significativa dessas informações está contida numa dúzia de crônicas até agora de difícil acesso, seja pelo idioma, seja por se tratar de publicações antigas ou dirigidas a especialistas. São informações que não se encontram nas obras acima referidas e que, por isso, vêm enriquecer o quadro histórico e cultural da Amazônia que aquelas oferecem. Além das notícias inéditas, há nessas crônicas muitas outras que esclarecem ou confirmam passagens obscuras ou de interpretação dúbia daquelas obras.

Para o século XVI, a *Relação* de Carvajal ganha agora outra versão, recolhida pelo historiador Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés, que encontrou Carvajal e seus companheiros nas Antilhas ao fim da viagem de Orellana. Oviedo incluiu na sua *Historia General*¹ uma nova versão da crônica de Carvajal, diferente da outra já conhecida do leitor brasileiro não só no fraseado mas também no conteúdo. Muitas passagens de um texto faltam no outro, e vice-versa, e uma comparação dos dois sugere que o próprio Carvajal, talvez a instâncias de Oviedo, tenha reescrito ou contribuído para a revisão do seu texto original. Algumas das objeções que historiadores antigos e modernos fizeram à credibilidade do dominicano não teriam sido feitas se a versão de Oviedo lhes fosse familiar.

Dois fatos históricos de meados do século XVI, uma primeira exploração da parte do rio Amazonas, anterior à de Orellana, e a grande migração dos Tupinambá de Pernambuco até o Peru, contam com depoimentos da maior importância mas pou-

1. As referências das fontes encontram-se nos respectivos capítulos e na Bibliografia ao fim deste livro.

co divulgados. Em 1538 Diogo Nunes, aventureiro português engajado numa tropa espanhola que explorava os Andes orientais, chegou com seus companheiros ao alto Amazonas. Desceu o rio até a província de Machiparo, da qual diz algumas coisas que lemos também em Carvajal, e nesta província encontrou um grupo de Tupinambá em viagem rio acima. Levou alguns consigo de volta ao Peru e um deles ficou a seu serviço durante quinze anos. Em 1553 dirigiu uma carta a D. João III narrando esta aventura. O outro depoimento sobre os Tupinambá são duas cartas do governador Pedro de Gasca ao Conselho das Índias, escritas em Lima entre 1549 e 1550. Dos doze ou 14.000 índios que teriam saído de Pernambuco, uns 300 chegaram em 1549 a Chachapoyas, a oeste do Huallaga, onde foram aprisionados pelos colonos espanhóis. Alguns deles foram levados ao governador, que descreve nas cartas sua aparência e dá notícias sobre a viagem. Ainda em relação a essa migração, publicam-se aqui trechos do livro *Marañón*, de Diego de Aguilar y Córdoba (1578), fonte secundária mas próxima dos acontecimentos.

A história da expedição amazônica de Ursua e Aguirre à procura de Omágua e El Dorado (1560-61) estava simplesmente ausente da bibliografia brasileira. Ela foi narrada por quatro de seus participantes, o *bachiller* Francisco Vásquez, os capitães Altamirano e Monguia e o soldado Gonzalo de Zúñiga. São relatos paralelos e que se completam mutuamente, com discrepâncias menores que indicam não se tratar de cópias de um só documento. A expedição, descendo o Huallaga e o Marañón, alcançou o Amazonas; a primeira parte das narrativas, referente às províncias de Carari (Omágua) e Machiparo (Aisuari), é tanto ou mais rica em notícias geográficas e etnográficas do que a crônica de Carvajal. A partir daí, porém, os objetivos da viagem mudaram; o insano Aguirre amotinou-se, mandou assassinar Ursua e, sucessivamente, todos os que acreditava serem seus inimigos; o que deveria ser uma *entrada* de exploração e conquista tornou-se uma fuga de rebeldes que, pelas Antilhas e Nova Granada, queriam voltar ao Peru como insurretos. Para impedir que eventuais Eldorados seduzissem a tripulação, Aguirre reduziu ao mínimo os contatos com a população indígena até alcançar o oceano. Nessas circunstâncias, o médio e baixo Amazonas não receberam a mesma atenção e pouca coisa foi registrada pelos cronistas.

Os antecedentes da viagem de Pedro Teixeira ao Equador e o seu regresso de Quito a Belém em 1639 são amplamente

conhecidos graças, respectivamente, aos livros de Rojas e Acuña. Mas a respeito da viagem de ida pelo Amazonas acima, em 1638, as duas obras praticamente nada dizem. Quem deixou sobre essa viagem algumas páginas importantes foi o próprio Pedro Teixeira, numa *Relação* escrita em espanhol e endereçada à Audiência de Quito a 2 de janeiro de 1639. O documento é de grande interesse porque descreve com certo cuidado e riqueza de detalhes a paisagem e as principais províncias do rio Amazonas. Há observações interessantes sobre o aspecto dos povoados, seu posicionamento em relação à margem do rio e estimativas de população que merecem análise, como a dos 15.000 *vecinos* Tapajó da região de Santarém ou dos 400 povoados dos Omágua. A julgar por outras passagens, os números de Teixeira devem ser tomados com reservas, mas o seu eventual exagero não impede que se tenha uma noção relativa do povoamento da várzea. A *Relação* vem aqui precedida de uma nova tradução de alguns capítulos do livro de Rojas; ela se fazia necessária face a alguns senões da edição brasileira de Melo-Leitão.

A frustrada tentativa de catequese do alto Amazonas pelos franciscanos de Quito resultou num dos mais importantes documentos etnográficos da Amazônia seiscentista. O *Novo descobrimento* de frei Laureano de la Cruz é o depoimento do primeiro europeu a ter uma permanência prolongada entre os índios do alto Amazonas. Entre 1647 e 1650, frei Laureano fez importantes observações sobre as aldeias Omágua, o número de habitantes de cada uma, as habitações e os núcleos familiares. Sua descrição da prática do infanticídio e das crenças a ela ligadas, bem como dos efeitos devastadores de uma epidemia de varíola na região são da maior relevância. Não conseguindo levar adiante o projeto missionário, frei Laureano desceu o Amazonas em 1650 descrevendo sumariamente as províncias ribeirinhas, já agredidas pelas *tropas* portuguesas. De Belém passou à Espanha, onde escreveu suas memórias em 1653.

Do *Diário* de Samuel Fritz já foi dita alguma coisa em páginas precedentes. É um dramático mas fascinante relato dos anos 1686-1723, período em que os portugueses tomaram conta do alto Amazonas expulsando os jesuítas espanhóis. Intercaladas na crônica deste conflito há importantes descrições do modo de vida dos Omágua, Yurimágua, Aisuari e Ybanoma e a localização das suas aldeias desde a foz do Japurá até acima do Javari. Entre as páginas mais interessantes do *Diário* estão as que descrevem o surto messiânico do qual o próprio jesuíta, venerado

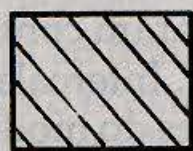
pelos índios, foi protagonista aparentemente involuntário. O *Diário* original foi transcrito e em parte resumido em 1738 pelo jesuíta Paolo Maroni nas *Notícias autênticas do rio Marañón*.

A última parte deste livro é a tradução de alguns capítulos da *História das missões do Marañón espanhol* de José Chantre y Herrera. Escrita na Itália após a expulsão dos jesuítas da América, não é fonte primária mas transcreve, com aparente fidelidade, depoimentos pessoais de missionários que trabalharam junto aos Omágua e Yurimágua que haviam sido atraídos do Solimões para as missões espanholas do Marañón.

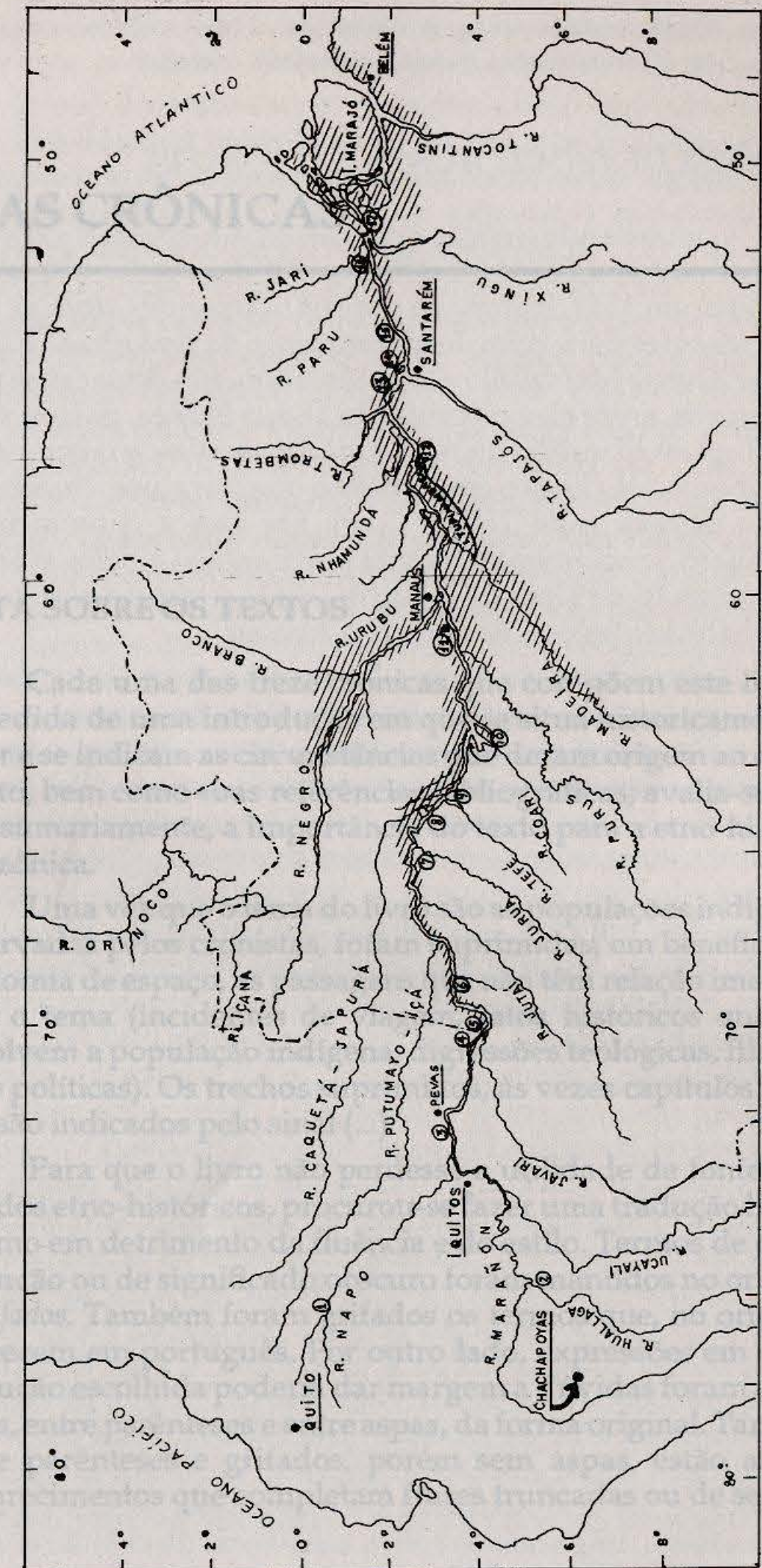
A BACIA AMAZÔNICA

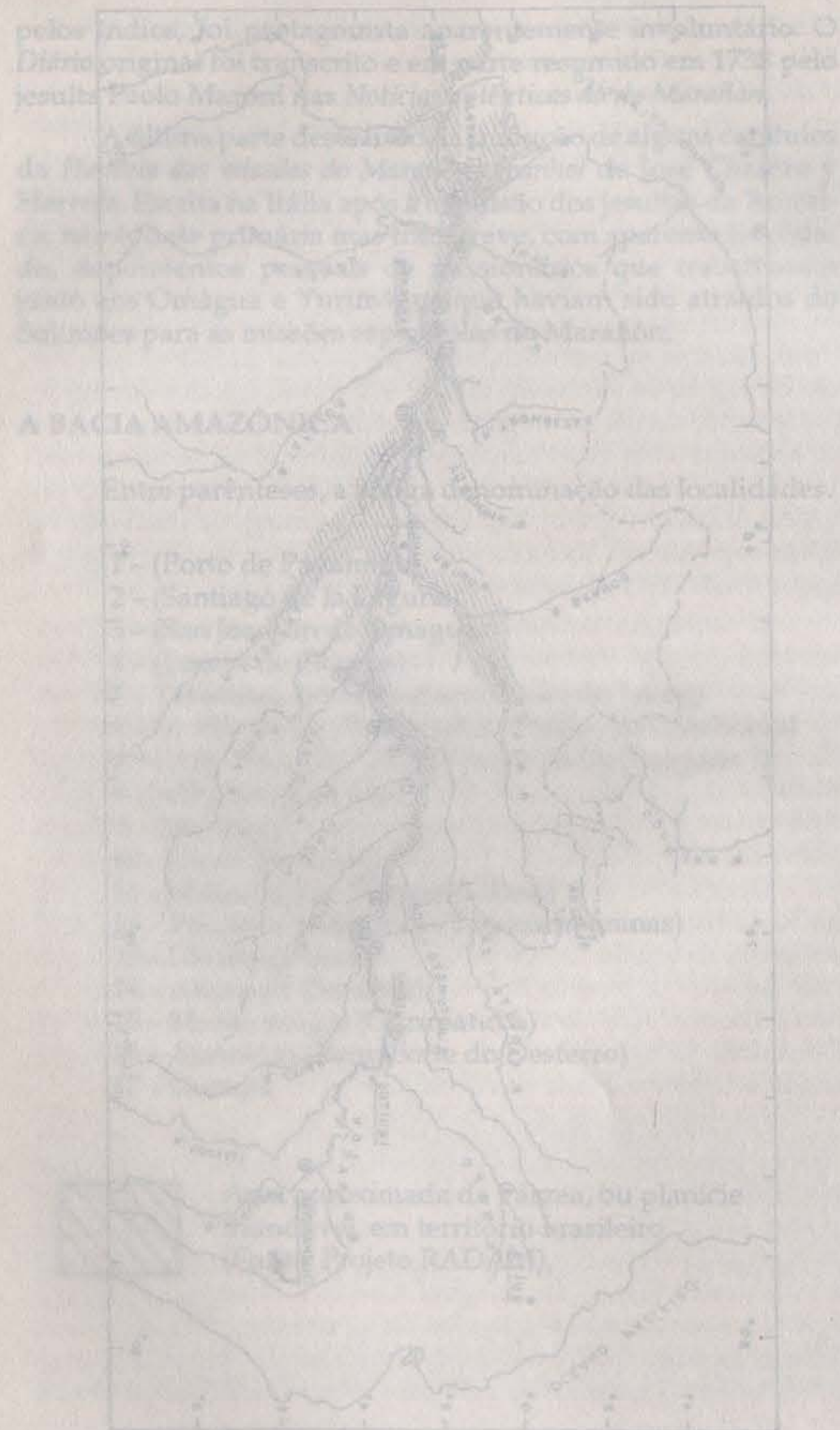
Entre parênteses, a antiga denominação das localidades.

- 1 - (Porto de Payamino)
- 2 - (Santiago de la Laguna)
- 3 - (San Joaquín de Omaguas)
- 4 - (Loreto de Ticunas)
- 5 - Tabatinga (São Francisco Xavier do Javari)
- 6 - São Paulo de Olivença (São Paulo dos Cambebas)
- 7 - Fonte Boa (N.S. de las Nieves de Yurimaguas ?)
- 8 - Alvarães (Caiçara)
- 9 - Tefé (Ega)
- 10 - Coari (Alvellos)
- 11 - Manacapuru (Pesqueiro Real)
- 12 - Parintins (Aldeia dos Tupinambaranas)
- 13 - Óbidos (Pauxis)
- 14 - Alenquer (Surubiú)
- 15 - Monte Alegre (Gurupatuba)
- 16 - Almeirim (Paru; Forte do Desterro)
- 17 - Gurupá



Área aproximada da várzea, ou planície inundável, em território brasileiro (Fonte: Projeto RADAM).





II. AS CRÔNICAS

NOTA SOBRE OS TEXTOS

Cada uma das treze crônicas que compõem este livro é precedida de uma introdução em que se situa historicamente o autor e se indicam as circunstâncias que deram origem ao documento, bem como suas referências bibliográficas; avalia-se, por fim, sumariamente, a importância do texto para a etno-história amazônica.

Uma vez que o tema do livro são as populações indígenas observadas pelos cronistas, foram suprimidas, em benefício da economia de espaço, as passagens que não têm relação imediata com o tema (incidentes de viagem, fatos históricos que não envolvem a população indígena, digressões teológicas, filosóficas e políticas). Os trechos suprimidos, às vezes capítulos inteiros, são indicados pelo sinal (...).

Para que o livro não perdesse a utilidade de fonte para estudos etno-históricos, procurou-se fazer uma tradução literal, mesmo em detrimento da fluência e do estilo. Termos de difícil tradução ou de significado obscuro foram mantidos no original e *grifados*. Também foram grifados os termos que, no original, aparecem em português. Por outro lado, expressões em que a tradução escolhida poderia dar margem a dúvidas foram acrescentadas, entre parênteses e entre aspas, da forma original. Também entre parênteses e grifados, porém sem aspas, estão alguns esclarecimentos que completam frases truncadas ou de sentido

dúbio. Para outros esclarecimentos, comentários ou interpretações, o leitor é remetido às notas de rodapé.

A CARTA DE DIOGO NUNES A D. JOÃO III

Contrariando a noção mais corrente, a primeira expedição a entrar na Amazônia brasileira a partir dos Andes não foi a de Orellana, em 1542, historiada por frei Gaspar de Carvajal. Quatro anos antes dela, num desdobramento da malograda expedição de Alonso Mercadillo ao rio Marañón, um destacamento de 25 homens, entre eles o português Diogo Nunes, passou do rio Huallaga ao Marañón ou Alto Amazonas e desceu o grande rio pelo menos até chegar, em território que viria a ser brasileiro, à região situada entre Tefé e Coari. Era esta a "província" de Machifaro, amplamente descrita por Carvajal e pelos cronistas da expedição de Ursua e Aguirre (1561) e que no século XVII seria habitada pelos Curuzirari ou Aisuari.

A expedição de Alonso Mercadillo é um dos episódios menos conhecidos da exploração do Alto Amazonas. A única fonte é Cieza de León (*Guerra de las Salinas*, 1554), que faz dela um relato sumário. Marcos Jiménez de la Espada ("La jornada del capitán Alonso Mercadillo...", 1895) reconstituiu no que era possível o itinerário e as vicissitudes da expedição. Antigo companheiro de Francisco Pizarro na conquista do Peru, Mercadillo recebeu dele, em 1537, a incumbência de organizar uma expedição aos índios Chupacho e Iscaicinga, nas vertentes orientais dos Andes. Saiu no ano seguinte do distrito de Huánuco, com 185 homens a pé e a cavalo, "ferreiros e carpinteiros para fazer barcos se para os rios fossem necessários", e foi seguindo o curso do Huallaga que, até então inexplorado, corre rumo norte para desaguar no Marañón. No baixo curso do Huallaga viu-se Mercadillo na "província" dos Maina, que se estendia para o norte incluindo todo o leque de formadores do Amazonas compreendidos entre o Javari e o Putumayo-Içá. Aqui os expedicionários "concordaram que seria coisa acertada enviar a descobrir o caminho com guias naturais daquela população; e logo saíram os espanhóis em quadrilhas a procurá-lo, e pelo melhor que viram que podiam caminhar, caminharam". Cieza de León, até aqui citado a partir de Jiménez de la Espada, nada diz sobre o rumo desses destacamentos avançados. Conclui a narrativa dizendo que, no acampamento de Mercadillo, alguns dos seus comandados, impacientes com a insistência do capitão em que-

rer abrir caminho por terras tão inóspitas, amotinaram-se e o prenderam, pondo fim à malograda expedição.

O que aconteceu com os exploradores que Mercadillo havia despachado à frente antes de ser preso tornou-se conhecido por uma via totalmente inesperada. Entre os portugueses que acompanharam Tomé de Sousa de regresso à metrópole em 1553, havia um certo Diogo Nunes, mameluco "... que se criou pela terra do Brasil adiante e diz que esteve no Peru e que do Peru veio ali (*na Capitania de São Vicente*) por terra (...) e que, de onde estão os portugueses no Brasil, em mui poucos dias por terra irão onde dizem que há mais minas de ouro e de prata do que dez vezes no Peru" (Carta de Luis Sarmiento ao príncipe Filipe em Madri, de Lisboa a 8 de novembro de 1553, *apud* Capistrano de Abreu em nota a Varnhagen, *História*, I: 207, nossa tradução). Despertado o interesse da Corte, esse Diogo Nunes encaminhou ao rei, provavelmente naquele mesmo ano de 1553 ou no seguinte, uma carta ou *apontamento* em que falava das terras que havia descoberto, sugerindo-lhe a conquista e oferecendo-se para realizá-la em determinadas condições. Varnhagen encontrou a carta no Arquivo Real de Lisboa e a transcreveu para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que a publicou em 1840 no volume II da *Revista*. Em 1924 o texto foi reeditado, acrescido de algumas palavras que haviam escapado à transcrição de Varnhagen, na *História da colonização portuguesa do Brasil*.

Diogo Nunes informa no *apontamento* que saiu do Peru com Mercadillo e chegou à *província* de Machifaro; dá breves mas importantes notícias sobre o aspecto geral da terra e do povo, sobre o comércio intertribal (com entrepostos de cerâmica e peixe seco e "... caminhos muito abertos de muito seguidos porque corre muita gente por eles") e sobre as relações que os índios de Machifaro mantinham com as tribos vizinhas. Nesse contexto, uma das principais contribuições de Diogo Nunes à etno-história amazônica é a notícia que dá dos "14.000 índios" que, naqueles anos, estavam subindo o Amazonas e que, em 1549, chegariam a Chachapoyas, no Peru. A narrativa trai uma evidente interpolação quando o autor diz que "Depois que saímos desta terra vieram atrás de nós 14.000 índios para saber que gente éramos, e no caminho (*foram dizimados por outras tribos*) e ao cabo de certo tempo foram a um povo de cristãos que é no Peru, que se chama as Chachapoas". Ocorre que a chegada dos Tupi brasileiros ao Peru deu-se dez a onze anos depois que Nunes estivera em Machifaro, onde a sua estada parece ter sido

breve, pois "... visto a terra ser tão boa viemos a dar conta ao nosso capitão onde o tínhamos deixado. E não o achamos (...) e todos nos tornamos ao Peru". Não obstante esse deslize, é grande a importância do depoimento de Diogo Nunes em relação à famosa migração dos Tupi pelo Amazonas, pois ele fornece evidências concretas de que não se tratou, como o dão a entender as outras fontes que a seguir transcreveremos (Gasca, Aguilar y Córdoba) de uma migração, mas de pelo menos duas e provavelmente mais vagas sucessivas ao longo de muitos anos. Ao contrário das fontes espanholas, que se baseiam exclusivamente naquilo que os índios chegados ao Peru contaram, com a previsível dose de imaginação, a respeito de sua viagem, Diogo Nunes encontrou os Tupi em Machifaro; um contingente deles enfrentou de fato os espanhóis, aparentemente na condição de cativos incorporados à tribo de Machifaro; diversos deles foram aprisionados e o próprio Nunes levou consigo alguns no regresso ao Peru. Dez anos mais tarde eles encontrariam os 300 Tupi chegados a Chachapoyas em 1549, e se reconheceram "... porque eram todos de uma só terra e de um só senhor. E a relação da terra (*do Brasil*) que eu tinha sabido dos meus índios e a que estes (*recém-chegados*) me deram era toda uma".

Drumond reeditou e comentou o documento ("A carta de Diogo Nunes" 1950), sugerindo com boas razões que o ponto de partida dos Tupi teria sido o litoral de Pernambuco. Errou porém ao fazê-los sair em 1539, porque as fontes mais antigas falam em 12 a 14 anos de viagem, com a chegada ao Peru em 1549, e não percebeu a inconsistência de em 1538 já estarem em Machifaro. Outros aspectos dessa migração serão abordados no capítulo 3.

1.

CARTA DE DIOGO NUNES A D. JOÃO III DE PORTUGAL*

Apontamento do que V.A. quer saber

No ano de (15)38 fui com um capitão que se diz Mercadilho e saímos do Peru a descobrir e passamos muitas terras despovoadas até onde este capitão se ficou mal disposto¹.

Então mandou 25 homens de (a) cavalo nos quais fui eu por mandado do dito capitão e chegamos a uma província ao cabo de 25 dias² (*onde*) achamos boa terra e bem povoada de índios e rica de ouro segundo o que vi e no que os índios traziam, que bem parecia a terra abundosa de ouro, porque os índios traziam armas de ouro e braceletes nos braços. Esta gente era de guarnição porque tinham guerra com outros índios que já tínhamos deixado atrás.³ Puseram-se em nos defender que não entrássemos (*i. é., a nos proibir que entrássemos*) na terra e então os desbaratamos por força d'armas e entramos na terra. E estes índios seriam até cinco ou seis mil e ali se tomaram muitos deles entre os quais vinham outros índios de outras línguas e terras, como pareceu pelos línguas que levávamos conosco. Esta província onde eu cheguei se chama Machifalo.

Estes índios que ali tomamos nos deram conta que eram de outro senhor que estava adiante deste de que eram vassallos.

Estes dois senhores têm guerra um com outro e se cativam uns a outros e os tomam por escravos.⁴ Visto a terra ser tão boa nos viemos a dar conta a nosso capitão onde o tínhamos deixado; e não o achamos porque os seus o haviam preso sobre (*i. é., devido a*) certa diferença que entre ele e os seus haviam tido e o levaram

* NUNES 1921-1924.

ao Peru preso; e a esta causa não se povoou esta província e (é) porque todos nos tornamos ao Peru.

Trouxe comigo certos índios destas províncias, de quem me informei do que havia adiante (*de Machifalo*). De um destes índios que tive em minha companhia 14 ou 15 anos.⁵

Depois que saímos desta terra vieram atrás de nós 14 mil índios para saber que gente éramos, e no caminho toparam com outros índios de outro senhor com quem tinham guerra e (*estes*) os mataram a todos, que não ficaram mais que 300 vivos, os quais se foram fugindo por um rio acima em umas canoas, e ao cabo de certo tempo foram a um povo de cristãos que é no Peru (*e*) que se chama as Chachapoas. Haverá neste caminho por onde vieram os índios até o Peru 500 léguas. E estes índios se (*re*)conheceram com os outros que eu trouxe, porque eram todos de uma (*só*) terra e de um (*só*) senhor. E a relação da terra que eu tinha sabido dos meus índios e a que estes me deram era toda uma. E estes 300 índios ficam agora no Peru.

Nesta Província de Machifaro (*sic*) que eu vi se podem povoar cinco ou seis vilas mui ricas, porque sem dúvida há nela muito ouro. E ao que ela me pareceu, é tão bondosa de mantimentos e sã como a do Peru. Esta terra está entre o rio da Prata e o Brasil pela terra adentro. Por esta terra vem o rio grande das Amazonas⁶, e na paragem desta terra tem este rio muitas ilhas no rio e bem povoadas e gente bem luzida. E da outra banda do rio há muita povoação da mesma gente, de maneira que de uma banda e de outra está bem povoado⁷.

Os mantimentos desta terra é o *mais*, que aqui se chama milho, e caçabe (*acaçaby, beiju*), que serve de pão, e disto há muita quantidade. Há neste rio muito pescado de toda sorte como em Espanha, (*por*)que em cada povo que chegam acham muitas casas cheias de pescado seco que eles levam a vender pelo sertão e têm suas contratações com outros índios⁸. Vão os caminhos muito abertos de muito seguidos porque corre muita gente por eles.

Há carnes montesas nesta terra; veados, antas, porcos monteses, patos e outras casas (*coisas*) muitas. Tive notícia que até o rio da Prata, nesta mesma terra, havia ovelhas como as do Peru⁹, que é o melhor sinal que nestas partes pode haver, porque onde há ovelhas há todo o mais em abundância.

Por este rio se há de prover esta terra, porque podem ir navios por ele até onde se poderá povoar uma vila que seja porto

e escala de toda esta terra, porque sobe a maré 200 léguas rio acima; e deste porto onde se povoar a primeira vila, subirão bergantis (mais de 300 léguas), porque o rio vai chão e muito bom.

Haverá 300 léguas desde esta província até o mar e sai este rio à costa do Brasil.

Também poderei ir por São Vicente atravessando pelas cabeçadas (*i. é., cabeceiras*) do Brasil, tudo por terra firme, porém há muita terra que andar e não se podem levar as coisas necessárias para conquistar e povoar como (*se pode*) por este rio (...)

NOTAS

1. Entenda-se em *má situação*, como se depreende do quarto parágrafo.
2. O tempo de 25 dias para descer do baixo Huallaga até Machifaro, na região de Tefé, parece ser consistente. Ursua, com seu gigantesco, e portanto lento, exército de 900 homens, levou 27 dias para chegar a Machifaro a partir da foz do Ucayali (ver Altamirano).
3. Observe-se que o estado de guerra entre Machifaro e Aparia ou Carari (a "província" a montante que Nunes não identifica embora tenha passado por ela), também será registrado pelos cronistas de Ursua. E 100 anos depois Acuña (1874: 113) descreverá a mais oriental das aldeias Omágua, entre a foz do Juruá e a do Jutai, "como primeira força que por essa parte resiste ao ímpeto de seus contrários".
4. Como vai assinalado na introdução ao texto, esses vizinhos a jusante de Machifaro e seus inimigos seriam os tupi de passagem pelo alto Amazonas. Quatro anos depois, Carvajal já não os menciona; ao contrário, na edição de Medina, registra nessa região a aliança de Machifaro e Omega (variantes: Oniguayal, Omaguci, que não devem ser confundidos com os Aparia/Omágua de rio acima), que "são amigos e se juntam para dar guerra a outros senhores que estão pela terra adentro" (Carvajal 1942: 26).
5. A frase, embora truncada ou mal copiada, confirma que o autor estivera em Machifaro em 1538 e que a carta foi redigida quando de sua chegada a Portugal em 1553 ou pouco antes.
6. O rio só recebeu o nome Amazonas em 1542 com Carvajal.
7. Ao contrário dos outros cronistas, Nunes é explícito quanto à ocupação das duas margens do Amazonas pela "província" de Machifaro.
8. Altamirano (§ 1205) confirma e dá ulteriores informações sobre esse comércio intertribal.
9. Neste parágrafo, e nos seguintes, o autor visivelmente transmite conhecimentos geográficos não relacionados à sua viagem de 1538.

A RELAÇÃO DO DESCOBRIMENTO DO RIO AMAZONAS, DE GASPAS DE CARVAJAL, NA VERSÃO DE OVIEDO Y VALDÉS

Se Diogo Nunes e seus companheiros foram os primeiros europeus a navegar, em 1538, o alto Amazonas, quatro anos mais tarde o grande rio seria percorrido em toda sua extensão pela expedição de Francisco de Orellana. A crônica dessa viagem, escrita por frei Gaspar de Carvajal, tornou-se uma das peças mais famosas, e também mais polêmicas, da historiografia dos descobrimentos.

Nos anos seguintes à conquista do Peru (1532) e à medida que estendiam seu domínio na porção setentrional do império incaico, os espanhóis inteiravam-se de notícias a respeito de duas regiões que, na sua imaginação, tornar-se-iam fabulosas: o *El Dorado* e o *País da Canela*. Símbolos da utopia americana e nunca precisamente situados, esses paraísos do ouro e das especiarias iriam levar à exploração do noroeste da América do Sul e da bacia amazônica.

No final de 1540 Francisco Pizarro nomeou seu irmão Gonzalo governador das províncias de Quito, com o propósito principal de que organizasse uma expedição ao *El Dorado* e ao *País da Canela*, que supunha-se estarem na vertente oriental dos Andes equatorianos. A expedição saiu de Quito em fevereiro de 1541 com cerca de 220 espanhóis a cavalo e quase 4.000 índios; atravessados os picos nevados, onde mais de cem índios morreram de frio, começou a descida em direção aos rios Coca e Napo, na região de Quijos. Próximo à junção desses rios, em Zumaco, Gonzalo Pizarro armou acampamento; aqui foi alcançado pelo capitão Francisco de Orellana, outro antigo companheiro do conquistador, que vinha juntar-se à expedição. Pizarro nomeou

Orellana seu lugar-tenente e o encarregou, com 60 homens (entre eles Carvajal), um bergantim e algumas canoas, de ir pelo Coca à procura de mantimentos, enquanto ele e o grosso da tropa exploravam a região. Nessas andanças pela bacia do alto Napo, Pizarro descobriu que aquele era realmente o "país da canela", mas para sua decepção as cobiçadas árvores (do gênero *Nectandra*) estavam tão dispersas na floresta heterogênea que o seu aproveitamento seria economicamente inviável. De retorno ao acampamento descobriu também que Orellana, contrariando as suas ordens (ou possivelmente, como alegaria Carvajal, impossibilitado de fazê-lo pela correnteza do rio), o havia abandonado. Em meio a dificuldades e contratemplos de toda espécie, Pizarro continuou a percorrer inutilmente a região à procura do *El Dorado*. Abandonado pelos índios que não haviam morrido, sem suprimentos e com somente 80 homens, conseguiu regressar a Quito em junho de 1542.

Enquanto isso Orellana, à procura de povoados indígenas onde suprir-se de mantimentos, descera o rio Napo cada vez mais para leste, até perceber que o retorno seria impossível, ou talvez, como querem alguns, que se lhe apresentava a oportunidade de realizar a sua própria conquista. Começava assim uma aventura de oito meses e 6.000 km de navegação, todo o Amazonas e depois o Atlântico até a ilha Margarita, que seria narrada por Carvajal num fascinante e às vezes intrigante relato.

Frei Gaspar de Carvajal, da ordem dos Dominicanos, nasceu na Estremadura espanhola por volta de 1504. Entre 1535 e 1537 foi enviado ao Peru com mais oito companheiros e em 1538 era vigário provincial de Lima, quando foi convidado por Gonzalo Pizarro para servir de capelão na expedição ao país da canela. Não sabemos se Carvajal escreveu o seu relato durante a própria viagem ou se o fez na sua breve estadia nas Antilhas, antes de voltar ao Peru. O mais provável é que tenha mantido um diário dos principais acontecimentos, dando-lhe após a viagem melhor forma e o título *Relação... do novo descobrimento do famoso rio grande que descobriu por mui grande ventura o Capitão Francisco de Orellana*, etc. Desta relação existiam duas cópias manuscritas, inéditas até o fim do século passado; uma, incompleta, na Coleção Muñoz da Real Academia de História de Madri; outra, completa, de propriedade do Duque de T'Serclaes de Tilly. Em 1894 o historiador chileno José Toribio Medina, após cotejar os dois manuscritos, que considerou não serem autógrafos embora contemporâneos do autor, publicou o segundo

acompanhado de outros documentos relativos à viagem de Orellana e de um erudito estudo histórico (Carvajal 1894). O texto publicado por Medina foi traduzido para o português por C. de Melo-Leitão e publicado em *Descobrimientos do Rio das Amazonas* (Carvajal, Rojas, Acuña 1941), uma edição de não poucos erros que se ressentem da falta de familiaridade do tradutor com a etnologia histórica da Amazônia.

Outra versão da *Relação* é a que foi incluída por Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés, primeiro cronista real das Índias Ocidentais, na sua *História General y Natural de las Indias, Islas y Tierra Firme del Mar Océano*. Oviedo era comandante da fortaleza de Santo Domingo quando Orellana e seus homens, vindos da foz do Amazonas, chegaram à Margarita e de lá seguiram para Santo Domingo. Ele teve em mãos a *Relação* de Carvajal e aproveitou-se também de depoimentos escritos e orais de Orellana e outros membros da expedição, que acrescentaram ao relato do dominicano diversos elementos novos. Disso resultaram os capítulos 1 a 6 do Livro XLIX da *História General*, nos quais Oviedo narra com suas próprias palavras a expedição de Pizarro e Orellana, e o capítulo 24 do Livro L, que consiste na transcrição da *Relação* de Carvajal. Este último texto difere da versão editada por Medina, não somente na fraseologia mas também no conteúdo, podendo-se supor, como o faz Heaton (*vide* abaixo), que o próprio Carvajal o tenha parcialmente reescrito.

A Parte III da *Historia General* de Oviedo, à qual pertencem os capítulos referidos, não chegou a ser impressa, como as duas anteriores, no século XVI. Somente em 1851-55 a obra completa foi publicada em Madri, em quatro volumes, achando-se a *Relação* de Carvajal às páginas 541-574 do volume 4. Em 1934 a American Geographical Society publicou uma versão inglesa do livro de Medina e dos capítulos correspondentes de Oviedo, cuidadosamente editada e comentada por H.C. Heaton (Carvajal 1934). Em 1942 saiu em Quito uma reedição da obra de Medina e do texto de Carvajal como aparece em Oviedo (Carvajal 1942). A presente tradução desse último texto foi feita sobre a edição de 1851-55 e cotejada com as outras acima mencionadas.

A obra de Carvajal é de capital importância para o conhecimento da etnografia quinhentista das margens do Amazonas. A partir do baixo curso do Napo e depois pelo Amazonas até a sua foz, a expedição atravessou uma série de "províncias" que se sucediam pelas duas margens, ora ininterruptamente, ora

separadas por longos trechos desabitados. Os nomes com que Carvajal (e, vinte anos depois, os cronistas da expedição de Ursua e Aguirre) identifica essas "províncias" não tinham, provavelmente qualquer significado étnico. Em certos casos não fica claro se o nome em questão era o do grupo (tribo?) ou do respectivo chefe. A partir do segundo quartel do século XVII, com o início da efetiva exploração e ocupação da calha amazônica, outros nomes foram dados a "províncias" que ocupavam os mesmos territórios, embora nem sempre a identificação possa ser considerada segura. De oeste para leste, Carvajal localizou e descreveu uma dezena delas:

Aparia (no território dos *Omágua* ou *Cambeba* seiscentistas, a *Gran Omagua*) desde o baixo Napo até algo acima da foz do rio Içá no Amazonas.

Machiparo (identificável com os *Curuzirari* ou *Aisuari*), já descrita por Diogo Nunes, do Tefé ao Coari.

Oníguayal ou *Omágua* (não os *Omágua/Cambeba*, mas os *Yoriman*, *Yurimagua* ou *Solimões* do século XVII), do Coari até quase o Purus.

Paguana (talvez os *Cuchiguara* e/ou os *Agoas* dos autores seiscentistas, que contudo mencionam também uma tribo *Paguana* no interior da margem direita), desde acima do Purus até a região fronteira a Manacapuru.

Uma "província" da qual não dá o nome (seriam os "Aruaqui" ou "Aruaquina" do séc. XVII?), com aldeias fortificadas na margem esquerda do Amazonas, desde o Negro até o Urubu.

Uma "província" chamada *das picotas* devido à presença de estacas com cabeças-troféu, também na margem esquerda, do urubu até Parintins.

A "Província de São João", nas duas margens do Amazonas desde o Nhamundá até o Tapajós, que era tida como "tributária" das Amazonas. Estas últimas viveriam afastadas quatro a sete jornadas pelo Nhamundá acima e sua chefe se chamava ou intitulava *Conhorí*. No século XVII os *Conduri* eram uma das principais tribos da bacia Nhamundá-Trombetas. Os Tapajó não são citados pelo nome, mas a região que lhes corresponde chamou a atenção de Carvajal pelas grandes aldeias que se avistavam do rio.

A "Província dos Negros", de gente alta "como alemães ou maiores" e pintura corporal dessa cor, na margem esquerda desde Monte Alegre até o Xingu.

Uma série indefinida de povoações, desde o Paru e o Xingu, passando pela ilha grande de Gurupá, até o arquipélago da foz do Amazonas.

As poucas notícias do interior, que Carvajal atribui aos índios do rio, são suspeitas; em geral elas parecem referir-se a populações subandinas já conhecidas dos espanhóis no Peru.

A importância de Carvajal para a etnografia quinhentista tem sido questionada com frequência. O cronista que teve o privilégio de observar e o mérito de descrever com certo cuidado algumas populações ribeirinhas do Amazonas antes que comessem a ser modificadas pela colonização, leva o estigma de ter "inventado" as amazonas americanas, que prejudicaram a credibilidade da sua obra como um todo. A análise do texto e o cotejo das duas versões algo diferentes que dele existem, permitem porém reabilitá-lo como fonte etno-histórica, bastando para tanto algumas constatações. Observe-se, em primeiro lugar, que a *Relação* é muito mais rica em dados etnográficos na primeira metade da viagem, digamos até o rio Negro, do que na parte final. De Aparia até Paguana o itinerário seguido e os limites das "províncias" podem ser reconstituídos com facilidade; a disposição e dimensões aparentes das aldeias, o aspecto geral da população e alguns costumes e utensílios são aqui referidos, mesmo que sumariamente. A maioria das informações específicas de Carvajal nesse território são coerentes com aquelas que encontraremos em cronistas posteriores. Já no médio e baixo curso do Amazonas, área que tradicionalmente tem interessado a historiadores e etnólogos brasileiros mais do que o Solimões, originalmente ligado à atuação das missões espanholas, o relato é muito mais vago, especialmente em relação à geografia e à identificação de províncias étnicas. É possível que essa particularidade seja responsável por alguma negligência da crítica moderna em relação às possibilidades de aproveitamento etno-histórico da obra de Carvajal.

A qualidade desigual dessa informação etnográfica parece ter como causas as condições cada vez mais adversas da viagem, o cansaço e a angústia que cresciam à medida que a viagem, que nunca se imaginara tão longa, parecia não ter mais fim, os ferimentos que o próprio cronista sofreu e, especialmente a partir do médio Amazonas, o defrontar-se pela primeira vez

com as flechas envenenadas e com a antropofagia dos índios, que obrigaram os viajantes a evitar o máximo a permanência em áreas habitadas. Mesmo nessa região, porém, certas observações que poderiam parecer retóricas ou genéricas, podem ser associadas a traços específicos da etnografia e da arqueologia local. Não é por acaso que o cronista, embora já tendo observado cerâmica de excelente feitio entre o Coari e o Purus, volta a falar com admiração em cuias ricamente pintadas e "... imagens de barro em relevo, ... taças e outros vasos e tinas tão altas quanto um homem...", justamente ao atravessar o arquipélago da foz do Amazonas.

Outra fonte de ceticismo da antropologia clássica em relação a Carvajal têm sido as suas referências ao maciço povoamento das margens do rio, que contrastam com a imagem da Amazônia despovoada que se arraigou desde as primeiras explorações sistemáticas no século XIX. A questão se insere no problema maior, discutido na primeira parte, da reavaliação dos efetivos demográficos da América indígena, em particular da várzea amazônica. Hoje, com o resultado de algumas prospecções arqueológicas e uma melhor compreensão do processo de despovoamento da Amazônia no período colonial, não há por que descartar os dados de Carvajal sobre Machiparo ("mais de 60 léguas de território habitado"), sobre a primeira aldeia de Paguana ("que teria mais de duas léguas de comprimento") ou sobre as grandes aldeias nas proximidades do Xingu (onde "...estavam postados sobre a barranca do rio mais de cinco mil homens de guerra daquele barbaríssimo exército, e até mais do que menos, repartidos aqui e lá em seus esquadrões").

Mas se essas afirmações já não podem ser consideradas simplesmente frutos da fantasia, não devem, por outro lado, ser tomadas ao pé-da-letra. Carvajal não era geógrafo nem homem de armas e suas estimativas numéricas são às vezes contraditórias. Além do mais, as versões conhecidas de sua crônica passaram pela mão de copistas e compiladores e, pelo menos no caso da de Oviedo, houve certamente a contribuição de outros membros da expedição. O relato da fuga dos espanhóis diante do ataque que sofreram em Machiparo mostra bem os perigos de uma interpretação literal. Na versão de Medina (Carvajal 1942:32), "...vieram mais de 400 índios por água e por terra" e, linhas adiante, lemos "... porque dessas povoações já se haviam juntado muitos índios" (op. cit.: 33). Já no manuscrito da Coleção Muñoz, que Medina cita sempre que diverge do seu texto, o

número 400 e a expressão *muitos índios* são, respectivamente, substituídos por *10 mil e mais de 8 mil índios*. É provável que nenhum desses números tenha o significado que parece ter; a sua recorrência nessas e noutras fontes quinhentistas nos remete a uma curiosa analogia. Nos primórdios do México colonial mantiveram-se em uso alguns elementos do sistema numérico vigesimal pré-hispânico (1, 20, 400, 8000, ...), no qual os números 400 e 8000 eram usados também com o sentido figurado de *centenas, milhares* ou, genericamente, *inúmeros*, das línguas européias. Carvajal nunca esteve na Nova Espanha e ao fim da viagem voltou imediatamente ao Peru, mas a sua crônica, ou cópia dela, ficou em Santo Domingo, onde Oviedo a utilizaria na redação da *Historia general*. As variantes *400 / 10 mil e muitos / mais de oito mil* sugerem fortemente a interferência de algum amanuense familiarizado com a tradição mexicana, o que não era incomum na região em meados do século XVI.

A questão das amazonas, calcanhar-de-aquiles da credibilidade de Carvajal, é, como muitos "enigmas" da história, se não um falso problema, um problema mal colocado. Não é este o lugar para uma exegese do mito das amazonas americanas, já feita exemplarmente por Sérgio Buarque de Holanda (1969:23-33). Medina, na introdução à crônica de Carvajal (1942:22), já observara que "entre os índios com quem tiveram que combater no rio, viram (*os espanhóis*) algumas mulheres que iam à frente dos seus esquadrões; mas daí a sustentar a existência das amazonas há grande distância. O P. Carvajal limita-se a consignar as respostas que o índio interrogado por Orellana deu acerca do modo de vida daquelas mulheres, e nada mais, sem dizer se, de sua parte, acreditou ou não naquele relato". A realidade é que Carvajal, embora cauteloso, não foi tão neutro em relação ao problema como Medina sustenta. Mas o aspecto importante da questão não é esse, e sim o do contexto cultural no qual se inscreve o conteúdo do suposto relato de um índio do Trombetas aprisionado por Orellana. Esse contexto, que inclui casas de pedra, ídolos e utensílios de ouro e prata, lhamas e roupas de lã, clima frio e vegetação escassa, é decididamente *andino* e nunca poderia ter sido referido a qualquer lugar da bacia amazônica. Esse "relato", se existiu, deve ter sido feito aos espanhóis nos Andes peruanos ou equatorianos, e intercalado por Carvajal no episódio das mulheres guerreiras do Nhamundá, por auto-sugestão ou para tornar a sua narrativa mais interessante. É praticamente o que o autor sugere nas entrelinhas, quando conclui: "Esse índio, na relação que deu daquelas mulheres, não discre-

pava daquilo que antes, no arraial de Gonzalo Pizarro, e (*ainda*) antes, em Quito e no Peru, diziam outros índios; ao contrário, lá diziam muito mais..."

Nota: O texto de Carvajal não é dividido em capítulos. Para facilitar a localização das diferentes "províncias" indígenas, introduzimos subtítulos que não constam do original.

RELAÇÃO DO RIO MARAÑÓN SEGUNDO O QUE ESCREVEU FREI GASPAR DE CARVAJAL¹

(...) Aconteceu que no dia seguinte, terça-feira (3 de janeiro de 1542) em que fazia nove dias que havíamos saído do arraial (*de Gonzalo Pizarro*), chegamos a um povoado de uma nação de índios que se chamam Irimaray, na qual quis Deus que encontrássemos muito milho, algum peixe guisado e muita pimenta. (...) Nesse povoado de Ymara (*sic*) nos detivemos 40 dias aproximadamente, para ver se podia-se ter, de alguma maneira, notícias dos nossos homens do arraial; e como isso não foi possível, nem tampouco o era escaparmos nós mesmos com vida a não ser seguindo o caminho rumo ao Mar do Norte, indo à sua busca pelo rio abaixo, todos na companhia concordaram nessa decisão, e (*concordaram*) em que se fizesse para esse efeito um bergantim em que fossem 30 homens e que no barco fossem os outros 20; e para que não se gastasse o tempo em ociosidade, que se fizessem pregos e que alguns homens fossem buscar madeira para esse trabalho (...)

(APARIA)

Digo que, completado o trabalho, partimos desse sítio na véspera da festa de Purificação de Nossa Senhora, que por outro nome dizem da Candelária, primeiro dia de fevereiro do ano já dito de mil quinhentos e quarenta e dois. E aí não nos detivemos mais porque os índios se sublevaram e havia mais de 15 dias que não vinham resgatar e nem sequer nos proviam de comida, escasseando o milho que nesse povoado havia-se encontrado. E seguindo nossa viagem fomos em demanda de uma povoação chamada Aparia, (*nome*) que é (*também do*) senhor principal daquela sua província, e (*ela*) está numa banda e outra do rio. A

* OVIEDO Y VALDÉS 1851-1855, vol. IV, p. 541-574.

ele o capitão Francisco de Orellana havia entretido e para atraí-lo à amizade dos cristãos havia-lhe dado *chaquira* (que assim se chamam as fiadas de contas e coisas que como adorno e jóias os índios e índias levam ao pescoço) e junto com isso lhes deu outras peças de roupa no sítio onde se fizeram os pregos, porque lá nos havia ido ver levando alguma comida esse capitão, que tinha sua morada num rio que se junta ao que navegávamos. E por sua (*desse rio*) muita correnteza e (*por*) entrar com tanto ímpeto e força, não bastou a nossa (*força*) para subir por ele com o barco e canoas para tomar a povoação, posto que ouvimos os tambores e vimos muitos índios em canoas em defesa do (*seu*) porto²; antes faltou pouco para que naufragássemos ao passarmos pelas juntas do rio no meio de um emaranhado de toras que a correnteza havia trazido. E assim, contra nossa vontade, passamos adiante a buscar do que comer, e ainda que encontramos alguns lugarejos, estavam despovoados e debandados ("alçados") os moradores e queimadas as casas por mandado do dito senhor; por causa disso nossas necessidades e fome sempre aumentavam e nossas forças e brio iam-se enfraquecendo; porque o (*que na verdade era*) povoado, para nós era despovoado e ermo, apesar de que ainda se encontrava alguma mandioca e pimenta nas *charcas*, que lá chamam assim as roças cercadas de pedras ("los cercados de roca de los heredamientos").

Dessa maneira prosseguimos pelas margens e terra das povoações desse *cacique*, que é longa distância por ser grande senhorio o seu. (...)

No dia seguinte chegamos a umas rancharias de índios que haviam abandonado, não longe daí, um povoado grande no qual dormimos aquela noite e (*que*) era de mais de 60 casas; e segundo parecia, alguns dias antes tinham (*aqueles índios*) tido notícia da nossa chegada, e de temor tinham saído do povoado para aquelas rancharias, às quais o capitão mandou alguns companheiros nas canoas para falar e tranqüilizar os índios. E ordenou que nenhum espanhol daqueles que enviou saíssem à terra nem lhes fizessem maus tratos, mas que da melhor maneira que pudessem lhes pedissem comida e os chamassem e encorajassem para que viessem em paz e seguros para falar ao capitão; e quis Deus que assim se fizesse mui pacificamente. De lá trouxeram algumas tartarugas das mui grandes, o que não é coisa que se possa deixar de admirar pois estávamos muito longe tanto da parte do Norte como da do Sul, onde soem-se encontrar tais peixes (*sic*); e trouxeram também papagaios, o que foi sufi-

ciente para que os companheiros comessem à vontade aquela noite.

No dia seguinte, assim como saiu o sol, vieram os índios em paz falar ao capitão; e soubemos dessa gente que estávamos em terra de Aparia o grande e que daí em diante havia muitas povoações e que não estavam os povoados queimados como até então os havíamos encontrado, razão pela qual havíamos visto um tão grande despovoado desde os Yrimai e desde Aparia o menor, quando havíamos caminhado 19 dias nos quais os companheiros haviam passado algumas necessidades, que não conto para evitar prolixidade.

No dia de Santa Olalla, tendo já se passado 11 dias de fevereiro desde que partimos do sítio dos pregos (*Ymara ou Yrimais*), juntaram-se dois rios³ com o da nossa navegação, e eram grandes, especialmente o que entrava pela mão direita assim como íamos rio abaixo; o qual desfazia e dominava todo o outro rio e parecia que o consumia dentro de si; porque vinha tão furioso e com tão grande correnteza que era coisa de muito temor e espanto ver todo o arvoredado e paus secos que trazia, que causaria grandíssimo temor vê-lo desde a terra, quanto mais andando por ele.

Essas juntas de três rios chamaram-se as juntas de Santa Olalla; muitos dos que lá íamos afirmavam que era o rio das serras de Maca, e daí em diante era tão largo de uma banda a outra que parecia que navegávamos engolfados num amplíssimo mar.

Assim que chegamos às povoações de Aparia ao cabo dos dezenove dias que temos dito, fomos beirando bons povoados em que encontrávamos milho e algum pescado, em especial de tartarugas, e alguns *guacamayos*, que são papagaios dos grandes que os índios costumam ter em suas casas por prazer ou para depená-los e servir-se das plumas; e nós os queríamos para a panela. Essa gente era tão pouco arredia ("tan doméstica") que, embora escondessem suas posses, mulheres e filhos fora dos povoados, eles (*os homens*) vinham resgatar conosco e nos traziam do que comer.

No domingo, vinte e seis de fevereiro, prosseguindo em nosso caminho pelo rio e curso habitual, saíram em direção a nós alguns índios em duas canoas e nos trouxeram 10 ou 12 tartarugas mui grandes (...) e regozijaram-se muito ao ver que aquele nosso capitão entendia sua língua (...) O qual com muita persistência, desde que passou a essas Índias, sempre procurou enten-

der as línguas dos seus naturais e fez seus abecedários para sua conformidade; e Deus o dotou de tão boa memória e natureza gentil, e era tão destro na interpretação que, não obstante as muitas e diferentes línguas que há nessas partes, ainda que não entendesse todos os índios de maneira tão cabal e perfeita como desejava, pela persistência que tinha nesse exercício era sempre ao final entendido e entendia assaz convenientemente para o que fazia ao nosso caso. (...)

Este nosso capitão, vendo que o rio dividia-se em dois braços, perguntou àqueles índios que vinham nas canoas por qual dos braços iríamos, e eles responderam em sua língua e disseram: - Segui por onde nós formos - E como o capitão os entendeu mandou que fôssemos pelo caminho que os índios tomavam; e assim fomos pelo braço do rio do qual estávamos bem desviados, e se esses guias não tivessem vindo teríamos ido pelo curso principal do rio e teríamos passado longe do sítio onde estava o *cacique* e senhor de toda aquela terra⁴, o que não se daria sem grande risco das nossas vidas. Fomos finalmente seguindo os ditos índios das duas canoas até chegar à povoação grande⁵, onde encontramos aquele senhor ou príncipe com muitos índios; os quais, tão logo viram que íamos para onde eles estavam, imediatamente embarcaram-se todos em suas canoas e puseram-se à maneira de homens de guerra; e o capitão Francisco de Orellana mandou na mesma hora que os cristãos estivessem de sobreaviso com armas nas mãos e preparadas as bestas e arcabuzes para o caso de se chegar ao confronto, pois os índios davam mostras de que queriam nos atacar. E assim, em boa ordem, tomamos sem mais perigo o porto do povoado, e o capitão e os nossos saltaram à terra; e os índios, vendo maravilhados a nossa audácia, aproximaram-se mais e o capitão lhes começou a falar em sua língua e lhes disse que viessem à terra e (*que*) não tivessem temor algum, e eles assim fizeram mostrando em seu semblante que lhes agradava a nossa vinda. E tiraram logo de suas canoas grande quantidade de comida, tanto de tartarugas como de muitos outros pescados e algumas perdizes e macacos assados. Essas perdizes são como as da nossa Espanha, porém são tão grandes que cada uma delas é maior que um par das de Castela e de sabor não menos bom.

O capitão Francisco de Orellana, vendo o comedimento dos índios, lhes fez um arrazoado dando-lhes a entender que éramos cristãos e adorávamos e acreditávamos num Deus único e verdadeiro, que criou o céu e a terra, e vassalos do Imperador

dos cristãos, grande Rei da Espanha chamado Don Carlos, nosso senhor, do qual é o império e senhorio que todos os índios habitam e outros muitos e grandes senhorios e reinos, e por seu mandado íamos olhando aquela terra para lhe dar notícia do que havíamos visto nela.

Tudo isso parecia que (*os índios*) escutavam e guardavam na mente com muita atenção e interesse, e depois que o capitão se calou parecia que os ouvintes estavam contentes; e estando todos em silêncio, aquele seu príncipe perguntou ao capitão quem éramos, ou mostrando que não havia entendido por inteiro o que se lhe havia dito, ou querendo ser melhor informado do que se lhe dizia; e quis saber aonde íamos, para ver se o capitão se contradizia; ele lhe repetiu o mesmo que já lhe havia dado a entender e lhe disse, além disso, que éramos filhos do sol e que íamos rio abaixo, que era nosso caminho.⁶

Agradou-lhes muito ouvir essa notícia e admiraram-se muito os índios mostrando grande alegria, tendo-nos por santos ou pessoas celestiais, porque todas aquelas gentes adoravam e têm por seu deus o sol, que chamam *Chisse*, e daí em diante nada negavam do que o capitão lhes pedia.⁷

Feito isso, (*o capitão*) despediu os índios dando-lhes muitas coisas de resgate, e eles com muito prazer entraram em suas canoas e com grandes gritos se afastaram e se fizeram ao largo no rio deixando todo o povoado desocupado, onde pousásemos.

Como o capitão viu a boa aparência e disposição da terra e a boa vontade que os índios demonstravam, determinou fazer outro bergantim e pôs-se logo à obra; descobriu-se entre nós um entalhador o qual, embora seu ofício fosse diferente da carpintaria de navegação, soube dar ordem e forma para que o bergantim se fizesse (...)

Demandou a construção desse bergantim e o conserto do barco que trazíamos 41 dias de trabalho, fora os domingos e festas, a quinta e a sexta-feira santas e a Páscoa, em que os companheiros não trabalharam (...)

Partimos do sítio e povoado de Aparia, com os bergantins, na véspera (*do dia*) do evangelista São Marcos, a vinte e quatro do mês de abril do dito ano de mil quinhentos e quarenta e dois, e viemos pelas povoações daquele senhorio de Aparia⁸ sem encontrar índios de guerra (...) Dessa forma, ainda que encontrávamos os povoados vazios, vendo os índios o bom tratamento

que se lhes dava, em toda a província e terra de Aparia nos supriram de mantimentos de *manaties* e pescado (*em troca*) de nossos resgates.

Dentro de poucos dias deixaram os índios de vir resgatar, e com isso soubemos que estávamos fora do senhorio e povoação do *cacique* Aparia; e receando o capitão o que podia acontecer, mandou que os bergantins andassem com mais pressa da com que antes vinham. E um dia, pela manhã, em que havíamos partido de um povoado pequeno, vieram a nós, no meio do rio, uns índios numa canoa, e se aproximaram do bergantim em que vinha o capitão, e um deles entrou; e pensando que nos guiaria a (*um lugar*) povoado, o capitão o mandou levar como guia; e ao cabo de cinco dias, vendo que aquele índio não conhecia a terra e que ficavam (*sem que parássemos*) povoados à beira do rio, o mandou soltar e dar-lhe uma canoa com que voltasse à sua terra.

Daí em diante o caminho tornou-se mais fatigante e despovoado do que antes, por causa das cheias do rio, que ia de bosque a bosque e mal encontrava-se o lugar seco para dormir, porque ia o rio fora do seu leito e inundava tudo; por causa disso éramos forçados a dormir nos bergantins, atados (*estes*) às árvores da margem; também nos fatigavam os mosquitos e a falta de comida, não conseguindo os companheiros alguns peixinhos para comer como acontecia em outros despovoados. E prosseguindo assim a caminhada, um dia ao meio dia chegamos a um sítio alto que parecia ter sido povoado em outro tempo, e (*onde*) o rio parecia ser próprio para pescar. Paramos ali no dia de São João *Ante portam latinam*, que é a seis de maio. (...)

(MACHIPARO)

Passados 12 dias do mês de maio de mil quinhentos e quarenta e dois, chegamos às povoações da província de Machiparo, da qual trazíamos notícias desde Aparia o grande; e também vínhamos informados de outro senhorio que se diz Homaga que faz fronteira com a terra deste Machiparo.⁹

Aqui saíram a nos atacar muitos índios de guerra com suas canoas equipadas e empavesadas. Foi tão de improviso que nos tomaram de surpresa, (*ainda mais*) que os arcabuzeiros tinham a pólvora úmida e não nos pudemos servir deles para nossa defesa; porém as bestas supriram essa necessidade de tal maneira que fizeram afastar os índios e nos permitiram tomar

porto no povoado próximo, ainda que antes disso (*os índios*) se defenderam (*durante*) meia hora, tanto por água como por terra, até que caíram cinco ou seis índios feridos pelos dardos, no que também ajudou um arcabuz que um companheiro biscainho levava.

Tomado o porto, os índios se retiraram ao largo no rio, e como tínhamos necessidade de mantimentos para comer, mandou o capitão que o alferes fosse com alguns companheiros e percorresse o povoado. Assim foi feito e¹⁰ encontraram-se alguns índios que se puseram na defensiva, dos quais os companheiros mataram alguns e feriram muitos, e foram os nossos vencedores; trouxeram muito pescado e algumas tartarugas e contaram ao capitão que o povoado estava em ordem e que os índios não haviam retirado a comida, havendo mais de mil tartarugas em currais e tanques ("pozos") de água. Então o capitão Francisco de Orellana mandou um capitão ir com alguns companheiros para que recolhessem toda a comida que se pudesse encontrar, porque pensava descansar ali cinco ou seis dias para que a tripulação se refizesse das fadigas passadas.

Quando esses espanhóis foram (*ao povoado*) descobriram que os índios haviam-se recuperado, e defendendo a comida pelejaram com os nossos (...) que se retiraram até onde estava o capitão Francisco de Orellana, em outro povoado para além de uma ravina (...); porque os índios eram muitos e muito bem armados com armas estranhas e antes nunca vistas pelos cristãos, vindo cobertos dos pés à cabeça com pavesinas de couro de manati,¹¹ e eram tais que (*um tiro de*) besta não as transpassava.

(...) Quis Deus nos fazer mercê de que aqueles índios não tinham erva venenosa (...)

Ao pôr-do-sol saímos daquele sítio; mal nos havíamos afastado da margem e saído ao meio do rio, os índios vieram sobre nós com grande alarido e gritos, com muitas trombetas e tambores e bandeiras desfraldadas, atirando contra nós, nos bergantins, muitas varas com *estóricas* o *amientos*, de tal maneira que foi necessário aos nossos espanhóis defender-se (...)

(...) Dessa forma foram-nos seguindo esses índios de Machiparo por dois dias e duas noites, caçando-nos com gritos e vozes, com uma frota ou armada de mais de cem canoas,¹² e não pararam de nos seguir até nos expulsar de suas povoações, que a nosso juízo eram mais de 60 léguas¹³ de território habitado ("de poblado"); e nos povoados, em terra, via-se muita gente.

As mulheres desses machiparos atiravam ao ar terra e pó, de maneira que julgamos ser uma espécie de feitiçaria.¹⁴

Não foi possível contar todos os povoados dessa província de Machiparo, porque não se podia ver todos aqueles pelos quais passávamos de noite e porque, na verdade, íamos fugindo; porém tudo era terra alta, uma lombada junto à margem de terra de muito boa disposição. Não se pôde ver o que havia na terra adentro (*porque*) daí em diante sempre encontramos o país em guerra (...)¹⁵

("OMAGUA")

Depois que os de Machiparo deixaram de nos perseguir, caminhamos nove ou dez léguas até um povoado que estava num alto, o qual acreditamos ser fronteira das povoações e senhorio de Homágua.¹⁶ Ali (*nos*) esperaram os índios sobre as barrancas do rio, com suas varas e *estóricas*¹⁷, e alguns traziam paveses de pau; o capitão Francisco de Orellana mandou que se tomasse aquele porto porque havia necessidade de mantimentos, que se haviam quase acabado. E para que desocupassem a entrada deram-se, dos bergantins, alguns tiros de arcabuzes e bestas que feriram alguns índios, e assim houve lugar para que o alferes saltasse à terra e fosse no encalço dos índios até expulsá-los das povoações. E nesse povoado dormimos duas noites para fazer suprimento de biscoitos e assar algumas tartarugas que trazíamos de Machiparo, porque o capitão dissera que haveríamos de caminhar com toda a pressa que fosse possível.

Falei do biscoito e esse biscoito parecerá novidade aos que não o conhecem ou viram o que é, não sendo de farinha de trigo; deve-se saber que os índios tinham ali muitas tortas grandes de beiju ("cazabi") abiscoitado e também de milho e mandioca misturados, que é bom pão.

(...) Terça-feira, dezesseis de março (*leia-se 23 de maio*) do dito ano saímos desse povoado e sempre fomos caminhando à vista de terra habitada numa e noutra banda do rio. Quando o capitão via que tínhamos necessidade de mantimentos, fazia descer à terra em algum povoado pequeno, onde menos resistência houvesse, para tomar do que comer (...)

Num povoado que estava num alto, onde quisemos pegar comida para a páscoa do Espírito Santo, encontramos muita louça muito bem trabalhada com diversas pinturas e vidrada,

(*constituída*) tanto de tinhas ("tinajas") como de muitas outras vasilhas. Este povoado o chamamos da Louça, porque em verdade havia dela muita e mui formosa. Também viram-se indícios de haver na terra prata e ouro, porque em algumas atiradeiras ou *estóricas* o vimos engastado e guarnecidas com ele. Achou-se ali um machado de cobre como os que usam os índios no Peru.

Num galpão ou casa principal acharam-se dois ídolos grandes, do tamanho de gigantes, tecidos com (*fibra de*) palmeira e tinham orelhões como os incas de Cuzco. Não ousamos dormir ali, porque havia muitos caminhos reais e mui largos que entravam pela terra adentro que indicavam ser esse povoado freqüentado e haver nessa comarca, ou perto dela, muitas povoações e gente.¹⁸ Assim fomos dormir na floresta e matagal, deixando guarda conveniente nos navios afastados da terra.

(PAGUANA)

Nesse povoado pegou-se comida para (*chegar*) até outro, onde o capitão mandou aportar.¹⁹

Aqui (*nos*) esperava a gente da terra, tanto as mulheres como os filhos, que não fugiram nem defenderam o porto como o haviam feito os do povoado da louça; nesse sítio tomaram-se algumas índias para que fizessem pão para os companheiros, e alguns rapazes para línguas; e por ser a gente desse povoado tão doméstica, chamou-se-lhe o povoado dos Bobos.²⁰

Partimos dali e fomos sempre passando por povoações muito melhores, e passamos por um rio²¹ que entrava pela mão direita naquele em que navegávamos; o qual (*rio*), na desembocadura, estava repleto de povoados ("muy poblado") de bela e refrescante aparência, com pomares de goiabas, *guanávanas*, *habones* e outros gêneros. Não quis o Capitão que parássemos ali pelo grande número de índios que se viam pelo rio, (*seus ocupantes*) dando gritos como os de pessoas que achavam que não os iríamos atender (*enfrentar?*).²²

Na segunda-feira, páscoa do Espírito Santo, passamos à vista de um povoado que tinha muitos desembarcadouros e muitas árvores frutíferas e mais de 500 casas²³, e via-se muita gente repartida pelos desembarcadouros em defesa do porto e do povoado; deu-se-lhe o nome de *Pueblo Vicioso* (*povoado infido ou*

perigoso) e não quis o capitão que parássemos nele porque não o seria senão com grave risco de (*derramamento de*) sangue.

Nesse dia, vinte e nove de maio, mandou o capitão aportar num povoado pequeno, sem que houvesse resistência alguma dos índios.²⁴

(DO PURUS AO NEGRO)

E dali para diante vimos mostras de savanas,²⁵ porque as cabanas eram cobertas com palha de savana. Acreditou-se que (*os índios*) a deviam trazer da terra adentro, na qual entravam muitos caminhos que deviam levar aos outros povoados afastados do rio, pela terra adentro; não quis o capitão arriscar-se a enviar (*homens*) a descobrir o interior devido à (*pouca*) gente que trazia, que não eram nem 50 companheiros, porque na verdade os espanhóis que ali estavam não eram suficientes para enfrentar os índios, e se os nossos se dividissem, logo ficaríamos completamente perdidos.

A cada dia que passava, depois que chegamos a (*de*) Machiparo, pelo que podíamos perceber, víamos melhora na disposição da terra e nunca mais a encontramos despovoada; antes, encontramos algum sal e carne de patos e de papagaios dos índios.

Sábado, véspera da Santíssima Trindade, mandou o capitão aportar em outro povoado para buscar do que comer, e embora os índios se pusessem em defesa, em detrimento e dano deles tomou-se (*o povoado*). Acharam-se ali algumas galinhas das de Castela, pelo que soube-se (*já*) terem chegado cristãos a esse rio, ainda que não soubéssemos que rio fosse.

Nesse mesmo dia saímos dali e, prosseguindo nossa viagem, vimos na boca de outro rio grande, que entrava pela mão esquerda naquele em que íamos, a água negra ou mui turva, como a de brejos ou lagoa, e por isso o chamamos de Rio Negro; o qual corria tanto e com tal velocidade que em mais de dez léguas distinguia-se uma água da outra, porque aquela por onde vínhamos era vermelha devido às muitas enchentes. Nesse dia vimos outros povoados não muito grandes.

(DO NEGRO AO MADEIRA)

No dia seguinte, o da Trindade, fez o capitão descansar a todos nuns pesqueiros dos índios de um povoado que estava num alto. Encontramos muito peixe, que foi sustento e grande recreação para os espanhóis, porque havia dias que não topávamos com tal pousada. Esse povoado estava num alto, afastado do rio, como na fronteira de outra gente que lhe desse guerra, porque estava mui fortificado e fechado por uma paliçada de paus grossos;²⁶ e quando se tomou esse povoado os índios o quiseram defender; fizeram-se fortes dentro daquela cerca e começaram a pelejar, e como era grande a necessidade que tínhamos de tomar comida, os espanhóis se prepararam e arremeteram como ousados leões a buscar o alimento e superar a cerca e tomou-se o povoado abastecendo-se de comida para suprir as necessidades.

Segunda-feira, cinco de junho, partimos do dito povoado passando sempre por mui grandes povoações e províncias e provendo-nos de comida da melhor maneira que se podia quando ela nos faltava. E nesse dia aportamos em outro povoado onde encontrou-se, numa praça, um oratório do sol desenhado em relevo num pranchão grande de dez pés em redondo e de uma peça inteiriça, do que o leitor pode imaginar que grande árvore devia ser aquela de onde se tirou tal peça. O lavor que havia naquele pranchão era, como dito, em relevo e mostrava uma torre de cubo (?) redonda com duas portas, e em cada porta duas colunas, e aos lados da torre havia dois leões de aspecto feroz que olhavam para trás como que se acautelando. Os quais (*leões*) seguravam com as garras toda a obra que lá estava esculpida em meio relevo, no centro da qual havia uma roda com um furo, onde despejavam, oferecida ao sol, a *chicha* que é o vinho que aquela gente bebe, e o sol é quem adoram como seu deus; a *chicha* corria por debaixo da prancha e se absorvia no solo. Enfim, o edifício (?) era notável e indício das grandes cidades que há na terra adentro; assim o davam a entender os índios. Nessa mesma praça havia uma casa isolada e grande do (*dedicada ao*) sol, onde os índios fazem suas cerimônias e ritos. Encontraram-se ali muitos trajes de plumas de diversas cores, aplicadas e tecidas sobre algodão e mui elegantes, os quais vestem os índios para celebrar suas festas e dançar quando se juntam ali diante de seus ídolos para alguma festividade ou regozijo. Ao redor do dito pranchão ofereciam os índios seus sacrifícios com sua condenada devoção.

Em outro povoado mui grande, que se estendia com casas e edifícios por uma légua sem interrupção, os índios nos impediram de tomar porto com muita ousadia e esperaram (*nossa chegada*) como homens valentes; durou a batalha quase a metade do tempo de um quarto de hora antes que nossos espanhóis pudessem saltar à terra, e sem dúvida (*os índios*) nos teriam feito muito dano não fora pelas bestas e arcabuzes que os fizeram recuar para que os cristãos pudessem sair da água. Ali encontrou-se muito milho e algumas galinhas.

Tendo partido dessa grande povoação, passamos por outros povoados grandes onde os índios esperavam em armas como gente belicosa, dando-nos gritos com suas armas e escudos nas mãos; e desde o rio nossos arcabuzeiros e besteiros derrubavam muitos índios, já que eram grande multidão formando como que uma parede, atirando-lhes (*os espanhóis*) como num terreiro (*de tiro*). E como não estavam acostumados ao odor, sabor e ruído dos arcabuzes e bestas, esperavam da maneira que dissemos mais do que lhes convinha; porém, devido às inúmeras gentes que víamos, passamos ao largo porque em verdade não nos convinha parar ali, deixando-lhes de nós a informação (*experiência*) sobredita. Por essa razão, prosseguindo por nosso rio, passamos por outros povoados tão poderosos que não nos atrevemos a nos deter neles; os quais ficam à mão esquerda de como vínhamos rio abaixo, sobre uma lombada bem alta, desde a qual os índios nos davam gritos e nos desafiavam.

Quarta-feira, véspera de Corpus Christi, em que se contaram sete dias do mês de junho, o capitão mandou tomar porto numa povoação pequena que estava na mesma lombada sobre a barranca do rio, e assim se fez com (*sem ?*) resistência alguma; ali encontrou-se muito pescado, e tanto dele assado em *barbacoas* ou grelhas que se puderam carregar os bergantins. E por ser o povoado pequeno (*e*) vendo que sua gente não parecia querer nos molestar nem dar guerra, todos os companheiros pediram por mercê ao capitão Francisco de Orellana que folgasse naquele povoado na festa de Corpus Christi; e embora contra vontade, pois só queria ir em frente para dormir em floresta ou matagal para nossa segurança, teve de concedê-lo para agradar aos que o pedíamos e dormiu(-se) aquela noite no povoado. E assim como o sol se punha vieram os índios a nos atacar (...)

Esses índios eram de outros povoados vizinhos daquele em que estávamos (...)

Ao rair do dia, que esperávamos ansiosamente, o capitão fez castigar com a força alguns índios que se tomaram naquele povoado, porque se teve por certo que por seu aviso e inconfidência os outros, que pensavam nos matar no sono, haviam vindo; e fez queimar todas as casas daquele povoado que, ao chegar, havíamos intitulado com muito prazer de povoado de Corpus Christi.

(...) E daí em diante o capitão nunca permitiu que dormíssemos em povoados, mas que de dia se arranchasse e se buscasse comida, e de noite fôssemos repousar na mata e comer com boa guarda o que havíamos encontrado (...)

(...) Assim é que, navegando como antes e passando por mui grandes povoações que víamos numa e noutra margem do rio, transcorria razoavelmente nossa viagem, porque nos povoados que tomávamos para buscar comida, ainda que nossos soldados os encontrassem abandonados por serem pequenos, encontrava-se neles muito milho, algum pescado e papagaios domésticos.

("PICOTAS")

Terça-feira, treze de junho do dito ano de mil quinhentos e quarenta e dois, passamos por um povoado grande e muito forte, posto num alto, que parecia ser fronteira de outras províncias, porque as casas eram diferentes das que havíamos visto nos outros povoados que deixamos atrás.²⁷

Essa povoação era grande e muito maior daquilo que dela podíamos ver desde a água, e por causa de alguns baixios, pântanos e capinzais que tínhamos na frente não pudemos tomar porto; mas no dia seguinte, quarta-feira, chegamos a outro povoado onde homens e mulheres esperavam nas cabanas; mas nem por isso faltou gente para nos impedir de aportar com seus arcos e flechas; mas faltou-lhes a constância para a resistência que pensavam nos fazer, porque assim como alguns companheiros soltaram à terra os índios fugiram, tendo ferido um espanhol dos nossos; mas não correu perigo porque não havia veneno entre aqueles flecheiros. E por diligência de um arcabuzeiro mandado pelo capitão ateou-se fogo a uma cabana grande (...) e queimaram-se todos os que estavam dentro dela, com algumas mulheres e meninos que não quiseram render-se nem sair daquele perigo; e por isso chamou-se àquela povoação de o

povoado dos Queimados. Ali se encontraram patos, galinhas, papagaios e algum pescado.

Houve ali alguma suspeita, entre nós, de que havia veneno entre os índios daquela terra, porque se encontraram muitas flechas e varas untadas com certo betume; mandou o capitão que se experimentasse, porque ainda que parecesse crueldade fazer a experiência em quem não tinha culpa, sua intenção era somente de saber a verdade e tirar aos cristãos o temor do veneno. Para esse fim passaram nos braços de uma índia que vinha nos bergantins aquilo que se pensava ser erva das venenosas que em muitas partes da Terra Firme os índios usam; e como não morreu, os temerosos saíram da dúvida e todos ficaram muito alegres com a boa-nova.

Na sexta-feira seguinte viram-se alguns povoados na margem esquerda do rio, os quais estavam assentados numa lombada bem alta; e na terra adentro, a cerca de meia légua, aparecia um povoado grande na ladeira de um morro, e presumiu-se que pela terra adentro, na comarca daquelas povoações (*habitações*), devia haver muitas outras. E do dito povoado saíram a nos olhar e reconhecer os índios numa canoa; chegaram a bordo do bergantim em que vinha o capitão e lhe falaram, assinalando em direção aos povoados da província, mas não os entendemos; porém, segundo pôde-se compreender de seus sinais, naquela direção, pela parte esquerda de como vínhamos, estão os cristãos da armada do capitão Diego de Ordaz que se perderam na empresa que intentou de povoar o rio Marañón; e diziam ou davam a entender os índios, que havia cristãos em número muito maior que o nosso e igualmente brancos e com barbas. E na verdade foi assim: que nas caravelas que desde Tenerife enviou Diego de Ordaz perderam-se mais de 300 homens; e acredita-se que sejam os que esses índios nos davam a entender, e que devem estar perdidos, vivendo debaixo do senhorio de algum senhor principal. O capitão deu *chaquira* e alguma roupa de mantas de algodão a esses índios da canoa com quem se falou, mas eles não a quiseram tomar e voltaram para (*o lugar*) de onde haviam vindo.

No dia seguinte, de manhã cedo, saíram em direção a nós muitos índios em canoas e em ordem de guerra para nos expulsar de seus povoados, gritando e nos ameaçando com arcos e flechas. Vimos que nesses povoados têm muitos paus e madeiras grandes fincados na terra, e em cima deles (*têm*) postas cabeças de índios, fixadas como troféus ou insígnias das quais aquela

gente se deve vangloriar como lembrança de suas vitórias e feitos militares.

No sábado seguinte tomamos porto num povoado em que se encontrou muito suprimento de comida, e foi tomado sem qualquer resistência porque os índios não nos esperaram. Desse povoado saíram pela terra adentro muitos caminhos, e ali se encontraram flechas das que vão silvando pelo ar quando as atiram;²⁸ e desse povoado em diante vimos grandes sinais de savanas e terra livre de árvores, porque na margem do rio havia plantas e ervas que soem nascer nos prados e savanas.

Na segunda-feira seguinte tomamos porto num povoado onde encontramos muito milho em canastras coberto por cinzas para que se conservasse e protegesse do gorgulho. Encontrou-se também muita e boa aveia, de que os índios fazem pão e *chicha* muito boa, à maneira de cerveja, e ali (*também*) encontrou-se grande abundância de outros mantimentos. Era um depósito ou bodega mui grande o que os índios tinham naquele lugar, para alguma finalidade que não pudemos compreender, ou para prover dali, como numa alfândega, a outras partes, porque havia também muitas redes de algodão; e embora se tenha visto pouca gente, as que vimos estavam vestidas de algodão. Encontrou-se ali um oratório ou casa muito diferenciada de todas as demais, porque havia nela muitos trajes de armas à maneira de couraças e outras peças para o corpo inteiro, e em cima de todas elas havia duas mitras muito bem e fielmente feitas, como as fazem e têm os bispos e prelados em suas cerimônias, as quais eram de algodão tecido e colorido.

Passamos além desse povoado e fomos dormir na outra banda do rio, acampados no bosque ribeirinho como era nosso costume. E ali vieram muitos índios em canoas a dar-nos gritos, e alguns foram feridos por nossos arcabuzeiros, mas como não lhes agradou o estrépito nem tampouco o odor da pólvora, nos deixaram e se foram.

Na terça-feira seguinte, vinte e dois de junho, vimos muita povoação na parte ou banda do rio à mão esquerda, como vínhamos rio abaixo; mas em todo aquele dia não se pôde alcançar a outra margem pelo muito escarcéu de ondas partidas e tão quebradas e trabalhosas como se as poderiam ver no mar.

Na quarta-feira, vinte e três do mês, tomamos um povoado que estava situado num esteiro onde terminava uma savana ou várzea de mais de duas léguas²⁹ ao longo do rio; tinha todo ele a forma de uma rua, com as casas bem ordenadas de um lado

e do outro. Havia ali muito milho e alguns beijos misturados de milho e mandioca. Encontraram-se alguns patos e papagaios. A essa povoação chamaram os nossos espanhóis o Povoado Escondido no esteiro da savana, porque estava encoberto.³⁰

Na quinta-feira seguinte tomamos porto num povoado pequeno que estava no princípio da savana, o qual parecia ser estância ou casario de outros povoados; ali encontramos muito sal e muito milho, mas não outra comida porque os índios a haviam levado. Nesse mesmo dia os homens do bergantim pequeno saltaram à terra num povoado médio onde havia muito milho mas não (*havia*) qualquer outra comida. Esse povoado também estava na savana e tinha certa ordem ("tenia algun asiento"); mas logo mandou o capitão que os homens embarcassem e seguimos adiante para procurar algum povoado que fosse mais adequado a nos prover de alguma carne e pescado para o festejo e regozijo daquele dia tão assinalado que era o do glorioso precursor de Jesus Cristo, São João Batista.

(AS AMAZONAS)

E quis Deus que, dobrando uma ponta que o rio fazia³¹, víssemos adiante na margem uns povoados grandes, de onde saíram em direção a nós alguns índios em canoas; e assim que estiveram próximos, a um tiro de besta dos bergantins, o capitão começou a chamá-los com sinais de paz os quais eles, entendidos ou não, não responderam, antes começaram a dar gritos e faziam sinais ameaçando-nos com seus arcos e flechas. Vista sua soberba, mandou o capitão que lhes atirassem com as bestas e arcabuzes, e assim fugiram para os seus povoados. Na mesma ocasião saíram do meio das árvores, pela margem do rio, muitos flecheiros, falando alto como que irritados, fazendo movimentos com o corpo a significar que nos tinham em pouco (*apreço*); e pensamos que deviam estar bêbados, porque essas gentes mui a miúde se entregam ao vinho e a beberagens, no que se acostumam e o têm por elegância; e assim, como bêbados exaltados, esperavam repartidos em grupos ao longo da margem, como leões sem temor dos arcabuzes e bestas. E assim como os bergantins prosseguiam em direção aos povoados, eles se aproximavam outro tanto dos guerreiros que estavam em defesa do porto; mas como a nossa necessidade não nos dava trégua, mandou o capitão que se tomasse o porto, e assim os espanhóis dirigiram as proas para onde estava o maior número de contrários dando

toda a rapidez possível ao exército dos arcabuzes, e os besteiros faziam o mesmo; e isso foi feito de maneira tal que os contrários deram lugar a que alguns companheiros espanhóis saltassem à terra. Aqui viram-se índios com arcos e flechas que faziam tanta guerra quanto os índios ou mais e comandavam e animavam os índios para que pelejassem; e quando queriam batiam com arcos e flechas aos que fugiam e faziam ofício de capitães ordenando àquela gente que guerreasse, colocando-se na frente e segurando os outros para que estivessem firmes na batalha, a qual travou-se com muito rigor.³² E sendo esse exercício tão estranho às mulheres, como o sexo feminino o requer, e poderá parecer grande novidade ao leitor que vir essa minha relação, digo para meu desengano que falo do que vi; e o que pudemos entender e se teve por certo é que aquelas mulheres que lá pelejavam como amazonas são aquelas de quem, em muitas e distintas relações nessas Índias ou partes, corre há muito tempo larga fama, decantada de muitas maneiras, da existência dessas belicosas mulheres. As quais nessa província, e não longe dali, têm seu senhorio e *mero misto* império e absoluto senhorio, distante e apartado e sem contato com varões; e essas que vimos eram (*deviam ser*) umas administradoras e visitadoras do seu estado, que tinham vindo ali para vigiar a costa. São altas e de grande porte, desnudas, com uma pequena tanga ("braga") que somente trazem diante de suas partes mais vergonhosas; mas em (*tempo de*) paz andam vestidas com mantas e telas de algodão delgadas e mui gentis.

Assim é que, voltando à batalha, os espanhóis atacaram os índios ferindo e matando muitos deles até que os expulsaram do povoado; (...) Ali aprisionou-se um índio que dizia muitas coisas e particularidades da terra adentro, como se dirá a seu tempo; índio esse que o capitão recolheu em seu bergantim porque (*o que ele dizia*) fazia bom sentido e cada dia dizia coisas maravilhosas (...)

Acabada a peleja e fugidos os índios, mandou o capitão que o pessoal embarcasse e continuamos nossa ordinária navegação pelo rio habitual, e passamos por um povoado próximo ao sobredito (...onde os índios) começaram a flechar os bergantins de tal maneira que parecia chuva de flechas; mas como os espanhóis vinham prevenidos desde Machiparo traziam bons pavesees dos que usam os índios naquela província, de couro de manati, muito grandes e fortes (...) Mandou (*o capitão*) que partissem os bergantins e deixou o povoado (...); não distava um

povoado de outro meia légua e muitos deles ainda menor distância da que digo. Em toda aquela banda do rio à mão direita³³ assim como navegávamos rio abaixo, havia na terra adentro povoados e a disposição da terra parecia muito boa, (*formada*) tanto de savanas (*planícies*) como de terra alta, lombadas e morros pelados sem árvores. Assim é que, tendo passado isso, mandou o capitão atravessar o rio com os bergantins para afastar-se do (*território*) povoado, e dessa forma deixou-se de ver muitas povoações além das que vimos.³⁴ Chamou-se àquela província de Ponta de São João, porque no seu dia chegamos lá (...)

Naquela noite fomos dormir na outra margem do rio (*a esquerda*), (...) Depois caminhamos sempre assim protegidos até sairmos dessa província, a qual tem mais de 150 léguas de costa.

No dia seguinte, vinte e cinco de junho, passamos à vista de alguns povoados mui grandes da mesma província, dos quais saíram muitos índios em canoas, em número de mais de 200, (*feitas*) como pirogas ("piraguas") mui grandes, e aqueles povoados estavam em ilhas mui formosas e frescas, de terra alta e savanas, (*sendo essa uma região*) em que há ilhas (*ao longo de*) 50 léguas e mais de costa, e mui povoadas de gentes. (...)

Naquela noite fomos dormir num carvalhal (*roble*) que ficava numa savana, onde não faltaram suspeitas e temores porque duas canoas vieram pela água para nos ver e havia na terra muitos caminhos. Ali perguntou o capitão ao índio³⁵ sobre-dito da disposição e qualidade da terra e disse (*o índio*) que lá dentro há muitas povoações e grandes senhores e províncias, entre as quais disse que há uma província mui grande de mulheres e que entre elas não há varões; e que todas aquelas terras as servem e lhes são tributárias e que ele tinha ido lá muitas vezes a servir; e que têm as casas de pedra e dentro das casas, até meio estádio de altura, têm as paredes em toda a volta placas de prata, e os caminhos, de ambos os lados, (*são*) amuralhados com paredes bem altas e (*têm*) de quando em quando uns arcos por onde entram os que lá contratam e pagam seus direitos às guardiãs que para tanto estão colocadas. E dizia esse índio que há grande quantidade de ovelhas grandes das do Peru e mui grande riqueza de ouro, porque todas as que são senhoras servem-se dele, e as demais mulheres, plebéias de mais baixa condição, servem-se de vasilhas de pau, e todas andam vestidas com roupas de lã mui fina; dizia também esse índio que de terras longínquas, de províncias onde guerreiam, essas mulheres trazem pela força os

índios à sua terra, especialmente os de um grande senhor que se chama o Rei Branco, para com eles gozarem, em suas carnalidades, para o fim da sua multiplicação; e os têm consigo algum tempo até engravidarem, e depois que sentem haver concebido os enviam (*de volta*) à sua terra; e se depois elas parem filhos homens, ou os matam ou os enviam à terra dos pais; mas se a que parem é filha a criam no seu seio e a ensinam nas coisas da guerra.

Dessas mulheres sempre trouxemos mui grandes notícias durante toda essa viagem, e antes que saíssemos do arraial de Gonzalo Pizarro (*já*) se tinha por certo que havia esse senhorio de mulheres. E entre nós as chamamos impropriamente de amazonas; porque amazona quer dizer, em língua grega, sem teta; e as que propriamente se chamaram amazonas queimavam-se a teta direita para não terem estorvo ao atirar com o arco, como mais longamente o escreve Justino. Mas essas de quem aqui tratamos, embora usem o arco, não se cortam a teta nem a queimam e portanto não podem ser chamadas amazonas, ainda que em outras coisas, como no juntar-se aos homens em certas épocas para seu aumento e (*ainda*) em outras coisas, parecem imitarem aquelas que os antigos chamaram amazonas.

Esse índio, na relação que deu daquelas mulheres, não discrepava daquilo que antes, no arraial de Gonzalo Pizarro, e (*ainda*) antes, em Quito e no Peru, diziam outros índios; ao contrário, lá diziam muito mais, porque desde o (*território do cacique*) de Coca, que fica a 50 léguas de Quito, que é na nascente do rio a mais ou menos 1500 léguas dos povoados de que esse índio falava, trouxemos essa notícia por mui certa e averiguada uma vez que todos os demais índios que se tomaram o disseram, e alguns sem lhes ser perguntado. Dizia (*também*) esse índio que deixamos (*para trás*) essas mulheres num rio mui povoado que entra nesse em que navegávamos pela mão direita de como vínhamos.

(OS "NEGROS")

Procedendo em nosso caminho habitual com desejo de chegar em terra de cristãos para descansar dos trabalhos passados, presentes e futuros, encontrávamos a cada dia gente mais belicosa que nos fazia acolhidas (*cada vez*) piores; entre tais linhagens saiu a nós em muitas canoas uma gente artificialmente tingida de negro com tinta, e por isso os nossos espanhóis a

chamaram de gente negra ou tisanada. A qual (*gente*) saiu de umas províncias mui grandes à mão esquerda do rio por onde vínhamos; estão em localização muito boa, em terras de lombadas e savanas e são gente de grande estatura, como alemães ou maiores.³⁶ Não tomamos porto em nenhum desses povoados porque o capitão não o permitiu, ainda que há alguns dias não comêssemos senão pão, por temor (*do capitão*) que lhe matassem algum cristão, por serem os povoados mui grandes e porque ele desejava levar a salvo essa pouca gente que trazia.

Em poucos dias³⁷ chegamos a um povoado pequeno onde o capitão mandou tomar terra para buscar do que comer, e com facilidade ganhou-se o porto ainda que os índios nos enfrentassem; mas logo fugiram para outro povoado que ficava mais abaixo onde também tomamos porto. E tanto num como noutro não se achou milho, nem carne, nem pescado. Nesse segundo povoado defenderam-se os índios mui animosamente, como homens que queriam guardar suas casas, porque embora se lhes tenha tomado o porto, não foi sem dano nosso; e antes que os espanhóis saltassem à terra haviam ferido um cristão dentro do bergantim com uma flecha (...) no que se viu claramente que a flecha trazia erva venenosíssima; e (*assim*) que subiu (*o veneno*) ao coração morreu, estando com muitas dores até o terceiro dia, em que rendeu a alma a Deus que a criou (...) Os índios desses povoados tinham guerra com os de rio acima e defendiam-se da multidão dos outros por meio da erva, que seus adversários não têm, não sendo por isso suficientes para os destruir ainda que sejam muito mais gente do que esses.

(...) A partir daí avistaram-se, a três léguas do rio pela terra adentro, na encosta inclinada de uma cadeia de morros, grandes povoações que branqueavam, e a terra parecia muito boa.

(DO XINGU AO AMAPÁ)

Estivemos nesse sítio³⁸ dia e meio (...) e vieram índios em canoas saindo à nossa vista por um braço do rio (...) E portanto mandou o capitão que os bergantins partissem logo e fomos dormir aquela noite na outra margem do rio, onde dormimos com os navios atados às árvores (...); e sem dúvida deve-se crer que se (*os índios*) nos encontrassem em terra (...*morreríamos*) pela pestífera erva que os índios têm desde ali embaixo até o mar, que poderá distar 250 léguas; todas as quais (*léguas*) sobe a reponta ou montante da maré. A soma das léguas que há desde o

povoado de Corpus Christi até essa província da erva, segundo a estimativa dos que resgistravam a terra e nosso caminho, pode ser de 300 léguas, pouco mais ou menos.

(...) Viemos do dito lugar margeando o rio pela mão direita de como vínhamos, e sempre com os índios das canoas em nosso encalço, (*ainda que*) afastados um bom trecho, até nos vermos fora de suas povoações; as quais vimos aquele dia pela mesma banda (*direita*) do rio na terra adentro, na qual se avistavam mui grandes povoados e terra alta de linda vista, dos quais (*povoados*) saiu muita gente de guerra e mulheres e meninos para ver-nos, como coisa que lhes era nova. Os índios davam gritos e as mulheres e meninos feriam o vento com uns abanos à maneira de mosquiteiros, e saltavam e dançavam fazendo muitos ademanes e meneios com os corpos, mostrando muita alegria e júbilo como gente que estava vitoriosa em nos expulsar de sua terra. Estavam postados sobre a barranca do rio mais de 5.000 homens de guerra daquele barbaríssimo exército, e até mais do que menos, repartidos aqui e lá em seus esquadrões.³⁹

Aquele dia e o seguinte fomos caminhando à vista de terra mui boa, de morros sem árvores, e apareciam umas manchas vermelhas de terra ("unos bermejales de tierra") e savanas mui povoadas à mão esquerda do rio⁴⁰ como caminhávamos, onde vimos muitos povoados. E dizia o índio que deu notícia das amazonas, que nessa terra que víamos há um senhor mui grande que domina essas províncias e terras, e que ali há grande quantidade de prata e que todos usam dela em suas casas; e na verdade, pelo que vimos, parecia que na terra devia haver tudo o que o língua dizia.

Em poucos dias tomamos um povoado daquela mesma margem esquerda do rio, e os índios tinham levado a comida porque tinham tido notícia de nós.

Dali fomos dormir numa barranca alta do rio, de terra pelada e quebrada de savanas; e os bosques, ou melhor dizendo, arvoredos dessa terra, são (*de*) sobreirais (*alcornocales*), azinheirais ("encinales") e carvalhais ("robleales"), e esses três tipos de árvores são ao modo e assim como as da nossa Espanha.

(O ARQUIPÉLAGO DE MARAJÓ)

(...) Nesse sítio nos detivemos dois dias (...) e desde que partimos demos entre ilhas do mesmo rio, que são incontáveis

e algumas delas mui grandes, (e) cuja navegação requer mui destros navegadores ou pilotos para saber por onde hão de entrar e sair, porque (as águas) fazem muitos braços, e por essa razão não pudemos tomar (reencontrar) a terra firme até (chegarmos) ao mar.

Encontrávamos continuamente nessas ilhas muitos povoados, e muitos outros deixamos de ver por não termos podido costear a terra firme, que não vimos nem pudemos chegar a ela em mais de 150 léguas que navegamos entre as ilhas.⁴¹

Os índios desses povoados são *caribes*, ou comem carne humana, porque achou-se neles carne assada em *barbacoadas* ou grelhas, a qual tinham os índios (*preparada*) para comer, e soube-se claramente ser carne de homem porque havia, entre outros pedaços dela, alguns pés e mãos de homem. E num povoado achou-se uma sovela de sapateiro com seu cabo e engaste de latão, do que se entendeu que os índios daquela terra têm notícia dos cristãos.

Em outra povoação encontraram-se dois bergantins (*copiados*) ao natural e pendurados, que os índios haviam imitado com o feitio e a forma que deve ter um bergantim real (...)

É coisa digna de se ver as pinturas que todos os índios desse rio fazem nas vasilhas que têm para seu uso, tanto (as) de barro como (as) de pau, e nas cabaças com que bebem, de ricas ("estremados") e lindas folhagens e figuras tão bem compassadas como na boa arte e ordem que convém haver nelas; e lhes põem cores e as fixam muito bem, e são muito boas e finas, cada uma em seu tipo e maneira. Fazem e formam imagens de barro em relevo, de obra romana; e assim vimos muitas vasilhas como *bernegales*, taças e outros vasos, e tinas tão altas quanto um homem, em que podem caber 30, 40 e 50 arrobas, mui formosas e de excelente barro.

Enfim, todas as suas obras manuais mostram que é gente mui sutil e engenhosa, e as coisas que fazem ficariam muito bem entre os mui esmerados oficiais de tal arte na Europa e onde quer que sejam vistas.⁴²

Chegamos a tomar porto num povoado onde (...) não vimos muitos paus que estavam debaixo d'água, os quais abalroou o bergantim pequeno, e naquele choque quebrou-se uma de suas tábuas (...)

Desse povoado tirou-se muito milho, muitas outras comidas e sal; e fomos dormir aquela noite (...) fora do povoado, ou

seja, na mata ribeirinha, onde quase se consertou novamente o bergantim pequeno. Obra na qual levamos 18 dias (...)

(...) Ali naquele acampamento fizeram-se pregos para arrumar ambos os bergantins e colocar-lhes cobertura e obras mortas, que não as tinham, para os deixar em condições de entrar no mar. Isto foi-se fazer numa praia poucos dias depois que saímos desse sítio; e (*antes disso*) tomamos porto em alguns povoados onde achou-se algum pescado mas não (*achou-se*) milho, porque os índios o prezam muito nessa costa perto do mar, e o que tinham o haviam levado. (...)

Concluído o trabalho dos bergantins, saímos desse sítio aos oito dias do mês de agosto (...) e fizemos as velas com as mantas do Peru que tínhamos, as quais cada um tirava dos seus próprios índios que vinham entre nós (...)

Continuamente, pelo rio abaixo, encontramos povoados de índios, onde (...) nos esperavam os índios homens como (*aparentando ser*) gente mais doméstica que os de cima, sem arcos, nem flechas, nem outro gênero de armas; e parecia, segundo os sinais e gestos que faziam indicando as barbas, feições e roupas dos cristãos, que nos davam a entender que ali por perto havia espanhóis perdidos ou assentados. E essas notícias e sinais continuaram entre os índios dos demais povoados que encontramos até sair do rio (...)

(PELO ATLÂNTICO ATÉ O CARIBE)

Levamos 24 dias para chegar a essa boca do rio; (...) Há 400 léguas desde onde saímos ao mar até esta ilha de Cubagua; e segundo vimos tem toda (*a boca*) do rio, onde chegamos ao mar, mais de 40 léguas de largura e (*a água*) cresce e baixa nela mais de cinco braças. A soma das léguas que há desde o povoado de Corpus Christi até a província da erva serão 300 léguas, pouco mais ou menos, e todas as da nossa viagem, desde onde partimos (*estando*) perdidos até o mar, são 1.550 léguas. Essas sem (*contar*) as que havíamos andado quando nos decidimos a buscar o mar por não podermos voltar ao arraial de Gonzalo Pizarro, que eram outras 150 léguas, que são (*fazem*) ao todo, até o mar, mil e 700 léguas. Assim é que, com outras 400 léguas que há até Cubagua, são 2.100 léguas as dessa nossa peregrinação que, como é dito, se fez impensadamente.

Saímos do sobredito rio para entrar no mar no sábado de manhã, antes do amanhecer, a vinte e seis dias do mês de agosto, e tivemos tempo tão bom que nunca choveu nem aguaceiro algum nos molestou. Caminhamos pelo mar, ambos os bergantins emparelhados, durante quatro dias, e no dia da degolação de São João Batista, pela noite, afastou-se um bergantim do outro de tal maneira que não nos pudemos ver até Cubágua (que por outro nome chama-se a ilha das Pérolas), onde chegou o bergantim pequeno, chamado São Pedro, no sábado nove de setembro, e nós chegamos, no bergantim maior, chamado *la Victoria*, na segunda-feira seguinte, em que se contavam onze dias do mesmo mês de setembro (...)

Eu, frei Gaspar de Carvajal, o menor dos religiosos da sagrada Ordem de nosso religioso pai São Domingos (...) assim superficial e sumariamente relatei a verdade em tudo o que vi e pelo qual passaram o capitão Francisco de Orellana e os fidalgos e pessoas, ou 50 companheiros, que saíram do arraial de Gonzalo Pizarro, irmão do marquês dom Francisco Pizarro, governador do Peru, aliás Nova Castilha. Deus seja louvado.

NOTAS

1. Não é fácil reconstituir a geografia de Carvajal nesse primeiro trecho da viagem, objeto do primeiro parágrafo e dos quatro seguintes. Seguindo essencialmente Munilla (1954: 296-309), podemos situar a aldeia de Ymara ou dos Irimarays no médio Napo, entre a foz do Aguatico e a do Curaray.

2. Essa aldeia de Aparia, que no texto de Medina será mais adiante chamada de *Aparia menor* (ou do "cacique" *Aparia, o menor*), ficava no baixo curso do Curaray, próxima à junção com o Napo, e os espanhóis não chegaram a vê-la por impedi-lo a correnteza do Curaray, embora o seu "cacique" os tivesse visitado em Ymara. Isso é o que se entende do texto. Por outro lado, em junho de 1543, ao defender-se perante o Conselho das Índias da acusação de traição que Pizarro lhe movia, Orellana apresentou atas de posse da terra redigidas entre 4 e 9 de janeiro de 1542 "... neste povoado de Aparia", expressão repetida três vezes. Num dos documentos assenta-se que Orellana tomou posse "...desse povoado de Aparia e do povoado de Irimara e de todos os demais caciques que vieram em paz ..." (*apud* Medina em Carvajal 1942:152-159). Não obstante essa contradição, pela seqüência do texto fica claro que Ymara e Aparia menor constituíam o extremo ocidental do grande "senhorio Aparia", cujos principais povoados começavam porém mais abaixo, após as "juntas de Santa Olalla" (ou Santa Eulalia), foz do Napo no Amazonas.

3. Não eram dois os rios que se juntavam ao Napo, mas somente o Maraño ou Amazonas, que nesse ponto é dividido em dois ramos por uma ilha grande (Medina em Carvajal 1942, nota 140; Munilla 1954:302).

4. A versão de Medina é mais explícita quanto a esse "sítio onde estava o cacique e senhor de toda aquela terra; lê-se nela: "ao povoado onde residia seu senhor principal, que como digo se chamava Aparia..." (Carvajal 1942:17).

5. Esta "povoação grande" de Aparia (ou, como se lê parágrafos acima, do cacique *Aparia, o grande*, ficava na região das grandes ilhas próxima à fronteira Brasil-Colômbia. Munilla 1954:308) a situa precisamente em Leticia, na fronteira.

6. Nesse ponto a versão de Medina traz a primeira referência às mulheres que depois serão chamadas "amazonas": "... disseram (*ao capitão*) que, se fôssemos ver os amurianos (*sic*), que em sua língua chamam *coniu-puyara*, que quer dizer grandes senhoras, que cuidássemos do que fazíamos, porque éramos poucos e elas muitas (*e*) que nos matariam..." (Carvajal 1942:19). Os *amurianos* seriam uma má transcrição de *amazonas*? Seja que os índios de Aparia tenham efetivamente falado de uma terra habitada por mulheres, ou que o cronista, como sugerimos na introdução ao texto, tenha feito essa interpolação, o interessante é o termo *coniu-puyara* significando *grandes senhoras*. Métraux (1948:689) diz a respeito: "Realmente, duas palavras nativas registradas por Carvajal na aldeia de Aparia são guarani: *coniu-puyara*, 'mulher', e *chise*, 'estrelas', não 'sol'." Apesar de que o pequeno vocabulário Omagua recolhido ao redor de 1860 por Marcoy (1875, II: 344) em São Paulo de Olivença traduz *mulher* por "huaynaou" (uma questão lingüística a ser esclarecida), a identificação por Métraux daquelas duas palavras como sendo Tupi-Guarani reforça a associação de Aparia com os Omagua-Cambeba.

7. Para o termo *Chisse* (*Chise* na versão de Medina), cf. nota 6. Nessa altura do relato, ainda conforme Medina, Orellana "... mandou que todos os senhores viessem vê-lo ... e assim vieram todos com grande abundância de comida ... e os senhores eram vinte e seis ..." (Carvajal 1942:20). Não está dito quanto tempo demoraram para vir nem de onde vieram esses "senhores", o que impede qualquer ilação sobre situação territorial e portanto sobre a estrutura de poder da "província". Diz também essa versão que Orellana recebeu a visita de quatro emissários "...de um grande senhor e que por seu mandado vinham ver quem éramos, o que queríamos e onde íamos"; eram um palmo maiores do que os cristãos mais altos, de tez clara, cabelos até a cintura, boas roupas e jóias de ouro; foram embora sem que se soubesse de onde vinham (Carvajal 1942:21-22).

8. Na versão de Medina é dito que abaixo da aldeia principal o território Aparia continuava por mais de 80 léguas (Carvajal 1942:23). As léguas de Carvajal, como as de outros cronistas pouco familiarizados com geografia e navegação, são extremamente vagas e não guardam relação com o padrão adotado no século XVI pelos cosmógrafos ibéricos, o qual por sua vez tem variado entre 4 e 6 quilômetros. A seqüência do relato na "província" de Machiparo permite porém localizar o fim do território Aparia entre Santa Rita do Weil e São Paulo de Olivença, ou seja, de 180 a 240 km abaixo da fronteira, na qual ficava a aldeia principal (cf. nota 5).

9. O nome da "província" com que Machiparo fazia fronteira a jusante aparece com diversas grafias nos três textos: *Homaga* e *Homagua* em Oviedo; *Omaga* e *Oníguayal* em Medina; *Omaguci* no manuscrito da coleção Muñoz, muito provavelmente por má transcrição. O texto de Medina diz: "chegamos às províncias de Machiparo, que é mui grande senhor e de muita gente e faz fronteira com outro senhor igualmente grande chamado Omaga, e são amigos e juntam-se para dar guerra a outros senhores que estão pela terra adentro, os quais vêm diariamente para expulsá-los de suas casas. Esse Machiparo está assentado numa barranca ("loma") sobre o mesmo rio e tem muitas e mui grandes povoações que juntam na guerra 50.000 homens da idade de 30 até 60 anos, porque os moços não vão à guerra e em todas as batalhas que com eles tivemos não os vimos, e

sim somente velhos, e estes muito (*bem*) dispostos e têm buços e não barbas" (*op. cit.*: 25-26). Observe-se nesse trecho a personificação do poder político e das relações intertribais na figura do *grande senhor*, um personagem que não parece ter sido visto e cuja existência devemos atribuir mais às concepções políticas do cronista do que a eventuais relatos dos índios.

10. Na versão de Medina "... o capitão mandou que o alferes com vinte e cinco homens corresse a povoação ... e (*este*) correu meia légua pelo povoado ... e visto pelo dito alferes a muita povoação e gente decidiu não seguir adiante" (*op. cit.*: 27). Este episódio, em que 25 homens armados recuaram ao perceber a extensão da área habitada, diz mais sobre a natureza do povoamento de Machiparo do que algumas avaliações do próprio cronista. Sobre isto cf. também nota 12.

11. O texto de Medina fala em couros de jacaré, *manati* (peixe-boi) e anta (*op. cit.*: 26).

12. A versão de Medina é muito mais detalhada no relato dos combates travados em Machiparo e contém diversas avaliações do número de adversários. Na primeira aldeia haveria "mais de dois mil" guerreiros (*op. cit.*: 28); numa ocasião "havia na praça um esquadrão de mais de 500 índios" (*op. cit.*: 29). No manuscrito da Coleção Muñoz os espanhóis foram perseguidos por "mais de 130 canoas em que havia mais de oito mil índios" (*op. cit.*: 33). Na introdução ao texto chamamos a atenção para o duvidoso valor dessas estimativas.

13. Diz o texto de Medina: "... seguiram-nos por dois dias e duas noites sem nos dar descanso, que tanto levamos para sair da povoação desse grande senhor chamado Machiparo, que na opinião de todos durou mais de 80 léguas (*em*) que era toda uma só língua, todas elas povoadas (*de forma tal*) que não havia de um povoado a outro um tiro de besta, e o que (*ficaria*) mais afastado não estaria a meia légua, e houve povoado que durou cinco léguas sem interrupção de uma casa para outra" (*op. cit.*: 33).

14. A versão de Medina é mais precisa: "Andavam entre essa gente e canoas de guerra quatro ou cinco feiticeiros (*não mulheres*), todos caiados e com as bocas cheias de cinza, que lançavam ao ar, e nas mãos uns hissopes (*aspersórios para água benta do culto católico*) com os quais iam despejando água pelo rio à maneira de feitiços, e depois que haviam dado uma volta ao redor dos nossos bergantins da dita maneira, chamavam os homens de guerra e logo começavam a tocar suas cornetas, trombetas de pau e tambores e com grandes gritos acometiam sobre nós" (*op. cit.*: 33).

15. Conforme o texto de Medina, "pela sua aparência deve ser a mais povoada que se tem visto e assim diziam os índios da província de Aparia, que havia um grandíssimo senhor na terra adentro para o sul, que se chamava Ica, o qual tinha grande riqueza de ouro e prata; e essa notícia a tínhamos por muito boa e certa" (*op. cit.*: 33-34).

16. V. nota 9 para diferentes grafias do nome *Omagua*. Pela versão de Medina, o primeiro povoado dessa "província" ficaria 340 léguas abaixo de Aparia grande e duas léguas acima de um afluente da margem direita, "tão grande que na entrada fazia três ilhas, por causa das quais lhe pusemos (*por nome*) o rio da Trindade" (*op. cit.*: 35). Esse rio era o Coari, cuja boca dista 1070 km da fronteira colombiana, onde ficava Aparia grande. Aqui, como em outras passagens, as léguas de Carvajal equivalem a cerca de 3 km (cf. nota 8).

17. *Estórica* ou *estólica* era o propulsor de dardos, chamado *palheta* por alguns autores portugueses.

18. Novamente o texto de Medina dá mais informações sobre este senhorio e terra de *Omagua*. Ao contrário da língua falada em Aparia, que Orellana

bem ou mal parece ter entendido e que vimos ser do tronco Tupi (cf. nota 6), a desses "Omagua" não era compreendida pelos espanhóis (*op. cit.*: 35), fato que por si só já prova que não podiam ser os antepassados dos *Omaguas* seiscentistas. Alguns autores modernos não atentaram para essa diferença e, baseados unicamente na homonímia, sustentaram tal associação (cf. entre outros, Meggers 1971). Pouco a baixo do Coari (porque foi alcançado na tarde do mesmo dia) ficava o povoado da Louça, na região das grandes ilhas acima de Codajás. Era um sítio pequeno posto no alto de uma barranca que, pela vista agradável "... parecia ser recreio de algum senhor da terra adentro (...) Nesse povoado havia uma casa de diversões (*de placer*) em que havia muita louça de diversos feitios, tanto tinhas como cântaros muito grandes de mais de vinte e cinco arrobas e outras vasilhas pequenas como pratos, tigelas e candeeiros dessa louça, (*que é*) da melhor que se tem visto no mundo, a ponto que a de Málaga não se lhe iguala porque é toda vidrada e esmaltada de todas as cores, tão vivas que surpreendem, e além disso os desenhos e pinturas que fazem nela são tão compassados que com naturalidade lavram e desenham tudo como o romano; e ali nos disseram os índios (*sic*) que tudo o que nessa casa havia de barro, o havia na terra adentro de ouro e prata, e que eles nos levariam lá, porque era perto; e nessa casa encontraram-se dois ídolos tecidos de plumas ("de palma" no manuscrito Muñoz) de estranho feitio ("de diversa maneira") que causavam espanto, e eram de estatura de gigantes e tinham metidas nos braços umas rodas a modo de braceletes e o mesmo tinham na barriga da perna junto aos joelhos; tinham as orelhas furadas e muito grandes, ao modo dos índios de Cuzco e maiores. Essa estirpe de gente vive na terra adentro e é a que possui a dita riqueza, e em sua memória os têm (*os ídolos*) ali; e também achou-se nesse povoado ouro e prata (...) Desse povoado saíam muitos e mui reais caminhos para a terra adentro; o Capitão (...) começou a entrar por eles e não havia andado meia légua quando os caminhos ficaram mais reais e maiores; e visto isso o Capitão decidiu voltar ..." (*op. cit.*: 35-37). É fácil distinguir, nessa passagem, o que foi visto do que foi imaginado; a cerâmica policrômica pertence à tradição arqueológica da região desde pelo menos o século VI dC (Lathrap 1975) e a sua descrição é provavelmente fiel; os índios, que o próprio Carvajal confessara antes não entender, teriam *dito* que tudo que em sua aldeia havia de barro, havia na terra adentro de ouro e prata; a descrição dos *ídolos* é plausível, mas que eles representassem gente da terra adentro que possuía tais riquezas só pode ter sido imaginação do cronista.

19. Nessa frase o texto não esclarece que havia terminado a "província de *Omagua*" e começara a de *Paguana*. Na versão de Medina consta que "Fomos caminhando por esta terra e senhorio de *Omagua* mais de 100 léguas, ao cabo das quais chegamos a outra terra de outro senhor chamado *Paguana*" (*op. cit.*: 37). Aqui as léguas de Carvajal são particularmente curtas, porque o território "Omagua" terminava bem antes do Purus, rio que é mencionado somente no texto de Oviedo depois de já terem-se passado diversos povoados de *Paguana*. A distância da foz do Coari à do Purus, ao longo do Amazonas, é de 247 km, de modo que a "província de *Omagua*" não podia ter muito mais que 200 km de extensão.

20. Na versão de Medina, o povoado dos Bobos "... teria mais de duas léguas de comprimento (...e) desse povoado iam muitos caminhos pela terra adentro, porque o senhor não reside sobre o rio e os índios nos disseram que fôssemos para lá, que ele se alegraria muito conosco. Tem este senhor nessa terra muitas ovelhas das do Peru e é muito rico de prata, conforme todos os índios nos diziam, e a terra é muito alegre e vistosa e abundante de mantimentos e frutas, tais como abacaxis (piñas) e peras, que na língua da Nova Espanha se chamam

abacates (aguacates) e ameixas (ciruelas) e *guanans* e outras muitas e muito boas frutas" (*op. cit.*: 37-38). Aqui também cabe distinguir a observação geográfica, que soa autêntica (aldeia, caminhos, frutas), da notícia atribuída aos índios (em que idioma?) de um "senhor" que vivia terra adentro, rico em lhamas e prata.

21. Era o Purus (cf. nota 19).

22. Conforme o texto de Medina, nessa região densamente povoada acima e abaixo da foz do Purus, "houve dia em que passamos por mais de 20 povoados e isso pela banda em que íamos (*a do sul*), porque a outra não a podíamos ver por ser grande o rio ..." (*op. cit.*: 38).

23. "... e esse povoado durava mais de duas léguas e meia" (*op. cit.*: 38).

24. Era esse o último povoado de Paguana: "... e aqui se nos acabou a província do já dito senhor chamado Paguana e entramos em outra província ..." (*op. cit.*: 38). Não é possível identificar esse limite oriental de Paguana; ele foi alcançado no mesmo dia em que a expedição passara pelo povoado Vicioso, que por sua vez não devia ficar muito abaixo do Purus. As referências aos caminhos que saíam do povoado dos Bobos para o interior e ao suposto *senhor* que vivia na terra adentro poderiam sugerir que apesar de breve ao longo do Amazonas, a "província" espraiava-se pelo baixo curso do Purus.

25. Logo após o último povoado de Paguana tinha início outra "província", circunstância que Oviedo não explicita, embora refira uma mudança no material empregado pelos habitantes na cobertura das cabanas, que até aí levavam folhas de palmeira. Já o texto de Medina diz: "... e entramos em outra província muito mais belicosa e de muita gente que nos dava guerra; não soubemos como se chamava o senhor dessa província, mas é gente de estatura mediana, muito bem cuidada, tem seus paveses de pau e defendem suas pessoas como verdadeiros homens" (*op. cit.*: 38). Nenhuma das duas versões esclarece em qual margem do Amazonas ficava essa província, que era tão ou mais povoada que as anteriores e se estendia até quase à barra do rio Negro.

26. A versão de Medina acrescenta que a paliçada que protegia o povoado era interrompida por somente uma porta (*op. cit.*: 39). Abaixo do rio Negro, o relato não define claramente as "províncias" e sua localização. O povoado fortificado *num alto* estaria provavelmente na margem esquerda, uma vez que na margem direita a terra é baixa e alagadiça. No mesmo dia, e portanto provavelmente também na mesma margem, a expedição aportou no povoado onde havia o singular "oratório do sol". Na versão de Medina a descrição do altar é substancialmente a mesma, embora com maior profusão de detalhes e traz a seguinte conclusão: "... e o Capitão, estupefato como todos nós de tão grande coisa, perguntou a um índio que aqui se tomou o que era aquilo ou em memória do que tinham aquilo na praça, e o índio disse que eles eram sujeitos e tributários das amazonas (...) e que adoravam aquilo como coisa que era insígnia de sua senhora, que é a que manda em toda a terra das ditas mulheres ..." (*op. cit.*: 40). Toda a descrição do "altar" é suspeita, parecendo inspirada em motivos heráldicos europeus que os viajantes podem ter acreditado identificar naquela peça esculpida em madeira. Pode-se supor que o encontro de um aparato de culto elaborado tenha trazido à baila novamente, na imaginação de Carvajal e seus companheiros, a expectativa de defrontar-se com o país das amazonas, uma crença de difusão pan-andina que os viajantes, como vimos (cf. nota 6 e Introdução ao texto), traziam consigo. Assim como em Paguana, é altamente improvável que nessa província possa ter-se estabelecido o tipo de diálogo referido pelo cronista. A "província", cuja descrição ocupa esse parágrafo e os oito seguintes, terminava no povoado chamado de Corpus Christi, fronteiro ou pouco abaixo da foz do Madeira. Este rio é mencionado somente no texto de Medina: "... vimos

pela mão direita entrar um rio mui grande e poderoso, maior daquele em que íamos, e que por ser tão grande lhe chamamos o Rio Grande" (*op. cit.*: 43).

27. Pelo texto de Medina, "Nesse povoado havia sete *picotas*, que vimos espalhadas pelo povoado, e nelas havia cravadas muitas cabeças de mortos; por causa disso pusemos a essa província o nome de Província da Picotas, a qual durou pelo rio abaixo 70 léguas (*vinte, conforme o ms. Muñoz*). Desse povoado desciam até o rio uns caminhos feitos à mão e por todas as partes (*havia*) árvores frutíferas cultivadas, pelo que parecia ser um grande senhor o dessa terra" (*op. cit.*: 44). Se essa Província das Picotas tinha 70 léguas (as 20 do ms. Muñoz são improváveis, pela reconstituição que se fará a seguir) e admitindo a média de 3 km para a légua de Carvajal, ela se estendia desde Itacoatiara ou Silves até a região de Parintins, portanto ao longo de quase toda a ilha Tupinambarana.

28. A versão de Medina confirma que a partir da Província das Picotas os índios usavam flechas como arma de guerra: "Estes índios têm já flechas e com elas pelejam" (*op. cit.*: 47).

29. Quatro léguas, no texto de Medina (*op. cit.*: 47).

30. Em Medina é chamado o *povoado da Rua* pela disposição linear das cabanas (*op. cit.*: 48). Pelo cálculo das 70 léguas (cf. nota 27) era um dos últimos povoados da Província de Picotas.

31. Diz a versão de Medina: "... ao dobrar uma ponta que o rio fazia, vimos adiante na costa muitos e mui grandes povoados branqueando. Aqui demos de repente na boa terra e senhorio das amazonas" (*op. cit.*: 48). Era a "província de São João", ou "da ponta de São João", como é dito mais adiante, e tinha 150 léguas de extensão ao longo do rio. Se admitirmos a média de 3 quilômetros por légua e o seu começo na região de Parintins, a "província" terminaria a meio caminho entre Monte Alegre e Prainha. Uma extensão um pouco menor, digamos até algo abaixo de Santarém, parece mais adequada devido às referências a muitas grandes ilhas na parte oriental da "província", que nos remetem à região próxima e fronteira à foz do Tapajós. Tanto o primeiro povoado, em que se daria o combate com as "amazonas", como os seguintes, estavam na margem direita. No coração do território, que ficaria entre a foz do Trombetas e a do Tapajós, a margem direita era densamente povoada: "... e digo mais, que pela terra adentro a duas léguas mais ou menos, apareciam branqueando grandes cidades (...) e já começavam os índios a queimar os campos ..." (*op. cit.*: 51).

32. Esse relato das índias combatentes, bem como a descrição do seu aspecto físico no fim do mesmo parágrafo, é tudo o que Carvajal viu a respeito das "amazonas" e que o texto de Medina repete com mínimas variantes: "... e vieram umas 10 ou 12, que nós vimos, as quais pelejavam diante de todos os índios como capitães, e elas pelejavam com tal ânimo que os índios não ousavam virar as costas, e ao que as virasse diante de nós matavam a pauladas, e esse é o motivo de os índios se defenderem tanto. Essas mulheres são mui brancas e altas e levam o cabelo longo enrolado em tranças sobre a cabeça e são mui vigorosas ("membrudas") e andam nuas em pelo (*ainda que*) tapadas suas vergonhas, fazendo com seus arcos e flechas nas mãos tanta guerra como dez índios" (*op. cit.*: 49). Não é difícil perceber que o restante desse parágrafo, com a lenda das amazonas que tornou tão famosa a crônica do dominicano, não é coisa que Carvajal tenha visto, mas "o que pudemos entender e se teve por certo". Nesta segunda categoria de informações recai também o fantástico relato que, páginas adiante, Carvajal põe na boca de um índio aprisionado no Trombetas e que, providencialmente, em menos de 48 horas, pôde ser perfeitamente entendido

por Orellana. Veja-se a introdução ao texto para uma inserção desse relato no meio ecológico e cultural andino.

33. Era o trecho compreendido entre a foz do Trombetas e a do Tapajós (cf. nota 31).

34. Tendo cruzado o rio e prosseguido pela margem esquerda, a expedição também não viu a foz do Tapajós.

35. Este parágrafo constitui, como já assinalamos, uma evidente interpolação em que o autor, provavelmente sob a sugestão do embate com as mulheres guerreiras, quis ver nelas a prova da existência de um país governado por mulheres. Atribui portanto a um inverossímil informante indígena uma "descrição" desse país que os espanhóis, através dos índios que os acompanhavam no começo da viagem, haviam colhido no Peru e no Equador. Não bastassem os elementos culturais decididamente andinos presentes em toda a descrição, o cronista, como que para corroborar a sua veracidade, esclarece nos dois parágrafos seguintes que aquela notícia já a traziam "por mui certa e averiguada" desde o Equador. A versão de Medina é mais detalhada e acrescenta que "... dessas mulheres havia lá (a seis léguas de Quito) mui grande notícia, e para vê-las vêm muitos índios pelo rio abaixo 1.400 léguas (...) Diz que a terra é fria e que há mui pouca lenha..." (op. cit.: 56). A crença no país das mulheres era portanto uma crença das populações andinas, e o fato que elas situassem aquele país em direção à Amazônia ou à Guiana não é suficiente para que a consideremos parte da problemática etno-histórica amazônica. O problema do fundamento histórico e antropológico dessa crença fica em aberto, mas a sua solução deve ser procurada fora das fronteiras da Amazônia. Não obstante, cabe registrar aqui três nomes próprios que, na versão de Medina, aparecem no relato do "informante". O índio teria dito que seu chefe se chamava *Couynco* ("Quenyuc", no ms. Muñoz) e que senhoreava sobre 150 léguas (a "província" que fora chamada de São João); era "tributário" do país das mulheres guerreiras, que ficava sete jornadas ("quatro ou cinco", no ms. Muñoz) pela terra adentro (num rio que, na versão de Oviedo, entrava no Amazonas pela margem direita). A grande senhora do país das mulheres chamava-se *Coñori* e em sua cidade havia cinco templos, chamados *Caranain*, dedicados ao culto solar (op. cit.: 54-55).

36. No texto de Medina, imediatamente após a "província" de São João ("não havíamos andado muito"), começava a "Província dos Negros", cujo chefe chamava-se *Arripuna* (op. cit.: 56), provavelmente por *Caripuna*, etnônimo comum da Amazônia em que se podem identificar os elementos *carib-* ou *carai-*, e *una*, "preto" em Tupi. A reconstituição do itinerário permite supor que a "província" começava na região de Monte Alegre, cuja topografia corrobora a descrição de Carvajal.

37. "Ao cabo de dois dias", diz a versão de Medina (op. cit.: 57).

38. Aqui o texto de Oviedo omite uma indicação importante que aparece em Medina: "Caminhamos com muita pressa afastando-nos do (território) habitado e um dia, pela tarde, fomos dormir num carvalhal ("robleal") que estava na boca do um rio que entrava pela mão direita no da nossa derrota, o qual tinha uma légua de largura (...) Estivemos nesse sítio dia e meio..." (op. cit.: 58). Esse rio de uma légua de boca só podia ser o Xingu, não somente pelo seu porte como porque, linhas adiante, diz o texto de Oviedo que distava cerca de 300 léguas do povoado de Corpus Christi. Esse último ficava, como vimos, defronte ou um pouco abaixo da foz do Madeira, que está aproximadamente 960 km acima da do Xingu; novamente, as léguas de Carvajal correspondem aqui a 3,2 km. Pouco abaixo do Xingu terminava a Província dos Negros.

39. Na versão de Medina esse trecho da margem direita abaixo do Xingu era "... terra mui povoada e de um senhor que se chamava Nurandaluguaburabara ("Ichipayo", no texto do ms. Muñoz)" (op. cit.: 60). Nimuendaju (1953:53) prefere situar essa tribo nas proximidades da foz do Tapajós e sugere como possível a identidade "Chipayo"/Tapajós.

40. Diz o texto de Medina que, após o combate com os índios do chefe Nurandaluguaburabara ou Ichipayo, na margem direita a leste do Xingu, Orellana "... mandou que atravessássemos para a margem esquerda do rio para fugir dos povoados que se viam" (op. cit.: 61). A travessia só pode ter-se dado pelo canal que separa a ilha Urucurucaia da ilha Grande de Gurupá. Na margem esquerda, onde desemboca o rio Jari, havia uma série de povoados, mas todos afastados duas ou três léguas do rio "... e mais pareciam fortalezas sobre uns morros na maioria pelados (...) onde mandou o Capitão que se fosse ver a terra adentro por uma légua, para ver e saber que terra era aquela; e assim foram e não haviam caminhado uma légua que voltaram e disseram ao Capitão que a terra ia sempre melhorando porque era tudo savanas e os arvoredos (eram) como temos dito e via-se muito rastro de gente que vinha caçar por ali..." (op. cit.: 61).

41. Ultrapassada a ilha Grande de Gurupá os viajantes praticamente se perderam no labirinto de canais da foz do Amazonas. Se pudessem ter acompanhado a margem esquerda teriam percorrido 300 quilômetros até chegar ao Cabo Norte; desviados para leste, no interior do arquipélago, quase dobraram o percurso, que Carvajal avalia em mais de 150 léguas (200 na versão de Medina), ou seja, de 500 a 600 km.

42. Merece reflexão o fato de Carvajal fazer essa descrição elogiosa da cerâmica modelada e pintada justamente ao atravessar a foz do Amazonas, região onde se desenvolveu uma das mais elaboradas tradições cerâmicas do continente. Na verdade, a fase Aruã da cerâmica arqueológica de Marajó, Caviána e Mexiana, contemporânea do início da colonização (Meggers e Evans 1957), não parece estar esteticamente à altura da descrição de Carvajal, que de resto aborda o assunto referindo-se a "... todos os índios desse rio". Mas é significativo que o cronista, que já observara a excelente cerâmica policrômica do rio Solimões, volte a tratar do assunto, bem como das cuias pintadas, ao percorrer a região que mais se destacara, no passado, por esse tipo de artefatos.

NOTÍCIAS DA CHEGADA DE ÍNDIOS TUPI AO PERU (1549)

A grande migração de milhares de Tupi que, na primeira metade do século XVI, deixaram o litoral de Pernambuco, atravessaram o Nordeste e toda a Amazônia, chegando algumas centenas deles ao Peru em 1549, foi considerada pelos primeiros historiadores uma epopéia inusitada. O primeiro a dar notícia dela em língua portuguesa foi, como vimos, Diogo Nunes em 1553, relatando o encontro que tivera com um contingente deles, em 1538, no alto Amazonas. Gandavo dedicou-lhe o último capítulo da *História da Província Santa Cruz* (1576), uma narrativa que nada esclarece sobre a procedência e composição da migração, mas que fornece, ao lado da notícia de fabulosas riquezas encontradas pelos migrantes em algum lugar do interior do Brasil, um dado importante sobre o movente da migração: "... e seu intento nam sejam outro senam buscar sempre terras novas, afim de lhes parecer que acharão nellas immortalidade e descanso perpétuo..."

Desde os estudos pioneiros de Nordenskiöld (1917) e Métraux (1927), sabemos que essa migração foi um dos muitos, embora provavelmente o mais longo e importante dos deslocamentos geográficos dos Tupi-Guarani em busca da *terra sem males* (sobre essa crença e migrações veja-se especialmente Clastres 1978, Métraux 1967, Nimuendaju 1987, Schaden 1959). Sua importância para a etno-história amazônica prende-se porém a dois acontecimentos de natureza distinta: a fixação de um grupo Tupinambá no médio Amazonas e a notícia das supostamente

ricas províncias de Omágua e Dourado, que motivou as explorações espanholas à Amazônia em meados do século XVI.

Métraux, ignorando a carta de Diogo Nunes e baseado em Acuña e d'Évreux, trata como episódios distintos a migração para o Peru descrita por Gandavo e para a qual admite as datas 1539-1549 de outra, mais ampla, que teria levado outros Tupi nordestinos até os formadores do Madeira e por esse rio abaixo, até a ilha Tupinambaranas. As datas limite por ele propostas para essa última são 1530 e 1612. Na ausência de melhores dados, a sua cronologia e sentido geral, bem como o padrão recorrente das migrações Tupi-Guarani nos últimos quatro séculos, sugerem que pensemos não em *uma* ou *duas* migrações, mas em vagas sucessivas de um só ciclo migratório que se originou no litoral do Nordeste nos anos seguintes a 1530. Uma delas, a mais conhecida graças a d'Évreux e d'Abbeville, radicou-se na ilha de São Luís do Maranhão e na terra firme adjacente; outra, depois de um longo périplo pelo interior do Brasil, fixou-se na ilha Tupinambaranas; outra ainda estava em Machifaro em 1538; uns poucos chegariam finalmente ao Peru em 1549.

A mais antiga notícia dessa chegada (e, ao lado da carta de Diogo Nunes, a única fonte primária sobre esse acontecimento) está em duas cartas que o governador Pedro de Gasca, em Lima, enviou ao Conselho das Índias em 6 de dezembro de 1549 e 8 de janeiro de 1550. Jiménez de la Espada lhes publicou os trechos pertinentes em "La jornada del capitán Alonso Mercadillo..." (1895), mas não lhe ocorreu citá-las em "Carta de Gobierno del Marqués de Montesclaros ..." (1965), estudo em que atribui a Gandavo, "quase com certeza, a primitiva versão da viagem dos brasis". Os colonos de Chachapoyas, a oeste de Huallaga, pensaram inicialmente que os estranhos viajantes tivessem vindo do Rio da Prata subindo o Paraguai; mais tarde entenderam que "... vieram pelo Marañón e que os cristãos de que dão notícia são uns que estão assentados na costa do Brasil, pela boca de Marañón segundo dizem ..." A segunda carta traz uma descrição do próprio Gasca da aparência física (corte do cabelo) e das armas (arcos e flechas) de dois índios levados à sua presença. Não há qualquer referência a Omágua, Dourado ou riquezas de ouro e pedras.

Para excitação dos espanhóis, essas referências não tardariam a aparecer. Em 1553 Pedro de Cieza de León, que estivera longos anos no Peru e voltara a Sevilha em 1550, publicou a primeira parte da *Crónica del Perú*, em cujo capítulo LXXVIII já

podemos ler: "No ano do Senhor de 1550 (*sic*) chegaram à cidade de La Frontera (sendo nela corregedor o nobre cavalleiro Gómez de Albarado) mais de duzentos índios, os quais contaram que havia alguns anos que, saindo grande número dos seus da terra em que viviam, atravessaram por muitas partes e províncias, e que tanta guerra lhes deram que vieram (*quase*) todos a faltar, restando somente os que disse. Os quais afirmam que na parte do oriente há grandes terras habitadas por muita gente, e algumas mui ricas de metais de ouro e prata; e estes, com os demais que morreram, saíram segundo ouví a buscar terras para povoar..."

Isto é tudo o que há de concreto sobre a grande migração; o resto, a começar por Gandavo, passando por Aguilar y Córdoba (*Marañón*, 1578), Ortiguera (*Jornada del Marañón*, ca. 1585) e López de Caravantes (*Noticia del Perú*, 1632), são elaborações literárias de uma narrativa básica que aparece pela primeira vez em 1562, nas crônicas de Francisco Vásquez e Gonzalo de Zúñiga, soldados da expedição de Ursua e Aguirre (*v.* capítulo seguinte). Por esse relato uns 12 mil índios, incluindo mulheres e crianças, liderados por *Virrazú* ou *Viarazu* (*Uiarazú?*) e acompanhados por dois portugueses, um deles de nome Mateus, saíram das proximidades da foz do Amazonas "... para procurar terra melhor do que a sua ..." Subiram o rio em canoas travando inúmeras guerras em que a maior parte deles morreu e chegaram, os 300 sobreviventes, a Chachapoyas em 1549. "Diziam grandes coisas do rio e das províncias a ele vizinhas, e especialmente da província de Omágua, tanto da grande multidão de naturais como de (*suas*) incontáveis riquezas ..." (Vásquez, neste livro).

López de Caravantes, que escreve *Curaraçi* o nome do chefe Tupi, diz que dos índios brasis que ficaram em Chachapoyas, "... conserva-se sua descendência e geração até hoje (1632)."

DUAS CARTAS DO GOVERNADOR GASCA AO CONSELHO DAS ÍNDIAS SOBRE A CHEGADA DE ÍNDIOS DO BRASIL AO PERU*

(...) Aos 15 do mesmo (*novembro de 1549*) recebi a carta que envio aqui, de Juan Pérez de Guevara, morador dos Chachapoyas, em que me escreve como chegaram aos confins do seu repartimiento o número de 150 índios flecheiros com seus filhos e mulheres e com outros que haviam tomado no caminho, os quais segundo havia-se entendido, haviam vindo desde a costa do Brasil pelo rio que dizem do Paraná (*sic*)¹, que corre por ela e é braço principal do Rio da Prata, e que vieram em canoas pelo Paraguay acima, que é outro braço daquele rio, até 25 ou 30 léguas dos confins dos Chachapoyas (...) e que chegando a uma província que chamam dos Motilones, que era perto dos confins dos Chachapoyas², lhes haviam dito que por aquelas partes andavam espanhóis de guerra (...) e que, acreditando esses índios flecheiros encontrar esses espanhóis, decidiram deixar suas canoas e vir em sua busca, acreditando ser para desbaratá-los e matá-los; e que com esse intento haviam chegado aos confins de Chachapoyas, onde o capitão Gómez de Alvarado, que lá é corregedor, com esse Juan Pérez e os outros moradores e índios os haviam atacado e prendido a todos (...); segundo o que se tem entendido deles, há mais de 12 anos que saíram de sua terra, e que com o longo caminho, tempo e contendas que tiveram, se têm consumido e diminuído (...)

(*Ciudad*) de los Reyes³, aos 6 de dezembro de 1549.

(...) Em 8 (*de dezembro de 1549*) recebi uma carta, que com esta envio, do capitão Gómez de Alvarado, corregedor dos Chachapoyas, e duas de Juan Pérez de Guevara, em que me voltam a escrever o que depois dos dias passados escreveu-me Juan Pérez de Guevara, (*que*) têm entendido dos índios da costa do Brasil que chegaram aos Chachapoyas; e enviou-me o corregedor dois índios flecheiros daqueles, com seus arcos e flechas cheios de penachos de diversas cores, para que visse sua aparência, que é de homens ágeis, altos e delgados, e em suas fisionomias (*filosomias*) e grosseria com que falam parecem gente tosca e dura de condição. Trazem o cabelo cortado redondo (*até*) a ponta da orelha e umas grandes tonsuras bem redondas, exceto

* JIMÉNEZ DE LA ESPADA 1895, p. 217-218.

na frente, onde têm o cabelo todo tosquiado. Os arcos que trazem são de palmeira, mais altos que um homem, e as flechas do comprimento de uma braça, mais da metade (*feita*) de junco da grossura de um dedo e a outra parte, que é a da ponta, de palmeira preta mui rija, ainda que mais delgada, e em algumas delas têm umas pontas de osso, com que atiram mui certo e direto que atravessam uma tábua; e em outras trazem pontas largas de cana da largura de três dedos e do comprimento de um palmo, feitas à maneira de ferro de azagaia. Dizem que usam essas para os índios nus⁴, porque com elas fazem feridas maiores e mais largas do que com as primeiras.

Escrevem (*os moradores de Chachapoyas*) que entenderam que não vieram (*os índios*) pelo Paraguai acima como antes haviam escrito, mas que, pelo que entendem, vieram pelo Marañón e que os cristãos de que dão notícia são uns que estão assentados na costa do Brasil, junto à boca do Marañón segundo dizem, e que dos do Rio da Prata não têm esses flecheiros notícia (...)

(*Ciudad*) de los Reyes, aos 8 de janeiro de 1550.

DIEGO DE AGUILAR Y CÓRDOBA

MARAÑÓN*
(1578)

Capítulo V: Da terra do Brasil e jornada que os naturais dela fizeram pelo grande e famoso rio do Marañón.

É essa província do Brasil muito extensa e de vista formosa e agradável, ainda que terrível e espantosa pela ferocidade dos seus moradores, gente tão bestial e comedora de carne humana que a todo gênero de feras excede, como os antigos antropófagos cuja crueldade espantou o mundo nos primeiros séculos. Levaram os portugueses a essa terra suas armadas e com imensos trabalhos fizeram-se senhores dela procurando corrigir-lhes seus malditos costumes. Mas esses bárbaros ferozes e indômitos, não podendo sofrer o brando e novo jugo que os portugueses lhe impuseram ou (como é mais crível), para saciar-se de carne e sangue, juntou-se grande quantidade deles e toma-

* JIMENÉZ DE LA ESPADA (ed.) 1965, Vol. III, p. 237-239.

ram uma decisão perigosa e resoluta de deixar a pátria, parentes e amigos e lançar-se na correnteza incerta e agitada de um caudalossíssimo rio, não longe daquela província, que com pavoroso estrondo dos vizinhos próximos entra no mar do Norte⁵, elegendo para seus caudilhos dois soldados portugueses, um deles chamado Matheo. Alguns têm por mais certo que esses índios empreenderam tarefa tão dificultosa por vontade do general daquela terra. De qualquer forma que isso tenha sido, juntaram-se quase 12 mil desses brasileiros com suas mulheres e filhos e as canoas e balsas necessárias para tal multidão, e pela boca do caudaloso Marañón embarcaram-se, segundo a certa e mais verdadeira opinião, no ano de 1539, no intento de descobrir e conquistar as províncias e nações que as habitam e livrar-se da força que os mantinha sujeitos daquela gente estrangeira cujas leis estranhamente aborreciam.⁶

Começaram essa viagem com muito orgulho, e nela passaram por tantos e tão estranhos acontecimentos e sofreram tantas desventuras e perigos que seria demorado narrá-los; navegaram finalmente pelo rio acima entre terríveis e cruéis nações onde enfrentaram dura hospitalidade e resistência e subiram por ele quase 1.500 léguas, no que demoraram dez anos, perecendo com sangrento estrago a multidão que disse, e no meio dela Matheo e seu companheiro, já citados caudilhos dessa empresa, a quem eles mesmos devem ter matado embora diziam terem morrido de enfermidade. Queria eu, nesse lugar, satisfazer o desejo dos curiosos narrando essa viagem com particularidades; mas por ter o crédito dela tão fraco fundamento qual seja o simples relato desses bárbaros, não quis entremear coisas duvidosas nas certas que nessa história hão de se narrar; bastará saber que, tendo chegado ao cabo de dez anos somente trezentos que escaparam do rio à província dos Motilonos ... tiveram aí notícia dos nossos espanhóis que estavam assentados na cidade de Chachapoyas, e para conseguir sua ajuda vieram à sua procura ... estando o governador Gasca ocupado no Peru com a pacificação daquele reino, e desde então começou a ser conhecido o famosíssimo rio do Marañón.

Cap. VI: Notícia que os índios brasis dão da província de Omagua e Dorado

(...) Contavam coisas maravilhosas; que haviam visto diferentes e várias nações com quem haviam pelejado; estranhos e intemperados climas que haviam descoberto e províncias no-

táveis em que haviam estado, e dessas estranhezas nenhuma narravam com maior empenho do que as grandezas da província de Omagua, apartada muitas jornadas dos últimos confins do Peru, da qual diziam tantas coisas que causavam admiração (...)

NOTAS

1. Erro que se corrige na segunda carta.
2. A *província dos Motilonos* era no vale do Huallaga, rio que originalmente era conhecido por este nome. Os *confins dos Chachapoyas* situavam-se a leste dessa cidade, em direção ao Huallaga. Os Tupinambá subiram o Amazonas e o Marañón (não o Paraná-Paraguai como é dito acima e retificado mais adiante) e entraram pelo Huallaga.
3. Lima é a antiga Cidade dos Reis.
4. Refere-se aos índios que os Tupi consideravam bárbaros, os *Tápuia*.
5. Como se lê no final deste parágrafo, refere-se à foz do Amazonas, ainda conhecido como Marañón; o *Mar do Norte* é o oceano Atlântico.
6. Como assinalado na introdução aos textos, Gandavo foi o primeiro a registrar a busca da *terra sem males* como movente da grande migração. A presença de dois portugueses como líderes do movimento não deve surpreender; brancos e mamelucos, geralmente indivíduos marginalizados pela sociedade colonial, são encontrados com certa frequência na condução ou na origem de movimentos messiânicos indígenas em diversas partes da América.

4.

OS CRONISTAS DA EXPEDIÇÃO DE URSUA E AGUIRRE AO AMAZONAS (1560-61)

Uma conseqüência imediata da chegada dos trezentos índios Tupi ao Peru em 1549 e das notícias que deram a respeito de grandes e ricos países a leste dos Andes, foi um renovado interesse dos espanhóis do Peru por aquelas terras envoltas em fantasia e mistério. Falava-se muito, naqueles anos, na *Província das Esmeraldas*, no país de *Rupa-Rupa*, no *El Dorado*, em *Omagua* e no lago *Paititi* e tinha-se uma vaga noção de que a eles se chegaria descendo o Huallaga ou o Ucayali. Sabia-se que Orellana descera o Napo, o *rio da canela*, e que muito tempo depois chegara ao oceano, mas não se tinha idéia da articulação das duas bacias pelo Marañón. Já em 1551 Gómez de Arias tentou a entrada com 150 homens; regressaram um ano mais tarde completamente desbaratados e sem ter nada encontrado. O mesmo aconteceria com Juan de Salinas pouco tempo depois.

Em 1558 o Vice-Rei Marquês de Cañete encarregou Pedro de Ursua, com título de governador, de organizar uma grande expedição, a chamada *jornada de Omagua y Dorado*. Depois de longos preparativos, em fins de setembro de 1560 Ursua pôde embarcar no Huallaga com 370 soldados, dois bergantins, sete chatas, 20 balsas e um sem-número de canoas; parte da tropa seguia pela margem do rio com mais de 500 índios e uma despensa ambulante de 1.000 porcos. O imponente cortejo desceu o Huallaga e o Marañón e, a partir da foz do Napo, passou a seguir o percurso que Orellana fizera havia 18 anos.

Da foz do Napo até abaixo do Javari, a "província" que Carvajal chamara *Aparia* foi identificada como *Carari* ou *Mari-curí*. Seguia-se um longo trecho despovoado interrompido so-

mente, ao que parece na altura do Içá, pela "província" de *Arimocoa*, que Carvajal não mencionara. A seguir começava Machifaro, da qual há uma razoável descrição. A partir do extremo oriental de Machifaro, os cronistas da expedição deixam de dar, praticamente, qualquer contribuição para a geografia e a etnografia do Amazonas. É que a partir daquele ponto a expedição de Ursua seria marcada por uma impressionante série de violências e crimes de autoria de Lope de Aguirre, um dos seus oficiais, ao que tudo indica paranóico. Com um grupo de amotinados, Aguirre interrompeu a busca de Omágua e El Dorado e decidiu voltar ao Peru rebelando-se contra o governo colonial. Em Machifaro mandou assassinar Ursua e tomou a liderança da expedição; sucessivamente, descobrindo ou imaginando opositores, eliminou dezenas de companheiros e, para evitar que a tropa se deixasse seduzir por alguma utópica Omágua que porventura realmente existisse, mandou evitar as regiões povoadas.

Abaixo do Coari, possivelmente até o Purus, ainda há referências interessantes a alguns grandes povoados. Depois, um longo trecho sem qualquer descrição, que foi percorrido em oito ou dez dias e noites de navegação e que parece estender-se até Óbidos. Aqui começavam as tribos de antropófagos que usavam flechas envenenadas, são chamados *Aruaquina*, viviam numa região de morros pelados e tinham casas de culto com representações do sol e da lua ligadas a sacrifícios. Mais abaixo, antes do arquipélago de Marajó, aldeias de palafitas fortificadas com estacas. Saindo do mar, o que restou da expedição rumou para noroeste acompanhando o litoral e chegou, como Orellana, a Cubágua ou Margarita. Lá e na Terra-Firme, Aguirre continuou a praticar suas crueldades até ser morto pelos próprios companheiros.

As fontes primárias da expedição de Ursua e Aguirre são os relatos de quatro de seus soldados, Vásquez, Altamirano, Zúñiga e Monguia, escritos nos anos subseqüentes ao término da viagem. O mais extenso e importante é o de Francisco Vásquez, homem de formação diferenciada que uma nota ao final do manuscrito de sua relação qualifica como *bachiller* e diz ter sido "homem honrado e de crédito" que, apesar de não ter aderido à insurreição de Aguirre, não foi por este molestado. A Biblioteca Nacional de Madri possui dois manuscritos seiscentistas do mesmo teor, presumindo-se que um seja cópia do outro com algumas variantes. O título do ms. J.142 é *Relación verdadera*

de todo lo que sucedió en la Jornada de Omagua y Dorado, etc.; o do ms. J.136 é *Relación de todo lo que sucedió en la Jornada de Amagua (sic) y Dorado, etc.* Em 1909 M. Serrano y Sanz publicou, em *Historiadores de Indias*, o ms. J.142 assinalando, em notas de rodapé, as divergências do ms. J.136. Na tradução que damos a seguir, as variantes do segundo manuscrito vão entre parênteses, seguidas da indicação *ms. 2*. Os dois documentos já haviam sido publicados em 1881 pela sociedade *Bibliófilos españoles* e Jiménez de la Espada (1965, vol. III, p. 233) refere-se a outra versão manuscrita da relação de Vásquez, integrante o tomo 43 da Coleção Muñoz, "que é muito diferente e cujo texto não se levou em conta ao publicarem aqueles senhores (*o texto*) a partir dos Mss. J.136 e J.142 da Biblioteca Nac."

A relação de Vásquez ganhou notoriedade por ter sido aproveitada por frei Pedro Simón na sua *Primeira parte de las noticias historiales de las conquistas de Tierra Firme en las Indias Occidentales*, Cuenca 1627; a obra é constituída de sete *Noticias*, a sexta das quais, composta de 52 capítulos, é cópia quase integral da relação de Vásquez. Da sexta *Noticia* há uma tradução inglesa, *The expedition of Pedro de Ursua...* (1861), precedida de uma erudita introdução de C.M. Markham sobre os antecedentes e a historiografia da expedição (MARKHAM 1971).

A segunda fonte, em importância, é a relação de um certo capitão Altamirano, que participara ainda muito jovem da expedição e que, em idade avançada, a forneceu ao Pe. Antonio Vásquez de Espinosa. Este carmelita vivera na América de 1608 a 1622 percorrendo quase todas as províncias do império espanhol; simultaneamente ao trabalho apostólico, ele reuniu documentos, informes orais e suas próprias observações com vistas à preparação de uma grande obra, o *Compendio y descripción de las Indias Occidentales*, que concluiu na Espanha entre 1623 e 1629. Em 1615 ele estava em Chachapoyas, onde conheceu Altamirano, que já devia ter uns 75 anos de idade. Altamirano entregou-lhe um relato que ele mesmo havia escrito, provavelmente muitos anos antes, da expedição de que participara quando jovem, completando-o com informações orais: "... e esta relação a fez o Capitão Altamirano, *vecino* que foi da cidade dos Chachapoyas, o qual depois de ter saído pelo rio Marañón ao mar do Norte, e tendo passado grandíssimos trabalhos sob a tirania do traidor Lope de Aguirre, regressou ao Peru na cidade dos Chachapoyas, onde tinha sua casa, e a deu a mim, e deu (*também*), por

palavras, conta e noticia de tudo." (Vásquez de Espinosa, *Compendio*, § 1198).

A terceira relação é a do soldado Gonzalo de Zúñiga, que tão logo chegou à ilha Margarita conseguiu fugir do acampamento de Aguirre. Não se tem notícia de quando e como escreveu o seu relato, que sob o título *Relación muy verdadera de todo lo sucedido en el río Marañón, en la provincia de el Dorado...*, foi publicado em 1865 na *Colección de Documentos Inéditos ... de América y Oceanía*.

A última das quatro relações é de autoria de Pedro de Monguia, capitão da mesma expedição, que ao chegar a Margarita a entregou ao Pe. Frei Francisco Montesinos. O manuscrito, intitulado *Relación breve fecha por Pedro de Monguia, Capitán que fué de Lope de Aguirre ... de la jornada del gobernador Pedro de Orsua ...*, integrava o tomo 88 da Coleção Muñoz e foi também publicado na *Colección de Documentos Inéditos ... de América y Oceanía*.

As quatro relações da expedição de Ursua e Aguirre são, como é de se esperar, muito semelhantes, mas cada uma delas contém alguma notícia que as outras não trazem. Há também discrepâncias menores na cronologia e em alguns topônimos, o que depõe a favor do seu valor documental porque indica não se tratar de cópias ou paráfrases de um só documento. Algumas dessas discrepâncias devem ser atribuídas ao fato que a grande expedição não seguiu sempre em comboio, dividindo-se em diversas ocasiões por razões logísticas. Assim, Vásquez e Monguia informam que na porção oriental de Machifaro, próximo ao Coari, Ursua enviou trinta homens comandados por Sancho Pizarro para explorar uns caminhos que saíam pela terra adentro e pareciam muito bons. Já Altamirano, que integrou aquele destacamento, dá um relato detalhado e possivelmente, em parte, também fantasioso, da exploração que seguiu por mais de 30 léguas "... uns caminhos mui largos e bons ... (com pousadas para) mercadores e viajantes que iam e vinham das províncias de terra adentro ..."

Um traço comum às quatro narrativas é o tratamento sumário que dão à geografia do médio e baixo Amazonas. Como já assinalamos, a traição de Aguirre transformou o que devia ser uma viagem de exploração e conquista numa fuga desordenada em que a maior preocupação da tripulação parece ter sido sobreviver aos humores do tirano. A região compreendida entre a foz do Purus e o estreito de Óbidos, em que havia quatro das dez "províncias" descritas por Carvajal e que este demorara um mês

para percorrer, foi atravessada por Aguirre em oito dias seguidos de navegação, sem referência dos cronistas a qualquer povoado ou acidente geográfico. Uma consequência disto foi a interpretação equivocada de alguns historiadores, que entenderam ter Aguirre entrado pelo rio Negro e deste ter passado, pelo Cassiquiari, ao Orinoco, cuja foz é muito mais próxima à Margarita do que a do Amazonas. Não há nada, nos quatro textos, que justifique tal suposição e há, por outro lado, algumas boas razões em contrário. A principal é que os cronistas não teriam deixado de mencionar a circunstância de irem contra a corrente e terem que subir as cachoeiras do alto rio Negro, que teriam dificultado sobremaneira a navegação. E uma vez chegando ao mar, não teriam os dois bergantins demorado 16 dias para sair do golfo de Paria e alcançar Margarita.

FRANCISCO VÁSQUEZ

RELAÇÃO VERDADEIRA DE TUDO O QUE SUCEDEU NA JORNADA DE OMAGUA E DORADO QUE O GOVERNADOR PEDRO DE ORSUA FOI DESCOBRIR ... POR UM RIO QUE CHAMAM DAS AMAZONAS ...*

Era o governador Pedro de Orsua natural de Navarra (...) passou ao Peru no fim do ano de mil quinhentos e cinquenta e oito e, tendo o marquês de Cañete sabido de seu valor e habilidade, o encarregou da jornada de *el Dorado* bem como de muitas províncias e terras vizinhas de que se tinha grande notícia nos reinos do Peru, tanto pelas grandes coisas que disse ter visto o capitão Orellana e os que com ele vieram desde o Peru por esse rio Marañón abaixo, onde diziam estarem as ditas províncias, como pelo que disseram certos índios brasis¹ que desde sua terra subiram por esse rio acima descobrindo e conquistando até que chegaram ao Peru ao tempo em que estava nele o presidente Gasca.

Relataram esses índios brasis que saíram de suas terras, que estão na costa do Brasil, mais de 10 ou 12 mil deles, em muitas canoas, com suas mulheres e filhos, e com eles dois espanhóis portugueses, um deles dizia que se chamava Mateo, para procurar terra melhor do que a sua; e (*mas*) segundo o que

* SERRANO Y SANZ (ed.) 1909, vol. II, p. 423-484.

mais acredito, para fartar seus malditos ventres com carne humana, que todos eles comem e por ela se perdem. Levaram mais de 10 anos para subir ao Peru por esse rio, e dos 12 mil índios somente chegaram cerca de 300, com algumas mulheres, e vieram dar num povoado que se chama Chachapoyas, onde ficaram entre os espanhóis. Morreram (*os demais*) no dito rio em guerras e confrontos que tiveram com os naturais. Diziam tão grandes coisas do rio e das províncias a ele vizinhas, e especialmente da província de Omagua, tanto da grande multidão de naturais como de (*suas*) incontáveis riquezas, (*que*) deixaram em muitas pessoas o desejo de vê-las e descobri-las. Pois dessas províncias e rio, o marquês de Cañete, vice-rei do Peru, fez governador a Pedro de Orsúa em nome de Sua Majestade, com poderes e provisões bastante e definida alçada, e com grande ajuda de custas da caixa de Sua Majestade.

No princípio do ano de mil quinhentos e cinquenta e nove (...) foi (*Ursua*) à província dos Motilones, que é nas montanhas do Peru, num rio grande que passa por lá, do qual haviam saído os índios brasis de que falamos, e buscando o sítio mais cômodo, fundou um estaleiro na barranca desse rio², vinte léguas abaixo, num povoado de espanhóis assentado nessa província e chamado Santa Cruz de Capocovar (*ou "Santa Cruz de la Pocoa", ms 2*).

(...) Tendo embarcado o dito governador no mesmo dia (26 de setembro de mil quinhentos e sessenta) com sua gente³, lançou-se rio abaixo e começou a navegar (...) deixou atrás todas as serras e cordilheiras do Peru e começou a adentrar a terra plana (...) até que chegou aos Caperuzos (...)

Partidos dessa província dos Caperuzos seguimos sem qualquer contratempo desembarcando e dormindo em terra até chegar à barra de um rio que se junta a esse outro dos Motilones (*o Huallaga*), o qual entra pela mão esquerda e que chamamos rio de Bracamoros (*o Marañón*) porque no Peru passa por uma província desse nome. É, ao que parece, mais de duas vezes maior do que o que seguíamos. Junta-se (*a esse*) a 120 léguas do estaleiro (...); e tendo partido das juntas desses rios, sem que tivesse acontecido coisa digna de nota, chegamos às juntas de outro rio, que vem à mão direita (*e*) que se chama Cocama (*o Ucayali*), que é o nome dessa província (...)

Juntos, esses três rios tão poderosos, com muitos outros pequenos, e arroios e esteiros que não conto, fazem daqui para

baixo um (*rio*) tão grande que não posso crer haver outro semelhante no mundo (...)

Desde aqui caminhou a armada (*durante*) cinco ou seis dias pelo rio abaixo, sempre pelos braços da mão direita (...) Ao cabo desse tempo (...) encontramos outro rio grande, do tamanho, ao que parece, do dos Motilones, e não maior; vem da mão esquerda. Acreditou-se que esse rio era o da Canela (*o Napo*), por onde veio o capitão Orellana, e que nasce no Peru, às espaldas de Quito, nos Quijos⁴.

Dois ou três dias depois que partimos da barra desse rio demos numa ilha povoada de índios, a qual foi a primeira povoação que em todo o rio topamos desde os Caperuzos⁵, o que fazia mais de 300 léguas todas despovoadas (...)

A essa ilha chamamos a ilha de García de Arce⁶, porque nela encontramos García de Arce. Estará a mais de 100 léguas da boca do Cocama, perto do rio que pensamos seria o da Canela; havia nela dois povoados, cada um de 30 casas ou mais. Os índios dessa ilha são bem apessoados e dispostos; andam vestidos com camisetas lavradas a pincel; as casas são quadradas e grandes; suas armas são umas espécies de varas com pontas de palmeira, do tamanho de dardos de Biscaia, lançadas por meio de uma espécie de atiradeira (*aviento*) de pau, (*dos*) que há na maior parte das Índias e são chamadas *tiraderas de estólica*. Ao cacique dessa ilha chamam os índios em sua língua o Pappa.⁸ Aqui começamos a encontrar mosquitos *zancudos*, ainda que poucos. A comida desses índios é algum milho e muita mandioca doce (*yuca dulce*) e batatas; têm *macato* (*maçatas ms 2*), que é mandioca ralada a apodrecer em buracos debaixo da terra, e dele fazem pão e uma certa bebida. Todos os seus contactos e caminhos são em canoas pelo rio (...)

Partiu o Governador dessa ilha de García pela mão direita, encostado à terra firme;⁹ encontrou muitas outras ilhas e povoados sem gente a qual, por temor do dito García de Arce e da armada, havia fugido, razão pela qual somente encontramos as sementeiras de mandioca e batata, tudo o mais tendo sido levado. Encontraram-se por aqui algumas galinhas e galos de Castela, brancos ("galos de crista, brancos", *ms 2*) e algumas *guacamayas* e papagaios brancos. Demos num povoado, o primeiro que encontramos em terra firme na mão direita, onde começamos a ver alguns índios em canoas pelo rio, que recatadamente e de longe nos vinham a olhar. Nesse povoado veio a nós um *cacique* com alguns índios, em paz; trouxe alguns peixes

e tartarugas; o Governador deu-lhe em recompensa algumas miçangas e facas para contentá-lo e manter em paz. (...) Chama-se esse povoado Carari, e dele pusemos (*esse*) nome a toda a Província; desse povoado para baixo começaram a sair a nós muitas canoas com comida, peixe, tartarugas e outras coisas e andavam entre nós (...) Todos os povoados que encontrávamos estavam sem gente, e os índios estavam em fuga por temor da armada e do dano que García de Arce havia feito em sua ilha (...)

Nessa província de Carari determinou o Governador descobrir se pela terra adentro haveria algum caminho ou povoação; e fazendo alto num povoado enviou a um tal Pedro Alfonso Galeas com alguns homens a descobrir; o qual (*Galeas*) foi por um riacho, de onde tomou um caminho por um bosque e seguindo adiante por ele topou com alguns índios carregados de beiju ("caçabi") e outras coisas, os quais, assim que viram os espanhóis, fugiram todos; não puderam (*os espanhóis*) tomar mais que uma índia que lhes disse por sinais que seu povoado estaria dali a cinco dias de caminho; e como eles não tivessem vontade, voltaram sem descobrir mais nada (*e*) trazendo consigo a índia que era, no traje e na língua, diferente dos dessa província (...) Passamos também por outra província que chamamos Maricuri, do nome de outro povoado. (*Em Carari e Maricuri*). É toda uma (*só*) gente e um traje e roupa e língua, e umas mesmas armas e casas e roupas que vestem. São todos esses índios amigos e confederados, de modo que parece ser toda uma (*só*) província e não duas, porque a povoação é toda unida ("toda la poblazón va trabada") sem que haja divisão e (*parece*) que Carari e Manicuri (*sic*; "Manicari" *ms 2*) são nomes de povoados e não de províncias. Tem essa povoação, desde a ilha de García até o término do que chamamos Manicuri, mais de 150 léguas. Todos os povoados (*ficam*) na barranca do rio sem que haja muito (*espaço*) de um a outro ("sem que se vissem outras povoações para dentro, e na maior parte pequenos e afastados um do outro de 10 a 15 léguas, pouco mais ou menos" *ms 2*). Os índios dessa província levam algumas jóias de ouro fino, ainda que pequenas, como orelheiras, *caricuries* nas orelhas e narizes. Não é muita a gente dessas províncias, segundo boa avaliação, porque nas povoações que vimos deve haver sete ou oito mil índios habitantes, ou quando muito 10 mil, porque é isso que parece pela visão que se tem da barranca, posto que mal podíamos ver já que não fazíamos mais que chegar à noite e logo sair pela manhã, sem ver nem entender o que havia pela terra adentro. Há nessa província muitos frutos da terra e mui saborosos e muitos mos-

quitos de uns e outros (*tipos*). Aqui se nos afundou o bergantim que nos havia restado e ficamos com somente duas chatas.

Passada essa província de que falamos demos, sem sabê-lo, num despovoado que durou nove dias, onde passamos grande necessidade por não termos providos de comida (...) Nesse despovoado encontramos as bocas de mais dois rios grandes e não muito afastados um do outro. Viu-se claramente que vinham turvos e em enchente; parecia portanto que suas nascentes não estavam longe. Vinham esses dois rios pela mão direita; tinham as barrancas altas e vermelhas, e o Governador, pela necessidade que tínhamos de comida, não (*quis que*) se explorassem nem se deteve nelas.¹⁰

Passados esses nove dias de despovoado foi Deus servido que déssemos num povoado de índios tal qual convinha para remédio das necessidades que tínhamos. A esse povoado chamavam os índios Machifaro. É um povoado grande, o maior que até então tínhamos visto (*e*) está assentado sobre uma barranca do rio.¹¹ Os índios desse povoado são de mediana estatura (*disposición*); andam completamente desnudos; suas armas são atiradeiras de estólida; com os de cima são inimigos e com eles têm guerra. As casas são redondas e grandes e de varas em terra, cobertas de folhas de palmeira até o solo, cada uma com duas portas. Chegamos a esse povoado de repente e sem que os índios soubessem de nós; mas quando nos viram, puseram-se em armas e despacharam suas mulheres e filhos e os índios que não iam pelejar em canoas pelo rio para deixá-los mais seguros, e no povoado nos esperaram, prontos para a guerra, cerca de 300 ou 400 índios. Chegou o Governador na dianteira (...) com um pano branco fazendo sinais para que o tomassem; o cacique desse povoado aproximou-se e tomou o pano e amigavelmente meteu-se entre os espanhóis (...) Havia nesse povoado, segundo pareceu a todos, mais de seis mil tartarugas grandes, que os índios mantêm para comer encerradas numas lagunetas feitas artificialmente (*unas lagunetas que tenían hechas de mano*) e fechadas ao redor por uma cerca de varas grossas para que não pudessem sair, e na porta de cada cabana havia uma, duas ou três lagunetas dessas, cheias das ditas tartarugas. Encontrou-se grande quantidade de milho guardado nas cabanas, e no campo havia infinitas sementeiras de mandioca brava e outras comidas (...)

Nesse povoado nos detivemos 33 dias ("vinte e tantos dias" *ms 2*) e nele passamos o Natal. Daqui enviou o Governador

a Pedro Alonso para descobrir, o qual foi com alguns homens em canoas por um rio (*estero*) de água negra, de boca não muito grande, que entra no rio pela mão direita junto a esse povoado, e encontrou no interior uma lagoa tão grande e preocupante que lhe causou espanto; meteram-se tanto por ela adentro que por pouco se perderam, pois que não conseguiam sair. Não viram o seu fim nem encontraram nada.¹² Aconteceu (*enquanto isso*) nesse povoado, que os índios da província de cima, que são inimigos e têm guerra uns com outros, vieram cerca de 200 deles bem preparados para a guerra em 17 canoas a tomá-los de assalto e a roubá-los e cativá-los como é costume entre eles; e uma noite, sem serem ouvidos, atacaram esse povoado em que estávamos, que é o primeiro dessa província de Machifaro, e como nos reconheceram não se atreveram a saltar à terra por temor de nós; e desde o rio, já quase amanhecendo, nos despertaram com suas buzinas e flautas e outros instrumentos de guerra, e em ordem de batalha começaram a retirar-se rio acima em direção à sua terra (...)

Aqui pareceu à maior parte dos homens do acampamento que os guias que trazíamos, que eram alguns índios brasis dos que subiram ao Peru por esse rio, conforme se disse, haviam dado falsa relação e mentiam em toda a notícia que nos haviam dado. Tínhamos ido pelo rio quase 700 léguas sem que vissemos coisa alguma das que nos tinham dito; e ia também conosco um espanhol dos que tinham descido pelo rio com o capitão Orellana, o qual não (*re*)conhecia a terra e desatinava; e assim os homens começaram a desconfiar da notícia tendo-a por burla e queriam voltar ao Peru (...)

Partiu o Governador desse povoado de Machifaro (...) e foi no mesmo dia a outro povoado dessa província, onde decidiu enviar um tal Sancho Pizarro com alguns homens para descobrirem um caminho que lá encontramos, que parecia ir pela terra adentro, e lá esperou o dito Sancho Pizarro. (*Aqui Pedro de Ursua foi assassinado a mando de Aguirre em 1º de janeiro de 1561. Esse povoado foi chamado "das tartarugas"*)...¹³

Cinco ou seis dias depois que o governador foi morto, partiram os tiranos do povoado onde o mataram e lá ficou a outra chata, restando-nos somente aquela em que trazíamos os cavalos, e naquele dia chegamos a outro povoado abandonado,¹⁴ onde somente havia as cabanas, sem mais nada (... *Aqui ficaram três meses fazendo novos bergantins*).

Tendo partido desse povoado dos Bergantins, foram naquele dia para outro povoado dessa mesma província e a partir dali a armada seguiu por um braço do rio que vai pela mão esquerda, afastando-se da terra firme da mão direita que sempre havíamos costeado (...) E ao cabo de três dias e uma noite que caminhávamos pelos braços da mão esquerda, todos despovoados, demos num povoado de poucas casas e muitos mosquitos. O povoado é pequeno e de terra alagadiça¹⁵ e as casas são quadradas e, na maior parte, grandes e cobertas com palha de savanas: até aqui não as vimos ("embora não tenhamos visto as savanas" *ms 2*). A gente desse povoado nos ouviu e fugiu. Encontramos nesse povoado algum milho, beiju e peixe assado em jiraus, e pegava-se muito (*dele*) com anzóis. Os índios vieram resgatar conosco. São desnudos e têm as mesmas armas que os de cima (...)

Passada a Páscoa de Ressurreição, partimos desse povoado e caminhamos mais um dia, e à tarde demos em outro povoado de índios, maior do que todos os que até aqui havíamos topado, porque tinha mais de duas léguas de comprimento, as casas sucedendo-se uma após outra ("en renglera una a una") ao longo da barranca do rio, e os índios haviam fugido do povoado deixando-nos as casas com infinito suprimento de milho. Esses índios andam completamente nus; têm as mesmas armas dos de cima; suas casas são quadradas e pequenas, cobertas de cana ("de palmeira" *ms 2*). Atrás desse povoado, a um tiro de besta da barranca do rio, há uma lagoa ou esteiro grande junto ao qual o povoado vai também se prolongando de maneira a ficar como numa longa e estreita ilha. A terra é quase toda alagadiça, a não ser somente as casas e algumas sementeiras pequenas junto delas. Aqui há muitos mosquitos *zancudos* e muita comida, e há um tipo de vinho que os índios bebem, preparado com muitas coisas. Põem os índios a curtir ("madurar") em tinhas grandes, algumas de 20 arrobas ou mais, uma espécie de papa espessa que ferve nessas tinhas à maneira de vinho da Espanha até que está feito; então o tiram e coam acrescentando-lhe um pouco de água e o bebem. É tão forte que embriaga se não o temperam com bastante água. Tinham os índios nesse povoado grandes adegas ("bodegas" *dele*, e os espanhóis, negros e índios do acampamento o tomaram em poucos dias. É todo saboroso e da cor do vinho tinto claro ("vino a loque"). Havia nesse povoado muita madeira em grandes vigas (*toras*) que os índios haviam recolhido ("das que o rio traz de

cima nas enchentes" ms 2); era tudo cedros para fazer suas canoas (...)

Armou-se aqui o acampamento muito espalhado, principalmente devido a estarem as casas do povoado, como dissemos, dispostas uma após outra ao longo da barranca do rio. Havia de um extremo a outro do (*espaço*) que o acampamento ocupava, mais de um quarto de légua rio abaixo (... *Aqui foi completada a construção dos bergantins e foi morto Fernando de Guzmán*).¹⁶

Dois dias depois que os tiranos mataram seu Príncipe, saíram daquele povoado ou sítio e caminhamos pelo rio abaixo oito dias e sete noites sem parar. Aqui apareceu, à mão direita, uma cordilheira não muito alta de savanas e serras peladas. Havia nessa cordilheira grandes fumaças e divisavam-se algumas povoações à beira do rio. Ali diziam os guias que ficava Omagua e a boa terra de que eles sempre nos haviam falado. Mandou (*Aguirre*) que ninguém falasse com os guias (*porque não queria interromper a viagem*). Passamos algo afastados pelo outro braço do rio (por)que o tirano ia-se desviando. Aqui vimos grandes povoações e logo topamos com ilhas de índios flecheiros ("de índios nus e flecheiros" ms 2) e as primeiras pirogas saltaram num povoado onde achamos muitas iguanas amarradas nas casas dos índios; e mais abaixo se nos juntou o barco ("o braço" ms 2) que vinha pela mão direita e que havíamos deixado acima. Por aqui também vimos, à mão esquerda, outra cordilheira de savanas e terras ("serras" ms 2) peladas, embora não nos tivesse parecido, que por ali havia povoações como à mão direita. Essas duas cordilheiras, uma numa banda e outra noutra, fazem por aqui estreitar-se um pouco o rio, embora não tanto que sua largura e grandeza não seja incomparável.¹⁷ Ao cabo desse tempo demos num povoado grande de índios que está à mão direita numa barranca mui alta do rio. São esses índios nus e flecheiros; são canibais ("caribes"); chamam-se os Aruaquina; são de boa aparência ("bien dispuestos"); têm erva mui má e casas de adoratório para seus ritos e sacrifícios ("de adoração para seus ritos e idolatrias" ms 2) e na porta de cada casa dessas há dois lugares de sacrifício ("dos sacrificaderos"), onde nos pareceu que devem degolar os índios que sacrificam. Num deles está pintado, numa tábuca, um sol e (*uma*) figura de homem que representa os homens, e no outro, que tem pintada a lua e uma figura de mulher, (*estão representadas*) as mulheres. Estão todos cheios de sangue, em nosso parecer humano, e isso o temos por

conjetura, porque não tivemos a quem perguntar por falta de língua.¹⁸ Encontramos nesse povoado pedaços de uma guarnição de espada, pregos e outras coisinhas de ferro. Ao chegar a esse povoado, enviou o tirano mais de 30 homens na frente, em canoas e pirogas e os índios esperaram à beira do rio com suas armas. Disseram (*os espanhóis que ficaram*) que (*os índios*) esperavam em paz porque não deram mostras de pelejar; mas os das canoas ("os cristãos que iam nas canoas" ms 2) lhes deram muitos tiros de arcabuz, feriram e mataram alguns e eles fugiram sem combater nem atirar flecha, e deixaram o povoado com tudo que nele tinham, não tendo levado coisa alguma de suas casas. Não se pôde apanhar mais que um índio e uma índia, e ao índio feriram com uma de suas próprias flechas para saber se a erva era venenosa, e no dia seguinte, àquela hora, morreu sem ter-se-lhe dado mais feridas daquela que tirou o sangue. Depois que os índios tiveram posto a salvo suas mulheres e filhos, vinham cada dia em volta do povoado mas não ousaram nos atacar; depois apanhou-se outro índio e o tirano deu-lhe um ou dois machados ou *machetes* e outras coisinhas e por sinais o enviou para que dissesse aos seus companheiros que viessem em paz e que não se lhes faria mal. Os índios nos enviaram dois mensageiros, um deles coxo de um pé e o outro disforme num lado, e traziam cada um um papagaio e um pouco de peixe e por sinais nos disseram que os índios viriam em breve, todos em paz; mas nos fomos logo sem esperar. Têm esses índios terra alta e chã, não alagadiça, e savanas no meio de um bosque mui ralo de sobreiros. Este povoado está em terra firme à mão direita.

Encontrou-se nesse povoado grande quantidade de milho pendurado em feixes ("nas casas" ms 2) e muita mandioca brava nas sementeiras ("e inhame" ms 2) e, nas casas, grande quantidade de redes ("hamacas de red") e muitas redes de caça e muitos outros cordeis e cordas grossas, de que fizemos a enxárcia. Encontramos muitos paus cortados (*que serviram*) para mastros e antenas e muitos cântaros e tinas para a água (*para*) quando saíssemos ao mar, e tudo em grande abundância; e fizeram-se nesse povoado as velas dos navios com mantas ("de algodão" ms 2) e lenços de Ruan e outras coisas de lenço que se recolheram entre os espanhóis e índios do acampamento. Nesse povoado reconhecemos a maré que sobe até ele, e ainda acreditou-se que (*sobe*) muito mais acima, antes desse povoado, que serão mais de 200 léguas antes de chegar ao mar. Quando chegamos a esse povoado fugiram-nos os guias que trazíamos desde o Peru, que eram alguns índios brasis dos que se disse que subiram por esse

rio; do que nos pareceu que os índios desse povoado sejam dos ditos brasis, que devem estar perto deles, porque de outra maneira não ousariam os ditos guias fugir entre índios que comem carne humana.¹⁹ Detivemo-nos nesse povoado 15 ("12" ms 2) dias fazendo a enxárcia e os mastros dos navios (...)

Tendo partido desse povoado que chamamos da Enxárcia fomos pelo rio abaixo cinco ou seis dias (...) Chegamos a umas casas fortes que os índios têm por ali,²⁰ feitas em jiraus ("hechas de barbacoa"), altas e cercadas de tábuas (*troncos?*) de palmeira e (*que*) têm no alto troneiras para flechar, e de lá nos feriram os índios quatro ou cinco espanhóis, de vinte que se haviam adiantado com um chefe, e os fizeram recuar; quando chegou a armada a essa casa os índios já haviam fugido. Não encontramos comida alguma, nem nas casas, nem (*nas*) sementeiras; ao que parecia, esses índios sustentam-se só de peixe, ou com ele resgatam a demais comida. Entre outro, encontramos aqui sal cozido, que foi o primeiro que vimos em todo o reino ("o rio" ms 2) desde os Caperuzos até aqui, que serão mil e trezentas léguas (*em*) que os índios não o conhecem nem comem.²¹ Nessa casa nos detivemos três dias arrumando algumas coisas que faltavam aos bergantins. Essa casa está situada num esteiro pequeno, terra adentro, afastado do curso principal do rio algo como uns três tiros de arcabuz, e é (*numa*) ilha. Quando queríamos sair daqui apareceram no rio muitas pirogas e índios, as quais, segundo alguns, seriam mais de 100, com muitos índios de guerra. Pensávamos que nos vinham atacar e nos preparamos para a batalha, mas eles se desviaram de nós e nós saímos contra eles; mas como estávamos naquele esteiro tão acima (*terra adentro*), quando chegamos ao curso maior do rio haviam desaparecido e nunca mais os vimos nem soubemos onde tinham suas povoações.

Partidos daqui andamos perdidos entre muitas ilhas e braços do rio, que não sabíamos para que lado corria,²² porque as correntes, com as marés, eram tão grandes e contínuas acima como abaixo, e os pilotos e homens do mar que lá havia estavam desnorteados e não entendiam o rio nem conheciam as marés (...) Demos num povoado pequeno de índios que ficava numa ilha de savana na barranca do rio. Os índios desse povoado saíram em paz a resgatar conosco. São esses índios nus e levam nos pés umas solas de couro de veado atadas com cordas à maneira das *ojotas* (*sandálias*) do Peru. Levam esses índios os cabelos cortados em linhas redondas à maneira de coroa de

frades, salvo que esse espaço de coroa está cheio de cabelos ("... os cabelos cortados em linhas redondas e a primeira linha forma um espaço redondo no alto da coroa, da forma de uma coroa de frade, salvo que esse espaço é cheio e a linha cortada, e mais embaixo outra e outra, tantas quantas cabem na cabeça" ms 2). Nesse povoado deixou o cruel tirano quase 100 peças ladinas e cristãs, das de serviço que se trouxeram do Peru e que haviam sobrado, dizendo que não cabiam nos bergantins e que era perigoso ir pelo mar tanta gente e que para tantos faltaria água e comida (...) Partidos desse povoado, às vezes nos perdendo e às vezes acertando, chegamos ao mar sem encontrar outros povoados nem índios, embora desde esse lugar vimos, na cordilheira que disse (*estar*) à mão esquerda, grandes fumaças e savanas; e antes de chegar ao mar passamos por grandes trabalhos com perigos; tormentas e macaréus (*pororoca*); e passamos por muitos baixios e bancos (*de areia*) que o rio faz à entrada no mar (...) Desde a boca desse rio até a ilha Margarita estivemos (*no mar*) 17 dias, de maneira que desde que nos metemos ao rio no estaleiro com nosso governador Pedro de Orsúa, até chegarmos à Margarita, demoramos desde vinte e seis de setembro de mil quinhentos e sessenta e um ("sessenta, até vinte de julho de mil quinhentos e sessenta e um, que são 10 meses menos cinco ou seis dias" ms 2); dos quais caminhamos pelo rio e mar (*durante*) três meses e 20 dias, que são 110 jornadas, pouco mais ou menos; 93 ou 94 pelo rio e 17 pelo mar. Todo o tempo restante, que são seis meses, nos detivemos fazendo os bergantins e buscando comida e descansando (...)

Tem esse rio, segundo opinião comum dos que se prezam conhecê-lo, mais de 1.600 léguas desde suas nascentes até o mar, digo, desde onde nos embarcamos (...) e por ser o rio mui cáldo em excesso, seu clima é doentio. Há na maior parte do rio mui lindas vasilhas trabalhadas com grande civilidade (*pulicia*) e pintadas e lavradas de mil maneiras e (*de barro*) vidrado como o da Espanha ("seu clima é doentio e mal povoado, porque em tanta extensão de terra, nas povoações que vimos, não pode haver mais de 15.000 índios. Há em todos os índios desse rio muitas e mui boas tinas de barro e toda (*espécie*) de louça feita com grande civilidade ("pulicia")" ms 2.²³ Não vimos em todo o rio ouro nem prata, a não ser no que chamamos Carari e Macari, onde alguns índios traziam orelheiras e *caricuris* de ouro; conhecem enfim os índios o ouro e a prata e o(s) têm em muito maior conta que os outros metais, do que nos pareceu que os índios devem ter notícia dele(s). Têm, digo esses índios dessa província

de Carari, boa roupa de camisetas mui lavradas. Em todo esse rio, desde os Caperuzos até perto da boca do mar, não encontramos sal, nem os índios o têm, nem o comem, nem conhecem, nem dão nada por ele (...)

Nota no fim do ms 2: Fez essa relação um soldado chamado o bachiller Francisco Vásquez, soldado do dito tirano; um dos que não quiseram jurar a dom Fernando de Guzmán por Príncipe, nem desnaturalizar-se dos reinos de Castela, nem negar a seu Rei e senhor. Pode-se dar crédito a tudo que escreve porque foi homem honrado (...)

A EXPEDIÇÃO DE URSUA E AGUIRRE AO RIO AMAZONAS NARRADA PELO CAPITÃO ALTAMIRANO*

Capítulo 9: Da entrada que o governador Pedro de Ursua fez pelo Rio dos Motilones por ordem do Vice-Rei Marquês de Cañete

1199. No ano de 1559 saiu pelo mês de maio da cidade de Lima o General Pedro de Ursua com 370 soldados e mais de 500 peças de índios de serviço e negros, carpinteiros e ferreiros para ir fazer a armada nas províncias dos Tabalosos e Motilones, a mais de 300 léguas da Cidade dos Reis e 100 dos Chachapoya, que está a nove graus austrais, onde estão as nascentes do rio, por onde nos metemos para sair ao rio Marañón. Demorou-se em fazer a armada, que eram dois bergantins, sete chatas, 20 balsas e algumas canoas, até 14 de setembro do mesmo ano de 559,²⁴ quando o general Pedro de Ursua e todos em seu séquito nos metemos pelo rio a buscar comida para os soldados e demais tripulação e para os cavalos que levávamos.

1200. E aos sete dias que nos havíamos metido pelo rio abaixo, (*estando*) a 200 léguas porque era grande a correnteza, havíamos navegado tanto com nossa armada que demos no rio de Cocami (*o Ucayali*) e pela água (*desde*) acima subiu Don Joan de Vargas, tenente-general do dito Governador, com 70 soldados, a buscar comida para a armada e sua gente; levou para subir 25 dias e desceu em oito até esse povoado,²⁵ que é o último até onde chegou o Governador Joan de Salinas, porque 40 soldados que haviam entrado com ele e que vinham em nossa Companhia no-lo disseram. A gente dessa província anda curiosamente vestida de algodão; tem muito milho e peixe e caça, tanto de

* ALTAMIRANO (s.d.) 1948.

veados como de antas e outros animais e muita caça de voláteis. A terra é inabitável por ser muito quente e alagadiça, com inúmeros mosquitos, e assim todos os índios levam uns mosquiteiros ou abanos para os mosquitos, feitos mui curiosamente de plumas de muitas cores; desse povoado tomamos dois índios que levamos para línguas, porque se entendiam com os línguas que levávamos²⁶ e por conhecer melhor a terra.

1201. Saímos desse povoado e navegamos pelo rio abaixo por sete dias sem dar em qualquer outro de importância; pegava-se muito peixe por esse tempo, por ir o rio sereno e mui largo; levávamos grande quantidade de milho que havíamos descido do povoado de Cocami; encontrávamos nas praias desse grande rio imensa quantidade de ovos de tartaruga e de *icoteas* que levamos para comer, e não havia mister de manteiga nem de azeite porque eles as tinham. Chegamos a um povoado de mais de 2.000 índios despidos que se dizia dos Palta, que estará 100 léguas abaixo do Marañón saídos da província dos Motilones e de Cocami.²⁷ O sustento que eles tinham era milho, mandioca, frutas e peixe; não nos detivemos nesse povoado mas passamos adiante.

Capítulo 10: Em que prossegue a descrição e descobrimento do rio Marañón

1202. Saídos desse povoado passamos por um (*trecho*) despovoado de dois dias, onde por ser a gente muita, indo cerca de 900 pessoas, passou-se muita necessidade por não poder-se pescar no rio, que na menor largura que tinha eram quatro ou cinco léguas e correnteza tão forte que passaríamos maiores necessidades se não viéssemos tão providos de mantimentos; ao fim desses dois dias, demos na província de Cararo, que como no-lo haviam dito os línguas que levávamos, havíamos de alcançar dentro do dito tempo. E foi assim que nos saíram a receber no meio do rio mais de 300 canoas, e a que menos gente trazia eram 10 e outras 12 índios dizendo em alta voz - *Capito, Capito*, que quer dizer Capitão, e assim fizeram ao Governador Pedro de Ursua um grande presente de mais de 50 canoas de peixe, milho, inhames e *mani*, e o mesmo faziam a todos os demais soldados porque eram muito ávidos do resgate que o governador e os soldados lhes davam. Ali diante dos índios, os soldados fizeram ao Governador Pedro de Ursua uma salva com toda a arcabuzaria e muitas trombetas e tambores pelo rio. E ali voltou Lope de Aguirre a dizer a Joan Alonso de la Vandera e a Cristó-

val de Chaves que certamente estariam melhor na praça de Lima do que ali. Levaram (os índios?) o governador a pousar numa cabana ("bujio") muito boa de um cacique e a tropa pousou nas demais cabanas que eram muito boas, e o povoado mui grande, de mais de 8.000 índios.²⁸ Todo dia vieram os caciques visitar o governador; de certo (*era*) gente muito boa, de boa disposição e muito boa aparência; toda gente vestida de camisetas muito boas e elegantes de algodão, pintadas com lavores e cores ao modo do Peru, e todos traziam *caracurias* de ouro mui fino presas nos narizes e discos nos peitos e agulhinhas de ouro e outras lâminas de muito valor. Os soldados rogaram ao governador que descobrissem e conquistassem aquela terra, porque com gente tão boa e de tanta razão e civilidade e terra tão rica e próspera era forçoso que toda a comarca circunvizinha fosse terra muito rica e de muito sustento, porque aquele ouro fino não podia vir dos reinos do Peru, porque estávamos mais de 300 léguas pelo rio Marañón abaixo e 500 do rio dos Motilones (*o Huallaga*), de cuja província havíamos saído e onde havíamos feito os bergantins e nos embarcado; e (*diziam*) que (*isso*) não era possível, e sim que a terra adentro era muito rica e próspera e de muita gente, porque os índios desse povoado de Cararo davam a entender aos línguas ser assim, e que aquele ouro era da terra adentro, onde havia grandes povoados de gente vestida, de muita razão e muito rica.

1203. Ao cabo de 4 dias o governador Pedro de Ursua levantou campo e não quis consentir que se descobrisse (*a terra*) porque dizia que até ali os línguas e os relatos não haviam mentido, que não seria de razão deixar o certo pelo duvidoso e nos determos no (*lugar*) que não conhecíamos; os soldados voltaram a dizer ao governador que mais incerto era o outro e não aquilo, porque o haviam visto com os próprios olhos e sabiam onde era, que bem se via, e mostrava ser terra mui fértil e rica, pois o deixavam ver os sinais. Com todas as objeções, não quis o Governador descobrir aquela terra (*ainda*) que fora muito importante; havia nela comida para a tropa para mais de seis meses, porque pela margem do rio, por mais de quatro léguas acima e abaixo (*do povoado, havia*) roças de milho e mandioca doce ("yuca dulce", *aipim*) e a terra (*era*) de muito boa tẽmpera e o rio nunca a inundava; havia nessa terra muitas frutas deliciosas em grande abundância, como os figos de Zamora, abacates, sapotis, jobos ou ameixas, *lugmas*, *mameyes*,²⁹ batatas ("patatas") em abundância e amendoim, que é uma semente que dá no Peru numa moita como de grão-de-bico, e é como pinhões, de muito sustento e muito bom sabor.

Capítulo 11: Em que prossegue o descobrimento do Rio Marañón

1204. Depois de quatro dias em que estivemos regalados e servidos nesse povoado, onde com grande prazer e atenção nos serviam os índios, o Governador Pedro de Ursua levantou campo com grande descontentamento dos soldados, e navegamos pelo rio abaixo oito dias sem topar em província nem povoação de importância, e por dois (*desses*) dias com suas noites nos fizeram companhia e nos seguiram esses bons índios de Cararo provendo-nos de comida e servindo-nos do necessário, e ao terceiro dia nos deixaram e voltaram à sua província; e ao cabo dos oito dias que saímos da província e povoação de Cararo demos em outra povoação mui grande e boa de mais de 6.000 índios, que saíram a nos receber no rio com 200 canoas de guerra e mais de 2.000 índios que guardavam sua povoação em boa ordem de guerra e começaram a defender muito bem o seu povoado, no que saíram feridos quatro soldados dos nossos, e começando-se a lhes disparar a arcabuzaria, como nunca haviam visto coisa semelhante, pensando que eram raios e relâmpagos do céu, desampararam o povoado, e os das canoas o rio; e assim tomou-se o povoado, que estava assentado numas barrancas mui altas, que para chegar a ele desde o rio subia-se por mais de 100 degraus que tinha cada escadaria feita na barranca; encontramos uma povoação muito grande e nos seus lados havia muitos currais em que havia mais de 4.000 tartarugas que durante o verão pegavam no rio e as colocavam naqueles currais para comer no inverno, e grande quantidade de milho que tinham em suas casas, a qual foi por nós muito bem recebida. Estivemos 15 dias nessa povoação porque tínhamos muito bem do que comer; essa gente era despida, embora de muito asseio; suas armas eram varas com *estólicas*, que são como pontas de lanças, e *macanas*; entendemos, pelos línguas que levávamos, que dentro de 12 dias daríamos em Omágua, e nos davam a entender que (*lá*) nos matariam por ser muita a gente que havia nela, de muita razão e mui valente; terra mui rica de ouro e prata, ainda que o comum (*da gente*) não usava dela nem a trazia, mas era o seu principal ou rei que trazia por insígnia uma patena de ouro mui fino pendurada ao pescoço, e os companheiros nos alegrávamos muito de ouvir isso dos línguas; e ao mesmo tempo nos disseram que antes haveríamos de dar na província de Machifaro do que na de Omagua; chamava-se essa povoação Arimocoa; havia nela muitas savanas ou pradarias, que são veigas, e nelas (*havia*) grande quantidade de veados.

1205. Ao cabo disso saímos dessa povoação; andamos dois dias pelo rio, no que demos em outra povoação muito grande da mesma língua, na qual tinham escondido as provisões e estavam fugidos; passamos adiante sem nos determos, por virmos bem providos de Arimocoa, e embora déssemos em outras povoações de pouca monta, não paramos nelas, e aos 10 dias que havíamos saído da povoação de Arimocoa³⁰ demos na província de Machifaro, que seria de mais de 10.000 índios, onde saltamos a terra e o General Pedro de Ursua fez assentar seu campo.³¹ E no dia seguinte, depois de assentado o arraial, aos 84 (?) dias que havíamos saído da província e rio dos Motilones, onde nos havíamos embarcado, chamou o Capitão Sancho Pizarro e o nomeou cabo para que, com 30 soldados, fosse descobrir a terra adentro; e assim dentro de uma hora fomos preparados e saímos com Sancho Pizarro; digo a verdade, como em todo o mais, por ser um dos 30 soldados que fomos escolhidos para ir com o Capitão Sancho Pizarro por mandado do Governador; e assim é que tendo saído do rio e do lugar onde o Governador assentou seu campo,³² demos nuns caminhos mui largos e bons que eram ao modo daqueles dos Incas do Peru, exceto pelas paredes (*que não tinham?*), e tomamos o caminho mais seguido e a quatro léguas que havíamos andado por ele demos num *tambo* ou pousada à maneira dos do Inca, e encontramos nele duas índias que estavam fazendo pão de beiju e outras comidas, e índios de serviço para os viajantes que iam das províncias de Machifaro e de outras vizinhas para a terra adentro a comerciar (*resgatar*) com os de outras nações; o caminho ia reto, entrando por uma porta do *tambo* e saindo pela outra, e toda a comarca era mui povoada de índios; pegamos as índias e passamos adiante seguindo o caminho por mais de 30 léguas, e a cada três léguas encontrávamos *tambos* que havia à mesma maneira do primeiro, e ao redor de cada *tambo* desses havia mandioca e milho plantados e outras raízes e frutas para o sustento e aviamento dos mercadores e viajantes que iam e vinham das províncias de terra adentro a resgatar com os das províncias de Machifaro e outras suas vizinhas, e o resgate era de louça e peixe, que o havia muito bom na província de Machifaro, por lâminas e *caracurias* de ouro e outras coisas de estimação da terra, que assim no-lo deram a entender as índias; e quanto mais caminhávamos pela terra adentro, encontrávamos rios e arroios de água mui fria e boa, e muitas pedras neles; e pelos sinais que vimos e pelos acenos que as índias fizeram deram-nos a entender que íamos dar nas maiores povoações

que, creio, cristãos hajam descoberto; e tomando uma das índias, que parecia de mais razão, um punhado de areia, deu a entender que assim como era impossível contar os grãos e pó que tinha, assim eram as grandes povoações que havia pela terra adentro, e que se fôssemos para lá não escaparíamos de suas mãos por serem muitos, e que a terra era muito próspera e rica, com muito daquele metal que ela tinha, que era uma pequena jóia de ouro.

1206. O Capitão Sancho Pizarro e todos nós, muito contentes com o que havíamos descoberto e com tão boas premissas de encontrar a terra mais rica e povoada do mundo, não se atreveu (*o capitão*) a seguir mais adiante pela terra adentro porque não éramos mais que 30 soldados e poderíamos dar em tais povoações sem que pudesse um sequer escapar para dar a notícia e por não levar comissão para tanto tempo e não irmos suficientemente providos de alpargatas. E assim regressamos com nosso Capitão ao cabo de 30 dias que havíamos saído da província de Machifaro, que é onde tínhamos deixado o nosso Governador, e levamos conosco quatro índias das que havíamos encontrado nos *tambos* para examiná-las com os línguas que haviam ficado no campo, e para dar notícia ao nosso governador do que havíamos visto e descoberto, com vontade e desejo de voltar à busca com maior número de gente.³³ Dois dias depois da festa dos Reis do ano de 1560, quando chegamos ao arraial, que era na província de Machifaro, fomos à cabana onde havíamos deixado nosso governador Pedro de Ursua para dar-lhe conta do que havíamos descoberto, encontramos-lo morto, assim como a Dom Joan de Vargas, seu tenente-general, e a outros dois soldados. (*Encontramos*) alçado a General Dom Fernando de Guzmán, que era alferes real do dito Governador Pedro de Ursua, e por Mestre de Campo a Lope de Aguirre, que foi o que tudo tiranizou com suas traições e ardis, porque vendo o demônio que estava a ponto de perder a posse de tantas e tão cegas nações que tinha e tem naquelas dilatadas regiões, entrou como outro Judas no coração desse traidor fazendo-o instrumento para que matasse o General, que, morto esse, tudo se revoltaria como (*de fato*) se revoltou e ficaria (*o demônio*) em sua injusta posse como o havia intentado. Por tenente-general (*encontramos*) Joan Alonso de la Vandra e por capitão da Guarda do dito Dom Fernando de Guzmán, Lorenzo de Salduendo, e os demais ofícios proeminentes do campo repartiu o traidor Lope de Aguirre entre os conjurados; soltaram as índias que trazíamos, dizendo que já não havia que tratar de buscar *el dorado* e Omágua.

Nessa povoação muito, esse deusano camicezo, Joan Lopez

Capítulo 12: *Em que prossegue a descrição do Marañón e tiranias de Lope de Aguirre*

1207. E assim no outro dia ordenou o tirano que saíssemos da província de Machifaro, e fomos buscar outra onde houvesse comida e madeira para fazer bergantins; até ali levaram-se os cavalos, porque a maioria das chatas haviam ido ao fundo; e assim, dentro de cinco dias que havíamos saído da província de Machifaro, onde o tirano deixava morto o nosso Governador, demos em outra povoação muito boa de gente política, vestida e de muita razão,³⁴ e ali nos disseram os línguas que dentro de 10 jornadas daríamos no *el dorado* ou província de Omágua, onde havia mais ouro e prata que no Peru, e que se não fosse verdade que os matassem; e assim os meteu Joan Alonso de la Vandra numa cabana ("bujío"), que é o mesmo que casa, e lhes disse que olhassem se o que diziam era verdade; (e) porque sempre a haviam dito até chegar ali, e os línguas disseram que quando não fosse assim que os matassem, logo que Lope de Aguirre soube que tratavam do descobrimento matou os línguas e fez com que deixássemos a jornada que levávamos com o General Pedro de Ursua; porque quem tratava de descobrir o matava o tirano sem mais discussão.

1208. E assim descobriu-se outra rota que saísse mais breve ao mar,³⁵ e logo aos 4 dias de navegação demos numa povoação que tinha mais de 3 léguas,³⁶ em que não havia distância de casa em casa ("no discrepaba casa de casa"), a qual (povoação) de tempos em tempos se inundava quando vinha a enchente do rio, que inundava a terra por 200 léguas e mais, e para esse tempo tinham outras casas feitas como *picasas* (*palafitas*?) sobre as árvores, com todo o necessário para poder viver durante o tempo em que há a enchente do rio, quando chove no Peru, por inundar-se a terra em mais de 200 léguas por ser chã. A gente era despida e tinha nessa povoação muita comida, com abundância de mandioca, milho, camotes ("guamotes") ou batatas (*doces*), inhames e outras raízes em abundância e muitas frutas; nessa povoação, pela muita gente que havia e *trosas* (?), aprontaram-se os bergantins para sair ao mar, e 15 dias antes que acabassem Lope de Aguirre com oito companheiros seus vascongados (*bascos*) trataram entre si de matar Lorenzo de Salduendo, capitão da guarda de Dom Fernando de Guzmán (... *Segue-se, até o § 1210, relato dos crimes de Aguirre.*)

Capítulo 13: *Em que prossegue a matéria precedente e morte de Dom Fernando de Guzmán*

1210. (...) e assim embarcou-se, e estanto todos nos bergantins começou a navegar por sua rota rio abaixo e nomeou novamente capitães, alferes, mestre-de-campo e sargento-mor, e navegando por sua rota, aos 12 dias, em que nem de dia nem de noite foi-se à terra ainda que houvéssemos passado à vista de muitas povoações, demos numa grande povoação em que foi necessário saltar a ela para tomar comida e algum descanso, que se fazia mister, e ali esse desumano tirano voltou a matar todos os capitães que havia feito, e ao sargento-mor, dando a entender que tramavam e faziam motim contra ele (...).

Capítulo 14: *Em que prossegue a matéria precedente a outras crueldades do tirano*

1211. Saímos dessa povoação onde (Aguirre) fez todas essas mortes e navegamos outros dez dias sem querer esse tirano que tomássemos terra, e aos dez dias demos nas primeiras povoações de Caribes,³⁷ onde os índios mataram dois soldados, porque a erva com que atiravam era tão mortífero veneno que o ferido não durava meia hora; e o tirano Lope de Aguirre matou outros três soldados; e passando por essa povoação, navegando rio abaixo 12 dias, demos em outra dos mesmos Caribes. Aqui, por serem grandes as tempestades e ondas que se levantavam no rio e muita a gente que vinha nos bergantins, não querendo o cruel tirano deter-se para que se fizesse outro, por mais que o aconselhassem os pilotos dizendo que saindo ao mar com tanta gente pereceriam e que portanto se detivessem e fizessem outro, a ele não pareceu bom o conselho dos pilotos. Não pretendendo levar seus soldados repartidos em muitas parcelas, fez esvaziar os bergantins jogando entre aqueles Caribes, cruéis comedores de carne humana, mais de 170 índios e índias todos cristãos, dos que trazíamos do Peru para nosso serviço (...).

1212. Saídos dessa povoação, em que ficaram para a carnicaria dos Caribes esses pobres índios cristãos do Peru pela desumanidade do tirano, ao cabo de seis dias reconhecemos a maré do mar, que entra por mais de 300 léguas rio acima; ali numa povoação adereçamos os bergantins para poder navegar pelo mar, (*usando*) para enxárcias e velas as mantas que haviam ficado dos índios, e quem tinha duas camisas dava uma delas.³⁸ Nessa povoação matou, esse desumano carniceiro, Joan Lopez

Serrato, Monteverde e Joan de Cabañas. Saímos dessa povoação cada dia percebendo mais a maré do mar; levamos 28 dias desde que percebemos a maré até sair do rio ao mar, porque muitas vezes o que havíamos andado nos fazia voltar a maré quando enchia. Tem esse rio mais de 60 léguas de largura e não (*tem*), como dizem alguns, muitos braços, (*mas*) tem mais de 3.000 ilhas,³⁹ que tudo vim considerando e notando com particular atenção apesar de minhas dissimuladas aflições em semelhante tirania; e se os bergantins em que vínhamos não demandassem tão pouca água, pois só precisavam pouco mais de um palmo dela e mesmo assim muitas vezes tocavam (*o fundo*) e saltávamos ao rio e o(s) tirávamos à força, por certo foi grande misericórdia que Deus usou conosco os que escapamos vivos de tão perigoso e de tantas crueldades humanas.

1213. Saídos ao mar, (*ainda por*) dois dias bebemos água doce do rio, e aos 16 dias reconhecemos a (*ilha*) Margarita e fomos tomar porto três léguas mais abaixo do porto de Margarita (...), isso seria pelas quatro da tarde do dia da Madalena (...).

GONZALO DE ZÚÑIGA

RELAÇÃO MUI VERDADEIRA DE TODO O SUCEDIDO NO RIO DO MARAÑÓN, NA PROVÍNCIA DO EL DORADO ...*

(*Depois das frustradas expedições de Gómez Arias e Juan de Salinas em busca do El Dorado*), ninguém se havia atrevido a pedir (*ao Vice-Rei autorização para*) a dita entrada, por ser coisa de tão grande gasto e custos, até que Pedro de Orsua a pediu ao Marquês de Cañete, e este a deu (...) pelo proveito que viria a S.M. em se povoar e descobrir tão rica e grande terra, como se acreditava fosse pela notícia das Amazonas que Orellana levou à Espanha e pelas grandes novas que levaram 12 mil índios do Brasil⁴⁰ que pelo dito rio do Marañón subiram ao Peru no tempo em que o Licenciado de la Gasca governava aqueles reinos. Os quais índios saíram da sua terra com seu cacique e senhor chamado Virrazú (...) e foram guerreando rio acima até chegarem ao Peru, onde ele nasce. E levaram 14 anos para subir desde sua terra, que é em língua e terra do Brasil e está, segundo dizem, perto da boca desse rio das Amazonas, por onde descemos em

* ZÚÑIGA (ca. 1561) 1865.

um ano o que em 14 anos eles subiram. Dos quais 12 mil índios não chegaram ao Peru mais que 300 e entre eles o senhor principal, e os demais morreram no rio em guerras e enfermidades; os quais, chegando às Chachapoyas, foram presos pelos espanhóis, que levaram o senhor deles à cidade de Lima; o qual, com os demais índios, disseram ter visto pelo rio terra melhor e mais rica que o Peru e muitas outras coisas, que em tudo mentiram (...)

Cem léguas mais abaixo (*da foz do Ucayali no Marañón*) entra à mão esquerda o sexto rio, que é o da Canela (*i. é. o Napo*), por onde desceu Orellana, segundo nos disseram os índios da primeira província, que fica dali a 30 léguas, e como (*Orellana*) havia feito naquele primeiro povoado um bergantim, e nos mostraram ferro e pregos dele (...)⁴¹

Dali a 200 léguas, passada a primeira província, no despovoado (*que se segue*) saiu outro rio à mão direita numa barranca vermelha, o qual nos parecia ser tão grande como o da Canela, e não soubemos de onde vinha;⁴² e daí em diante faz o rio grande quantidade de ilhas e braços, e não se pode entender quais (*deles*) são rios, porque se faz o rio em muitos braços e entram muitos esteiros de brejos e lagoas e segue feito um mar.

Tem o dito rio das Amazonas 800 léguas despovoadas em três trechos: o primeiro tem 300, e logo há a primeira província, que tem 150; em seguida outro despovoado de 150 léguas; e logo outra província que tem 200, e logo outro despovoado de 300 léguas; e logo outra província de canibais ("caribes"), os quais os há desde o seu começo, que é num povoado grande perto do mar, (*e essa última tem*) 200 léguas mal povoadas. E os povoados são de não mais que uma ou duas casas e não têm comida, porque sustentam-se somente de peixe e *cuexcos* (*sementes das frutas*) de palmeiras. Chega a maré 200 léguas pelo rio acima, até o primeiro povoado de canibais com que topamos.⁴³

Há na boca do rio grandes ilhas, todas despovoadas (...)

Chegamos, dentro de 20 dias que havíamos partido do estaleiro (*do rio Motilones*), ao primeiro povoado, onde estavam os 40 homens com García de Arce;⁴⁴ os índios estavam fugidos de suas casas (...) e sempre que se lhes perguntava, diziam que na terra adentro, de uma parte e outra do rio, não havia povoados, (*ou pelo menos*) nem eles o sabiam nem tratavam com outros índios que não os do rio,⁴⁵ e que (*rio*) abaixo havia grandes terras, e (*isso*) era para nos pôr para fora de seus povoados (...) Teria essa província 150 léguas de comprimento; pelo rio abaixo, em

toda ela, vimos na barranca 15 ou 20 povoados afastados um do outro; eram, quando muito, de 50 casas cobertas de palmeira como o eram todas as do rio até o mar,⁴⁶ por não haver savana em todo o dito rio até os canibais, onde se encontraram alguns morrinhos pelados. Tinham os ditos índios boa roupa de algodão com que andam vestidos, e algumas jóias de ouro fino postas nas orelhas, e faziam muito para (*ter*) o ouro e a prata, e assim foi em todo o rio, com os quais índios resgatávamos até os pratos de estanho e peltre, por pensarem que era prata, e até as *pailas* (*alguidares de cobre, "azófar" ou ferro, NE*), que pensavam ser ouro. Não comiam sal, nem se achou dele em todo o rio até perto do mar,⁴⁷ e quando o provavam cuspiam e não o comiam, do que sentimos grande falta em todo o rio sem encontrar outra espécie (*de tempero*) senão pimenta (...)

Caminhamos por esse segundo despovoado nove dias, até a província de Machifaro, da qual Orellana disse grandes coisas quando foi à Espanha (...)

A dita província terá de comprimento 200 léguas mal povoadas rio abaixo;⁴⁸ vimos nas barrancas de baixo (*ou de rio abaixo ?*) 25 ou 30 povoados não tão bons como os da primeira província. Os índios eram gente muito ruim, nus e sem roupa (...) Caminhamos por aquela província dois dias, até chegarmos a um povoado chamado Macomoco, onde mataram o dito Governador (...)

Cinco dias depois da morte do Governador, partiram os ditos tiranos e continuaram por dois dias até chegar a um povoado daquela província, onde se quebrou o barco em que vinham os cavalos (... *aqui pararam três meses construindo os bergantins*).

Tendo partido daquele povoado, caminharam oito dias por aquela província (...) Ao fim da dita província encontraram um povoado ou povoação, com um braço de rio, que era a maior e de mais gente que em todo o rio se viu.⁴⁹ Eram índios mui *pobres* (*providos ?*) de casas e canoas e armas; tinham muitos mantimentos de milho, mandioca e batatas (*camotes*) e grande quantidade de cabaças de Chile (*pimenta ?*), muita fruta, tartarugas e peixe, e a melhor bebida de vinho que, creio, tem-se visto nas Índias (...) havia grande falta de sal; vinham todos os índios em paz e resgatavam com eles muitos manatis⁵⁰ e o que queriam (... *aqui mataram Fernando de Guzmán*).

Partiram dali dois dias depois de morto D. Fernando e passaram por um despovoado de 300 léguas⁵¹ pelo qual cami-

nharam sempre, de dia e de noite, sem tomar terra em parte alguma, caminhando-se entre dia e noite 30 ou 40 léguas, porque o rio ia com muita correnteza sendo no meio do inverno, (*quando*) levava toda a água que costuma levar em suas grandes enchentes. Chegaram à primeira província de índios flecheiros e canibais,⁵² num povoado grande onde estiveram 12 dias (...) Ali fizeram-se as velas aos navios e puseram-se os mastros e a enxárcia e carregaram-se muitas tinas de água e milho, e (*com elas*) saíram abastecidos (*o suficiente para chegar*) até a Margarita, à qual pensaram chegar em 15 dias porque a maré crescente chegava até ali e (*por isso*) acreditavam estar perto do mar, e (*na verdade*) levaram mais de dois meses nos quais padeceram grande fome e chegaram a dar somente 100 gramas de milho como ração a cada um, porque dali ao mar havia 200 léguas e os índios que havia eram poucos e não tinham outra comida a não ser o peixe que iam pescar quando tinham fome e sementes de palmeira (...) Naquele povoado fugiram os índios do Brasil que o Governador trazia como guias, vendo-se próximos à sua terra, (*e*) alguns deles disseram ali que a notícia da terra que o Governador trazia era (*referente*) a um braço do rio no último despovoado que havíamos passado, e outros diziam que estava ainda adiante; a eles o cruel tirano havia pensado deixar empalados naquele povoado.

(...) Partiram daquele povoado no dia seguinte e levaram 40 dias para chegar ao mar, com muito trabalho (...)

Daí a poucos dias (...) deixou (*Aguirre*) num povoado de duas ou três casas 100 peças de índios e índias do Peru, cristãos, porque pareceu-lhe que estavam muito apertados (*nos navios*) (...)

Daí a poucos dias saíram ao mar e durou a água doce, por onde iam, dois dias de caminho, e em 16 dias chegaram à ilha Margarita (...)

(*Na Margarita alguns soldados fugiram, e entre eles*) Gonzalo de Zúñiga, que é o autor da presente obra e escritura (...)

PEDRO DE MONGUIA

RELAÇÃO BREVE DA JORNADA DO GOVERNADOR PEDRO DE ORSUA*

Aos nove dias do mês de julho de 1560 saiu Pedro de Orsua dos Motilones, que é na província do Peru, e foi pelo rio abaixo com toda a sua armada (...) Andadas 200 léguas, foi-se-lhe ao fundo o melhor dos navios na boca de um rio que se chama Veamia, que também vem do Peru. E daí a 150 léguas chegou a uma província que se chama Manicur;⁵³ essas 350 léguas que ficam atrás são todas despovoadas (...) Esta província de Manicuri dura 150 léguas; tendo andado três ou quatro dias por esta província, foi-se-nos outro navio ao fundo: arrumou-se a tropa em muitas canoas que tomamos. E logo demos em outro despovoado de 150 léguas⁵⁴ do qual não escaparíamos se não fosse pela muita pescaria e muitos ovos de tartaruga que se encontraram. Foi Deus servido de nos tirar desse lugar desabitado e demos num povoado, princípio das províncias que dizem de Machifaro, em cujo povoado achamos muito milho e grande quantidade de tartarugas em currais de água feitos a mão. Neste povoado ficou o Governador 28 dias para dar descanso ao pessoal, que vinha mui fatigado. Ao cabo desses 28 dias, saiu desse povoado e nesse dia chegou a outro, que ficaria a 15 léguas do primeiro, e nesse povoado encontrou caminhos pela terra adentro e notícias de muita gente. E visto isso, despachou o Governador a Sancho Pizarro com 40 homens para que seguisse as notícias e tomasse línguas e guias.⁵⁵

E três dias depois que saiu Sancho Pizarro (... Aguirre mandou matar Pedro de Ursua e eleger Fernando de Guzmán governador e a si próprio mestre de campo).

E no outro dia saímos deste sítio de nossa perdição e chegamos a outro povoado, e haveria 20 léguas (*entre eles*),⁵⁶ e desembarcaram 30 cavalos que haviam restado; foi-se o navio ao fundo e ali decidiram fazer logo dois bergantins e matar os cavalos para comer, porque não se achava qualquer espécie de comida salvo mandioca amarga ("yuca amarga"), que alguns índios do nosso serviço experimentaram comer e logo morreram (...; aqui Lope de Aguirre fez eleger Fernando de Guzmán príncipe dos amotinados) e creio que alguns o fizeram por sua própria vontade

* MONGUIA (1561) 1865.

e outros não, mas não podiam fazer outra coisa porque ficar ali desarmados seria insensato, porque quatro espanhóis que os índios capturaram os comeram logo; e isto o sabemos com certeza porque fomos ao (*lugar do*) suplício e achamos a carne cozida e outra por cozer, e os índios vestindo as roupas que lhes haviam tomado; e além disso não havia na terra outra comida senão a mandioca amarga sobredita e os naturais, para poder comê-la, a enterram debaixo da terra, e quando ela está podre e fedendo a secam ao sol e fazem pão de beberagem ("pan de brevaxe") (...).

Neste sítio estivemos uns três meses até acabar os bergantins e em seguida saímos daí e andadas sete jornadas fizeram uma parada de uns oito dias (...) e em seguida saímos. E daí a quatro jornadas paramos numa povoação, que se chamava dos Yaguamales, porque achamos grande quantidade de milho, suficiente para lotar os bergantins (...); aqui Aguirre mandou matar Fernando de Guzmán.⁵⁷

E no dia seguinte, pela manhã, partiu pelo rio abaixo com grande enchente. Caminhou oito dias com duas noites sem jamais tomar terra, e segundo parecia andamos 250 léguas. E aqui demos num povoado⁵⁸ de índios canibais (*caribes*) de perverso veneno (*yerba*) que tinham na praça muitos cepos em que despedaçavam os índios e os esfolavam como num açougue, e muita carne fresca em suas casas. E nesse povoado acharam-se muitas âncoras, roupas e redes de *cabuya*⁵⁹ e árvores para (*reformular*) os navios; ali fizemos mastros e enxárcias (...)

E com isso partimos daqui num outro dia pela manhã e andamos 200 léguas (...) Em seguida (*Aguirre*) deixou aqui 100 peças de (*índios*) cristãos do Peru no povoado dos índios dizendo que estorvavam os bergantins (...)

Deste sítio saímos (... e) daí a cinco ou seis dias chegamos ao mar, de onde aos 15 dias chegamos à ilha da Margarita, que foi aos 22 de julho (...)

NOTAS

1. Sobre a viagem de índios brasileiros ao Peru veja-se o capítulo anterior.
2. O rio dos Motilones era o Huallaga.
3. Lê-se mais adiante que Ursua levava também, como guias e intérpretes, alguns dos Tupi que haviam chegado ao Peru em 1549.
4. Acuña (*Nuevo descubrimiento*, caps. 54, 55), que diz ter lido a história de Lope de Aguirre, não deve ter tido acesso ao manuscrito de Vásquez, cujo

claro relato não teria levado o jesuíta ao equívoco de pensar que o Juruá nasce na região de Cuzco e que por ele Ursua chegara ao Amazonas.

5. Zúñiga informa que esta primeira "província" começava 30 léguas abaixo da foz do Napo. No parágrafo seguinte Vásquez estima em "mais de 100 léguas" a distância entre a foz do Cocama (o Ucayali) e a ilha de García de Arce, o que faz corresponder as léguas do cronista a cerca de 3,5 km e a ilha de García de Arce à região de Peva.

6. O capitão García de Arce, comandando um destacamento da expedição, precedera Ursua na exploração do alto Amazonas e espalhou o terror entre os povoados ribeirinhos.

7. Neste parágrafo encontramos a mais antiga referência às principais características dos Omágua: povoados com algumas dezenas de casas quadradas, economia e comunicações essencialmente fluviais, índios "bem apessoados" vestindo roupas de algodão pintadas a pincel, propulsor de dardos, beijos e bebidas fermentadas feitos com mandioca ralada e macerada por enterramento.

8. O vocabulário Omágua recolhido por Marcoy (1875, II : 344) dá *tapapa* por "pai".

9. Este parágrafo e o seguinte descrevem o território Omágua desde Pevas até um ponto situado entre Santa Rita do Weil e São Paulo de Olivença; são 520 km que correspondem às "mais de 150 léguas" de que o autor fala mais adiante, o que confirma a relação de 3,5 km por légua. Nas ilhas do trecho superior havia uma série de povoados recentemente abandonados devido às incursões de García de Arce. O primeiro povoado em terra firme, na margem direita provavelmente pouco acima da atual fronteira Brasil-Colômbia, era Carari, talvez a Aparia Grande de Carvajal, e o último era Maricuri ou Manicuri. O nome das aldeias foi estendido pelos espanhóis a toda a "província". Uma série de outros povoados, todos ribeirinhos, ocupavam as margens a cada 35 a 50 km. A "província" toda teria, conforme Vásquez, de 7.000 a 10.000 habitantes, uma estimativa que o cronista reconhece poder ter sido moderada devido às precárias condições de observação (cf. nota 46).

10. A região desabitada que levou nove dias para ser percorrida, com barrancas vermelhas na margem direita, era o trecho compreendido entre a região de São Paulo de Olivença e a de Alvarães, defronte à foz do Japurá. Nela desembocam os dois grandes rios mencionados pelo cronista, o Jutai e o Juruá, mas a possibilidade de suas nascentes não estarem longe é uma hipótese equivocada. A *Relação* de Monguia atribui a esse despovoado de 600 km umas 150 léguas. Divergindo dos demais cronistas, Altamirano menciona a existência de uma "província" chamada Arimocoa, que estaria aproximadamente no meio desse território, numa região de savanas sobre altas barrancas (cf. nota 30).

11. A localização em relação às "províncias" a montante e a jusante, e especialmente o que é dito por Vásquez no parágrafo seguinte, permitem situar este primeiro e principal povoado de Machifaro na "costa de Tefé", que separa o lago homônimo do rio Amazonas.

12. A descrição corresponde plenamente ao lago de Tefé, que se comunica com o Amazonas por um breve igarapé de água negra. O lago, com 6 a 7 km de largura por quase 50 de comprimento, resulta do represamento das águas escuras do rio Tefé pelas barrancas da margem direita do Amazonas.

13. Este segundo povoado de Machifaro, o "das Tartarugas", onde Ursua foi assassinado, é chamado por Zúñiga de Mocomoco. Monguia diz que ficava 15 léguas (50 km ?) abaixo do primeiro, portanto entre a foz do Caiambé e a do Catuá (cf. nota 32).

14. Conforme Monguia o terceiro povoado, onde foram construídos os dois novos bergantins, ficava 20 léguas (70 km?) abaixo do segundo; estaria portanto nas proximidades de Barro Alto, defronte à foz do Carapanatuba (cf. nota 34).

15. Percebe-se nesse parágrafo (e nos correspondentes das outras crônicas), que após a construção dos bergantins a expedição passou a acompanhar a margem esquerda, de terras alagadiças. É a partir daqui que as referências geográficas se perdem e fica difícil a reconstituição das "províncias" indígenas. Zúñiga diz que a de Machifaro tinha 200 léguas de comprimento, o que a faria chegar quase até o rio Negro; erro evidente porque já no Coari, 200 km abaixo de Tefé, começava o território dos Yurimáguas ou Solimões (cf. Porro 1983/84), que Carvajal já reconhecera como vizinhos de Machifaro. As cabanas cobertas de palha, e não mais de folhas de palmeira, também sugerem uma tribo distinta da anterior. Altamirano considera a "província" de Machifaro terminando no segundo povoado, mas não sabemos se ela também ocupava a margem esquerda do Amazonas (cf. nota 35).

16. O grande povoado de duas léguas de comprimento, "maior do que todos os que até aqui havíamos topado", nos remete a observações semelhantes feitas por Carvajal e por Acuña na região de Codajás, a mais densamente povoada do território Yurimagua. Este povoado, em que o que mais chamou a atenção de Vásquez foram os grandes vasos de bebida fermentada, pode muito bem ter sido a "aldeia da louça" de Carvajal. Monguia diz que se chamava "dos Yaguamales", nome que nos remete aos *Yaguanais*, vistos em meados do século seguinte por Acuña e Cruz na foz do Carapanatuba, 250 km rio acima (cf. nota 36).

17. O estreitamento do rio indica a região de Óbidos, que dista 960 km de Codajás. Monguia avalia essa distância em 250 léguas, que nesse caso correspondem a 3,8 km, portanto em conformidade com a correlação estabelecida rio acima (cf. notas 5, 9, 10 e 37).

18. Monguia fala em "cepos em que despedaçavam os índios e os esfolavam como num açougue, e muita carne fresca em suas casas". Estes *Aruaquinas* antropófagos que usavam flechas envenenadas ocupavam terras altas na margem direita abaixo de Óbidos, portanto nas proximidades do Tapajós.

19. É possível que a intuição do cronista fosse acertada no sentido que os guias Tupi estariam reconhecendo terras que lhes eram familiares. Mas há uma contradição na hipótese de que os próprios habitantes do povoado próximo ao Tapajós fossem "dos ditos brasis", porque num parágrafo precedente se diz que não havia línguas para se comunicar com eles.

20. Não há como localizar essas aldeias fortificadas sobre palafitas, cinco ou seis jornadas abaixo da região do Tapajós; estariam possivelmente nas proximidades do Paru e do Xingu.

21. Mas Heriarte diria, um século depois, que acima da barra do rio Negro os *Agoas* da região de Manacapuru faziam "sal de uma erva que chamam *Capinasú*, e se assucara em paens, que mais parece salitre que sal, e o levam a vender a outras naçoens" (*Descrição*, 1662, § 48).

22. A expedição estava no labirinto de canais a noroeste da ilha de Marajó.

23. Este parágrafo assemelha-se ao de Carvajal sobre a arte oleira do baixo Amazonas, mas ao contrário daquele, que parece diretamente inspirado pela cerâmica de Santarém e Marajó, o de Vásquez soa mais como uma nota conclusiva sobre a cultura material dos índios amazônicos em geral.

24. Leia-se 1560. Em 1559 haviam começado os preparativos da expedição.

25. O começo do parágrafo seguinte deixa entender que esse povoado ficava junto à foz do Ucayali no Marañón.

26. Como já dito (cf. nota 3), os línguas da expedição eram Tupi chegados ao Peru em 1549. Entendiam-se com os habitantes do Ucayali porque estes eram Cocama, também de língua Tupi.

27. Este povoado dos Palta não é facilmente localizável. Se Altamirano contava as 100 léguas a partir da foz do Ucayali, o que é coerente com os sete dias de navegação, estaria nas proximidades de Pevas, abaixo da foz do Napo. Segundo todas as fontes, aqui já era a "província" de Cararo ou Aparia, que porém o autor, no parágrafo seguinte, faz começar mais abaixo, após um despovoado de dois dias. Parece mais plausível que Altamirano tenha-se confundido e que esses Palta ficavam entre a foz do Ucayali e a do Napo, rio que o autor não menciona.

28. Vásquez, que diz muito mais sobre a geografia de Cararo, atribui de 7 a 10.000 habitantes a toda a "província" (cf. notas 5, 7, 9 e 46).

29. *Mamey*, "... é como um marmelo grande, a casca parda e áspera; a polpa, cor e sabor parecidos ao marmelo; tem duas ou três sementes maiores que castanhas e a elas parecidas na cor e na casca, que é lisa" (Vásquez de Espinosa, *Compendio*, § 226).

30. Altamirano é o único cronista a mencionar uma "província", Arimocoa, oito dias abaixo de Carari e dez acima de Machifaro. Supondo uma velocidade constante de navegação, ela ficaria nas proximidades da foz do Içá. O primeiro e principal povoado de Arimocoa ficava sobre um barranco alto com mais de 100 degraus, em meio a savanas ou campos abertos; o cronista não esclarece em qual margem do rio. A topografia da região mostra dois trechos de terras altas: na margem direita, desde São Paulo de Olivença até o lugar de Vargem Grande (na curva do rio acima da foz do Içá) e na margem esquerda, numa extensão de 50 km abaixo de Tocantins. O primeiro trecho parece próximo demais ao fim do território de Carari (entre Santa Rita do Weil e São Paulo de Olivença) para justificar os oito dias de viagem; o segundo tem a seu favor o fato de corresponder àquelas que Samuel Fritz chamaria as "terras altas dos Cauisahanas", denominação que sugere um enclave forâneo em território Omágua justamente numa região de terras altas. Fica por esclarecer por que um sítio em que a expedição pousou por 15 dias e se reabasteceu não é mencionado pelos outros cronistas, que falam num despovoado de 150 léguas entre Carari e Machifaro, percorrido em nove dias de navegação (cf. nota 10).

31. Cf. notas 11 e 12.

32. Vásquez diz que Sancho Pizarro saiu do segundo povoado, chamado "das Tartarugas" (ou Mocomoco, conforme Zúñiga). Cf. nota 13.

33. O relato da exploração da terra firme do sul entre o Caiambé e o Catuá é uma das passagens mais importantes das crônicas da expedição de Ursua. O destacamento de que Altamirano fazia parte avançou por um caminho "largo e bom" que, junto com outros, saía da segunda aldeia de Machifaro. É difícil avaliar a extensão do território percorrido; as 34 léguas (uns 140 km) referidas por Altamirano parecem poucas para os 30 dias (ida e volta) da viagem, mormente sendo os caminhos bons e bem supridos de mantimentos. Sobre a confiabilidade do relato há pontos a favor e contra. É possível que na memória do cronista alguma coisa do que viu se confundisse com paisagens peruanas mais familiares, como o "tambo ou pousada à maneira dos do Inca", com "índios de serviço para os viajantes". A metáfora dos grãos de areia e dos perigos que os viajantes

encontrariam se prosseguissem a encontramos, *ipsis litteris*, em outros cronistas. Por outro lado, redes de caminhos ligando as aldeias da várzea e da terra firme são citados também por Diogo Nunes e Carvajal. A troca regular de cerâmica e pescado de Machifaro por produtos exóticos e valorizados como lâminas e adornos de ouro, trazidos do alto curso dos rios, é um padrão conhecido do antigo comércio intertribal amazônico (Porro 1987). Sobre as pousadas com plantações "para o sustento e aviamento dos mercadores", comparem-se os estudos recentes da economia Kayapó, no sudeste do Pará, cujo território é recortado por mais de 500 km de caminhos de um a quatro metros de largura que ligam antigas e novas aldeias, roças e zonas de concentração de recursos naturais; os próprios caminhos, bem como a mata adjacente por alguns metros, são zonas de cultivo e de manejo da flora nativa, em alguns casos há centenas de anos (Posey 1986).

34. Este povoado, que Vásquez chama "dos bergantins", ficaria nas proximidades de Barro Alto, defronte à foz do Carapanatuba (cf. nota 14). Altamirano diverge dos outros cronistas ao dizer que a terra era "de gente política, vestida e de muita razão".

35. Esta passagem, bem como a correspondente em Vásquez (que diz ter a frota, após o povoado dos bergantins, entrado "por um braço do rio que vai pela mão esquerda"), levou alguns autores a supor que a expedição teria abandonado o curso do Amazonas e, subindo o Negro, teria alcançado o Orinoco. Cf. nota 15 e a introdução aos textos para uma refutação dessa tese.

36. Conforme nota 16 este povoado, o maior do Solimões, seria dos Yurimagua da região de Codajás e talvez a própria "aldeia da louça" de Carvajal. Importante é a observação de Altamirano sobre o padrão compacto do enorme povoado ("no discrepaba casa de casa") e sobre os abrigos contra a enchente, construídos sobre estacas ou árvores.

37. Aqui Altamirano diverge dos outros cronistas ao colocar, entre a grande aldeia de Codajás e os primeiros povoados de antropófagos, na altura do estreito de Óbidos (que só Vásquez menciona), 22 dias de navegação em duas etapas de 12 e 10 dias. Vásquez fala em oito dias e sete noites. Zúñiga em 300 léguas percorridas sem parar à razão de 30 ou 40 léguas por dia. Monguia em 250 léguas em oito dias e noites (cf. nota 17).

38. O povoado em que os bergantins foram reformados estava em terras altas da margem direita, nas proximidades do Tapajós (cf. nota 18).

39. Refere-se aqui ao arquipélago de Marajó.

40. Veja-se a respeito desse episódio o capítulo 3. Zúñiga é a fonte mais antiga a mencionar o nome *Virrazú* do chefe Tupi.

41. Cf. nota 5.

42. Nesta frase o autor antecipa a descrição do território despovoado entre a primeira "província" (Carari) e a segunda (Machifaro); o rio que desemboca à direita é o Jutai ou o Juruá (cf. nota 10).

43. Este parágrafo faz uma síntese, só em parte aceitável, do povoamento ao longo do Amazonas. Do médio Ucayali para baixo o autor visualiza três regiões despovoadas (de 300, 150 e 300 léguas), alternadas com três "províncias" (de 150, 200 e 200 léguas), respectivamente Carari, Machifaro e "dos canibais". Uma leitura atenta desta e de outras crônicas revela a imprecisão dessa caracterização; pelo menos o terceiro dos *despovoados*, o de 300 léguas entre Machifaro e os "canibais", era na verdade habitado, conforme se lê em Altamirano (§ 1210 e nota 30) e em Carvajal, que nela descreve nada menos do que quatro das suas dez "províncias" (cf. notas 10, 30 e 37). Zúñiga também minimiza o povoamento

quando diz que na "província" dos canibais, abaixo de Óbidos, "os povoados são de não mais do que uma ou duas casas", pois nas proximidades do Tapajós os bergantins foram reformados e reabastecidos "num povoado grande" e amplamente provido de mantimentos e materiais de construção. Vásquez, mais pródigo em notícias, traça um quadro mais complexo e variado do povoamento do baixo Amazonas (cf. nota 20).

44. Cf. nota 5.

45. Esta frase revela a interação das populações da várzea em oposição e isolamento *vis à vis* da terra firme. Releve-se porém que outras passagens, tratando de caminhos e comércio, transmitem uma imagem contrária. Seria aquela, possivelmente, uma peculiaridade de Aparia/Carari, os Omágua seiscentistas de quem Samuel Fritz diria: "... nem por isso resolvem viver e fazer suas sementeiras na mata e em terra alta afastada do rio, dizendo que a moradia dos seus antepassados tem sido sempre o rio Grande, e que a mata é lugar próprio de Auca e Tapuya."

46. Estes dados sobre o povoamento de Carari confirmam e completam as informações de Vásquez, de cujas palavras (cf. nota 9) se deduz a existência de 10 a 15 povoados ribeirinhos distribuídos a cada 35 a 50 km e com uma população total estimada em 7.000 a 10.000 habitantes. Zúñiga fala em 15 a 20 povoados de quando muito 50 casas. Apropriando a estimativa demográfica de Vásquez a 15 aldeias de 50 casas, temos 750 unidades residenciais de 9 a 13 pessoas cada. Compare-se esses números com o inventário de Laureano de la Cruz em seis aldeias Omágua de 1647 (Porro 1981).

47. Cf. nota 21.

48. Conforme dito na nota 15, Machifaro começava na foz do Tefé mas não se estendia por 200 léguas (ou 750 km) e sim somente até o Coari, uns 200 km abaixo. Os cronistas não distinguiram Machifaro das tribos igualmente populosas que se sucediam rio abaixo até Manacapuru ou o rio Negro.

49. Provavelmente nas proximidades de Codajás (cf. notas 16 e 36).

50. Peixe-boi.

51. Não era propriamente um despovoado, como se depreende de Altamirano, § 1210 (cf. nota 43).

52. Nas proximidades do Tapajós (cf. nota 18).

53. Manicuri ou Carari, a Aparia de Carvajal e a "gran Omágua" seiscentista, estendia-se desde Pevas, 120 km abaixo da foz do Napo, até quase São Paulo de Olivença (cf. notas 5, 9, 27 e 46).

54. De São Paulo de Olivença a Tefé (cf. notas 10, 30 e 42).

55. Cf. notas 11, 12, 13, 32, 33 e 48.

56. Era a região de Barro Alto, defronte à foz do Carapanatuba (cf. notas 14 e 34).

57. Era a região de Codajás (cf. notas 16 e 36).

58. Nas proximidades do Tapajós (cf. notas 18 e 37).

59. *Cabuya*, uma fibra vegetal semelhante à pita.

5.

OS LEIGOS FRANCISCANOS E A VIAGEM DE PEDRO TEIXEIRA AO EQUADOR (1636-38)

Encerrado o ciclo quinhentista das explorações amazônicas, marcado pela procura do Eldorado, a documentação sobre as populações indígenas sofre um hiato de 75 anos. Somente no segundo quartel do século XVII, com o avanço das missões franciscanas e jesuíticas do Peru e do Equador e com os ataques portugueses aos estabelecimentos ingleses, irlandeses e holandeses do baixo Amazonas, teve início o segundo ciclo de explorações e de notícias etnográficas da calha amazônica.

Em 1636 uma expedição espanhola explorava o rio Napo sob o comando do capitão Juan de Palacios e dela faziam parte cinco franciscanos de Quito. Num ataque dos Encabellados o capitão foi morto e seus companheiros decidiram regressar; um membro da expedição, o português Francisco Fernandes, que vivera no Pará, convenceu alguns companheiros de que descendo o rio iriam dar em Belém e que, conforme notícias que ouvira, a meio caminho encontrariam os ricos países do *Eldorado* e da *Casa do Sol*. Seis soldados aventuraram-se então rio abaixo numa canoa, acompanhados pelos leigos franciscanos Domingos de Brieva e Andrés de Toledo. Alcançando o Amazonas foram bem recebidos e abastecidos pelos Omágua; continuaram a descida aparentemente sem maiores dificuldades, detiveram-se algum tempo entre os Tapajó e ao final de três meses chegaram a Belém. A surpreendente chegada de tão exígua expedição (e certamente a idéia de antecipar-se a outras tentativas espanholas do gênero) levou o governador Jácome Raimundo de Noronha a apressar os preparativos de uma grande expedição, a ser comandada por Pedro Teixeira, que deveria refazer, em sentido contrário, a viagem dos franciscanos. Teixeira, que já conhecia o baixo Ama-

zonas, tendo expulso de lá holandeses e britânicos, levava instruções secretas do governador para que, ao regressar de Quito e após deixar para trás a província dos Omágua, fizesse ato de posse em nome de Portugal de todas as terras que ficavam abaixo daquele ponto (Cortezão 1950).

Em outubro de 1637 Pedro Teixeira saiu de Gurupá com 47 canoas, 70 portugueses e mamelucos e 1100 índios; tinha como guia frei Domingos de Brieva e como piloto o português Bento da Costa, que deixaria o primeiro mapa aproximado do rio Amazonas. Dez meses mais tarde, em fins de 1638, a expedição chegou a Quito onde foi recebida com grandes festejos e não pouca desconfiança. A restauração portuguesa estava para acontecer e os estrangeiros eram uma presença embaraçosa em Quito, razão por que após prolongadas consultas receberam instruções para voltar ao Pará. Na viagem de regresso seguiram também, como observadores, os jesuítas Cristóval de Acuña e Andrés de Artieda; o primeiro escreveria logo a seguir o célebre *Novo descobrimento do grande rio das Amazonas*, a mais importante descrição até então feita do rio e de seus habitantes (Acuña 1874).

Não consta que Brieva ou Toledo tenham deixado qualquer relato escrito de sua viagem. Ela seria narrada em 1653 por frei Laureano de la Cruz, que dirigia o grupo de franciscanos da expedição de Juan de Palacios, mas que não quis acompanhar os irmãos leigos na descida para Belém. Na verdade frei Laureano não parece ter tido muitas informações sobre aquela viagem; o pouco que ele diz foi traduzido por C. de Melo-Leitão em nota de rodapé aos *Descobrimientos do rio das Amazonas* (Carvajal, Rojas, Acuña 1941:99-101). Algo mais detalhado sobre a viagem dos franciscanos é o *Descobrimiento do Rio das Amazonas e suas dilatadas províncias*, opúsculo anônimo redigido provavelmente em Quito nos primeiros meses de 1639 e que Jiménez de la Espada (1880-89, XII:266-275) atribui ao jesuíta Alonso de Rojas. O tratado começa com uma descrição geográfica do rio Amazonas feita à vista do mapa de Bento da Costa, a cuja autoridade o autor se remete com frequência; prossegue com um breve relato da viagem de Brieva e Toledo, completada com notícias precisas sobre as fortificações portuguesas na foz do Amazonas; os últimos capítulos tratam, de maneira pouco sistemática e sem referências geográficas, de alguns traços culturais dos Omágua, Yoriman e Tapajó. Apesar do arranjo desordenado, algumas dessas notícias são relevantes para a etnografia seiscentista do rio Amazonas. Acuña (1874) aproveitou-se amplamente do livro

de Rojas, parafraseando quando não copiando capítulos inteiros. A obra foi publicada por Jiménez de la Espada no *Boletín de la Sociedad Geográfica de Madrid* (Jiménez de la Espada 1880-89, XIII:417-447). A tradução brasileira de C. de Melo-Leitão (Carvajal, Rojas, Acuña 1941:81-124) merece reparos.

O segundo documento que publicamos a seguir, traduzido pela primeira vez ao português, é a *Relação* de Pedro Teixeira. Redigida em Quito a 2 de janeiro de 1639 e endereçada ao presidente da Audiência de Quito, vem na forma de diário de viagem e dá uma razoável descrição da paisagem amazônica. Os dados etnográficos são muito mais numerosos que os de Rojas e têm, ao contrário daqueles, o valor de serem observações pessoais. Além das referências específicas, não devem ser desprezadas, apesar do tom impressionista, as observações sobre o extenso e maciço povoamento das margens do rio e do interior, bem como sobre as centenas de povoados vistos. Já as avaliações de Teixeira sobre as distâncias geográficas não têm o menor valor; e espaço em léguas entre as bocas dos principais tributários do Amazonas é totalmente inconsistente, e quando aferido pelas distâncias reais resulta em "léguas" variáveis entre 1,6 e 7 km. O manuscrito da *Relação* encontra-se na Biblioteca da Ajuda, em Lisboa, e foi publicado por Jaime Cortezão em *O significado da viagem de Pedro Teixeira à luz de novos documentos* (Cortezão 1950: 188-194).

ALONSO DE ROJAS

DESCOBRIMENTO DO RIO DAS AMAZONAS E SUAS DILATADAS PROVÍNCIAS*

§ 19

Os índios Omágua vestem camisetas e mantas de algodão pintadas com pincel e de diversas cores, azul, amarelo, alaranjado, verde e vermelho, muito finas, donde se conclui que há madeira ou ervas (*de tintura*). Nas margens do rio das Amazonas, pelo espaço de 30 léguas, um dos seis soldados que desceram o rio com os dois religiosos de São Francisco sabia falar a língua dos Omágua,¹ e assim, encontrando-se com índias numa canoa, lhes pôs umas gargantilhas de avelórios e outros adornos e lhes

* JIMÉNEZ DE LA ESPADA 1880-1889, vol. XIII (1882), p. 422-447.

disse em sua língua que não lhes faria mal porque não eram gente de guerra (e) que dissessem a seus maridos que lhes trouxessem comida, e elas lhe responderam que já haviam ouvido dizer que os homens barbudos não lhes faziam mal (e) que elas iriam fazer (com) que lhes trouxessem comida; e se foram, e em breve vieram até onde estava esse soldado com seus companheiros mais de 500 homens e mulheres carregados de milho, mandiocas e tartarugas. Esses índios disseram ao soldado que os entendia, que na banda do norte, onde iam uma vez a cada ano, havia umas mulheres e ficavam com elas dois meses, e se das uniões haviam parido filhos, os levavam consigo, e as filhas ficavam com suas mães; e (disseram) que eram umas mulheres que não tinham mais que um seio, mui grandes de corpo e que diziam que os homens barbudos eram seus parentes (e) que os levassem lá. A essas índias chamam comumente as Amazonas.²

§ 20

Esses mesmos soldados e os dois religiosos, quando desceram o rio, chegaram a umas províncias mui dilatadas, cujos habitantes os portugueses chamam os Estrapajosos.³ Esses agasalharam os religiosos e soldados e por meio de sinais lhes disseram que fossem com eles por um rio acima, em cuja margem encontraram uma povoação grande. Introduziram-nos numa casa mui grande com madeiras lavradas forradas com mantas de algodão entretecidas com fios de diversas cores, onde puseram uma rede para cada um dos hóspedes, feita de (fibra de) palmeira trabalhada em diversas cores, e lhes deram de comer beiju (cazave) e pescado. Nessa povoação viram esses soldados caveiras de homens, arcabuzes, pistolas e camisas de pano; e dando depois aviso disto aos portugueses, lhes disseram que aqueles índios haviam morto alguns holandeses que chegaram até aquelas províncias, dos quais eram aquelas caveiras e armas.

§ 21

Têm umas nações com outras contínuas guerras. Usam de flechas, dardos e outras armas semelhantes a essas. Os Omágua jogam bem o dardo, sendo mui destros nesse gênero de arma. Os Trapajosos usam de flechas e veneno tão fino e eficaz que não têm contraerva. Muitas dessas nações ou (mesmo) a maioria são canibais, muito afeiçoados à carne humana, e assim comem os

que cativam na guerra e essa é a causa principal de suas guerras; e também guerreiam para tirar-se a terra uns aos outros.

§ 24

(...) Na província chamada Culiman,⁴ vizinha dos Omágua, que corre por mais de 200 léguas, é certo haver ouro e muito; isso se o conclui porque os índios trazem placas de ouro penduradas nas orelhas e narizes, das quais os portugueses resgataram algumas na quantidade de mais de 50 ducados dos que chegavam às praias, porque não entraram pela terra adentro; e perguntando-lhes de onde tiravam aquele ouro, responderam que de umas serras ali vizinhas onde o havia em tanta abundância que se cavassem a terra com os picões que tinham nas mãos tirariam o que quisessem. A própria cor da terra dessa província e de outras indica que é terra de ouro. Entre outras placas encontraram uma que um índio trazia pendente das orelhas por um fio de ouro mui fino e mui bem trabalhado, cujo labor não a pôde fazer senão quem conhecesse a arte do ourives. Não se pôde saber (quem era) seu artífice por não haver língua que o perguntasse aos índios (...)

§ 26

Em todas as margens desse grande rio têm os índios suas povoações, umas grandes, outras pequenas; outros vivem ordinariamente apartados em diversas rancharias. Encontraram os portugueses uma povoação tão grande por uma e outra banda do rio, que navegando um dia inteiro à sua vista e começando a navegação três horas antes do dia (e continuando-a) até que o sol se pôs, não puderam dar (ver o) fim dos edifícios nem achar lugar onde alojar-se que não estivesse ocupado com casas e umas em seguida às outras. Os que descobriram o comprimento desta povoação não puderam saber se era muito grande; o piloto diz que lhe pareceu estreita.⁵ As casas e edifícios de todos os índios são de madeira, lavradas curiosamente e cobertas de palmeira; não há nenhuma de pedra nem coberta de telhas; por dentro são limpas e com asseio; não têm alfaias senão as que dissemos dos da província dos Trapajosos. Ao redor desses galpões viram os portugueses muitas caveiras de homens; suspeitaram que seriam de gente que haviam morto e comido. As redes onde dormem são de folhas de árvores ou de palha.

RELAÇÃO DO RIO DAS AMAZONAS*

Nesse grande sítio tem Sua Majestade uma fortaleza que chamam "O Presépio", situada na Cidade de Belém; dista do mar 25 léguas (e) fica na banda do leste, numa ponta de terra firme mui saudável e fertilíssima de todos os frutos da terra e muitos de Espanha, como são melões, melancias, pepinos, hortaliças, romãs, laranjas, cidras, limas doces, toranjas, figos, algumas uvas de cachos tão grandes que pesam três e quatro libras, e tudo com tão lindo sabor que excede às de Espanha. Está situada a dita fortaleza sobre uma grande enseada que ali faz o rio, tendo à vista três caudalosos rios; o primeiro se chama Capim, o segundo Oacaza (*Acará* ?), o terceiro Moysu (*Moju*), todos abundantes de alguns peixes e muita caça do mato. Tem a enseada fundo limpo, de seis até vinte braças próximo à terra e debaixo da artilharia, ainda que aberta a baía. Tem algumas ilhas de onde com pouco custo se pode defender; tem ainda outro sítio, na costa da mesma parte do leste, que os índios chamam Porto do Sol, que é o melhor do mundo para sua defesa, e basta para sê-lo estar no mar; perto há muitíssimas choças dos portugueses, feitas com escravos deles, e alguns povoados de índios libertos.

A segunda fortaleza está situada no Curupá, a 100 léguas da cidade de Belém; a povoação tem por nome São José; o forte Santo Antônio está também por este lado. *Atributase* (*atravessa-se* ?) para ir lá, Camutá, o rio dos Tocantins, o rio de Yguape, o rio de Pacaja, o rio de Guanapus, todos rios mui caudalosos e com tal número de índios de diferentes nações que é impossível podê-los nomear; o (rio) de Tocantins, por outro nome das Pedras, tem fama de conter muitas riquezas, e por não haver gente não se tem sabido a verdade. Esta fortaleza do Curupá tem fama, (*mas*) não defende coisa alguma por estar sobre uma grande barranca; é somente para conservação dos índios alforriados que vivem ali próximos, e para correr⁶ a costa do cabo do Norte, por onde continuamente entram os inimigos a povoar e comerciar com os Aruaca, Araguaoazi, Comaú e todos os moradores de Tocusingue (*Tauregue* ?). É uma mata de mais de 50 léguas até Genipapo, pela beira do rio, e mais de 150 léguas pela terra adentro; tem umas 15 nações de índios diferentes e cada

* TEIXEIRA (1639) 1950.

nação tem grande número de povoados, gente muito irmanada com os estrangeiros e mui grandes soldados (*guerreiros*) e por sê-lo, em defesa de seus compadres (*os estrangeiros*) lhes custou a vida a mais de 15.000 almas; toda a dita terra (é) mui plana de savanas com mui grandes pastos para gado, e as mais terras (*próprias para*) tudo que lhes enviarem para o sustento humano; (é) terra arenosa e há algumas matas, principalmente de *Yaguoara coru* até Genipapo, donde dizem que saem as pedras verdes e se tirarão metais se os buscarem; neste Curupá faz desaguadouro o grande rio de Parnayva⁷ que corre ao sul; terá de largo três quartos de légua, lindas águas e melhores terras, de uma parte e de outra muito cheia de índios corpulentos, os rostos pintados de riscos tão cerrados que ficam enegrecidos e têm por nome *Seruna* (*Juruna*), que quer dizer boca negra; é gente tão valorosa que quando saem em suas canoas à guerra levam as mulheres consigo e tão confiantes nelas que pelejam os maridos e elas fiam seus algodões conversando umas com outras. Não há ninguém que dê relação do nascimento desse rio, a não ser que vem de muita terra adentro.

Atravessando esse rio vai-se (*per*)correndo terra até os Tapajós, que distam oitenta léguas do Curupá, e todo esse caminho é despovoado sobre o rio, mas a duas ou três léguas terra adentro são incontáveis os índios que há;⁸ usam já, todos os deste quadrante, de flechas ervadas tão venenosas que vertendo mesmo um pouco de sangue não há remédio algum, nem os que as usam o conhecem; são todos notavelmente carniceiros, comendo-se uns aos outros como fazem todos os do rio. Os tapajós estão situados na boca de um grande rio que para mim é braço do de Pernaíba porque a mim o afirmam alguns naturais.⁹ Terá este povoado de 15.000 moradores (*vecinos*) para cima (e) no rio muitíssimos.¹⁰ Aqui trataram mal os religiosos de São Francisco que desceram desta cidade de Quito, tirando-lhe o hábito ao padre Fr. Andrés de Toledo dando-lhe alguns empurrões, e ele lhes pôs o nome de *baruiarrojas* (*barbaroxas* ?) por as terem tingidas e riscadas (*as faces* ?) como os *Xeruuna* (*Juruna*). Neste mesmo povoado mataram alguns homens de Francisco de Orellana, que (e) ainda hoje há árvores (*troncos* ?) das estacas de sua cerca; no mesmo lugar fizemos as nossas (*pousadas* ?) quando lá viemos.

Deixando este rio caminhamos para oeste umas 80 léguas, tendo o rio sempre de duas léguas a duas e meia de largura até um estreito que não tem mais que um quarto de légua, mas tão

fundo que a 80 braças não se pôde tomá-lo.¹¹ Tem lindas praias para fortalezas e defesa do rio e lindos sítios junto à terra e ainda que despovoado junto ao rio de uma banda e de outra, bem perto daí é tanto o gentio como nas demais partes. Deste sítio para cima volta a alargar-se o rio com tal largura que nos foi mister vir sempre pela mão esquerda (*de quem sobe*) para não desviar do nosso rumo, e assim da outra parte (*a margem norte*) até o rio Negro não darei razão. Havia 120 léguas deste sítio (*o estreito de Óbidos*) até os Tupinambá; esta nação é de gente mui feroz e carniceira e nunca quis conhecer sujeição; por isso vieram fugidos do Brasil rompendo por terra e conquistando grande número de gentios até chegar ao grande rio e sítio onde hoje vivem. Eles nos deram muitas notícias das Almasonas, muito averiguadas, que estavam somente a seis jornadas dali; como não as vi só o afirmo por verdade; haverá dessa gente e de outras diversas nações que eles (*elas ?*) têm sujeitas ao seu domínio uns 300 povoados e mais não terão, e até 500 ou 800 *casales* (*casais, casas ?*) cada um.¹² Aqui se acabam as flechas ervadas perigosas e ainda que por todo o rio as haja, não matam como as sobreditas.

Desta (*região*) até o rio que, segundo as informações, nasce no Cusco, haverá 40 léguas; o rio (*é*) mui caudaloso e de muita profundidade. Pusemo-lhe o nome de Madeira, pela muita que trazia consigo.¹³ Tivemos informações de haver nas (*suas*) cabeceiras espanhóis e padres e sinos e muito gado; o rumo que ele segue e os demais rios de importância e suas alturas os declarará o piloto-mor, que por ser ofício seu não tratei de guardá-los de memória. Haverá daqui até o rio (*Negro*) umas 60 léguas;¹⁴ terá (*este*) na boca pouco mais de meia légua, mas a pouca distância para dentro vai aumentando com largura de duas a três léguas; no que andei por ele, que foram duas jornadas, este rio é notável pela grandeza e muita profundidade, que sem ser verão, no tempo que entrei nele não lhe vi baixios nem coroa (?) alguma; a água é muito má para se beber por ser mui grossa, mas entram nele muitíssimos rios de água mui clara e boa de se beber; não corre nada o rio (?) e está (*tão*) enegrecido que parece fino azeviche e (*mais*) colhendo um pouco dela é clara como as demais. Tem estreitos para se fazer todas as defesas que se quiserem, com muita pedra para fortalezas e casarios, lindas praias para fazendas; as terras prometem muita fertilidade pelo que vi; nos povoados de índios que conheci são tantos (*os índios*) que não me atrevo a lhes dar o número; (*é*) gente de guerra, mais política que os demais que até ali vivem; em seu poder encontrei alguns pedacinhos de prata metidos em madeiras que traziam

nas orelhas, mas pouca quantidade (*de prata ?*) tem o rio, assim como pouco peixe, mas muita tartaruga e muitíssima caça; pusemo-lhe o nome de Santa Luzia porque no seu dia chegamos lá; aqui fizemos 500 fânegas de farinha de mandioca para nosso resgate (*suprimento*), por haver muitíssima, e milho, que (*é*) o sustento de todos os moradores de um e outro rio.

Deixei contentes e satisfeitos todos os moradores do rio de Santa Luzia com dádivas de machados, *cosillas* (*ou "cuchillos" = facas ?*), anzóis, miçangas, pentes e outras coisas, por me parecer assim conveniente ao serviço de S.M. pelo muito que aquelas partes prometem. E saindo dali voltei a buscar o caminho do rio Marañón, e metido nele caminhei sete dias (*no*) despovoado, embora tenha encontrado muitas canoas de que não pude tomar fala, e ao cabo delas entrei no princípio da máquina do gentio que está assentado sobre o rio, tão vizinho um do outro que em 300 léguas de caminho pode-se dizer (*que*) é somente um povoado e termina onde pusemos o nome de Rio do Ouro¹⁵ por terem os moradores quantidade feito em *panmetas* (*palhetas ?*) que traziam nas orelhas e narizes e do qual trouxemos algum para cá, e feito o exame achou-se ser algum *vasinilla* (?) e outro ouro de 21 quilates e mais, e de tudo isso há muitíssima quantidade porque todos os índios o trazem, e muito cobre, de que não tratei por ser conhecido. Lindo gentio o que o usa, bem arrumadas as suas mulheres, de bons modos e confiantes trazendo de comer a nossos remadores e aos soldados.

E (*fomos*) caminhando dali por outros sete dias sem gente no rio até o primeiro povoado dos Omágua, havendo no meio (*do caminho*) um grande rio que chamam das Barreiras por tê-las grandes na boca;¹⁶ corre ao sul (*e*) não dão os naturais relação do seu nascimento, somente que vem de muito longe e (*é*) todo povoado de muito gentio e valentes, porque nenhum se atreve a (...?); dizem (*que vem*) também do Peru. Ao cabo dessas (*sete*) jornadas começam os Omáguas¹⁷ que usam as cabeças chatas; ocuparão de longitude do rio 100 léguas¹⁸ e terão de povoados 400, pouco mais ou menos;¹⁹ gente mui carniceira, e suposto que todos os do rio o são e se comem uns a outros, esses passam da conta porque não usam de outra carne senão a humana e têm por troféu as caveiras dos que matam penduradas em suas casas e são tão grandes comedores que a grossura da gente os faz todos pelados (?) e essa gente desceu fugida dos Quijos;²⁰ a maioria dos povoados são grandes e abundantes de todo o necessário.

Deixando esses povoados, até o rio Napo nos Quijos, é todo o rio despovoado nas margens, mas terra adentro não há terra despovoada, assim como em todo o rio, atrevo-me a afirmar, é incontável a gente que há. É incrível a fertilidade desse rio, porque tem muitos peixes de diferentes qualidades, muitas carnes do mato, muitíssima mandioca e ainda muitíssimas frutas de diferentes castas, grande número de tartarugas (e) madeiras em grande número de diversos tipos; há muitíssimos rios que descem ao rio grande tanto de uma parte como de outra; entre eles o grande rio Tunguráguá²¹ e outro, o Curaray,²² dos quais aqui há notícia em todo o rio; (há) grande número de casos (?) de duas ou três castas; há também grande quantidade de algodão, de que fazem os moradores suas camisetas e mantas de que se servem. Todo esse grande rio é navegável e podem chegar embarcações grandes até o rio do Ouro partindo de Curupá com as monções que começam pelo (dia de) São João, e com elas pode-se vencer a correnteza, e dali para cá se pode navegar senão a remo, por falta de ventos, que começam ali a ser contrários, que é fundo (e) até o Napo há muito (?). Há neste rio mais de 30.000 ilhas e muitas delas habitadas e mui grandes; pelas muitas voltas que faz há tão grande número de léguas que por vezes, chegando a cinco e seis graus ao sul e muito ao (...) equinocial (?).²³

A cidade do Pará está ao sul em dois terços (de grau) menos alguns minutos. Os holandeses têm chegado sondando (explorando) até o sítio de caça Juro (?), quatro jornadas inteiras acima do Tapajós²⁴ e têm feito muitíssimo esforço para povoá-lo.

Todo esse grande rio é mui saudável porque não tem calor rigoroso nem frio que obrigue a aumentar as roupas; prova de (que é) sadio (é) não haver um enfermo em toda a máquina de povoados que há.

A quantidade de léguas não a declaro, nem as conveniências (rotas) da máquina dos rios que entram no grande Marañón, porque como tenho dito não tomei de memória seus rumos nem alturas, uma vez que o piloto-mor o fez e disso dará relação o sobredito.

Suposto que esse grande rio tem 83 léguas de boca, desde a sua ponta irá se parar até a ponta de Araguoari; com tudo isso é defensável, porque na costa não pode ficar o inimigo por causa das muitas correntezas (e) entrando (pelo rio), como tudo são ilhas e canais diferentes, ainda que pelas armas não se possa impedir sua presença, com balsas de fogo (?) não pode passar

nenhuma, e suposto que a S.M. lhe têm enviado relação e que o grande canal que dá na parte que chamam cabo do Norte são advertidas imaginadas somente pelo inimigo a ser por ali mais curso (?), a causa é porque nunca têm sabido (?) até hoje o Porto do Sol, e por essa causa não o cursam (freqüentam). E da outra banda, além dos muitos baixios que tem, a cada hora mudam-se os canais com tanto perigo que não há ano em que não se percam navios por causa da pororoca, que é tão impetuosa que colhendo um navio surto (solto ?), ainda que esteja a quatro amarras o faz em pedaços; e disso só eu posso dar verdadeira relação, por tê-lo navegado e experimentado por algumas vezes e encontrado navios de grande porte perdidos; e todo o contido nessa relação o certifico e juro pelos Santos Evangelhos ser tudo verdade por ter andado nele e visto com meus olhos e me ter certificado de muitas coisas para não parecer fabuloso.

Feita nesta cidade de São Francisco de Quito aos dois dias do mês de janeiro de mil seiscentos e trinta e nove anos.

O General Pedro Teixeira

NOTAS

1. Os Omágua-Yeté do alto Napo estavam em contato com os espanhóis desde fins do século XVI (Oberem 1967-68).

2. Percebe-se aqui como a lenda das Amazonas, desde o tempo de Carvajal, havia incorporado elementos europeus.

3. Os Tapajó. Laureano de la Cruz, pelo contrário, diz que os Tapajó maltrataram os franciscanos e lhes roubaram os poucos pertences.

4. Culiman, como Solimões, é corruptela de Yoriman ou Yurimaguas, que porém não eram vizinhos dos Omágua, vivendo entre o Coari e Codajás. Entre eles e os Omágua viviam os Curuzirari ou Aisuari (a Machifaro quinhentista) e é a estes que Acuña atribui o uso de adornos de ouro.

5. Comparem-se as palavras muito semelhantes de Vásquez em relação à grande aldeia da região de Codajás, igualmente longa e estreita à margem do rio.

6. i. é., para fiscalizar.

7. O Xingu.

8. Nessa mesma região, entre a foz do Xingu e a do Tapajós, Carvajal avistara "...a três léguas do rio, pela terra adentro, ... grandes povoações que branqueavam". A avaliação de 80 léguas para os 400 km que separam a foz do Xingu da do Tapajós significa léguas de 5 km.

9. Teixeira não deve ter compreendido a explicação dos indígenas.

10. É preciso lembrar que, no espanhol da época, vecino equivale a chefe de família ou, quando muito, a adulto do sexo masculino. Isto implicaria numa população total de pelo menos 75.000 pessoas, muito mais do que se poderia

esperar de um sítio qualificado como *povoado*, o que nos remete à discussão do conceito de *povoado* para os viajantes dos séculos XVI e XVII (cf. nota 15).

11. O estreito de Óbidos. Aqui 80 léguas para o trecho Santarém-Óbidos (125 km) significa léguas de 1,6 km.

12. 500 a 800 *casais* corresponderiam a 2.500 a 4.000 habitantes por povoado. O termo *casais* também poderia significar *casas*; neste caso, a informação de Teixeira indicaria que os Tupinambá haviam abandonado o padrão habitacional litorâneo das grandes malocas multifamiliares.

13. Outro equívoco da época era que o Madeira nascesse nas proximidades de Cuzco. As 160 léguas que Teixeira coloca entre Óbidos e a foz do Madeira (distantes 470 km) correspondem a léguas de 2,9 km.

14. 60 léguas da foz do Madeira à do Negro (165 km) significa léguas de 2,8 km.

15. Aqui a avaliação da distância é novamente inconsistente; a *máquina do gentio*, isto é, a região densamente povoada, começaria sete dias acima do rio Negro e terminaria no Rio do Ouro, uma das bocas do Japurá (Porro 1983-84). Não sabemos que distância foi percorrida em sete dias a partir da barra do rio Negro, mas sabemos que o Rio do Ouro era na região de Alvarães, 750 km acima da barra. Por menos que a expedição tenha avançado nos primeiros sete dias restariam, no máximo, digamos 700 km para dar conta das 300 léguas densamente povoadas, ou seja, uma relação de 2,3 km por légua. Compare-se a expressão "em 300 léguas de caminho pode-se dizer (*que*) é somente um povoado", com o "povoado" de 15.000 *vecinos* visto na foz do Tapajós (cf. nota 10).

16. O rio Juruá.

17. O território Omágua tinha início em foz do Mamoriá, 120 km acima da foz do Juruá (Porro 1981).

18. Outra inconsistência: os Omágua ocupavam 700 km de várzea (Porro 1981), o que faz as léguas de Teixeira, neste trecho, medirem 7 km.

19. 400 povoados pelas duas margens do rio, ao longo de 700 km, significaria uma média de um povoado a cada 3,5 km; o espaçamento seria na verdade maior, uma vez que muitos povoados estavam nas ilhas (Porro 1981).

20. Teixeira antecipa a conhecida tese de Acuña (1874:109) de que parte dos Omágua-Yeté, após anos de sujeição aos espanhóis de Quijos, no alto Napo, teriam se refugiado rio abaixo juntando-se ao grosso da sua nação.

21. *Tungurágu* era o Maraón acima da junção com o Napo.

22. O Curaray é afluente do Napo.

23. Refere-se à sinuosidade do rio em relação à linha do equador.

24. O *sítio de caça Juro* (?), ponto extremo das incursões holandesas, poderia ser a região do Lago Grande de Juruti, fronteira à foz do Nhamundá, ou da atual cidade de Juruti, também na margem direita, uns 40 km abaixo daquele e 80 acima do Tapajós.

LAUREANO DE LA CRUZ NO ALTO AMAZONAS (1647-1650)

A crônica de frei Laureano Montesdoca de la Cruz se destaca na documentação etno-histórica do alto Amazonas por ser, anteriormente ao Diário de Samuel Fritz, o único depoimento de um europeu que viveu na região durante um período prolongado, em contato constante com a população indígena.

Pouco se sabe sobre os primeiros anos da vida de frei Laureano. O prefaciador da terceira edição de sua obra (Cruz 1900), baseado numa referência do *Catálogo razonado biográfico de los autores portugueses*, de García Peres (Madri, 1890), conclui que era português. Nem o sobrenome espanhol, nem as referências pouco lisonjeiras aos portugueses que encontramos ao longo da obra parecem confirmar esta hipótese. Frei Francisco M. Comp-te, também franciscano e historiador da ordem no Equador, acredita que frei Laureano era natural de Quito, onde começou o noviciado em 1633 (Cruz 1885:144). Em 1636 participou da expedição de Juan de Palacios ao rio Napo, que iria terminar com a descida de Brieva e Toledo ao Pará (cf. capítulo anterior). Durante a permanência de Pedro Teixeira em Quito, frei Laureano teve acesso ao mapa de Bento da Costa e às notícias que os expedicionários traziam do rio Amazonas.

Em maio de 1647, com três companheiros entre os quais Domingo de Brieva, saiu de Quito para tentar a conversão dos Omágua, tidos então como "... gente pacífica, política e a de mais razão e governo de todo o nosso grande rio, que tinham *Caciques* principais a quem eram muito obedientes, e tinham comércio e comunicação com as nações vizinhas" (Cruz 1885:181). Descendo o Napo e o Amazonas, chegou em outubro às primeiras aldeias Omágua, uns 100 quilômetros acima da atual fronteira

brasileira. Aqui começou a catequese, que desenvolveu durante três anos na porção ocidental do território Omágua. Já ao fim do primeiro ano a região foi atingida por uma epidemia de varíola vinda de rio abaixo, que dizimou a população; não devia ser a primeira que os Omágua sofriam, porque o que mais chama a atenção no relato de frei Laureano, em oposição aos cronistas anteriores, é o reduzido povoamento da várzea do alto Amazonas.

Em outubro de 1650, desiludido da possibilidade de levar a bom termo o projeto missionário e com "... os índios a maquinarem sobre nossas vidas", ele e dois companheiros resolveram descer o rio para "... buscar caminho pela província de Caracas, que não está a muitas léguas de onde ele desemboca no mar" (*sic*). A viagem rio abaixo não teve maiores contratemplos; já abaixo dos Omágua, entre o Juruá e o Tefé, encontrou os povoados dos Aisuari devastados por uma incursão portuguesa. Na última aldeia da ilha Tupinambarana encontrou os primeiros portugueses à caça de índios; acompanhando esta tropa, os franciscanos chegaram a Belém em fevereiro de 1651 e um ano mais tarde estavam em Madri, onde frei Laureano, em 1653, redigiu o seu *Novo descobrimento do rio de Marañón, chamado das Amazonas*.

A crônica de frei Laureano é uma fonte primária importante para o conhecimento de alguns aspectos do modo de vida Omágua em meados do século XVII. Ela contém os únicos dados demográficos e as únicas informações precisas sobre padrões de povoamento anteriores às reduções jesuíticas fundadas por Samuel Fritz 40 anos mais tarde. Descreve habitações, indumentária, deformação do crânio, atividades de subsistência, algumas crenças e, com detalhes, a prática do infanticídio. Ao mesmo tempo, considerando-se a longa permanência do autor entre os Omágua, é decepcionante a ausência absoluta de informações sobre organização sócio-política. Surpreende também, após a enumeração das primeiras grandes ilhas e de seus povoados, o fato de não dizer uma só palavra sobre o povoamento das margens do rio. A parte final da crônica, com a descrição do rio Amazonas abaixo do Içá e até Belém, embora calcada nos dados geográficos de Acuña, contém diversas informações originais sobre o aspecto de algumas "províncias".

O manuscrito de frei Laureano, ou cópia dele, encontra-se na Biblioteca Nacional de Madri. Foi publicado pela primeira vez por frei Marcellino da Civezza em *Saggio di bibliografia*

geografica, storica, etnografica sanfrancescana, Prato, 1879. Frei Francisco M. Compte o reeditou em *Varones ilustres de la orden seráfica en el Ecuador*, 2ª ed., Quito 1885, t. I: 144-207. Uma terceira edição saiu em Madri em 1900 (Biblioteca "La Irradiación"); falta nela a parte correspondente aos anos 1639-1647 (p. 170-183 da ed. de 1885).

LAUREANO DE LA CRUZ

NOVO DESCOBRIMENTO DO RIO MARAÑÓN, CHAMADO DAS AMAZONAS*

(..) No ano de nossa Redenção de 1647, no mês de maio, movidos pelo amor de Deus e posta nele toda a sua confiança, saíram da cidade de Quito quatro Religiosos filhos de nosso Pai São Francisco do Convento de San Diego da dita cidade, para ir a uma província de índios infiéis chamados Omáguas, que habitam nas ilhas do Rio de San Francisco de Quito e (*que*) estão 300 léguas abaixo da sua nascente, onde o Irmão Frei Domingo (*sic*) Brieva havia estado já três vezes quando o descobriu e navegou. Saíram pois os quatro Religiosos, chamados o Padre Frei Laureano de la Cruz, Comissário, o Padre Frei Juan de Quincuoces (*sic*) e os Irmãos Frei Domingo Brieva e Frei Diego Ordóñez para procurar a conversão e remédio daquelas pobres almas, que segundo tivemos notícia deviam ser muitos milhares, porque diziam ser aquela província dos Omáguas de mais de 200 léguas de comprimento, e de tal sorte povoada que quase via-se um povoado do outro (*e*) não mui dificultosa, ao parecer, sua redução, por ser gente de paz, política e a de mais razão e governo de todo o nosso grande rio, que tinham Caciques principais a quem eram mui obedientes e tinham comércio e comunicação com as nações vizinhas, e outras coisas que nos obrigaram a fazer desta nação e província um conceito mui elevado.

(...) Tendo passado pela cordilheira de Quito e (*pelos*) Páramos dos Quijos, chegamos à cidade de Baeza, onde encontramos o Capitão Barnabé Hidalgo de Pinto, Tenente-General daquele partido, que com muito amor fez com que nos dessem o aviamento necessário para passar à cidade de Archidona, que

* CRUZ (1653) 1885.

está dali a 20 léguas, (e) onde tendo chegado bem, nos recebeu e hospedou em sua casa o Licenciado Pedro Ballejo, Cura de dita cidade, que nos fez muita caridade. Ali nos detivemos muitos dias por estarem os índios que nos haviam de levar ocupados na *Demora*, que assim chamam o tempo em que se extrai o ouro. Pelo que, tendo (isso) acabado e providos de todo o necessário de (coisas como) camas e gente para a viagem pelo Capitão Diego Díaz de Paz, *vecino encomendero* de Archidona e de Ávila e benfeitor nosso, ele em pessoa com sua gente e todos os demais fomos embarcar no porto do Napo, que está de Archidona a um dia de caminho.

Durante o tempo em que estivemos esperando esse aviamento, ocupamo-nos em escrever e aprender parte da língua Omágua, no que tivemos um bom princípio e não nos foi muito difícil aprendê-la.

Embarcamos no porto do Napo o dia 27 de setembro do dito ano (1647) e começamos a navegar pelo nosso grande Rio de San Francisco de Quito (sendo esse o seu primeiro porto navegável, porque daqui até a sua nascente, que não fica a muitas léguas, corre muito e entre muitos rochedos), e aos dez dias de nossa navegação chegamos à barra do rio Coca, que fica do porto de onde saímos 28 léguas.

Tendo passado já os rios de Archidona, de Ávila e Payansinos (*Payamino*), que como dissemos são os que saem da província dos Quijos todos pela banda do Norte, que é à mão esquerda caminhando por nosso rio abaixo. Nessa paragem dizem que Orellana construiu o bergantim com que navegou por nosso grande rio e foi sair na Margarita.

Prosseguindo pois a nossa viagem, a 47 léguas da barra do Coca, pela banda do Sul, que é à mão direita caminhando por nosso rio abaixo, passamos pelo Arraial de Anete, onde dissemos que o capitão Juan de Palacios e sua gente acamparam.

Poucas léguas mais abaixo desemboca no nosso rio um outro, ao que parece não muito grande, no qual dizem que está uma província de índios Omáguas, de cabeças chatas, de onde os moradores da cidade de Archidona têm tirado alguns, de que se servem.

Às 18 léguas do Arraial de Anete desemboca o rio Aguarico e se junta ao nosso grande (rio), e a partir dali começam as primeiras províncias e nações de infiéis que povoam o grande rio San Francisco de Quito; pela banda do nosso os Encabellado

e Rumo, que todos são um; pela outra banda, que é a do Sul, a dos Abigina; termina essa nação e província (*dos Abigina*) num rio que se chama Curaray, que desemboca e entra no nosso pela mesma banda do sul e terá de largura como um quarto de légua.

Dizem que nesse rio há muitos gentios e há pessoas que chegaram aos seus povoados e (*que*) se chamam Equitos (*Iquitos*). Esses são os primeiros povoados de infiéis e os mais próximos ao distrito de Quito e à jurisdição dos Quijos, e daqui há de se começar a fazer a conquista, se nosso Senhor é servido que se há de fazê-la.

Esse trabalho parece que será difícil, por ser terra de floresta e por estar o gentio muito mal assentado e sem ordem nem governo, mas com a ajuda de Nosso Senhor tudo se fará bem. Pela banda do Sul, 80 léguas abaixo do Curaray desemboca um grande rio no nosso de San Francisco, o qual terá uma légua de boca; chamam-no os naturais Paramanguaso, que quer dizer rio Grande. É esse o Marañón, que desce do Peru e por isso chama-se o nosso rio Napo de Marañón, e depois que os nossos frades o descobriram e navegaram chama-se San Francisco de Quito. Juntam-se ao rio Marañón o rio dos Xivaro, o dos Mágua e outros, antes de (*ele*) entrar no nosso.¹

Na junção desses rios há uma província de infiéis que se chamam Aguanátio, e são também Omágua, de cabeças chatas. Setenta léguas mais abaixo dessas juntas fica a província dos Omágua, que tantos cuidados nos deram e são os que íamos procurar.

Próximo a essas juntas, no dia de Santa Teresa a 15 de outubro, encontramos dez canoas com 50 índios Omágua da província que estávamos buscando, os quais, segundo eles nos disseram, estavam indo para uma província de índios que se chamam Icagnate (e são os Rumo e Encabellado de que falamos) a fim de matar e roubar, como soubemos ser seu costume.

Alguns deles fugiram quando viram nossas canoas e a maior parte deles, sabendo sermos espanhóis (que eles chamam Caripunás) ficaram, e saltando todos à terra numa praia os saudamos e abraçamos com mostras de amor e eles fizeram o mesmo conosco.

Falamos-lhes por meio dos línguas que levávamos e dissemos-lhes que íamos em busca deles para que fôssemos amigos e para lhes ensinar as coisas de Deus e fazê-los cristãos para que

se salvassem e que se quisessem ficaríamos, os religiosos, com eles.

Disseram que sim e que se alegravam muito com isso. Persuadimo-los a que deixassem aquela má viagem que iam fazer e que nos fôssemos juntos às suas casas.

Fizeram assim, e chamando os que se haviam escondido e muito contentes fomos todos juntos por nosso rio abaixo.

Aos 19 de outubro, dia de São Pedro de Alcântara, chegamos à província dos Omágua e à primeira ilha dela, chamada Piramota, e nós a chamamos de San Pedro de Alcântara por termos chegado a ela no seu dia.²

Com mostras de muito prazer nos receberam os ditos índios e logo nos hospedaram numa de suas casas, que para isso desocuparam, e ao Capitão Diego Díaz de Paz e à sua gente deram outra, e nela e em nossa companhia estiveram os espanhóis não mais que quatro dias, nos quais os Omágua nos presentearam a todos com o que tinham, e isso com muito boa vontade.

Levantamos um altar e nele oferecemos ao Pai Eterno o santo Sacrifício da Missa.

Plantamos a árvore santa da Cruz e em nome de Deus Nosso Senhor tomamos posse daquelas terras por nossa Santa Mãe Igreja e por nosso católico Rei, e por tudo demos muitas graças a Nosso Senhor.

Procuramos logo nos informar da gente e demais coisas da província e não foi possível saber coisa segura por enquanto; somente entendemos deles que a gente era muita, a qual (*gente*) deixamos para o devido tempo, quando a fôssemos avistar.

A ilha de San Pedro de Alcântara terá de comprimento duas léguas e de largura menos de meia e está, assim como as demais (que serão deste porte e algumas muito maiores), coberta de arvoredos mui alto e espesso.

Tinham suas casas, que eram 28, na margem do rio, feitas de madeira e cobertas de *palmichas*, que lá chamam *pinagua*, todas postas em fileira à maneira de Galeras dispostas com as proas em direção ao rio, todas muito juntas umas das outras e cada uma com duas portas, uma para o rio e outra para o bosque.

Viviam em cada uma dessas casas dois, três ou quatro *vecinos*, que se chamam índios de lança, e seriam ao todo 80, e de mulheres e crianças havia umas 250.³

De tudo isso demos notícia aos nossos Prelados⁴ e à Real Audiência de Quito pelo Capitão Diego Díaz de Paz, que nos prometera que viria nos visitar com sua gente uma vez a cada ano pelo verão, e com esse compromisso prometemos, para a primeira vez que nos viesse ver, ter vista e examinada a dita província, para dar conta de tudo.

Partiu o Capitão Diego Díaz e sua gente para Quito, deixando-nos um índio Omágua cristão com sua mulher como intérpretes e nós ficamos sozinhos e muito confortados por Nosso Senhor por nos vermos já como desejávamos, embora com alguma pena porque o que víamos não se conformava com os relatos, mas o encomendamos a Deus e o remetemos à vista e à experiência.

Naquela mesma noite, depois que o Capitão e demais pessoas haviam ido, fugiram o índio e sua mulher que haviam ficado em nossa companhia para intérpretes da língua, com o que ficamos totalmente nas mãos de Deus.

Fomos prosseguindo em nossa obra e adiantou-nos muito o que já trazíamos aprendido e escrito da língua, e com esse princípio e boa diligência a fomos aprendendo depressa e trabalhando naquilo a que havíamos vindo e que tanto esforço nos custava.

Aos quatro meses ou pouco mais que estávamos nessa aldeola junto com essa gente que nos acudiu muito bem, dei ordem de ir reconhecer alguns dos povoados mais próximos a este, e tendo consultado com nossos companheiros, deixando-os encarregados dos índios que ficaram, com 30 deles que me acompanharam em suas canoas e numa que nos deixara o Capitão, fizemos essa primeira saída.

Saimos de San Pedro de Alcântara levando em minha companhia um *donadito* (*jovem criado*) índio de Quito como meu intérprete e companheiro, deixando outro lá com os companheiros e caminhando pelo nosso rio São Francisco do Quito abaixo, chegamos no mesmo dia a um povoado pequeno de 14 casas chamado Sacayey em outra ilha semelhante à primeira, que teria 30 índios e mais suas mulheres e crianças, que não eram muitas. Distava essa ilha da outra oito léguas;⁵ receberam-nos bem seus moradores e nos acudiram com o sustento que eles têm, que são mandiocas, milho e as outras frutas comuns da terra e muito peixe de que abundam todos aqueles rios.

Dormimos ali uma noite e no dia seguinte seguimos adiante e chegamos a outro povoado chamado Mayti de somente oito casas, numa ilha maior que as primeiras, a nove léguas do outro povoado de Sacayey;⁶ paramos (*passamos*) sem aportar a ele e depois de andadas mais quatro léguas, chegamos a uma ilha também grande com um povoado de 16 casas chamado Caraute, que teria 40 *vecinos* e mais suas mulheres e crianças, que todos juntos chegariam a 120 almas.⁷

Aqui me receberam muito bem e presentearam com o que podiam e eu correspondi a estes, como aos demais, com miçangas, guizos, anzóis e muitas outras miudezas semelhantes que eles estimam muito.

Neste lugarejo pequeno estivemos três dias e ao cabo deles regressamos ao povoado de Mayti, pelo qual havíamos passado sem chegar a ele; chegamos e os seus *vecinos*, que seriam 20, nos receberam muito alegres e acudiram como os demais. Aqui dormimos aquela noite e nela foi Nosso Senhor servido de nos confortar com um menino que encontramos já prestes a expirar, e que, batizado, foi-se ao céu, e foi esse o primeiro dos que batizamos naquela província, que não foram poucos graças a Deus.

Sáimos desse povoadozinho e chegamos ao outro, onde pernoitamos, e no outro dia fomos dormir em San Pedro de Alcántara, onde encontramos os nossos companheiros alegres em Nosso Senhor e eu me regoziquei muito de achá-los bons. Dei-lhes conta do que havia acontecido e não deixou de nos ser tirado o gosto pelo que íamos vendo, tão diferente do que havíamos entendido pelos informes.

Dentro de poucos dias chegou ao lugar onde estávamos uma canoa com sete índios do povoado de Carahute, onde eu já estivera, que vinham buscar-nos para levar-me ao seu lugarejo, dizendo que gostavam da nossa companhia e para que lhes puséssemos uma Cruz como havíamos feito em San Pedro de Alcántara. Fui de boa vontade com eles, levando comigo o *donadito* meu companheiro, deixando os demais, como da outra vez, ocupados em aprender a língua e em conservar e aumentar a amizade dos índios e cuidando dos *Seños* que morriam para batizá-los, pois esses foram os exercícios em que nos ocupamos no tempo em que estivemos naquela província, além dos de obrigação e devoção, que é o principal.

Chegamos ao povoado de Caraute, onde havíamos estado os dias que (*já*) dissemos.

Pusemos a santa cruz e todos a adoraram e beijaram, da forma que eu os ensinei, com o que se confortaram.

Daqui passamos a outro povoado que ficaria a oito léguas deste, em outra ilha muito grande e tinha 22 casas e nelas cerca de 50 índios e mais sua turma.⁸

Deste passamos a outro que ficava dez léguas mais baixo, com nove casas e nelas umas 16 pessoas entre grandes e pequenos, muito aflitos porque se lhes tinham morrido os demais (embora alguns tivessem fugido) de uma grande peste de bexigas que os havia atacado a todos e da qual esses já estavam convalescentes.⁹

Deram-me notícias de que toda a província dali para baixo estava empestada e que havia morrido muita gente.

Com isso regressamos ao lugarejo de Caraute, onde já por essa época estava-se inundando toda a terra com as enchentes e os seus alagamentos, que isso ocorre naquelas ilhas quase todos os anos.

Fizeram os índios, dentro de suas casas, uns estrados de madeira que eles chamam *Iuzas* e sobre eles estivemos três meses, que foram os de abril, maio e junho, com mais de seis palmos de água por baixo.

As canoas entravam e saíam das casas e de noite ficavam debaixo dos estrados.

Os índios iam com elas pelas matas buscar frutos de palmeiras e de outras árvores e peixe para comer, porque os mantimentos que haviam semeado tinham-se perdido quase todos.

Nessa época, estando como estávamos em meio à inundação, uma noite de grande vento, água e trovões que vinham de rio abaixo para cima, chegou ao nosso povoado de Caraute a peste de rio abaixo, e o dia seguinte amanhecera atacados por ela um rapazinho e uma índia velha, em casas diferentes, e destes foi-se propagando e pegando nos demais, de tal forma que em pouco mais de um mês não restou em todo o lugarejo pessoa grande ou pequena que não caísse miseravelmente e até o *donadito* meu companheiro não escapou desse sofrimento. Somente a mim foi Deus servido que não tocasse, andando como andei entre aqueles miseráveis empestados de enfermidade tão pegajosa e tão asquerosa que o simples ver o estado miserável dos enfermos e o seu mau cheiro bastavam para matar.

Outra aflição juntou-se a esta (embora não durasse muito), e foi que cobrindo-se toda a terra de uma espessa neblina, que vinha do lado do mar e caminhava para as cordilheiras com um vento rigorosíssimo e água miúda que os índios chamam Jocamari, que quer dizer tempo frio, e o sofrem duas ou três vezes a cada ano e em cada vez três ou quatro dias sem que se veja o sol nem quase a luz.¹⁰

Foi esse temporal tão frio que não havia roupa com que proteger-se e nos obrigou a esquentar a água para poder bebê-la. E aqueles miseráveis feridos pela peste e todos ulcerados, jogados sobre aqueles estrados, nus, sem nenhum tipo de remédio nem socorro temporal a não ser um pouco de fogo, e nem todos o conseguiam, o passaram tão desventuradamente que muitos morreram.

Os gritos que os enfermos davam e os prantos que faziam pelos mortos eram tais que se me afiguravam as penas que já sofriam as almas dos que esperavam pelos outros.

Não tinham aqueles miseráveis remédios com que curar-se a não ser com umas cascas de árvores e folhas de outras, que cozidas lavavam-se com a água, mas quase não lhes foi de proveito.

Levavam os corpos dos mortos arrastando-os com um laço e os jogavam no meio do rio. E os que escaparam da morte ficaram tais que durante muito tempo não prestaram para nada. Seja Nosso Senhor abençoado por tudo.

Passados cinco meses que estávamos nesse povoadozinho e passada a inundaçãõ, que durou três meses, e a peste, que durou quase outro tanto, e o frio, que durou cerca de quatro dias, tendo morto a terça parte daquela gente desafortunada e convalescido os demais, com nosso *donadito* já sadio regressamos aonde estavam os nossos companheiros, ao extremo preocupados conosco. Encontramo-los bons e todo o lugarejo sadio e livre da peste, sendo este o único que ficou livre dela em toda a província.

Já acabados os referidos trabalhos, eu quis voltar a viajar e descobrir o restante da província, porque os índios nos diziam que (*rio*) abaixo ficava o grosso da gente, e não pude porque adoeceram dois companheiros e não me atrevi a deixá-los.

Quando, ao cabo de 17 meses da nossa chegada a esses Omáguas, aos 14 de março de 1649, chegou o Capitão Diego Díaz de Paz com sua gente e canoas e com um religioso que o reve-

rendo Padre Frei Fernando de Cozar, Provincial, nos enviou com muito bom socorro e uma patente em que nos ordenava que, caso se colhessem frutos naquelas terras ou houvesse esperança de fazê-lo, perseverássemos nelas, e que se não, que regressássemos à nossa província.

O que fizemos foi enviar os dois companheiros enfermos, que eram os irmãos frei Domingo Brieva e frei Diego Ordóñez, a Quito, ficando em nossa companhia o irmão que nos trouxe o socorro, chamado frei Francisco González. E escrevemos ao reverendo Padre Provincial o pouco que até então havíamos visto e que ficávamos para ver o mais, que nos diziam era muito, e que uma vez o tendo visto, tratado e considerado, por ocasião de outra viagem em que viesse a ver-nos o Capitão Diego Díaz resolveríamos o que se havia de fazer, de tal sorte que se fosse coisa de importância, como nos haviam dito, ficaríamos e enviaríamos a pedir ajuda, e se não fosse assim, retornaríamos aos nossos conventos, e com isso despachamos o Capitão, companheiros e demais gente, os quais estiveram conosco somente três dias.

Poucos dias depois da ida do capitão e sua companhia e deixando em nosso povoadozinho de San Pedro de Alcántara os companheiros, que eram o Padre Juan Quincoces, o irmão frei Francisco Gonzáles e um *donado* fazendo de sua parte o de sempre, eu e o outro *donadito* meu companheiro descemos pelo nosso rio de San Francisco em nossa canoa com índios suficientes, com vontade de ver e reconhecer toda a província e tendo caminhado 40 léguas deixamos os índios que levávamos porque eles temiam que os de sua nação os matassem (pois são assim que não confiam uns nos outros) e, com outros que nos quiseram acompanhar, caminhamos nosso rio abaixo mais 60 léguas reconhecendo os povoados que íamos encontrando (que eram poucos e como os demais) até que chegamos ao local onde desemboca e entra no nosso o rio Putumayo,¹¹ que foi o primeiro que os nossos religiosos navegaram e por onde o irmão frei Pedro Pecador desceu desde os Zeños e veio a essa província dos Omáguas.

Não fomos além dessa paragem e de um lugarejo próximo, de 15 casas e pouco mais de 30 índios,¹² e nem foi possível porque os índios de lá, especialmente um chamado Mayrcatizi, grande feiticeiro, não nos deixaram passar dizendo que os índios de mais abaixo nos iriam matar, diante do que tratei de me informar do restante dessa província e descobri, pelo informe

que nos fizeram e pelo que eu havia visto, que não tínhamos nada (*a temer*) e que nos haviam enganado.

Pois em 200 léguas que têm de extensão os Omágua,¹³ com 34 povoados pequenos,¹⁴ não encontramos 10 índios que prestassem, além de suas mulheres e crianças, que não são muitas e nem o podem ser pelo que adiante diremos.

Aqui perguntamos pelo irmão frei Pedro Pecador e soubemos como havia chegado a essa província e dela passado a outra que está 50 léguas mais abaixo e se chama dos Aysuace,¹⁵ tendo por companheiro um moço que seria o *donado* que trouxe de Quito.

Ali me disseram que (*os dois*) haviam estado muito tempo e que tendo o moço, chamado Pascual, se juntado com uma índia infiel, foi-se o irmão frei Pedro Pecador por nosso rio abaixo, sozinho, em busca dos portugueses (que os índios chamam Carayguas),¹⁶ ficando lá o miserável Pascual feito índio e pior.

Voltamos outra vez por nosso rio de San Francisco acima e chegamos bem a San Pedro de Alcántara, onde encontramos os nossos companheiros, tendo-lhes referido tudo o que temos dito e considerado amplamente sobre aquela província tão grande e de tão pouca gente e tão afastados uns dos outros,¹⁷ sem *policía*, nem razão, nem governo, sem caciques principais nem obediência a ninguém, e cujo trato com os vizinhos era de matar-se e aprisionar-se uns aos outros, como todos o vimos e experimentamos à saciedade.¹⁸

As ilhas onde habitam são alagadiças, (*com*) muito calor e infinidade de mosquitos e outras coisas que tornam tais ilhas inabitáveis, pelo menos para espanhóis.

Com determinação decidimos voltar à nossa província, pois não teríamos mais proveito. Aguardávamos para o verão que já se aproximava o nosso capitão Diego Díaz, como no-lo havia prometido, já dispostos a partir. Para tanto resgatamos cinco rapazes dos que os Omágua têm como cativos, pois não encontramos mais para levá-los a Quito, (*e nos preparamos*) com alguns bordões e pássaros, que por lá os há muito bons, mas o capitão não veio, embora tivesse passado o verão, tempo em que tinha que vir.

Parecendo-nos pois que o não ter vindo nos buscar seria por não o ter podido e que viria o ano seguinte, recomendamos-lo ao Senhor e esperamos, ocupando-nos nesse tempo com os exercícios costumeiros, especialmente em cuidar dos enfermos.

Contarei, para maior glória de Deus, um caso admirável e estranho, tal que me atrevo a dizer que não houve no mundo outro semelhante.

Perto da casa em que morávamos uma índia pariu um menino que, tão logo nasceu, deu tão grandes gritos que me fez enviar os companheiros para vê-lo.

Foram eles logo e, quando chegaram, os próprios pais (*do menino*) já o haviam enterrado vivo num pequeno matagal (*montecillo*) perto de sua casa; assim que o soube, fui para lá com os rapazes e um companheiro, e procurando pelos lados onde haviam entrado, quis Deus que o encontrássemos ao cabo de uma busca que demorou um longo quarto de hora.

Desenterramo-lo quando já dava os últimos respiros e o batizei. Feito isso começou Juan, que esse nome lhe pusemos, a voltar a si e tomar alimentos.

Fiz trazer um jarro de água, o lavamos e lhe cortamos o cordão, que ainda estava com seus pares (*y cortámosle la vid, que aún estaba con sus pares*); o envolvemos nuns panos e o levamos à nossa casa e foi Nosso Senhor servido que vivesse oito dias.

Sustentamos o bebê com o leite de outras índias (que sua mãe nunca mais o viu) e ao cabo disto Deus o levou para si e nós demos a ele muitas graças.

Com a experiência do caso referido, cremos ser certo o que já nos haviam dito algumas vezes os próprios Omágua, que enterravam vivos os seus filhos acabados de nascer, ou porque querendo os pais um filho homem nascia mulher, ou porque nascia um estando a mãe criando outro, e dessa forma haviam enterrado muitos, e soubemos que a mãe do nosso menino já havia enterrado mais dois e outras mães um, dois ou três.

Repreendemo-los por esse malefício e nos responderam que sempre faziam assim e que era entre eles antigo costume.¹⁹

Do que foi dito poder-se-á inferir a *policía*, razão e bom governo dos Omágua, os quais não podem ser muitos pelas razões já ditas de matar-se uns aos outros (*e*) de enterrar vivos os filhos acabados de nascer, e além dos que morrem de enfermidades (no que eles não querem crer e sim pensam que os feiticeiros os matam), morrem também despedaçados pelos tigres, picados pelas víboras e comidos pelos jacarés, que tudo isso vimos e entendemos durante o tempo em que estivemos com eles, que foram três anos completos.

A roupa que vestem os Omágua é, nos homens, umas camisetas de algodão pintadas que lhes chegam nos joelhos e sem mangas, as quais não lhes servem na maior parte do ano, porque sem elas andam mais desembaraçados.

As mulheres envolvem-se numas mantilhas de algodão tão curtas e estreitas que as decoram muito pouco. O modo que têm de achatar as cabeças é o seguinte:

Tomam a criança nascida há poucos dias e lhe cingem a cabeça, na parte do cérebro (*na nuca*) com uma faixa larga de algodão, e na parte da frente com uma pranchinha que fazem de canas bravas, que a segura muito bem apertada desde os olhos até o cabelo e dessa maneira o que a cabeça tinha que crescer de redonda cresce para cima e fica longa, chata e muito desproporcionada.

Sustentam-se os Omágua com os mantimentos ordinários da terra, de que já falamos. No ano em que não se inunda a terra é muito fértil, mas aquele em que se inunda (*é*) muito estéril.²⁰

O peixe desses rios é muito e bom, e há muita tartaruga, que é muito bom sustento, como também o é o peixe-boi, que é tão grande como um bezerro e tem a cabeça do mesmo feitio; pasta capim na beira dos rios, sua carne é como a de vaca e de muita substância.

O modo de pescar e de caçar aves e animais naqueles bosques, a natureza e a necessidade o ensinaram aos seus habitantes. O ordinário são flechas, arpões, sarabatanas e laços que eles fazem a seu modo. Em todas aquelas terras há um gênero de porcos (*ganado de cerda*) que tem o umbigo nas costas, e quando o matam é preciso cortá-lo fora logo, porque senão a carne lhe toma o cheiro, e ela é muito sadia e boa.²¹

Há também uns animais a que chamam antas, tão grandes como vitelas e quase do mesmo feitio, servindo sua carne de sustento e os couros para rodelas, com que os índios se protegem quando pelejam.

Desses gêneros e outros mais, que há naqueles bosques, desfrutam muito os índios que estão assentados na terra firme, onde o tempo é melhor e onde não há mosquitos e são menos as pragas do que nas ilhas dos nossos Omágua. E por fim, a terra firme é habitável e as ilhas não; aquela promete proveitos e destas não se deve esperar nenhum, e se os Omágua hão de ter remédio, há de ser mudando-os para a terra firme.²²

Nas ditas ilhas e com todos os incômodos que temos referido, passamos três anos e Nosso Senhor nos conservou em boa paz e amizade com os miseráveis Omágua. Comíamos do que eles comiam e nos davam de boa vontade, que nunca nos faltou, e bebíamos dos vinhos que eles faziam até mais não poder, por não serem nada limpos. Para nos proteger dos mosquitos, usamos para dormir uns toldos de tecido, que eles também usam embora de material diferente, porque os fazem com os trapos das mantas e camisas que vestem. E esses toldos também serviam de abrigo para umas avezinhas noturnas que nós chamamos morcegos e eles aneras, que mordem as pessoas enquanto dormem e lhes chupam o sangue sem que as sintam.

Para os mosquitos que molestam durante o dia, e também para o calor, usamos uns abanos de plumas que eles nos davam e que também usavam, embora não sempre mas no tempo de suas festas, que são as bebedeiras de que usam muito e mui desatinadamente, porque fazem uns convites somente para beber vinhos feitos daquelas raízes que comem, e de milho e de batatas, em tamanha quantidade que têm do que beber em cada festa durante dois, três e quatro dias homens e mulheres sem que falte ninguém, e feito e acabado um convite por um vizinho, logo outro vizinho dispõe outro convite, e dessa forma gastam a maior parte do ano nessas solenidades (menos aqueles tempos em que as suas ilhas se inundam).

São as tais bebedeiras a origem de todos os males daqueles desgraçados, porque nelas se fazem todas as consultas e se decretam as mortes, cativeiros e maldades que hão de fazer e de fato fazem.

Nesses tempos e ocasiões, se Deus não nos guardasse, não estávamos seguros; porque embora os Omágua, não estando embriagados, são gente pacífica, em estando-lo se tornam tais que não reconhecem ninguém e não estão seguros pais nem mães, filhos nem parentes.

Tendo chegado o último verão em que esperávamos socorro de Quito e que nos viessem buscar ... com o que começamos a perder as esperanças e os índios a tramar sobre nossas vidas, pois viam que os espanhóis não chegavam (que é o que mais temem devido aos arcabuzes).

Decidimos fazer uma boa canoa para irmos, se pudéssemos, por nosso rio acima à nossa província de Quito ou, se não, descermos por ele abaixo a buscar caminho pela província de Caracas, que não está a muitas léguas de onde ele desemboca no

mar.²³ Fizemos a canoa com uma árvore que tinha de largura 19 palmos e mais de 100 de comprimento, e não era ela das maiores.

Os próprios índios nos ajudaram a fazê-la sem saber para o que era. Saiu-nos muito boa e tinha de comprimento 64 palmos e 5 de largura.

Terminada a canoa e passado já o verão e o tempo em que esperávamos o socorro que não veio, no dia de Santa Teresa, à noite, que é a 15 de outubro de 1650, deixando a casa como estava, com todas as coisas de nosso uso aos cuidados de uns velhos que nos queriam bem e a quem chamávamos avós, dizendo que íamos buscar tartarugas nas praias embarcamos, os três companheiros religiosos, os dois *donaditos* e os cinco rapazes resgatados, com um pouco de suprimentos que havíamos juntado às escondidas. E com a bênção de Deus, não podendo navegar por nosso grande rio acima devido à sua muita correnteza e às nossas poucas forças, deixamo-nos ir rio abaixo com muita suavidade, procurando com a ajuda e o favor de Deus guardar nossas vidas para melhor servi-lo.

Deixamos uma carta escrita e afixada num lugar onde, se viessem os espanhóis, a poderiam ver, na qual dávamos conta do nosso rumo e das causas que nos obrigaram a abandonar aquela nação, que são as que já tenho referido com toda clareza.

Íamos no amor de Deus fazendo nossa viagem, passando sem nos determos nos povoados dos Omágua, onde já éramos conhecidos e eles nos proviam dos mantimentos necessários, de tal sorte que, com o que nos davam e com o que levávamos, passamos bem.

Passada já a metade dessa província, que está entre outras que povoam a terra firme, quais são, na banda do Sul, os Mayuzuna²⁴ e Guarayco²⁵, e na do Norte os Jaunas, chegamos onde desemboca o rio Putumayo, um dos grandes que entram no nosso Rio de San Francisco e (*que*) os índios chamam Iza.

Não pudemos ver a sua boca por impedi-lo algumas ilhas que estão na sua frente e nem sequer pudemos ver um páramo e serras nevadas que os Omágua nos disseram estar pela banda do Sul, porém muito afastadas do rio,²⁶ porque quando passamos tudo aquilo estava coberto de névoa.

Cinquenta léguas mais abaixo do Putumayo, vimos um rio que desemboca no nosso pela banda do sul, que me pareceu ter de largura um quarto de légua; não tínhamos a quem perguntar e assim passamos ao largo.

O dia anterior ao que passamos por esse rio, que depois soubemos chamar-se Jutac,²⁷ saiu ao nosso encontro uma canoa com dois índios Omágua, um deles meu conhecido e que, junto com outros, me havia dado anteriormente notícias do irmão frei Pedro Pecador. Fiz com que chegassem à nossa canoa e falando com ele disse-me que os índios Omágua dos últimos povoados haviam morto o miserável Pascual (de quem falamos) e que um filho seu que estava num daqueles povoados me daria maiores notícias de tudo. Deu-me o nome do seu filho e umas bananas e eu lhe dei umas miçangas e, despedindo-nos, ele foi para um povoado que ficava ali perto e nós seguimos adiante lamentando a morte daquele pobrezinho do Pascual.

Chegamos em breve aos últimos povoados da província dos Omágua e achamos o filho do índio que havíamos encontrado, e soubemos dele que haviam matado Pascual numa bebedeira tirando-lhe alguns objetos, com o que havia ganho algumas mantas para se vestir. Também nos disseram que os portugueses andavam ali por perto em nosso rio buscando ouro.

Aqui nos supriram de muitas provisões, com o que passamos adiante.

Às 24 léguas dos últimos Omágua vimos um rio, ao que parecia não muito grande, chamado Jurva, que entra no nosso pela banda do sul.

Nessa mesma banda, 28 léguas mais abaixo desse rio Jurva, começa a província dos Aysuari, onde nosso irmão frei Pedro Pecador esteve.²⁸

Antes de chegar às casas, que estão sobre grandes barrancas, encontramos alguns dos seus moradores em canoas com que vão uns buscar tartarugas e outros às sementeiras que têm nas ilhas, e deles soubemos que o irmão Pecador havia estado com eles muito tempo e que já se havia ido por nosso rio abaixo aos portugueses e que os índios da sua nação o haviam levado de um povoado a outro.

Com isso passamos adiante e tomamos porto em duas paragens dessa nação, cada uma tendo duas casas, às quais subimos para buscar mantimentos, mas achamos poucos porque nos disseram que os portugueses e sua gente haviam acabado com o que tinham e que já estavam (*os portugueses*) de volta por nosso rio abaixo.

Essa província terá 80 léguas de comprimento;²⁹ suas casas são de madeira e palha, todas fechadas e com uma só porta muito pequena e fechada devido aos mosquitos.

Vão continuando essas rancharias pelas margens do nosso rio, afastadas umas das outras como meia légua e uma e até mais.³⁰

A gente é toda nua, tanto homens como mulheres; fazem panelas, jarros e cuias em que bebem, feitas de umas cabaças que cultivam, e trocam esses gêneros, os Aysuari, com seus vizinhos, por outros de que eles precisam.

Toda essa terra é de arvoredos, embora ao que parece não muito espessos.

Quase ao fim dessa província e pela mesma banda (*do sul*), desemboca no nosso um outro rio, ao que parece não muito grande, chamado (...);³¹ nesse e nos que já dissemos e iremos dizendo, há notícias de novas nações de gentios, mas como não entramos nem navegamos por eles, não os vimos.

Pela banda do norte passamos por outro rio que entra no nosso poucas léguas abaixo do de Tapi, que deixamos na outra banda, e na sua boca achamos um povoado que teria 40 casas; chama-se o rio Aragatua³² e seus habitantes Jaguanai. Aqui nos deram um pouco de mantimentos e aqui acabou (*o conhecimento ou os intérpretes da*) língua e não se pôde, daqui para diante, falar com os índios nem entendê-los.

Poucas léguas mais abaixo³³ começa na banda do sul e vai continuando por uma e outra banda do nosso rio a província que chamam de Joriman,³⁴ que tem de comprimento 60 léguas; chegamos aos primeiros povoados, que seriam de 20 a 24 casas cada um e seus habitantes (*são*) todos nus.

Vinham nos ver carregados de armas, que são umas flechas que atiram com uma só mão e com um instrumento que chamam *palleta*, de madeira;³⁵ não chegamos às suas casas porque em seu proceder percebemos sua má intenção, e assim procuramos passar de noite pelas suas povoações, embora no último dia que passamos por elas foi mister, para livrar-nos deles, que Nosso Senhor nos enviasse um temporal de vento pela popa, tão forte que em pouco tempo, tendo armado uma vela que fizemos com uma manta, vimo-nos livre de muitas canoas de índios que nos estavam cercando, do que demos muitas graças a Deus.

Passada esta província dos Jorimanes, que é a de mais gente e mais atrevida que vimos, caminhamos 70 léguas por nosso rio sem ver gente nem povoados, mas somente arvoredos, ilhas e duas bocas de rios que entravam no nosso por uma banda e pela outra.³⁶

Tendo passado todo o dito, chegamos ao rio Negro, que desemboca no nosso pela banda do Norte; puseram-lhe esse nome os nossos religiosos na primeira vez que aqui chegaram por parecerem suas águas muito negras, e a causa disso é sua grande profundidade e o ser muito transparente.

Terá de largura em sua boca uma légua, e o nosso de San Francisco algo menos, ainda que entre aqui todo ele junto, porém muito fundo.

Este sítio dessa barra (*juntas*) é digno de se ver porque perto de suas margens (onde há muitas pedras, coisa que não há em todo o nosso a não ser no seu princípio) há algumas serras não muito altas e de uma e outra banda numerosas palmeiras muito altas e grandes e belas árvores, e além disso é digno de se ver esses dois grandes rios juntar-se um com outro e assim juntos seguir o seu curso e caminho lado a lado algumas léguas, distinguindo-se umas águas das outras sem se misturarem, ocupando cada um deles uma légua e os dois juntos dois de largura.

Depois de ter visto tudo isso, no que gastamos um bom tempo, metemo-nos com nossa canoa no meio dos dois rios e assim começamos a navegar, quando a pouco caminho andado descobrimos 14 canoas de índios infieis que desembocavam pelo rio Negro e pareciam nos seguir.

Isso nos deixou muito inquietos, porque tínhamos notícias de que os tais índios eram muito canibais (*caribes*) e de que usavam flechas envenenadas e as atiravam com grandes arcos com que alcançavam grande distância. Mas Nosso Senhor, a quem muito devemos, foi servido que eles se desviassem por lá e nós em pouco tempo os perdemos de vista.

A 40 léguas abaixo do rio Negro passamos, ainda que afastados, pela boca de um grande rio, que desemboca no nosso pela banda do sul, ao qual puseram por nome rio de la Madera, pela muita que trazia quando os nossos religiosos passaram por ele, e isso acontece normalmente (*assim como*) com os demais rios, em tempo de inverno, porque com as grandes enxurradas das cordilheiras desabam muitos pedaços de terra das suas

margens com as árvores que eles sustentam, e junto com outras que caíram, descem pelo rio abaixo até parar nas ilhas ou no Mar.

Isto o vimos no tempo em que estivemos nos Omágua e vimos que os índios saíam ao seu encontro quando percebiam que eram cedros, e jogando-lhes um laço os traziam à terra, e passado o tempo das enchentes lavravam neles canoas com machados de pedra e outros instrumentos feitos de casco de tartarugas e ossos de animais.

A 28 léguas do rio de la Madera, há uma província que chamam dos Tupinambarane, à banda do sul, num braço do nosso rio que, afastando-se do seu principal, entra pela terra firme adentro e volta a sair e a juntar-se com ele outra vez 60 léguas mais abaixo, e em cuja boca está o último dos povoados dos ditos Tupinambarane.³⁷

A este (*povoado*) chegamos seis dias depois que passamos o rio Negro, sem ver em todo aquele caminho gente nenhuma.

E o que acho desses que parecem (*lugares*) despovoados é que as nações que habitam em tão dilatadas terras (de que há muitas notícias) estão afastadas dos rios ou pelas inundações ou pelos mosquitos, como o estão no princípio do nosso grande rio. Nesse meio caminho morreu-nos um dos rapazes que havíamos resgatado; batizamo-lo e pusemo-lhe por nome Ventura e o enterramos numa ilha das muitas que há por ali desabitadas.

Chegamos ao dito povoado dos Tupinambaranes aos dez dias do mês de novembro do dito ano (1650). Depois de 26 dias que havíamos saído da ilha de San Pedro de Alcántara dos Omágua, tendo andado neles mais de 600 léguas,³⁸ encontramos aqui um homem branco e ruivo em traje de espanhol. Alegramo-nos muito em vê-lo, e muito mais (*ao ver*) uma cruz que estava junto às casas.

O homem assustou-se de tal forma ao nos ver que mal conseguia nos falar. Perguntamos-lhe se era cristão e respondeu-nos que sim e que se chamava Francisco.

Pela fala percebemos que era português e ajudou-nos a saltar à terra, e tendo-nos saudado disse-nos que aquele povoado era de índios cristãos e que ele tinha vindo buscar uns índios fugidos de outro povoado que estava dali a 36 léguas, onde estava uma tropa de portugueses que iam resgatando índios cativos, e que (*como*) estava para regressar iríamos juntos. Adoramos a santa Cruz e dando a Deus muitas graças fomos muito confortados às casas.

Saiu a nos receber um índio de boa presença com uma vara na mão, insígnia que trazem naquelas províncias os índios principais,³⁹ que no Peru se chamam *Caziques*; chamava-se este Jaguaramiri, que quer dizer Leão pequeno e ele e os que o acompanhavam, homens e mulheres, (*estavam*) todos nus e segundo entendemos não tinham de cristãos mais do que o ser e os nomes. Saudou-nos por meio do soldado português e nós fizemos o mesmo e lhe demos conta da nossa viagem. Alegrou-se muito e fez com que nos dessem muito beiju (*casabe*), peixes, tartarugas, abacaxis e vinho do que eles bebiam.

Demos-lhes algumas medalhas e miçangas que nos haviam restado. Neste lugar, que teria 80 casas, estivemos quatro dias. Fomos todos, com nosso Francisco Lopez, português, e mais três índios em nossa canoa, em busca dos portugueses. Ao cabo de dois dias chegamos a um lugarejo de seis casas situado na boca de um rio mediano que chamavam dos Condurises⁴⁰ e esse mesmo nome tinham os seus habitantes. Deles soubemos que a tropa dos portugueses já havia ido dali a outra província, 50 léguas mais abaixo, chamada dos Trapajosos; pedimo-lhes índios para que nos levassem até lá, e enquanto os procuravam, nos detivemos ali quase dois dias; deram-nos de comer do que tinham e soubemos que eram cristãos como os que lá (*rio acima*) havíamos deixado.

Antes de passarmos adiante, diremos que rio é este e o que nos disseram dele e se diz naqueles lugares.

Entre os Omágua ouvimos dizer que por nosso grande rio abaixo havia uma província de mulheres que viviam sós sem varões, e que com estes só tinham amizade, que cada ano, durante certo tempo, as iam visitar, e que (*elas*) usavam arco e flecha e que eram muito valentes.

Através do dito soldado português, soubemos o mesmo, e também de outros que no-lo disseram; e que nesse rio que chamam dos Condurises, muito acima, dizia-se estarem as tais mulheres que se chamavam Amazonas. Tudo isso, e algo mais que ouvimos, são somente notícias, mas nada de visto, nem tais coisas pudemos averiguar nem dos índios nem dos portugueses que ordinariamente navegam por aqueles rios.

Isto deu motivo para que se desse o tal nome das Amazonas ao nosso grande rio de San Francisco del Quito, sendo assim que desde este pequeno rio das ditas Amazonas até a nascente do grande (*rio*) nosso, há cerca de 1... léguas, e desde este rio das Amazonas ao mar haverá pouco mais de 300.

E em comparação com o nosso grande rio de San Francisco, o que chamam das Amazonas é rio muito pequeno.

Partimos deste (rio) dito dos Condurises ou rio das Amazonas com nosso soldado português e com os índios que ali nos deram, e no terceiro dia que navegamos por nosso grande rio de San Francisco abaixo chegamos ao que chamam dos Trapajosos e (que) entra no nosso pela banda do sul, e na outra banda encontramos as canoas e tropa dos portugueses e como cabo deles o capitão Manuel de los Santos, um dos oficiais da armada portuguesa que foi a Quito com nosso irmão Fr. Domingo, quando descobriu e navegou o nosso grande rio.

Admiraram-se muito de nos ver e nos receberam com muito amor, e com muita caridade nos brindaram e acudiram a todas as nossas necessidades. E para que nossa vinda não causasse a eles qualquer suspeita por sermos castelhanos, mostramos-lhes nossas patentes e demos-lhes conta verdadeira e suficiente de nossa viagem e das causas de nossa impensada vinda, com o que, parece, ficaram satisfeitos.

Tratamos por fim de como faríamos para passar à província de Caracas, que era o que pretendíamos.

Ao que nos responderam não ser possível fazer tal viagem, porque com o levante de Portugal também se havia interrompido o comércio e a comunicação que antes tinham por aquelas partes os castelhanos com eles, (e) que não havia outro remédio se não passar à cidade do Marañón, onde estava o Governador daquele estado, que era então Luis de Magallanes, para onde ele (o capitão) já estava de partida com uma tropa e que nos levaria de bom grado em sua companhia e em suas canoas, e que lá nos beneficiaríamos de poder passar à Espanha, ainda que isso não fosse muito fácil porque havia naquele estado grande falta de sacerdotes e de religiosos da nossa Ordem e que nos haveriam de deter (como o tentaram). Recomendamo-lo a Nosso Senhor e postos em suas mãos e nas dos portugueses, esperamos de todos bons sucessos.

Perguntamos por nosso irmão frei Pedro Pecador e nos disseram que não havia chegado àquelas partes nem tinham notícia dele, com o que podemos crer que morreu ou que o mataram aqueles bárbaros. Soubemos ainda desta gente que os portugueses de quem tivemos notícias lá no fim da província dos Omáguas, que andavam por nosso rio, era uma armada e (que) por ordem do Duque de Verganza, havia ido ao descobrimento de umas minas de ouro muito ricas de que lhe haviam

dado notícia, e que andaram muito tempo por aqueles rios a procurá-las e ao fim, sem encontrar nada e com muita gente a menos que morreu, voltaram à cidade de Marañón de onde haviam saído e aonde depois vimos o que foi por general (ser) preso e muito constrangido pelos gastos e desperdícios da dita armada.

Ficamos alguns dias nesta paragem em companhia dessa gente portuguesa, num povoado de dez casas que havia nela, de índios amigos mas não cristãos chamados Trapajosos, lugar onde despiram os nossos religiosos e seus companheiros na primeira vez que por ali passaram.

Nessa época foi oficiado ao capitão Manuel de los Santos, cabo da dita tropa, para que fosse a dois dias de caminho deste sítio assentar as pazes entre os Trapajosos e outros índios seus vizinhos, as quais já se haviam começado a fazer.

Ofereci-me a acompanhá-lo e ele o estimou muito, e deixando ali um capitão e parte de sua gente, fomos com os mais briosos fazer essa viagem.

Levei como meu companheiro o irmão frei Francisco González e deixei ali o Padre frei Juan de Quincoces com os rapazes.

Chegamos a tomar porto numa praia muito grande, perto do lugar onde os índios estavam assentados e ali saíram a nos receber e nos trouxeram do que comer e assentaram-se as pazes, embora mal, porque aqueles homens (os portugueses) não procuravam outra coisa senão o seu proveito temporal.

Feitas as tais pazes, trataram logo de resgatar cativos, que chamam assim os que os índios cativam em suas guerrilhas, que sendo injustas, também o são os cativeiros.

As razões com que os portugueses procuram encobrir a sua iniquidade são dizendo que os índios que eles vão resgatar já os têm os seus amos sentenciados à morte para comê-los e que fazem obra bondosa ao livrá-los da morte e levá-los à terra dos cristãos, onde o serão, embora escravos.

Não há dúvida de que nos primórdios daquelas conquistas havia um pouco disto, razão pela qual se lhes deu permissão para que fizessem os tais resgates, dando por cada peça, (que chamam assim qualquer pessoa) três ferramentas, uma camisa e duas facas, pouco mais ou menos. Porém nos dias de hoje, pelo que vimos e ouvimos dos próprios portugueses, não há os tais índios de corda, que assim se chamam os que se ia matar e comer.

Estou dizendo o que vi e o que entendemos com toda certeza.

Os índios com que se havia feito aquelas pazes começaram a ressentir-se muito de que lhes pediam escravos, e alguns deles fugiram temendo que se fizesse com eles o que já havia sido feito com outros em outras partes.

Não ficou ali mais que um índio principal e alguns índios com ele. Ele trouxe duas peças, um mocinho e uma garota e por eles lhe deram suas ferramentas. E como não trouxessem mais, mostraram-se os portugueses muito aborrecidos e disseram, e eu ouvi – se não os obrigamos e não usamos de rigor com eles, não conseguimos nada.

Por fim não aconteceu mais nada, talvez porque estivéssemos ali os frades Franciscanos.

Com isso nos fomos e antes que chegássemos aos Trapajosos fugiram as duas peças que haviam resgatado.

Chegamos ao povoado e encontramos os nossos companheiros e os demais com outra tropa de portugueses que andava por ali ocupada nos mesmos exercícios que os outros.

Acordaram-se as duas tropas para ir cercar um povoado que os índios amigos diziam ser de escravos seus que se haviam rebelado, e uma vez presos estes, que eram muitos, partiriam, pois haveria (*escravos*) para todos.

Fizeram assim e fomos para tanto a outro sítio mais abaixo dos Trapajosos, onde se fez a entrada, que nós não pudemos impedir; entraram e retornaram sem nenhuma presa, porque foram ouvidos e os índios fugiram.

Disseram-nos que desse modo haviam feito, estes e outros, grandes apresamentos e injustos cativeiros.

E o que entendemos disso⁴¹ é que os índios amigos a quem os portugueses pediam escravos, vendo que se não os davam, (*os portugueses*) os prendiam e com os seus maus tratos os obrigavam a dar os seus próprios parentes (como algumas vezes fizeram para evitar a vexação), diziam que tinham escravos mas que se lhes haviam rebelado e que se os portugueses os ajudassem iriam pegá-los para dá-los a eles; e, na verdade, não eram escravos, mas outras parcialidades com quem eles tinham suas guerrilhas, e com essa diabólica trama contentavam os portugueses e se vingavam dos seus inimigos.

Também soubemos que os índios amigos e recém-convertidos, por sua própria conta faziam suas armadas e iam cativar os que podiam em outras nações para dá-los aos portugueses, ou pela cobiça dos resgates, ou para livrar-se dos maus tratos.

Assim não há tropa das que saem a fazer cativos que não volte carregada de gente que vende como escravos e os chamam de negros, e os governadores e capitães-mores daquelas praças ficam com a maior parcela desse bom trato. Os danos que disso se seguem, além do envolvimento de suas consciências e ofensas a Deus, que é o principal, são o mau exemplo que os portugueses dão aos índios recentemente convertidos, pois (*estes*), para contentá-los, matam-se e cativam-se uns aos outros; o ódio grande que aquela gentildade concebeu contra o nome cristão pelas injustiças que lhe fizeram; os muitos índios que morrem entre os que injustamente tiram de seus naturais e fazem escravos sendo livres.

(*E também*) a diminuição dos índios cristãos do Curupa (*Curupá*), do Pará e do Marañón, que por serem usados em tais viagens no trabalho de remar nas canoas e pela fome e mortes pelos inimigos, se têm consumido e acabado.

Com o que as aldeias dos índios cristãos estão despovoadas e também as províncias dos índios gentios.

Que Deus Nosso Senhor o remedie e que isto seja tão cedo como eu o desejo. Grande remorso teria eu se silenciasse essas coisas, ainda mais havendo firme esperança que ao relatá-las hão de ter remédio, sendo Nosso Senhor servido que aquela Coroa de Portugal volte a seu verdadeiro e legítimo dono, que Deus guarde muitos anos.

Entre os desconsoles que o referido e outras coisas nos causavam ao estarmos em companhia daquela gente portuguesa, foi Nosso Senhor servido de consolar os seus servos com a boa colheita de crianças enfermas que lhes ofereceu nos povoados por onde passaram e entre as pessoas que aquelas tropas haviam trazido, as quais, batizadas, morreram para viver eternamente.

Da província dos Trapajosos à praça do Curupá haverá cerca de 160 léguas, que percorremos em poucos dias andando pela banda do sul, pela qual saem alguns rios que entram no nosso de San Francisco, e em particular um que chamam Parayva,⁴² que terá de largura mais de uma légua.

Passamos por algumas aldeolas de poucos índios de paz, uns cristãos e outros infiéis, e uns e outros sem sacerdote nem quem se condoesse deles.

Chegamos ao Curupá na véspera do Natal do Senhor do dito ano 1650. Terá este lugar entre *vecinos* e soldados 50 homens, um forte com algumas peças de artilharia e um capitão que governa tudo.

Há nesse lugar um Convento de Nossa Senhora do Carmo com dois religiosos e um clérigo com funções de cura, e todos o passam (*y todos lo pasan*), não com muita abundância pela falta de índios.

A partir daqui o nosso grande rio se divide em muitos braços, havendo no meio (*deles*) muitas ilhas e areais, e assim caminha até entrar no mar Oceano, que estava do Curupá coisa de 100 léguas. Dizem que sua boca tem muitas léguas de largura; suas muitas bocas não as ponho aqui por não saber quantas são.

Pelo que temos referido, a entrada por elas em direção ao nosso grande rio parece ser muito difícil para os inimigos que o quisessem tentar. Saímos dessa praça de Curupá para a cidade do Grão-Pará, que estará dela a 100 léguas caminhando sempre pela banda do sul, deixando à do Norte o nosso grande rio de San Francisco, que perdemos de vista muitas léguas antes do Pará; nesse caminho fomos passando por alguns povoados, e todos são pequenos. Também passamos alguns rios, e o de maior conta é o dos Tocantines.

Chegamos à cidade do Grão-Pará e ao Convento de nosso Pai São Francisco no dia primeiro de fevereiro de 1651; lá encontramos o Padre Frei Agustín de las Llagas.⁴³ Recebeu-nos como bom irmão, com muito amor e caridade, e por estar sozinho quis que ficássemos com ele.

Durante o tempo que ali estivemos acudiram-nos muito bem, embora não tenha faltado quem nos tivesse por espiões, porque o simples nome de castelhanos lhes causa sobressaltos. Terá esta cidade, entre *vecinos* e soldados do presídio cerca de 300 pessoas, um capitão-mor e outros oficiais de justiça e milícia.

Tem três conventos, um de Nossa Senhora do Carmo e outro da Mercê, com poucos frades, e ainda no começo da sua fundação, o do nosso Pai São Francisco é o maior e o melhor e de menos moradores.

Há igreja matriz com um cônego com funções de cura e vigário; não vi a fortaleza; dizem que é boa e de boa artilharia.

As colheitas da terra são de açúcar e de tabaco, que enviam a Lisboa, para o que vêm alguns navios a esse porto e trazem vinho, azeite, farinha e roupas e o mais que necessitam, com o que passam bem nesta praça.

Desta cidade do Pará passamos à do Marañón, que fica à distância de 200 léguas caminhando pela banda do sul e pela costa do mar em direção ao Brasil em canoas grandes e com muito trabalho e risco. Chegamos à cidade de São Luís e fomos ao Convento de nosso Pai São Francisco que ali temos, com um só religioso chamado Padre frei Francisco del Presepio; receberam-nos com muito amor e nos acolheu muito bem no tempo que ali estivemos.

Visitamos o governador Luis de Magallanes; demos-lhe conta da nossa viagem e das causas de nossa vinda àquele estado, mostrando-lhe os nossos papéis, com o que ficaram satisfeitos.

Pedimos-lhe licença para passar a Lisboa, já que não havia meio para Caracas, e também não houve lugar, nem no-lo deram, antes de passado um ano que nos tiveram entre eles. Terá esta cidade do Marañón a mesma população (*vecindad*) e soldados que a do Pará, ou pouco mais.

Tem dois fortes com boa artilharia; tem dois conventos, o do nosso Pai São Francisco e outro de Nossa Senhora do Carmo.

Tem igreja matriz, com seu cura e vigário e a irmandade da Misericórdia com um capelão. Os gêneros da terra são açúcar, algodão e algumas madeiras preciosas; levam-nos a Lisboa, de onde se provê esta praça como a do Pará.

Passado um ano moveu Deus Nosso Senhor o governador para que nos desse licença, contra a vontade de muitos que eram de parecer contrário, e nos embarcou num navio seu novo, feito no próprio Marañón, que enviou a Lisboa carregado de açúcar, muito bem acomodados e providos de suprimentos.

Demoramos, desde o porto de Marañón até Lisboa, 57 dias e chegamos bem, no Domingo de Ramos, 24 de março de 1652. Tendo Deus nos livrado de inimigos nas ocasiões em que nos ameaçaram, chegados que fomos e avisado o Duque de Verganza (que os portugueses chamam Rei), ordenou (*este*) que nos levassem ao convento de nosso Pai São Francisco, onde os seus prelados e demais religiosos, nossos irmãos, nos receberam e agasalharam (embora, por sermos castelhanos, não sei o que sentiam quando nos olhavam).

Nos primeiros dias não nos permitiram que saíssemos de casa, mas inteirados da verdade do nosso informe, pudemos sair livremente e nos deram passaporte para Castilha, pelo Algarve.

Sáimos de Lisboa muito impacientes e passamos a Sevilha ("Levilla") por Ayamonte, e dali a esta corte e convento de nosso Pai São Francisco, ainda que por medo e fraqueza com muito trabalho.

Recebemos a bênção que tanto desejávamos dos nossos prelados superiores; demos conta em breve de nossa longa viagem e de outras de que já tinham notícias.

Mandaram-me escrever tudo e fazer essa relação; eu a fiz com muito boa vontade, com estilo lhano, simples e verdadeiro; alegrar-me-ei se tiver acertado assim como o desejei, e que tudo seja para glória e honra de Deus, Nosso Senhor. Amém.

NOTAS

1. Observe-se que frei Laureano, como Carvajal, considera o Marañón afluente do Napo/ Amazonas. O nome *Paramanguaso*, má leitura de *paraná-guaçu*, a indicar o "rio grande", mostra que os habitantes da região eram de fala tupi-guarani, o que se confirma no parágrafo seguinte.

2. Dos sete parágrafos precedentes conclui-se que a Piramota, a primeira aldeia Omágua, situava-se na ilha do Cacau, entre Caballo Cocha e Loreto, a 100 km acima da fronteira brasileira (Porro 1981).

3. Piramota tinha 330 habitantes, 80 homens adultos e 250 mulheres e crianças, distribuídos em 28 casas. Pode-se supor que cada casa abrigava uma família extensa composta, em média, de 12 pessoas das quais de dois a quatro eram homens adultos. A proporção entre homens adultos e total da população era de 1:4; nas aldeias seguintes ela se aproximava mais de 1:3 (Porro 1981).

4. A carta de Laureano de la Cruz a frei Juan de Durana, datada em San Pedro de Alcántara (Piramota) a 24 de outubro de 1647, foi publicada por Compte como preâmbulo à sua edição da obra de frei Laureano (Compte 1885:145-46).

5. Sacayey, a segunda aldeia, ficava numa ilha 38 km abaixo de Piramota, próximo à foz do rio Cayaru. Tinha 14 casas com 30 homens e um número de mulheres e crianças proporcionalmente menor que o da primeira aldeia; pode-se estimar em uma centena a população total (Porro 1981).

6. Mayti, a terceira aldeia, situava-se na grande ilha Aramaçá, entre Tabatinga e a fronteira foz do Javari. Samuel Fritz coloca aqui a aldeia de Quematé. Tinha oito casas com 20 homens adultos para um total que estimamos em 60 a 80 a pessoas (Porro 1981).

7. Caraute, a quarta aldeia, ficava numa grande ilha 20 km abaixo de Aramaçá, possivelmente Arariá. Tinha 16 casas com 120 habitantes, dos quais 40 guerreiros (Porro 1981).

8. A quinta aldeia, da qual Cruz não registra o nome, ficava numa ilha também grande, 38 km abaixo da anterior, possivelmente Ourique (também

chamada Pauaperi ou dos Tubarões). Tinha 22 casas com 50 guerreiros para um total que se pode estimar em 150 a 200 pessoas (Porro 1981).

9. A sexta aldeia, da qual Cruz não diz o nome nem se estava numa ilha, ficava 48 km abaixo da anterior. Se numa ilha, seria Guaribas, junto à foz do igarapé Preto e à vila de Belém. Tinha nove casas e somente 16 sobreviventes da epidemia de varíola que a devastara. Aplicando às nove casas a média de oito ocupantes encontrada nas aldeias precedentes, a população original seria de 72 habitantes (Porro 1981).

10. Nesta mesma região Acuña registrara o "sítio frio"; os Omágua teriam dito ao jesuíta que o fenômeno se repetia todos os anos de junho a agosto (Acuña 1874:111).

11. O rio Putumayo ou Içá desemboca no Amazonas 375 km abaixo da fronteira e cerca de 480 km abaixo da primeira aldeia Omágua; o autor avalia esta última distância em 100 léguas (40 e mais 60), o que confirma a relação de 4,8 km por légua apurada em outras passagens.

12. O mapa de Samuel Fritz registra, numa ilha fronteira à foz do Içá, a aldeia de Catoreará.

13. Os dados geográficos de frei Laureano têm utilidade somente para o trecho de 215 km que vai das proximidades de Loreto, com a primeira aldeia, até o igarapé Preto, com a sexta aldeia, 115 km abaixo de Tabatinga. Deste ponto para baixo, pela dificuldade de fazer medições dadas as precárias condições em que estava viajando, o franciscano parece utilizar, sem declará-lo, os dados geográficos de Acuña, cuja obra já estava impressa. Ao avaliar todo o território Omágua em 200 léguas (cerca de 960 km), ele repete um erro do próprio Acuña (1874:109). Este, por outro lado, fora bastante claro ao situar a fronteira oriental dos Omágua em Foz do Mamoriá, que fica 710 km (ou seja, no máximo, 160 léguas) abaixo do ponto mais ocidental da província (Acuña 1874:113-14; Porro 1981).

14. Observe-se que frei Laureano registrou até aqui somente sete aldeias, dando a entender que 34 era o número total ao longo de todas as "200 léguas". No final do século, Samuel Fritz declarou ter catequizado 38 aldeias dos Omágua, deu o nome de 24 e registrou 22 delas no mapa de 1691 (Porro 1981).

15. Os Aisuari ou Curuzirari.

16. Pode ser má leitura de *Caraibas*. Compare-se com a descrição do primeiro encontro de frei Laureano com os Omágua que navegavam junto à foz do Napo, onde é dito que eles chamavam os espanhóis *Caripunas*.

17. Somente dez anos antes Teixeira falava em cerca de 400 aldeias, número talvez exagerado mas não inverossímil (cf. nota 19 no capítulo anterior). E Acuña confirmava: "Tem esta província de longitude mais de 200 léguas, sucedendo-se suas povoações tão a miúdo que tão logo perde-se uma de vista, já se descobre outra. Sua largura é, ao que parece, pouca, pois não passa da que tem o rio, em cujas ilhas, que são muitas e algumas mui grandes, têm sua moradia; mas considerando que todas, ou estão povoadas, ou pelo menos cultivadas para o sustento desses naturais, poder-se-á ter idéia dos muitos índios que em tão longa distância se alimentam" (Acuña 1874:109). O quadro pintado em cores sombrias e as palavras desoladas de frei Laureano dão uma idéia precisa da destruição produzida pelas epidemias. A de 1648, que o franciscano presenciou, não deve ter sido a primeira, pois o enorme comboio de Pedro Teixeira, ao subir lentamente o Amazonas em 1638, deve ter tido efeitos devastadores sobre a saúde das populações ribeirinhas.

18. Essas considerações sobre a pobreza da organização social e política Omágua devem ser creditadas ao etnocentrismo e ao pessimismo de frei Laureano quanto à possibilidade de levar a bom termo sua missão religiosa. A frase sucessiva revela o compreensível estado de depressão a que o franciscano havia chegado.

19. Verifica-se neste episódio a persistência da prática do infanticídio, cuja função era manter sob controle o crescimento da população, mesmo numa situação de dramático declínio demográfico.

20. Esta afirmação contradiz as noções correntes sobre a ecologia da várzea, uma vez que são justamente os sedimentos depositados pelas águas que enriquecem anualmente os solos inundados (Roosevelt 1980; Sioli 1985). É possível que o cronista quisesse se referir a inundações excepcionalmente grandes ou fora da época habitual.

21. Refere-se à glândula dorsal odorífera dos taiassuídeos.

22. Os Omágua certamente não compartilhavam este ponto de vista e, como observou Samuel Fritz, se recusavam "... a viver e fazer suas sementeiras na mata e em terra alta afastada do rio, dizendo que a moradia dos seus antepassados tem sido sempre o Rio Grande, e que a mata é lugar próprio de Auca e Tapuya".

23. Percebe-se que as noções geográficas de frei Laureano em relação à costa norte da América do Sul eram muito vagas.

24. Os Mayoruna.

25. Acuña (1874:112) cita os *Guaraicu* ao longo do Içá, portanto ao norte e não ao sul do rio Amazonas. Em 1768 Noronha (1862:53) menciona os *Uaraicu* no baixo curso do Jutai.

26. Era a serra nevada (?) de onde, conforme Acuña (1874:111-12), soprava o vento frio que foi sentido na região.

27. O rio Jutai.

28. Aqui frei Laureano acompanha Acuña ao colocar o fim do território Omágua 24 léguas acima do Juruá e 28 léguas abaixo deste, o princípio da "província" dos Aysuari, que Acuña chamara *Curuziraris* (Acuña 1874:114).

29. Novamente de acordo com Acuña, frei Laureano atribui 80 léguas à "província" dos Aysuaris, avaliação exagerada pois resulta em léguas de 3,3 km: a soma das distâncias de Acuña para os 360 km do trecho Juruá-Coari é de 108 léguas, das quais as 28 primeiras despovoadas (Acuña 1874:114-18). Pode-se porém deixar de lado o cálculo das léguas, porque Acuña é bastante claro ao dizer que os *Curuzirari* começavam a meia distância, ou pouco mais, entre o Juruá e o Tefé e terminavam logo acima do Coari, portanto um trecho de 270 km ao longo da margem direita do Amazonas.

30. Compare-se Carvajal, que descrevendo a mesma região sob o nome de Machiparo, diz que suas aldeias estavam, quando muito, a meia légua de distância (cf. Carvajal, nota 13).

31. É o Tefé, como se lê no parágrafo seguinte (*Tapi*).

32. O rio Carapanatuba, que Acuña escreve *Araganatuva*.

33. Junto à foz do Coari. Cf. Acuña (1874:118).

34. Yoriman, Yurimagua ou Solimões (Porro 1983-84).

35. *Palheta* ou *estólica*, o propulsor de dardos.

36. O primeiro dos dois rios era o Purus (*Cuchuguara* em Acuña 1874:119). O segundo, na margem oposta, leva em Acuña (1874:120-21) o nome *Basururu*.

Berredo (1905, I: 291) equivocou-se ao querer corrigir Acuña, supondo que o jesuíta estivesse se referindo ao Urubu e foi acompanhado no erro por Cândido Mendes de Almeida (Acuña 1874:120, nota 1) e por C. de Melo-Leitão (Carvajal, Rojas, Acuña 1941:261, nota 84). Não perceberam estes autores que Acuña dificilmente teria cometido o erro de situar o Urubu acima e não abaixo do rio Negro. O *Basururu* de Acuña, 32 léguas abaixo do Purus e menos de 30 acima do Negro, é evidentemente o Manacapuru, que desemboca a meio caminho entre aqueles rios e vai-se espraiando, como diz Acuña (1874:120-21), "... pela terra adentro em grandes lagos".

37. A "província dos Tupinambarane", da qual Acuña (1874:128-31) dá maiores detalhes chamando-a de *ilha Grande dos Tupinambás*, não corresponde, geograficamente, à totalidade da ilha Tupinambarana. Fazendo-a começar, a oeste, 28 léguas abaixo da foz do Madeira, Acuña e frei Laureano consideram como *ilha* somente a sua metade oriental. O paraná do Ramos parece de fato ser o "braço do nosso rio que, afastando-se do seu principal, entre pela terra firme adentro e volta a sair e juntar-se com ele outra vez 60 léguas mais abaixo". Esta concepção é a que aparece no mapa de D'Anville de 1729 com o nome de *ilha dos Ramos* (cf. Menéndez 1981-82). O último povoado dos Tupinambarana, que mais adiante o autor diz ter 80 casas, ficava na ponta oriental da ilha, 10 km abaixo de Parintins.

38. Na edição de 1900, 60 léguas, que é um erro evidente.

39. Bettendorff (1910: 465), descrevendo a visita formal de um grupo Paraparixana a uma aldeia de Irurizes do baixo Madeira, diz que "... traziam nas mãos umas varas rachadas e abertas pela ponta, em signal que tinham vassalos, e eram fidalgos entre os seus".

40. Um dos braços que ligam o Amazonas ao Nhamundá (o rio dos *Condurises*) através do lago de Faro.

41. Observe-se, nos parágrafos seguintes, a clara compreensão e a candente denúncia de frei Laureano às várias formas de apropriação da mão-de-obra indígena.

42. O rio Xingu.

43. Frei Agostinho das Chagas.

SAMUEL FRITZ E AS NOTÍCIAS AUTÊNTICAS DO RIO MARAÑÓN (1686-1723)

Desde o segundo quartel do século XVII os jesuítas da Província de Quito haviam descido o Napo e o Marañón, levando a catequese em direção às terras baixas da Amazônia. Apesar da boa navegabilidade dos rios, o trabalho era dificultado pela diversidade de línguas e culturas indígenas, pelas grandes distâncias, pela floresta e clima insalubre e, principalmente, pelo número reduzido de missionários. Em 1680 havia missões e reduções de índios ao longo do Ucayali, do Huallaga, do Marañón e do Napo, mas não abaixo da junção dos dois últimos, onde o Marañón passa a chamar-se, modernamente, Amazonas. Daí para baixo, a conquista espiritual da *Gran Omagua*, iniciada e abandonada pelos franciscanos Pedro Pecador e Laureano de la Cruz antes de 1650, vinha sendo planejada pelos jesuítas especialmente a partir de 1681; neste ano o P. Lorenzo Lucero recebeu em Santiago de la Laguna, no Huallaga, a visita de um grupo de Omágua que lhe pediram o envio de um missionário (*Notícias Autênticas*, parte 3, cap. 3, § I). Isto só foi possível em 1686, quando o superior P. Francisco Viva, que sucedera a Lucero, designou para a tarefa o P. Samuel Fritz, recém-chegado da Europa.

Nascido na Boêmia em 1654, Samuel Fritz era de família nobre e estudara humanidades e filosofia; ingressou na Companhia de Jesus aos 19 anos e aos 31 embarcou para a América com destino à Província de Quito. Entre 1686 e 1688 viajou e trabalhou incessantemente ao longo de mais de 1000 km do alto Amazonas, entre o Napo e o Japurá, catequizando os Omágua, Yurimágua, Aisuari e Ibanoma. Grande parte da região era

habitada pelos Omágua e no seu princípio, uns 100 km abaixo do Napo, ele fundou aquela que seria a *cabeceira* das suas missões, San Joaquín de Omágua. Parece que nesses três anos atuou quase exclusivamente junto a esta tribo, fazendo só expedições ocasionais àquelas situadas a jusante. Em 1692, relatando ao vice-rei do Peru o trabalho feito até 1689, dizia já ter "... sujeitas ao Evangelho de Cristo 38 aldeias da província de Omágua, a redução de N.S. de las Nieves da nação Yurimágua (*fundada no começo de 1689 junto à foz do Juruá*) e duas aldeias da nação Aizuari (...) Deram-se por amigos os Peva (*na região de San Joaquín*), Guareicu (*no Içá ou no Jutai*), Caivisana (*no Tocantins*), Ibanoma (*do Japurá ao Catuá*), os do rio Arabanate (*o Carapanatuba ?*), Cuchivara (*no Purus*), Taroma do Rio Negro ..." Na verdade o território era grande demais para um só homem, "... pois levava um ano inteiro para percorrer as muitas ilhas que as duas nações de Omágua e Yurimágua ocupavam".

Em fevereiro de 1689, estando na recém-fundada missão dos Yurimágua, foi acometido de hidropisia, doença que se agravou nos meses seguintes. Em julho, acreditando não ter forças para fazer a viagem rio acima e tendo tido notícias "... de uns portugueses que haviam subido do Pará até os Cuchivara, oito dias abaixo dos Yurimágua, para tirar salsaparrilha, me decidi a descer em busca desses portugueses na esperança de encontrar algum remédio para meus males". A tropa portuguesa já havia descido o rio e Fritz, guiado pelos Cuchiguara, foi atrás dela até encontrá-la na aldeia do Urubu, onde assistia o mercador frei Teodósio da Veiga. Aqui o seu estado piorou e André Pinheiro, o cabo da tropa, destacou uma canoa para levá-lo às pressas a Belém, onde chegou a 11 de setembro "mais morto que vivo". Aos cuidados dos jesuítas de Belém, Fritz restabeleceu-se em três meses, mas logo ficou sabendo que, por ordem do governador Artur de Sá e Menezes, deveria ficar sob custódia no Colégio de Santo Alexandre até que chegassem instruções de Lisboa, porque em Belém "... começaram a suspeitar que eu fosse espião perdido, enviado pelo governador do Marañón por parte de Castela para explorar seus adiantamentos". Se a doença foi o único motivo da descida, ou se esta serviu de pretexto para explorar o baixo Amazonas e saber a quantas andava a expansão portuguesa, dificilmente o saberemos. O importante é que o episódio assinala o primeiro confronto luso-espanhol pela posse do Amazonas: os espanhóis insistindo na vigência do Tratado de Tordesilhas, que fazia passar a linha divisória pela foz do Amazonas; os portugueses invocando o ato de posse de Pedro

Teixeira na *aldeia do ouro*, na altura do Japurá, autorizado por cédula da Real Audiência de Quito mas não ratificado pelo rei. Samuel Fritz, embora reiterando a natureza estritamente religiosa da sua presença no Amazonas, tornou-se porta-voz das pretensões espanholas nas inúmeras reclamações que encaminhou às autoridades portuguesas.

Finalmente, depois de 19 meses de detenção em Belém, chegou a resposta de D. Pedro II à consulta do governador: o jesuíta devia ser reconduzido às suas missões em liberdade, às expensas da Real Fazenda. A 8 de julho de 1691, escoltado por um cabo e sete soldados, o padre iniciou a viagem rio acima e a 13 de outubro a comitiva chegou à missão dos Yurimágua. Aqui o cabo revelou que trazia ordens secretas do governador para tomar posse do território Omágua e "... desde logo me intimava que me retirasse daquelas províncias por serem da Coroa de Portugal". O jesuíta mostrou-se inflexível na recusa e o cabo, provavelmente percebendo que não poderia fazer frente aos índios, que demonstravam apoiar o religioso, resolveu regressar. Passados alguns meses entre os Omágua, Fritz foi para Lima, onde relatou suas peripécias ao vice-rei conde de Monclova que lhe garantiu apoio material para a missão. Mas quando o jesuíta o alertou sobre a necessidade de impedir as incursões portuguesas pelo rio Solimões, o vice-rei mostrou-se titubeante e não tomou nenhuma providência alegando "... serem também os portugueses cristãos católicos e gente mui combativa (... e) que nessas dilatadas Índias havia terras bastante para ambas as Coroas..." Este desinteresse da administração espanhola pela fronteira amazônica iria perdurar nos anos seguintes, deixando os jesuítas, quase sempre, à mercê das *tropas* portuguesas. Fritz continuou por mais 12 anos, até 1704, encarregado da missão do alto Amazonas, mas percebia cada vez mais que seria impossível deter os portugueses. Desde os últimos anos do século XVII passou então a atrair os Omágua, Yurimágua, Aisuari e Ibanoma para San Joaquín, La Laguna e outras missões mais seguras rio acima.

Em 1704 Fritz foi nomeado Superior de todas as missões do Marañón, tendo como sede La Laguna, no baixo Huallaga; o seu lugar junto aos Omágua e demais grupos vindos do Solimões foi tomado pelo P. Juan Baptista Sanna. Mas os portugueses não paravam de subir; em 1708 atacaram a nova missão dos Yurimágua, pouco abaixo da foz do Napo, levando muitos índios. Fritz, Sanna e um destacamento militar vindo de Quito

desceram o Amazonas dispostos a demonstrar que os portugueses não seriam admitidos nas missões altas. Chegando à foz do Japurá, decidiram regressar porque "... não há mais povoados desde aqui até os Taromas do Rio Negro ..." No ano seguinte chegaram a La Laguna "... uns Omágua fugitivos, e dizem que toda a Omágua está despovoada ..." Nos 70 anos que se haviam passado desde que Acuña as descrevera, as mais populosas *províncias* do Amazonas, Omágua e Yoriman, estavam virtualmente desertas. As agressões portuguesas continuaram até 1714, com prisão e mortes de soldados e frades de ambos os lados. Por esta época Samuel Fritz, com a saúde abalada pelas doenças, já fora substituído no cargo de Superior. Transferiu-se para a missão dos Xeberos, onde viveu mais 11 anos, vindo a morrer em 1725.

Durante os quase 40 anos de sua vida missionária, Samuel Fritz registrou num diário tudo que lhe aconteceu e lhe foi dado observar. Algumas partes do diário se perderam, mas o principal foi conservado por seus companheiros no arquivo do Colégio de Quito. Entre 1730 e 1738 um destes jesuítas compilou as monumentais *Noticias auténticas del famoso rio Marañón y misión apostólica de la Compañía de Jesus de la provincia de Quito en los dilatados bosques de dicho río*. O autor, anônimo, reuniu numa seqüência bem ordenada a história dos jesuítas no alto Amazonas e nos seus formadores, desde meados do século XVII até 1738, precedida de notícias gerais sobre a geografia e a etnografia da região. Como era comum em obras do gênero, transcreveu amplamente cartas anuais, memoriais e outros manuscritos de seus companheiros e antecessores. A terceira e última parte da obra trata das *Noticias das missões mais modernas do Marañón* e o seu capítulo terceiro refere-se à *Missão dos Omágua, Yurimágua, Aizuares, Ibanoma e outras nações desde o Napo até o Rio Negro*. Grande parte deste longo capítulo nada mais é do que a transcrição de trechos do diário de Samuel Fritz; outros trechos foram parafraseados e resumidos pelo compilador "... por serem os seus diários demasiado prolixos e terem diversas interrupções devidas ao desaparecimento de algumas folhas (...) e suprimindo suas falhas com notícias que encontrei em algumas cartas de outros missionários contemporâneos do Padre".

As *Noticias auténticas* permaneceram inéditas no arquivo da Real Academia de História de Madri até 1889-1892, quando Marcos Jiménez de la Espada as publicou integralmente, com introdução, notas e apêndices, no *Boletín de la Sociedad Geográfica*

de Madrid (XXVI-XXXIII), em mais de 600 páginas. Jiménez pôde estabelecer que o autor da obra foi o jesuíta italiano Paolo Maroni. Em 1918 Rodolfo García publicou na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. 81, 1917: 353-397 (Fritz 1918) um erudito estudo da vida e obra de Samuel Fritz, acompanhado de uma tradução do § II do capítulo 3 da terceira parte das *Noticias auténticas*, que consiste no diário da descida do jesuíta de San Joaquín de Omáguas a Belém do Pará e sua volta até La Laguna, entre fevereiro de 1689 e fevereiro de 1692. García anota que o *Catálogo dos manuscritos da Biblioteca de Évora*, de Rivara, menciona a existência de uma cópia, com letra do P. Bento da Fonseca (1702-1781), do capítulo 3 da terceira parte das *Noticias* e acrescenta que o Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro possui cópia daquele manuscrito, não esclarecendo porém se do capítulo inteiro ou somente do seu § II, ao qual se limita a tradução publicada. Em 1922 a Hakluyt Society publicou, em tradução inglesa de George Edmundson que merece alguns reparos, todo o capítulo 3 das *Noticias* a partir do manuscrito de Évora (Fritz 1967).

Tão importante para a etno-história amazônica quanto o *Diário* de Samuel Fritz é o seu *Mapa geographica del Río Marañón ó Amazonas*, desenhado em Belém em 1691. Mede cm 119 x 54 e reproduz toda a bacia amazônica, com maior fidelidade e mais detalhes em sua porção ocidental, onde aparecem, entre a foz do Napo e a do Japurá, quase todas as aldeias indígenas e as missões religiosas. Pela terra firme, ao norte e ao sul do Amazonas, estão assinaladas as principais tribos de que havia notícia na época. Desde o rio Negro até Belém, região que Fritz somente conheceu de passagem, a informação é mais pobre e deve ter sido baseada em dados obtidos junto aos jesuítas de Belém, entre eles Bettendorff. Para a história dos conhecimentos geográficos, o mapa de Fritz representou um avanço muito grande em relação ao de Sanson (1680) e somente foi superado em 1744 pelo de La Condamine. Por aqueles anos o geógrafo francês havia obtido em Quito o mapa manuscrito de Fritz e mais tarde o doou à Biblioteca Nacional de Paris. Foi publicado em fac-símile no *Atlas do Barão do Rio Branco* sob o nº 86-a e 86-b (Rio Branco 1899). Uma versão mais conhecida do mapa de Fritz é a que foi gravada em Quito em 1707 pelo jesuíta Juan de Narvaez com título *El Gran Río Marañón ó Amazonas*. O formato menor (cm 41 x 31) levou a algumas distorções na localização de sítios e tribos, embora traga, em relação ao original de 1691, alguns dados adicionais. No *Atlas do Barão do Rio Branco* (1899) está sob o nº 91 e foi

reproduzido na edição das *Noticias auténticas* (1889-1892) e na versão inglesa do *Diário* de Fritz (1967).

O *Diário* de Samuel Fritz, que forma o corpo das *Noticias auténticas* no tocante ao alto Amazonas, é indiscutivelmente uma das quatro principais fontes da antiga etnografia amazônica. Comparado aos *Descobrimientos* de Carvajal e Acuña, históricos roteiros de viagem com observações geralmente superficiais sobre a população indígena, e à *Descrição* de Heriarte, o único tratado sistemático da etnografia ribeirinha do Amazonas, o *Diário* de Fritz é obra de natureza distinta. O gênero, que havia sido inaugurado por Laureano de la Cruz, associa notas de viagem que flagram o processo de despovoamento da várzea, observações em profundidade resultantes da convivência prolongada com as comunidades indígenas, e o relato, claramente engajado, das investidas portuguesas sobre índios e jesuítas e dos incidentes diplomáticos delas resultantes. Os trechos selecionados para esta edição tratam principalmente do primeiro e segundo tipo de informações e são precedidos de uma introdução histórico-geográfica de Maroni (Parte primeira, capítulo 1, § XIII-XV).

O *Diário* traz notas interessantes sobre a cultura Omágua: prática da deformação craniana, ritos femininos da puberdade, apresamento e tratamento dos escravos, práticas agrícolas, crenças religiosas, indumentária, enfeites e armas. Em relação aos Yurimágua há uma importante descrição das crenças e do ritual relativo a Guaricaya (ou Guaricana), um ser sobrenatural que assumia formas animais e humanas e que periodicamente visitava os povoados para curar os doentes; era recebido ao som de flautas especiais e com rituais de flagelação e sua vista era proibida às mulheres e crianças. Uma série de elementos permitiu associar este culto às chamadas "festas de Jurupari", de ampla difusão amazônica em épocas mais recentes (Porro, no prelo). Há também referências dignas de nota aos circuitos comerciais Negro-Japurá-Solimões e Branco-Negro-Solimões, cujos agentes principais eram respectivamente os Manaus e os Cauauri ou Caburicena (Porro 1987). Segue-se a estas notícias o longo relato da descida de Fritz até Belém do Pará e do seu retorno a La Laguna; a narrativa permite reconstituir a localização das principais aldeias Omágua e dos estabelecimentos Yurimágua, Aisuari, Ibanoma e Cuchiguara no final do século XVII (Porro 1981; 1983-84).

Durante o regresso de Belém, na missão do Urubu, Fritz foi surpreendido pela inusitada reação dos índios do Solimões à notícia de sua detenção pelos portugueses. Uma série de catástrofes naturais foram interpretadas como sinais da ira divina pelas afrontas que o padre, venerado pelos índios, havia sofrido. Dizia-se que os portugueses o haviam despedaçado, mas que ele ressuscitara e que, em conseqüência, "...o Pará e todos haviam de perecer". A apreensão dos índios, notadamente Yurimágua e Aisuari, não se limitava à integridade física do jesuíta; ela externava a tensão psicológica e social e assumiu a forma de um surto messiânico de que o P. Fritz, não sabemos se totalmente à sua própria revelia, foi o protagonista. O surto prosseguiu pelo menos até o ano de 1700 e sua autenticidade é atestada pelas fontes portuguesas. Frei Teodósio da Veiga, o missionário do Urubu, confessou a Fritz que os índios "... estavam todos alvo- roçados e já nada queriam dos portugueses senão que os dessem ao padre ..."; e anos mais tarde escreveu ao P. Bettendorff, em Belém, que os pajés diziam "... que os índios se haviam de converter em brancos e os brancos em índios" (Bettendorff 1910:494). Nessa efervescência religiosa é possível identificar os traços característicos das fases preliminares comuns aos movimentos messiânicos: o estado de penúria, a frustração, o poder aglutinador do carisma e a esperança messiânica. A liderança do jesuíta e o papel que ele desempenhou ao proteger os índios contra os portugueses veio inserir-se no arquétipo que a mitologia indígena proporcionava através da figura de Guaricaya, divindade que Fritz assegurava ter derrotado e que os índios acreditavam ter ele vindo substituir. A expectativa de inversão das relações interétnicas de dominação e subordinação, atestada por frei Teodósio, constitui um precedente do salvacionismo milenarista que encontraremos no século XX entre os Tukuna do Solimões e os Canela e Kraho do Maranhão e Goiás (Nimuendaju 1952; Crocker 1967; Melatti 1972; Porro, no prelo).

NOTÍCIAS AUTÊNTICAS DO FAMOSO RIO MARAÑÓN

*e missão apostólica da Companhia de Jesus da Província de Quito nos dilatados bosques do dito rio.**

(1738)

Parte I, capítulo 1

§ XIII

Registram-se ambas as margens do Marañón e os rios que entram nele, principalmente pela banda do Sul, desde o Napo até o Rio Negro.

Além do Putumayo e do Yupurá, muitos outros rios e nações se encontram desde o Napo até o Rio Negro, dos quais, assim como do restante do Marañón, muito poucas são as notícias que até o momento temos os missionários castelhanos, por estarem essas terras e rios em poder dos portugueses do Grão-Pará. Anotarei contudo brevemente o que ouvi dizer dos próprios portugueses pelos anos de 1730 e 31, por ocasião de terem subido alguns deles às nossas reduções no intuito de entabular comércio ou levar escravos de algumas nações infiéis.

Uma escassa jornada abaixo das juntas do Napo com o Marañón sai da banda do Sul um rio médio chamado Mutauay, que é o rio principal da nação dos Mayoruna da qual, assim como de muitos pequenos riachos que ela ocupa, se dirá em relação à parte.

Quase em frente ao Mutauay sai à mão esquerda outro rio semelhante chamado Apayuca, em cujas proximidades vive uma parcialidade de índios Payagua ou Payaguaque, que espera-se em breve amigar. As terras destes se estendem até outro rio chamado Uerari, que sai no Marañón outra jornada mais abaixo no lugar em que, missionando neste rio o P. Samuel Fritz, esteve a principal redução dos Omágua, chamada S. Joaquín. Hoje em dia, meia hora mais abaixo, começaram neste mesmo sítio outra nova redução uns catecúmenos Caumari e Peva que viviam no rio Wiquita, meia jornada mais abaixo, como também se dirá em

* MARONI (1738) 1889-1892.

outra parte; e é este hoje em dia o término ou limite até onde se estendem nossas missões, por terem-se apoderado com violência os paraenses de todo o mais.¹

Daqui até perto do Yapurá, quando entrou para missionar os Omágua, que foi pelo ano de 1685, encontrou o P. Samuel, só no Marañón, mais de 50 ilhas povoadas por quatro diferentes nações, Omágua, Yurimágua, Aiçuaire e Ibanoma. Formou com estas cerca de 38 reduções, das quais as mais populosas e principais eram a de San Joaquín, que citamos há pouco; Guadalupe, três jornadas mais abaixo;² San Pablo, depois de mais três e Nuestra Señora de las Nieves de los Yurimáguas, entre o Yutaí e o Yapurá.⁴ Além dessas quatro nações que viviam em ilhas, o P. Samuel amigou e começou a aldear muitas outras nações da terra firme, como são os Caumari, Peba, Ticuna, Cauysana, Guaraicu e outras. De todas estas nações e povos restam no presente só cinco, e estes muito reduzidos, que são S. Pablo, S. Cristóval de Ibiraté, Taracuatuba, Parahuari e Tefé, que são os que hoje os portugueses ocupam e têm por missionários alguns religiosos do Carmo.⁵ Todo o resto da gente ou a levaram como escravos ao Pará, ou se retiraram para outros rios e lagunas. De modo que, hoje em dia, ao descer pelo Marañón, fora de ditas reduções, não se acha nem rastro de gente desde o Napo até o Rio Negro.

Quanto aos rios que saem ao Marañón pela banda do Sul, são três os que os portugueses nomeiam e conhecem por terem entrado neles em busca de infiéis. Um é o Yauari, que sai como cinco jornadas abaixo do rio Uerari. É este o término até onde se estendem as terras dos Mayoruna. Uma de suas cabeceiras, conforme temos dito acima, aproxima-se muito do Ucayali. Ali perto, por relação dos Omágua, vivem os Auanatuí, que falam a língua Cocama e são muito temidos pelos vizinhos por seu valor e destreza na guerra.

O outro rio é o Yutaí ou Yetaú, que entra no Marañón três jornadas abaixo do Putumayo. Por ser rio mui caudaloso, se deduz que desce das proximidades do Cuzco e alguns suspeitam ser ele o Beni, que passa pelas províncias dos Moxos, embora outros têm por mais provável que aquele rio é o Yuruá, do qual se falará em breve. Pode ser que o Beni, como sucede com muitos outros rios, se reparta em dois braços, e que por conseguinte seja mãe de um e outro rio.⁶ Quais nações vivem no presente perto do Yetaú não o pude averiguar pois os portugueses, que entram neste e noutros rios à caça de infiéis, não perdem tempo em

averiguar os nomes e costumes das nações. Todo o seu cuidado está em ajustar o número de cativos que necessitam para suas negociações e lavouras.

O terceiro rio caudaloso que vem do sul e entra no Marañón duas jornadas antes de chegar ao Negro é o Yuruá, do qual dizia há pouco que é provavelmente o Beni, que vem da província dos Moxos, embora ninguém, que eu saiba, averiguou até agora a verdade. Viviam e ainda vivem provavelmente nele várias nações infiéis. Os mais imediatos ao Marañón foram os Cuchivarai, dos quais no presente não há memória, por terem em parte morrido às mãos dos Taroma do Rio Negro, seus capitais inimigos, e em parte por terem sido levados como escravos ao Pará.⁷ Daqui até o Negro contam-se 50 e mais léguas, aonde no presente não há rastro de infiéis nem de cristãos.

§ XIV

Rio Negro

Deste rio, que é o mais caudaloso de quantos entram no Marañón, já tenho dito, falando do Caquetá, o que parece mais provável a respeito da sua origem. Como esteve, e ainda está em grande parte povoado de infiéis mais que qualquer outro, muito o percorreram e percorrem com suas tropas de resgate os portugueses desde o seu primeiro descobrimento; e como no princípio não encontraram resistência, muitíssimos são os escravos que das nações mais próximas ao Marañón têm lavado para o Pará. Não puderam, contudo, adiantar muito para cima suas conquistas, por terem-se deparado com algumas nações de muito valor que lhes têm feito resistência até com armas de fogo, que compram dos holandeses em troca de escravos. Um português que andou alguns anos com a tropa por aquele rio disse-me que durante quatro anos inteiros muito lhes havia dado que fazer um principal da nação dos Manaos chamado Aiuricaba que vivia a vinte dias de navegação pelo rio acima. Andava este muito orgulhoso com bandeira holandesa numa embarcação que havia tirado a um capitão português, fazendo-se temer por todos. Outro principal da mesma nação, seu inimigo capital, chamado Caba, vendo que não podia fazer-lhe frente, pediu a ajuda dos portugueses os quais, depois de muitas escaramuças, prenderam finalmente Aiuricaba; mas ao levá-lo preso ao Pará, outros cativos infiéis mataram os soldados que o escoltavam e o Aiuricaba, com grilhões e algemas, atirou-se ao rio. Deram-no

então por afogado e morto, mas ao cabo de alguns meses corria notícia de que andava pelo rio Yapurá fazendo destruição e que numa luta havia morto outro principal chamado Demanê. Os de sua parcialidade haviam-se armado no próprio Rio Negro com os Daraés e Maiapenas, nações de infiéis que vivem acima dos Manaos. A estes estavam atualmente fazendo guerra os portugueses e com muito trabalho os haviam destroçado num povoado chamado Caramari, onde (*aqueles*) haviam-se feito fortes.

Dos Caripuna ou Guaranacua que vivem no Rio Branco, que entra no Negro pela banda do mar (*leste*), referiu-me o mesmo português que hoje em dia estavam quase totalmente consumidos com as guerras sangrentas que os do Pará lhes haviam feito a título de que contratavam e levavam escravos aos hereges holandeses que, desde o Suriname, andavam por ali.

Têm ao presente os ditos portugueses, na boca deste Rio Negro, uma boa fortaleza, que acabaram de construir no ano de 1690 e que chamam vulgarmente Taromá por uns índios deste nome que vivem ali perto, e são os que tinham suas guerras com os Cuchivarai.

Mais acima têm outras duas ou três reduções que lhes servem de escala para subir e fazer guerra e buscar resgate entre nações infiéis, e são Caburi, nas juntas de um rio deste nome que entra no Negro;⁸ Carayai, quatro jornadas mais acima, e outra e outras da nação recém-conquistada dos Manaos. Não duvido que muitas mais teriam se não tivessem levado a gente ao Pará e à beira do mar. Um português, homem engenhoso natural do Brasil, disse-me que com os Tapuya (assim eles chamam os infiéis) que nesses anos haviam levado para baixo, se poderiam ter formado pelo menos 30 aldeias populosas.

§ XV

Dos demais rios e nações até o mar do Norte

Para a notícia do restante do rio e povoações que há até o mar poderia remeter o leitor ao Diário do P. Samuel Fritz, que transcreverei falando da missão dos Omágua; mas como nesses anos tem havido algumas mudanças e novos descobrimentos, direi o que também ouvi contar pelos portugueses que andam por lá. Pelo que toca às distâncias, advirto que desde o Rio Negro até a fortaleza do Curupá o que normalmente se anda em um dia rio abaixo, que é como 12 ou 14 léguas, anda-se rio acima em

dois dias. Desde Curupá até o mar, devido às marés que são mui perceptíveis, anda-se ao descer quase tanto quanto se anda ao subir.

Seguindo pois o rumo do Marañón, o que primeiro se encontra na banda do Norte, ao descer um dia de navegação depois do rio Negro, é a boca do rio Matari, onde está uma redução ou aldeia do mesmo nome, de índios Aroaqui, assistida por um missionário de N.S. das Mercês, o qual tem também a seu cargo outra aldeia chamada Urubu, que fica a outro rio distante do Matari um dia escasso de navegação.

Nestas proximidades sai ao Marañón, na banda do Sul, o famoso rio Madeira, e perto da sua boca há uma grande ilha que foi habitada em outros tempos, antes pelos Tupinambá fugitivos do Brasil, depois pelos Guayarises. Hoje em dia está sem moradores.⁹

Subindo pelo rio Madeira umas 50 léguas, encontra-se Abacaxis, redução dos missionários portugueses da Companhia, os quais têm a seu cargo quase todas as demais reduções situadas na banda do Sul até o Grão-Pará. Segue-se a Abacaxis, na margem do mesmo rio Madeira, outra redução de índios Turace, recém-fundada. Também por esse rio, no ano de 1723, um certo Palheta, português, depois de quase três meses de árdua navegação, em que por mais de 20 dias foi preciso arrastar as canoas sobre pedras, encontrou-se por fim com as missões dos Moxo da província do Peru, de acordo com o que me contou um soldado que o acompanhou neste descobrimento.

Voltando ao Marañón, dois dias abaixo do Urubu na mesma banda do Norte está Uatema, aldeia dos Padres Mercedários,¹⁰ e depois de quase outro tanto de navegação, na banda do Sul, Tupinambarana, redução da Companhia, junto a um rio muito caudaloso que tem o mesmo nome. Os índios moradores desta redução são hoje em dia os Andirace e Ciriato.¹¹

Um dia de caminho mais abaixo, ao Norte, entra-se em outra laguna que nasce de um rio que chamam Samundás¹² e que tem nas suas margens uma populosa redução do mesmo nome, missão dos Padres Capuchinhos chamados vulgarmente os Piedosos. Este rio, segundo a demarcação do P. Acuña, deveria ser o rio das Amazonas, a quem dá o nome de Cunuri ou Conduri. Com mais razão poder-se-ia apropriar este nome ao outro rio que se segue poucas léguas depois, que os portugueses chamam das Trombetas e o P. Acuña Urixamina, posto que a pouca distância deste rio vivem, entre morros, os índios Conduri.

Pouco depois da boca deste rio, estreita-se o Marañón pelo espaço de quatro léguas, de modo que chega a ter de largura algo menos de um quarto de légua, posto que desde as juntas do Rio Negro a largura do rio é normalmente de três ou quatro léguas e às vezes mais. Na entrada do estreito, à mão direita, construíram os portugueses há poucos anos uma fortaleza ou casa forte chamada Pauchis,¹³ que é a única em todo o rio de algum proveito para cortar o passo aos navegantes e piratas do rio. Aqui também assiste um missionário capuchinho.

Desde a saída do estreito até o rio Topajós, conta-se dia e meio de navegação. Na metade do caminho, em terra alta à banda do Norte, está Surubiu, aldeia de índios Babois assistida por outro missionário capuchinho.¹⁴ Na boca do Topajós há fortaleza e aldeia da Companhia, a quem pertencem também duas outras reduções novas que são Arapion e Meteopu, fundadas à beira do mesmo rio.

Desde Topajós até Curupá os navegantes demoram normalmente quatro dias. Passa-se neste caminho junto a outro forte de pouca monta chamado Paru, que está na boca de um rio do mesmo nome, e a cinco aldeias dos Padres Capuchinhos, duas delas na banda do Norte, junto a dois rios de quem tomam o nome, que são Curupatuba e Urubucuará.¹⁵ As outras três, cujos nomes são Maturu, Arapió e Cabianá, estão perto de Curupá, que é a fortaleza mais antiga que os portugueses têm no Marañón e onde reside normalmente o superior dos missionários capuchinhos.

Quase em frente ao Paru desemboca na banda do Sul outro rio mui caudaloso que chamam Xingu ou Aoripana. O P. Acuña o chama Paranaíba. Subindo por este rio, encontra-se depois de três dias uma redução chamada também Xingu, que é da Companhia. A esta seguem-se mais acima outras três de índios recém-conquistados.

Voltando de novo ao Marañón, encontra-se aqui uma multidão de ilhas que formam um formoso arquipélago e que fazem com que o rio se reparta em diferentes braços dos quais o principal, que conserva o nome de Amazonas,¹⁶ corre direto desde Curupá até o Grão-Pará e mar do Norte pela distância de 100 léguas. Estas são normalmente divididas pelos navegantes em 12 jornadas, tanto na descida como também na subida. Nas três primeiras não se encontra povoação alguma. Na quarta chega-se a Guaricuru, na quinta a Urucará, ambas aldeias da Companhia povoadas de valentes Nheengaíba, outrora mora-

dores de uma ilha mui extensa que está quase de frente a ambas as aldeias e tem sido por algum tempo a Rochela do Marañón, segundo refere o P. Antônio Vieira, apóstolo daquela nação, em carta escrita pelo ano de 1660 ao rei de Portugal. Na sexta jornada encontra-se, junto a uma formosa laguna, outra aldeia da Companhia chamada Bocas, de uns índios que antigamente também viviam em outra ilha. O motivo deste e outros índios terem passado a viver na terra firme é que no tempo da enchente as ilhas não poucas vezes ficam em grande parte inundadas.

Depois de outros dois dias de navegação, entra-se no rio Tocantins, que é um dos mais caudalosos e antigamente povoado por muitíssimos gentios. Ainda ignora-se sua origem. Suspeitam alguns que é próxima a alguma cidade do Brasil, porque há índios que dizem ter visto em suas margens muito gado pastando e também grandes povoações de gente branca. Outros atribuem tudo isto à fantasia.

Por este rio adentro está Camota, aldeia a que também dão o nome de vila, onde assistem alguns Padres Mercedários. É onde os que sobem do Pará costumam abastecer-se de farinhas e de outras coisas necessárias à viagem.

Desde Camofta (*sic*) até o Grão-Pará há mais dois dias de caminho em que se passa junto a duas ilhas, Samuma e Mortiguara, povoados com alguns índios. Depois do Pará há ainda outra jornada até o mar e a ponta Oriental, onde há uma pequena vila chamada Vigia, e entre esta e o Pará há duas outras aldeias pequenas, ou por melhor dizer estâncias chamadas Mamayacu e Tanapará (...)

Parte III, capítulo 3

§ I

Pacificação e costumes dos Omágua

A missão mais gloriosa que o zelo dos filhos da Companhia empreendeu nas margens do Marañón e que a cobiça dos portugueses do Grão-Pará destruiu quase por completo, é a dos Omágua, Yurimágua, Aizuaire, Ibanoma e outras nações que habitavam as ilhas do dito rio, desde a barra do Napo até a boca do Rio Negro, pelo espaço de mais de 500 (?) léguas.¹⁷ Qual tenha sido a situação que antigamente tiveram essas nações e qual a

que têm no presente, já foi indicado o suficiente nas "Notícias Gerais" (Parte I, capítulo 1).

A principal e mais numerosa dessas nações, a quem as demais temiam muito antigamente, é a dos Omágua, oriundos provavelmente dos Tupinambá do Brasil, como o dá a entender o seu idioma, que pouco se diferencia daquele que os portugueses chamam *Língua geral*, ou dos Tupinambá, que segundo dizem estendia-se a muitas nações do Brasil.

Os portugueses chamam vulgarmente os Omágua com o nome de Cambeba ou Camga-Peva, que quer dizer cabeças chatas, porque o distintivo dessa nação é o ter a testa achatada e plana como a palma da mão; e nisso, até os dias de hoje, põem toda a sua vaidade, em especial as mulheres, que chegam a zombar e insultar as de outras nações dizendo que têm a cabeça redonda como cuia ("pilche") ou cabaça, como os selvagens do mato. Para isso vão pouco a pouco achatando, com muito cuidado, a cabeça das crianças pequeninas, aplicando-lhes à testa uma tabuinha ou um amarrado de canas partidas, com um pouco de algodão para não feri-las e amarrando-as de costas contra uma prancha que lhes serve de berço. Ao indagar a origem desse costume, responderam-me que em certa ocasião os seus antepassados haviam visto o Diabo com a cabeça presa entre tábuas dessa maneira e que dele haviam aprendido essa moda, até agora sem dúvida ignorada pelas mulheres européias. Outro costume notável têm esses bárbaros, que é de, ao começarem as regras às meninas donzelas, pendurá-las numa rede dentro de um toldo junto à cumeeira da casa e deixá-las ali penduradas durante oito e às vezes mais dias, dando-lhes, para seu sustento, a cada 24 horas, um pouco de mandioca seca e bebida com parcimônia, e algodão suficiente para que se entretenham fiando por todo aquele tempo^{18-E}. Ao cabo do mês¹⁹ as descem, as levam ao rio e as lavam dos pés à cabeça, depois as pintam até a metade do corpo e, enfeitadas com plumagens, as levam em andores de volta às suas casas, com grande acompanhamento de danças e música. Lá, todas as mulheres que estiverem presentes lhes oferecem uma pequena dose de bebida compelindo-as a beber; em seguida um índio, o mais ancião, dando-lhes uns golpes nas costas com um pauzinho, lhes põe um nome que conservam para toda a vida. Depois dessa função é lícito a qualquer homem pedi-las a seus pais por esposas; antes disso seria para eles delito digno de repreensão, porque, dizem,

não estando curadas dessa maneira, as mulheres não são de proveito nem para si mesmas nem para seus maridos^{20-E}.

No demais são os Omágua, em geral, homens de estatura mediana, robustos e mais escuros que os índios do mato; são muito curiosos, falantes e altivos; cada um tem normalmente em sua casa um ou outro escravo ou criado de alguma nação da terra firme, que adquiriu em ocasião de guerra ou comprou em troca de ferramentas, roupas ou coisas semelhantes. Quando o soberbo Omágua está senhorialmente deitado em sua rede, manda o criado ou criada, escravo ou escrava providenciarem a comida, trazerem a bebida e outras coisas do gênero; no demais os tratam com muito amor, como a seus próprios filhos, lhes dão roupas, comem no mesmo prato e dormem sob o mesmo toldo sem fazer-lhes a menor vexação. Nos tempos do seu paganismo faziam entradas no interior dos bosques em busca desses escravos, assaltavam as casas a mão armada, matavam cruelmente velhos e velhas e levavam presos os moços para seu serviço. Esse costume tão injusto sempre foi fomentado, e continua a sê-lo até os dias de hoje por muitos portugueses entre os índios que estão sujeitos ao seu domínio, oferecendo-lhes ferramentas e outros gêneros e obrigando-os com ameaças a manter guerras com outras nações bárbaras a fim de obter escravos para dar aos portugueses.

Apesar disso os Omágua orgulham-se de sempre ter tido, mesmo antes de ser cristãos, uma espécie de civilidade ("polícia") e governo, vivendo muitos deles uma vida sociável, demonstrando grande sujeição e obediência aos seus principais *curacas* e vestindo-se todos, tanto homens como mulheres, com alguma decência; isso o atribui o P. Acuña à comunicação que alguns tiveram com os espanhóis da governação de Quijos no rio Napo^{21-E}. Também pode ser que tenham aprendido esse tipo de civilidade dos Tupinambá e *Caboclos* do Brasil, de onde parece que foram pouco a pouco subindo ao alto Marañón pois, como foi dito em outra parte^{22-E}, foi breve a comunicação e o trato que tiveram, mesmo os Omágua de Napo, com os espanhóis e, provavelmente, nenhuma, antes da descida do P. Acuña, os da Grande Omágua que viviam nas ilhas do Marañón^{23-E}.

Hoje em dia os homens usam calças e camiseta de algodão tecidas e pintadas muito curiosamente; as mulheres contentam-se com dois pedaços do mesmo pano, um dos quais lhes serve de tanga e com o outro cobrem mal e mal os seios, pintando o resto do corpo e também o cabelo com o suco, mais negro que o

da amora, de uma fruta silvestre que chamam *jagua*. Com ele os homens pintam principalmente as pernas, mãos e barba, imitando curiosamente as barbas, luvas e botinas ou meias dos espanhóis. Suas armas são normalmente a flecha e a *estólica*, de cuja forma se disse em outra parte; com elas flecham a caça no mato e os peixes no rio e também pelejam com outros índios. Hoje usam também, às vezes, lança, dardo e *bodoquera*,²⁴ que são armas próprias de índios de terra firme ou, como eles dizem, Tapuya. As rodelas que levam para se defender quando vão pelejar são de canas partidas e firmemente trançadas, distinguindo-se das dos Tapuya, que são de couro de anta, de raízes grossas ou tecidas com fios de *chambira*.

As sementeiras ou *chagras* de mandioca e banana²⁵ de que se sustentam e as casas e ranchos em que vivem, estão geralmente situadas em ilhas, praias e margens do rio, todas elas terras baixas e alagadiças; e embora a experiência lhes ensina continuamente que na época da enchente grande do rio ficam sem lavoura (*chagra*) e não poucas vezes sem casa em que viver, nem por isso se resolvem a viver e fazer suas sementeiras na mata e em terra alta afastada do rio, dizendo que a moradia dos seus antepassados tem sido sempre o rio Grande, e que a mata é lugar próprio dos Auca e Tapuya. Para que, portanto, não lhes faltem víveres na época da enchente grande, que começa por volta de março e dura até junho, e também depois dela, até ter os frutos das novas sementeiras, fazem suas colheitas em janeiro e fevereiro e guardam o milho pendurado nas casas; a mandioca ("la yuca y mandioca") a enterram em covas bem revestidas de folhas largas; assim a conservam debaixo da água e da terra, não somente por meses, e sim por um ou dois anos e até mais, retirando, depois que começa a baixar o rio, a que precisam para o gasto e deixando o resto enterrado; e embora essa mandioca se corrompa, bem espremida é melhor e de mais sustento do que fresca, e com ela fazem suas bebidas, farinha e beiju ("cazaves"). Enquanto dura a enchente, vivem as pessoas sobre uns jiraus ("barbacoas")^{26-E} que fazem de cascas de árvores, entrando e saindo de suas casas em canoas; e não há quem o estranhe, porque o seu viver é andar continuamente por rios e lagunas pescando e remando, no que são destros mais do que qualquer outra nação. Têm os Omágua outros costumes dignos de pública memória, que serão assinalados no decorrer desta relação, como também os dos Yurimágua e de outras nações próximas.

No tocante à religião parece que na sua gentildade tiveram algum conhecimento do supremo autor da Natureza, ao qual chamavam pelo nome de Zumi Topana, embora jamais lhe tenham prestado, que eu saiba, qualquer espécie de culto, como (*também*) as demais nações do Marañón. Com o diabo não duvido que tratassem muitos deles familiarmente e aprendessem dele vários abusos e malefícios para suas vinganças. Hoje, a maioria deles, presam-se muito de serem grandes feiticeiros e costumam ameaçar os índios de outras nações dizendo que os vão enfeitiçar se não lhes concedem o que lhes pedem; mas essas me pareceram, a maior das vezes, palavras arrogantes e sem fundamento para fazerem-se temer.

(No ano de 1686), tendo chegado da Alemanha a Quito e dali passado ao Marañón o P. Samuel Fritz, natural do reino da Boêmia, varão escolhido por Deus para apóstolo daquelas gentes, o P. Francisco Viva, que pouco antes havia sucedido ao P. Lucero no cargo de superior das missões, determinou confortar os Omágua dando-lhes por missionário o dito Padre.

Andava portanto o Padre, todo o ano, de ilha em ilha, com extremo incômodo e perigo navegando aquele pequeno mar, que tal é o Marañón depois de juntar-se ao Napo, conduzido muitas vezes somente por rapazes, sem parar mais do que o necessário em cada povoado, batizando os meninos, exortando e pregando aos adultos. Com isso quase toda a nação, em menos de três anos, fez-se capaz do batismo; construíram-se muitas igrejas ou capelas e instituiu-se por todas as partes reza e doutrina ao uso dos povoados cristãos. O povoado principal, onde por vezes o Padre residia por mais tempo devido a ser maior e próximo às missões de rio acima, chamou-se San Joachim (*de Omágua*).

Pelo trato contínuo que tinha com os Omágua em suas apostólicas peregrinações, o padre chegou a ter muitas notícias de outra nação mais abaixo que chamam Yurimágua, conforme pôde coligir também do diário do P. Acuña.²⁷ Contavam-lhe muitas coisas sobre as suas habilidades; traziam-lhe um tipo de taças que chamamos vulgarmente *pilches*, que as mulheres pintavam com muito primor;²⁸ referiam-lhe os seus costumes, me-

nos bárbaros que os dos demais, e uma espécie de civilidade com que se governavam, vivendo todos sujeitos ao arbítrio de um *curaca* principal, do que o Padre concluiu que deveriam ter boa disposição para sujeitar-se ao jugo evangélico. Concebeu assim um grande desejo de reduzi-los e resolveu descer (*o rio*) para vê-los em suas rancharias. Já tinham os Yurimágua algumas notícias do Padre e tão boa opinião de seus costumes e prodigioso obrar, que duvidavam se era homem mortal ou espírito do outro mundo; e como um espírito mau os dominava²⁹ e mantinha sujeitos com tanto despotismo que de vez em quando chegava de repente e os açoitava cruelmente, e quando se ia, embarcando numa canoa e desaparecendo da vista de todos sumindo nas profundezas no Marañón, receavam alguns que o Padre fosse outro espírito semelhante. Mas quando (*o padre*) chegou às suas terras e viram o seu modo diferente de tratá-los, com agasalho e carinho, saíram todos dos seus esconderijos, de onde o haviam estado olhando por um tempo com muito temor e receio, e todos unânimes o receberam com grandes sinais de júbilo e alegria. Em seguida, informado o Padre sobre o espírito mau que os dominava, benzeu e fincou em lugar público uma cruz, assegurando a todos que daí por diante o maligno não teria tanto poder sobre eles e não se atreveria a chegar às suas casas, como de fato aconteceu, admirando-se todos da virtude daquele prodigioso madeiro.

Viu-se portanto (*o padre*) obrigado a descer repetidas vezes às suas terras para instruí-los, como fazia com os Omágua, e com isso foi crescendo o trabalho das suas apostólicas peregrinações. Já não bastava ele sozinho para seara tão grande, pois levava um ano inteiro para percorrer as muitas ilhas que as duas nações de Omágua e Yurimágua ocupavam; e depois que também os Aizuaire, Ibanoma e outras nações mais próximas ao Rio Negro se lhe fizeram amigas, parecia impossível poder acudir a todas.

Para benefício dos eruditos copiarei aqui, ao pé da letra, o *Diário* de sua descida até o Pará e regresso desde o Pará até o povoado de La Laguna, cabeça das missões de Mainas, conforme o deixou escrito o próprio Padre (...).

§ II

Diário da descida do P. Samuel Fritz, missionário da Coroa de Castela no rio Marañón, desde San Joachim de Omáguas até a cidade do Grão-Pará, no ano de 1689; e regresso do mesmo Padre desde essa cidade até o povoado de La Laguna, cabeça das missões de Mainas, no ano de 1691^{30-E}.

Para escapar da grande enchente que costuma haver nesse rio todos os anos, em fins de janeiro de 1689 desci da redução de San Joachim de Omáguas, que é princípio da minha missão,³¹ para a aldeia dos Yurimágua. No caminho fui visitando umas poucas aldeias dos Omágua, doutrinando-os de passagem. Dos demais passei ao largo, pelas águas que já vinham crescendo. Em fevereiro cheguei aos Yurimágua,³² onde fizemos igreja ou capela dedicada a Nossa Senhora das Neves.

A gente Yurimágua e Aizuaire,³³ ainda que sejam nações diferente e de diversas línguas, têm quase os mesmos costumes. Andam completamente nus; contudo, pouco a pouco, vão adotando as vestes e as índias já aprendem a tecê-las.³⁴ O sustento, fora do que lhes dá o rio, é beiju (*casave*) e farinha que fazem de *mandioca*. O comércio que têm com outras nações é de cuias ("tetes o pilches"), que suas mulheres pintam vistosamente. Antigamente os Yurimágua eram muito belicosos e senhores de quase todo o rio de Amazonas e suas mulheres (segundo tive notícias) pelejavam com flechas tão valorosamente como os índios, parecendo-me a mim ter sido (*com elas*) o encontro que teve Orellana, razão pela qual pôs a este grande rio o nome de Amazonas.³⁵ Agora, porém, estão muito acovardados e consumidos pelas guerras e cativeiros que têm padecido e padecem dos moradores (*vecinos*) do Pará. Suas aldeias eram de uma légua e mais de extensão de casarios; mas depois que se viram perseguidos, retiraram-se muitos para outras terras e rios para ficar um pouco mais seguros.

Enquanto estive nesse povoado de Yurimágua, também já inteiramente inundado, sobre um jirau ou palanque de cascas de árvore, caí enfermo de febres ardentíssimas e hidropisia.

Quase toda a gente do povoado andava retirada em busca de terra e frutas silvestres para não perecer, porque o seu man-

timento, que é a mandioca, estava enterrado debaixo da água; e eu, para meu sustento, fisgava às vezes alguns peixinhos e mendigava umas bananas, que era preciso mandar vir dos Aizuare, rio abaixo.

Notável foi o que então averigüei nesse povoado dos Yurimágua, e foi que numa bebedeira que faziam, ouvi, do rancho onde pousava, tocar uma flauta ("flautón") que me causou tal susto que não pude agüentar o seu tom; mandei que parassem de tocar aquela flauta; perguntei o que era aquilo e me responderam que daquela maneira tocavam e chamavam Guaricana, que era o Diabo, que desde o tempo de seus antepassados vinha em forma visível ("visiblemente venía") e assistia em seus povoados e lhe faziam sua casa sempre apartada do povoado, dentro do mato, e lá lhe levavam bebidas e os enfermos para que os curasse. Fui perguntando com que rosto ou figura vinha. Respondeu-me o chefe ("curaca") chamado Mativa: - "Padre, não o posso explicar; só sei que é horrível e quando vinha, todas as mulheres e meninos fugiam, somente ficava os grandes e então tomava o Diabo um açoitado que para esse fim tínhamos preparado, (feito) de uma correia de couro de vaca marinha, e nos açoitava no peito até tirar-nos muito sangue. Na ausência do Diabo, o açoitador era um velho, do que ainda nos ficam cicatrizes grandes no peito. Fazíamos isto, dizem (sic), para fazer-nos valentes. As figuras que tomava (assumia) eram de tigre, porco e outros animais; ora se fazia gigante, ora anão." Perguntei mais, se lhes havia dito algo de mim, ou que não me admitissem ou (que) me matassem; respondeu que as vozes que dava não eram articuladas, "e desde que viestes - dizia o chefe - a primeira vez e plantastes a cruz, já não quer vir mais ao povoado nem quer curar mais os enfermos que alguns levam à sua casa; por isso a vós os levamos agora para que lhes rezeis o Evangelho e não morram".³⁶ Isto é o que me referiram na ocasião do Diabo, do qual havia tido antes algumas notícias, conforme ouvira também dos Aizuare, que abaixo chamam Solimoens,³⁷ e (de) outras nações que têm entendimento semelhante.

Enquanto estava em minha choça lutando com os achaques, veio comerciar com os Yurimágua, numas dez canoas, uma tropa de Manave,³⁸ índios gentios. A chegada deles eu saí, pela proa da minha canoa, a recebê-los fora do rancho; mas eles, sem querer olhar para mim, passaram ao largo do meu rancho, a toda a pressa em suas canoas. No outro (dia ?) mandei-os chamar; vieram e estiveram comigo muito contentes, chamando-me em

sua língua - Abbá Abbá - que significa *padre* assim como na hebraica. São estes índios Manaves muito valentes e temidos pelos outros gentios vizinhos e, há anos, enfrentaram uma tropa portuguesa. Sua arma é arco e flecha envenenada; não deixam crescer o cabelo, dizem, para não terem por onde ser agarrados nas peles; andam nus; tingem a testa, até às orelhas, com uma resina preta semelhante ao bálsamo. Suas terras estão na banda do norte, sobre um riacho chamado Yurubetss, ao qual se chega pelo rio Yupurá. Saem ordinariamente no tempo da enchente porque então, pela muita água, esses dois rios se comunicam, de modo que podem, em canoa, sair do Yurubetss ao rio Yupurá. O comércio que esses Manave têm com os Aizuare, Ibanoma e Yurimágua são umas plaquetas de ouro, vermelhão (*urucu* ?), raladores de mandioca, redes de miriti (*cachibanco*), com outros tipos de cestinhos e tacapes que lavram curiosamente. O ouro eles não o extraem, mas vão resgatá-lo navegando do rio Yurubetss ao rio Iquiari; e este é, entre os gentios, o rio mais famoso pelo ouro.³⁹ Também por esse tempo, em que a aldeia estava inundada, vieram ver-me uns oito índios Ibanoma de abaixo da boca do rio Yupurá⁴⁰ e me convidaram para que descesse ao seu povoado. Esses Ibanoma trouxeram-me notícias de uns portugueses que haviam subido do Pará até os Cuchivara, oito dias abaixo dos Yurimágua,⁴¹ para tirar salsaparrilha, pelo que me decidi a descer em busca desses portugueses na esperança de encontrar algum remédio para meus males, já que estava impossibilitado ou em manifesto perigo para ir rio acima, encontrando-me tão destituído de forças e rodeado de achaques que, até encontrar o primeiro Padre dessas missões castelhanas, haveria de gastar mais de dois meses de caminho.

Depois que o rio começou a baixar, pus-me a caminho para baixo, levando-me o *cacique* Mativa com 10 Yurimágua. Saí do povoado de Nuestra Señora de las Nieves a 3 de julho de 1689. Passei ao largo das rancharias dos Aizuare. No dia seguinte, ao amanhecer, passei pela boca do rio Yuruá; pela tarde por outros povoados de Aizuare, Guayoëni e Quirimatate.⁴²

A 5 prossegui minha navegação e passei por outros Aizuare. A 6, pelo amanhecer, passei a boca do rio Yupurá. Entrei no povoado dos Ibanoma chamado Yoaboni, cujo *curaca* é Arimavana. Aqui me detive quatro dias, doutrinando e fazendo matalotagem para seguir adiante.

A 10 de julho parti acompanhado de gente daquele povoado. A 12 passei por outro povoado chamado Guayupé e

cheguei a outro, também de Ibanoma. A 13 de julho, pela tarde, parti dali e a 14 de manhã entrei no rio Cuchivara e passei por um povoado em que não entrei por estar inundado. A 15 cheguei às casas desertas que os portugueses haviam edificado numas barrancas altas. Estes já se haviam retirado uns dias antes da minha descida; encontrei-os depois mais abaixo; chamava-se um Manuel Andrade e outro Manuel Pestaña. Logo que cheguei àquela paragem vieram de seus povoados muitos índios e índias Cuchivara com seus filhos, e ocupando (*eu*) aquelas casas desertas enquanto ali estive, que foi (*durante*) oito dias, assistiram-me com muita solicitude e amor, mais do que se fossem cristãos, trazendo-me muitíssimo pescado, tartarugas e bananas, mostrando-se desejosos de que ficasse com eles. Como não encontrei aqui os portugueses que procurava, e empenhado já no caminho, vi-me obrigado a prosseguir minha derrota, especialmente porque os achaques iam cada dia aumentando.

A 24 de julho parti para baixo, levado por índios Cuchivaras. A 26, pela noite, cheguei à boca do Rio Negro. A 28 encontramos um *cacique* dos portugueses, de nação Tupinambarana, chamado Cumiarú, que ia acompanhando a tropa de resgates. Os meus índios Cuchivara, julgando que fossem Taroma, seus inimigos do Rio Negro, armaram logo sua flecharia; eu plantei minha cruz na proa até que, ao se aproximarem as canoas, se reconheceram por amigos, e o *cacique* Cumiarú deu-me um índio guia para a aldeia de Urubu.

A 30 de julho cheguei ao povoado de Urubu, onde assistia como missionário o P. Fr. Teodósio Vegas, mercedário. Estava ausente quando cheguei; depois que veio para o povoado, agasalhou-me com muito amor.

A 5 de agosto voltou do Rio Negro para aquele povoado de Urubu a tropa de resgates portuguesa; vinha por seu cabo um capitão-mor chamado Andrés Piñero; por missionário do rei o P. Juan María Garzoni, mantuano, de nossa Companhia.

É de se observar que, nesta minha descida, levantou-se a meu respeito um grande alvoroço, não somente entre os gentios da região, mas que chegou até o Pará e San Luis de Marañón. Para uns eu era santo e filho de Deus, para outros o diabo. Uns, pela cruz que eu trazia, diziam que havia chegado um patriarca ou um profeta; outros, que (*era*) um embaixador da Pérsia; até os negros do Pará diziam que havia chegado o seu libertador, que havia de ir a Angola para libertá-los. Alguns, de medo, se retiravam, dizendo que trazia fogo comigo e que vinha queiman-

do quantos povoados e gente encontrava. Outras muitas e maiores pataratas haviam divulgado a meu respeito; de modo que o P. Teodósio Vegas, a quem mandei chamar logo que cheguei a Urubu, escreveu-me um papel como a pessoa incerta e o concluiu dizendo que lhe haviam contado tantas coisas de mim que inferia haver chegado ao seu povoado alguma coisa ou portento do outro mundo. E o cabo da tropa, Piñero, quando chegou do Rio Negro a Urubu, segundo ele me disse depois no Pará, não se atreveu, na noite em que chegou, a entrar para falar comigo, por tantos disparates que lhe haviam contado, espiando-me por um buraco (*para ver*) se era homem ou coisa da outra vida.⁴³

Neste povoado de Urubu me detiveram por 15 dias, cuidando-me com muita caridade. O cabo da tropa mandou-me sangrar contra a febre ("calenturas"), fumigar contra a hidropisia; contra os demais achaques me aplicaram outros remédios, mas não somente não melhorei, como até piorei mais do que nunca. Até então havia podido manter-me de pé; daí por diante fui obrigado a deixar-me carregar na rede, sem poder dar um passo porque a hidropisia ia-se estendendo a todo o corpo e me causava grande sufoco e fadiga.

A 15 de agosto, vendo o dito cabo da tropa que os meus acidentes iam cada dia aumentando, e que necessitava de cura mais dilatada, despachou-me em uma canoa sua ao Pará e deu-me um soldado chamado Joseph de Silva para que cuidasse de mim no caminho. O P. Garzoni, com o mesmo intento, cedeu-me seu companheiro, que era um irmão coadjutor de nossa Companhia, encarregando-o de me levar com toda pressa à cidade.

A 30 de agosto aportamos debaixo da fortaleza de Curupá. A 3 de setembro cheguei a Guaricuru, povoado dos Engaíba e missão do P. Antônio de Silva, da Companhia. Aqui encontrei-me com a tropa de guerra que ia castigar uns gentios não sei por qual insolência. Iam nela oitenta soldados portugueses e uns duzentos índios. O cabo era o capitão-mor do Pará, que agora é governador, Antônio de Albuquerque. Receberam-me com muita honra e agasalho. A 10 de setembro cheguei a Ibarari,⁴⁴ fazenda de trapiche do Colégio do Pará. A 11 de setembro, de noite, cheguei à cidade do Grão-Pará mais morto que vivo. Os Padres do Colégio que a Companhia tem ali receberam-me com muita caridade e diligenciaram todos os meios possíveis para que recuperasse a saúde, principalmente o P. Reitor Juan Carlos Orlandini, que não se recusou a prestar-me pessoalmente até os

mais baixos serviços de enfermeiro. Enfim, ao cabo de dois meses em que se me aplicaram diferentes medicinas, foi Deus servido devolver-me a saúde e dar-me alento para suportar com paciência outros trabalhos que me aguardavam, mais penosos que qualquer enfermidade.

Assim que cheguei àquela cidade, o governador, que era na ocasião Arcturo Sá de Meneses, e demais portugueses (...) começaram a suspeitar que eu fosse espião perdido, enviado pelo governador do Marañón por parte de Castela para explorar seus adiantamentos; e feita entre si uma junta sobre esse assunto, enviaram um ouvidor chamado Miguel Rosa ao P. Reitor Orlandini, intimando-o a que me detivesse como preso naquele Colégio.

Isso foi o que se passou comigo no Pará. Ao cabo de 19 meses veio enfim a resposta do rei de Portugal ao informe do governador, muito diferente do que pensavam no Pará. (...) Mandava-lhe, portanto, que me repusesse logo, às expensas de sua Real Fazenda, até minha missão e ainda, se fosse preciso, até Quito. Tendo o novo governador recebido esse mandado de seu rei, enviou-me logo os parabéns, declarando-se pronto a quanto eu dispusesse. Desejava eu regressar com alguns remeiros índios, para que não se alvoroçassem os infiéis por onde havia de passar; mas o governador, para cumprir a ordem do seu rei, quis que me acompanhasse um cabo com alguns soldados. Enquanto se aprontavam as canoas com todo o necessário para o caminho, passaram-se mais três meses; com o que toda a minha detenção no Pará foi de 22 meses.

O cabo que o governador me deu chamava-se Antônio Miranda, com sete soldados e um cirurgião; destes, somente o cirurgião e um soldado, Francisco Pailheta, eram portugueses brancos; o alferes Braz de Barros, amulatado; os demais, mestiços ou, como dizem os portugueses, mamelucos; índios remeiros de vários povoados trazíamos uns 35. A minha canoa era das médias, de uns 44 palmos de comprimento e uns oito de boca, com sua vela e camarote feito de tábuas na popa. A canoa do cabo era menor; a dos soldados era a maior: de 300 arrobas de carga. Feitos os preparativos necessários a 8 de julho de 1691, saí do Pará com o consolo que pode cada qual imaginar, e fui ao engenho do capitão Andrés Piñero a despedir-me. A 9 de julho passei a Yavarari, fazenda do nosso Colégio. A 10 fui a outro

engenho pertencente ao capitão Antônio Ferreira, onde encontrei a tropa de resgate com seu capelão, o P. Juan María Garzoni. A 11, tendo caminhado bastante, dormimos nas canoas sobre o rio. Ao dia seguinte entramos no rio Tocantin; deixamos à mão direita a baía grande e perigosa de Marapatá e chegamos tarde da noite a Comutá. Aqui paramos dois dias carregando as canoas com 200 balaios ou cestos de farinha de *mandioca*. O missionário dessa aldeia ou vila era o P. Juan Justo Luca, piemontês. Até aqui contam-se 30 léguas desde o Pará.

A 14 de julho partimos de Comutá; de noite entramos no meio das ilhas para nos protegermos das marés. A 15, pela manhã, atravessamos a baía e passamos pela costa que acham Limoero, furiosíssima e muito perigosa. Ali mal entramos pela boca de um braço estreito, quando começou a alterar-se e enfurecer-se o mar e o ar. Dormimos na canoa. A 16, pela noite, chegamos à aldeia dos Boca, onde paramos no dia seguinte. A 18 partimos pela manhã; dormimos na canoa. A 19 chegamos à aldeia dos Engaibas, onde reside por missionário o P. Antônio de Silva. A 20, pela tarde, partimos e fomos caminhando até a 25 do mês sem haver povoado nem gente. Esse dia estivemos nos areais onde começa a jurisdição de Curupá.

A 26, pela manhã, chegamos a Curupá, onde o capitão da fortaleza, chamado Manuel Guedez, cavaleiro da ordem de Santiago, recebeu-me e hospedou-me em sua casa com muito agasalho. Paramos aqui esse dia e noite. Queria ele levar-me para ver a fortaleza, mas como alguns portugueses me haviam tomado por espião, para não confirmar-lhes a suspeita, recusei.

A 27 de julho partimos de Curupá. Caminhamos até 30 do mês. Nesse dia passamos em frente de um forte velho e quase abandonado de Paru, porque não tem mais que um sargento que ali reside com poucos índios. Aqui atravessamos a Bahia de Amazonas, grande e furiosa, e entramos no porto de Yavacuará.⁴⁵ Aqui é a vista muito formosa; divisa-se, desde abaixo de Paru até acima de Yavacuará, campinas e morros, uns pelados, outros com arvoredos espessos. A aldeia, que é pequena, está no alto entre campinas, quase a uma légua do povoado.

A 31 de julho, depois da missa que celebrei numa capela deserta do porto, partimos de Yavacuará.

A 1^o de agosto passamos pela boca do rio Urubucuará. A 2 de agosto, pela noite, chegamos a Curupatuba,⁴⁶ onde residia por missionário o P. José Barreiros. O povoado está num cerro

bem alto de onde se avistam, numa banda, campinas, ainda que alagadiças, e de outra o rio de Amazonas.

A 7 de agosto saímos de Curupatuba; chegamos aos Topayó a 9 deste, pela manhã. Esses índios Topayó⁴⁷ são muito curiosos em tecer cestinhos, pratos, etc., com lavor de folhas de palmeira tingidas de várias cores. Aqui se faz uma nova fortaleza. Tem seu capitão-mor; quando eu passei não assistia mais que um sargento. O povoado está sobre a boca do rio.

A 11 partimos dos Topayó. Caminhamos seis dias sem haver povoado algum. A 13, pela tarde, alcançamos e passamos umas barrancas vermelhas altas que estão na banda do Sul. De noite, entre duas e três horas, tivemos uma grande tormenta. Minha canoa perigou entre mares atravessados. À canoa grande da infantaria, com a força do mar, quebrou-se um leme grande, e ao da outra banda se romperam todos os cipós com que estava amarrado; ficou assim sem governo.

A 14, pelas quatro da tarde, chegamos ao estreito ("al Estrecho"); tem de largura aqui todo o rio Amazonas algo menos de um quarto de légua.⁴⁸ Toda essa costa (*no percurso*) de um dia, onde se estreita o rio, havendo pouco vento, é muito perigosa ("furiosa"). Na banda do norte, entre uns morros, estão os Cunduri. Na mesma banda entra o rio das Trompetas no princípio do estreito,⁴⁹ o qual (*rio*), antes de entrar, tem três braços.

A 17, ao meio-dia, chegamos à boca do rio dos Tupinambarana;⁵⁰ às oito da noite, à aldeia onde assistia o P. Antônio de Fonseca. Está essa aldeia entre lagos. Aqui paramos nove dias consertando as canoas.

A 26, pela tarde, partimos dos Tupinambarana; caminhamos sete dias sem haver povoado nem gente. A 2 de setembro chegamos de noite a um areal que está umas duas léguas abaixo da boca do Urubu. Aqui nos esperou o P. frei Teodósio Vegas, mercedário e missionário do Urubu, com muita gente sua. Agasalhou-me muito como havia feito na descida. Aqui paramos o dia seguinte. Seus índios desejavam muito ver-me porque alguns deles, enquanto estive detido no Pará, alvoroçaram todos os gentios da comarca dizendo que um tremor e arrebentação horrível que houve umas oito léguas mais acima, na mesma banda do Norte, havia acontecido por minha causa, e que se haviam de consumir todos se os portugueses não me restituíssem à minha missão. Outro alvoroço deu-se por causa de um cestinho que um índio boçal havia trazido ao Pará, despachado pelo seu cacique para mim; não pude saber de onde vinha e não

continha mais que uma faixa de lã. Diziam que vinha muito de cima, passando de povoado em povoado, e nenhum dos gentios atreveu-se a abri-lo, mas logo que o entregavam a um *cacique* este o despachava para outro povoado com aviso de que não o abrissem porque, diziam, vinha nele grande mal e fogo que, em o abrindo, os havia de queimar a todos. Outra mentira andou entre aqueles gentios enquanto estive no Pará: que já me haviam feito em pedaços, mas que eu era imortal; que logo minha alma fez juntar os pedaços e entrou novamente no corpo. Com essas e outras muitíssimas pataratas que os Padres haviam ouvido contar entre os índios, dizem, estavam todos alvoroçados, que já não queriam coisa alguma dos portugueses senão que os dessem ao Padre. O P. frei Teodósio, para persuadir seus índios que eu era homem como os demais, mandou que alguns me tocassem as mãos.⁵¹

A 4 de setembro partimos desse areal à meia-noite; passamos de madrugada pela boca do Urubu, na banda do norte, e na banda do sul deixamos, algo mais acima, o rio da Madera e uma ilha grande antigamente povoada pelos Tupinambarana. Agora está povoada por uns gentios chamados Guayari.

A 5, por volta do meio-dia, passamos a boca do rio Matari na banda do norte, onde ele é muito estreito, e terra adentro forma um lago grande.

A 6, pela manhã, começaram na banda do norte as terras em que, no ano passado de 1690, pelo mês de junho, houve um grandíssimo tremor. Pareciam ruínas de grandes cidades; penhascos caídos; árvores grossíssimas desarraigadas e lançadas ao rio; terras muito altas caídas com seus matagais encima; desmoronadas do alto e amontoadas sobre o rio, terras brancas, vermelhas e amarelas, pedras e arvoredos; em outras partes, lagoas abertas, bosques destruídos e tudo misturado sem ordem. Onde havia terra arenosa ou lodosa não tinha havido estrago. Onde havia terra arenosa ou lodosa não tinha havido estrago. Dizia Fr. Teodósio que ao mesmo tempo houve horrível marulhada no rio, morrendo muitíssimo peixe; e isso é o que os gentios atribuíam à minha detenção, dizendo que o Pará e todos haviam de perecer. Continuaram as ruínas por umas quatro léguas de rio; terra adentro o estrago havia sido maior, e o tremor fora caminhando umas 300 léguas para cima até as ilhas dos Omágua, que depois me disseram que suas casas haviam estremecido muito.

A 7 de setembro passamos por uma correnteza grande. As duas canoas não a puderam vencer. De noite chegamos à boca

do rio Negro, onde o rei de Portugal, há anos, mandou fazer uma fortaleza. Aqui celebramos, no dia seguinte, a festa da Natividade de Nossa Senhora. Esse dia vieram mais de 80 índios Taromá gentios para ver-me, com seu *cacique principal* chamado Carabiana,⁵² trazendo muitos presentes de comida. Todos tinham muito medo de mim pelo referido tremor. Prometeram-me que daí por diante não teriam mais guerras com os Cuchivara, Ibanoma e Yurimágua. Um desses Taromá, sem que eu o percebesse (percebeu-o o alferes Braz de Barros com uns soldados), quis pelas minhas costas tomar a medida da minha estatura com seu arco, e como esse fosse curto, foi cortar uma vara com a qual, acrescentada ao arco, me mediu; não perguntamos com que intento. Ao fim, depois que me viram e ouviram, pediu-me o cacique Cariabana (*sic*) que voltasse para eles e fosse seu Padre, porque os seus não queriam os do Pará, e muito havia sentido, dizia, quando eu havia ido para baixo, que eu não tivesse aportado à sua terra, porque ele me teria acolhido e acompanhado. Esses Taromá comerciavam com os Caripuna e outros amigos dos franceses da Cayana (*sic*), dos quais tinham uma escopeta.

A 9 de mesmo mês partimos do Rio Negro acompanhados por 12 Taromá. Até o meio do rio, na ponta da ilha, a água está preta e a do Amazonas turva, vendo-se claramente o encontro desses dois rios. Caminhamos nove dias sem haver povoado. A 16 e 17, entre ilhas e lagos, chegamos ao povoado dos Cuchivara, que devido à guerra que os índios do Urubu lhes deram no ano passado, o queimaram e abandonaram. Aqui paramos no dia seguinte. Deste sítio eu fui numa canoinha com o alferes em busca dos Cuchivara, porque todos estão retirados com medo, o que muito senti porque na descida me haviam agasalhado muito; mas como estavam longe, que seria necessário pernoitar no caminho, regressei no mesmo dia à tropa para não arriscarmos a vida os poucos que fomos.

A 18, às cinco da tarde, partimos dessa aldeia queimada. O capitão levou em grilhões um Cuchivara que haviam apanhado no rio, para que não fugisse e servisse de guia. A 19 despachamos adiante a canoa dos Taromá para uma aldeia dos Ibanoma, mas também a encontraram sem gente e queimada. Daqui caminhamos três dias sem topar com gente. A 22 fugiram os Taromá e assim ficamos sem guia. A 24, às três da tarde, chegamos às altas barrancas vermelhas na banda do sul. A 29, às cinco da manhã, começaram as terras altas contínuas na banda do sul.

A 2 de outubro, na calada da noite, avistamos a aldeia Yoaboni dos Ibanoma, que está na boca do rio Yupurá; não entramos para não alvoroçá-los de noite. A 3 de outubro, no amanhecer, fui eu adiante numa canoinha com quatro índios e, ao chegar ao porto, fiz tocar a *bobona*. A gente da aldeia, assim que me viu, ficou no povoado e me recebeu com muita alegria. Eu recomendei que não se alvoroçasse pela vinda de portugueses comigo, e logo ali disse missa votiva da Santíssima Trindade em ação de graças. Para não fazer-lhes agravo, fomos depois para a outra banda da aldeia, onde vieram obsequiar-nos com beijos, bananas, tartarugas, etc.

A 4 de outubro, às quatro da tarde, partimos. O *cacique* Arimabana nos acompanhou com sua gente em duas canoinhas. A 5, por volta do meio-dia, chegamos à outra aldeia de Ibanoma. Estes tinham vindo de mais abaixo assentar-se numa ilha próxima das barrancas altas, por haver os Taromá, antes que eu descesse, morto quatro deles.

A 6, de noite, passamos à ilha de Quirimatate, dos Aizuare. A 7, no amanhecer, chegamos a outra aldeia desses Aizuare numa ilha. A 8, por volta das dez, chegamos a Guayoëni, aldeia de Aizuare. Partimos às quatro da tarde e fomos dormir num areal próximo. A 9, às oito, chegamos a outra aldeia de Aizuare numa ilha. A encontramos sem gente, todos se haviam retirado. A 10, no amanhecer, entramos em outra aldeia de Aizuare de Turucuaté, também sem gente. A 11, antes do amanhecer, passamos a boca do rio Yuruá. Às onze chegamos à aldeia de Aizuare de Samonaté, também sem gente. A 12, ao meio-dia, chegamos a Guapapaté, aldeia da nação Yurimágua, também sem gente.

A 13 encontramos dois Yurimágua que iam fugindo e diziam que todos haviam fugido para os povoados próximos, porque um índio Ibanoma chamado Manota, coxo e caolho, os havia alvoroçado dizendo que não vinha mais o Padre, mas sim os portugueses queimando, cativando e matando.

Às nove do (*mesmo* ?) dia chegamos à redução de Nuestra Señora de las Nieves de los Yurimáguas, que encontrei toda despovoada e a igreja queimada pelo descuido de um rapaz, menos o lenço (*imagem sobre tela*) de Nossa Senhora, que se conservou prodigiosamente intato. Fomos nos arrancar no areal vizinho e enviamos duas canoas em busca de gente. Eu enviei minha cruz para que dessem fé de que eu vinha. A 16 veio o *cacique* Mativa com alguns dos seus. Como vi que todos esta-

vam alvoroçados com a vinda dos portugueses em minha companhia, supliquei ao cabo que voltasse com os soldados para baixo, uma vez que eu já estava dentro de minha missão; mas ele me instou a que o levasse em sua (*minha*) companhia, pelo menos até o primeiro povoado dos Omágua, porque o governador o havia encarregado de acompanhar-me até os Omágua (...)

A 18 de outubro fomos a Mayavara, última aldeia dos Omágua,⁵³ que também encontramos toda despovoada. Aqui repeti minhas instâncias ao cabo para que voltasse rio abaixo, pois assim convinha para o bem e sossego daquelas gentes. Rendeu-se por fim às minhas razões e daí voltamos ambos para a aldeia dos Yurimágua.

A 20 de outubro, estando a tropa de saída para voltar rio abaixo, manifestou-me o cabo que o motivo de querer passar aos Omágua havia sido para tomar posse daquelas terras, segundo a ordem tácita que levava de seu governador; e que desde logo me intimava que me retirasse daquelas províncias por serem da Coroa de Portugal. Estranhei muito a novidade dessa proposta, como tão pouco conforme à carta e intenção de seu próprio rei; respondi-lhe que já havia eu dado bastante satisfação ao seu governador, e por carta ao seu rei, quando no Pará, sobre (*o fato*) que as terras em que até então havia missionado, fora de toda controvérsia, eram da Coroa de Castela e que assim, sem prejuízo da conquista portuguesa, eu prosseguiria missionando nelas. Aquilo de que mais me admirava era que fizesse semelhantes protestos diante de mim, dado que minha vocação não era pleitear sobre terras, mas olhar pela salvação e quietude daqueles pobres índios; e assim o que eu faria era dar conta a quem tocava aquele ponto para que aplicasse os devidos remédios. Com isso, sem discussão, o cabo e os soldados embarcaram e entre tiros de espingarda foram-se rio abaixo. Eu fiquei naquela aldeia assaz pensativo, prevendo os trabalhos e agravos que, com o tempo, esta missão havia provavelmente de padecer.

Os portugueses, depois que partiram, foram a Guapapaté, um dia rio abaixo, e se detiveram dez dias em frente da aldeia, tirando ali em terra firme salsaparrilha. Ali também fizeram, na banda do sul, uma clareira, deixando por marco uma árvore grande que chamam Samona,⁵⁴ dizendo que ali haviam de vir a estabelecer-se, e não duvido que assim o farão, pelo muito que cobiçam escravizar os índios cá de cima; além do que dizem que por aqui hão de achar caminho para entrar no Dorado, que sonham não estar muito distante. O que eu averigüei com os

Yurimágua é que nessas minas de ouro de que acima fiz menção falando dos índios Manave, assiste visivelmente (*verossimilmente*) um homem como espanhol, que segundo os sinais não pode ser outro senão o Dragão infernal que, naquelas feições, está guardando aquelas maçãs douradas.

Depois da partida dos portugueses, fiquei nessa redução de Nuestra Señora de las Nieves até o mês de novembro, doutrinando e recolhendo a gente que por medo dos portugueses se havia retirado. Dali subi à província dos Omágua visitando os outros povoados de passagem.

A 3 de novembro cheguei, pela tarde, a Mayavara. A 4 a Euataran. A 5 a Arasaté. A 6 a Maribité. Quase em frente dessa aldeia, há uma boca do rio Yutaí, que desce de Cuzco.⁵⁵ Fomos dormir um quarto de légua mais acima, num areal que chamam da Oración porque ali, na minha primeira entrada, fizemos oração com a gente e desde então conserva esse nome que lhe puseram os gentios. Meia légua mais acima está a outra boca do rio Yutaí.

A 7 cheguei a Canafia. Em frente dessa aldeia está a boca principal do rio Yutaí. A 8 cheguei a Ibiraté. A 9 a Uaté. Parti no dia seguinte. A 11 a Cuatinivaté. A 12 a Cucunaté. A 13 caminhamos junto às terras altas dos Cayvisanas, na banda do norte.⁵⁶ A 14 cheguei a Maracaté. A 15 a Catoreará.⁵⁷ Aqui parei seis dias doutrinando a gente. A 22 parti de Catoreará. A 24 cheguei a Yoeté. A 25 a Yanasaté. A 26 a Ameneuaté. A 27 a Chipatité. A 29 a Tucuté, onde parei o dia seguinte. A 1^o de dezembro parti de Tucuté. A 2 cheguei a Arupataté; de noite a Coquité. A 3 a Guacaraté.⁵⁸ A 5 cheguei a Ameiguaté.⁵⁹ Aqui passei o dia seguinte. A 7 parti. A 8 cheguei a Quematé.⁶⁰ A 9, antes do amanhecer, passamos a boca do Yauari. A 11 cheguei a Yoaiuaté.⁶¹ Aqui passei outro dia. A 13 parti de Yoaiuaté. A 14 passamos três correntes grandes;⁶² e a 22 de dezembro, pela tarde, cheguei à redução de San Joachim, princípio de minha missão. Por todas as partes receberam-me os Omágua com muitos sinais de alegria, mas foi aqui onde mais se esmeraram, ainda que muitos se tivessem retirado do povoado, que foi preciso outra vez recolhê-los e catequizá-los. Aqui parei até princípios de fevereiro, que foi quando me encaminhei para esse povoado de La Laguna para ver meus irmãos os missionários de cima e dar conta ao Superior da missão de tão longa ausência. Cheguei a esse povoado, hoje cabeça de todas as missões, em fins de fevereiro desse ano de 1692, tendo gasto no caminho desde San Joachim 25 dias^{63-E}.

Aqui encontrei meu amado P. Enrique Richter, missionário de Cunivos, no cargo de vice-superior, por estar ausente em Jaen o Padre Superior Francisco Viva, dispondo uma entrada espantosa aos Xíbaro. Disse-me o P. Enrique que na província de há muito se haviam feito os sufrágios, julgando-me já morto pelas mãos dos infiéis ou sepultado nas ondas do Marañón. Agradeço a todos essa obra de caridade, etc.

Até aqui o *Diário* do P. Samuel tocante à sua descida ao Grão-Pará e retorno até o povoado de La Laguna, que copiei literalmente, acrescentando tão-somente uma ou outra cláusula acerca da disputa que teve com os portugueses, extraídas de uma carta que o Padre escreveu aos Superiores sobre o mesmo assunto. Daqui por diante, por serem seus diários demasiado prolixos e com várias interrupções por terem desaparecido algumas folhas, seguirei o fio da minha narrativa tomando desses diários o que me pareceu mais digno de pública memória e suprimindo suas faltas com notícias que encontrei em algumas cartas de outros missionários contemporâneos do Padre.

§ III

Passa o P. Samuel do Marañón à Corte de Lima e dali volta outra vez à sua missão de Omágua

Depois de muitas conferências que teve com o senhor Vice-rei sobre o assunto das suas missões, o P. Samuel apresentou-lhe por fim um memorial do seguinte teor:

"Exmo. Senhor. - Samuel Fritz, sacerdote professo da Companhia de Jesus, missionário do rio Marañón ou Amazonas, diz:

E até o presente tenho já sujeitas ao Evangelho de Cristo 38 aldeias da província de Omágua, a redução de N. S. de las Nieves da nação Yurimágua e duas aldeias da nação Aizuari (*sic*). Nas oito primeiras reduções de Omágua (*estão*) batizados os pequenos e adultos; nas demais só os inocentes. O que V. Excia. terá visto no mapa e matrícula de batizados de minha missão. Deram-se por amigos os Peva, Guareicu,⁶⁴ Caivisana, Ibanoma, os do rio Arabanate,⁶⁵ Cuchivara, Taromá do Rio Negro, de tal forma que o *cacique principal* desses Taromá recri-

minou aos portugueses que me acompanharam desde o Pará no ano passado de 1691 os agravos que haviam sofrido deles, e que não queriam os portugueses e sim a mim para que fosse seu Padre.

§ IV

Carta do P. Samuel ao P. Diego Francisco Altamirano, visitador da província de Quito, em que se refere o sucedido na missão de Omágua, Yurimágua, etc., desde setembro de 1693 até fins de julho de 1696

"Meu padre visitador: nesta carta dou conta a vossa reverência e a toda a província de minha missão, desde que voltei da corte de Lima. No ano de 1693, tendo voltado a essas florestas, desci logo à minha missão com a intenção de mudar as principais de suas aldeias para terras firmes e altas, onde estivessem mais a salvo das inundações do Marañón, e construir nelas igrejas e casas mais duradouras. Comecei por San Joachim, embora com alguma resistência de seus moradores, eis que muitos receiam viver em terra firme por estarem ambas as margens como que sulcadas por diversos caminhos, pelos quais descem ao rio os gentios que vivem no interior do bosque, desejosos de matar Omágua, pelos muitos que esses têm morto e cativado em ciladas como senhores e corsários do rio.⁶⁶ Mudei pois San Joachim para a terra dos Caumari, junto ao rio,⁶⁷ em sítio alto e adequado para igreja e vivendas. Nesse povoado, além dos Omágua, agregaram-se também algumas famílias da nação dos Peva, que viviam no rio Chiquita e agora vieram buscar meu amparo por se verem perseguidos por seus inimigos, os Caumari. Do mesmo modo, os Omágua de Yoaiaté passaram à terra dos Mayoruna; os de Ameiuaté à terra dos Curina, fundando duas novas aldeias sob a invocação, uma de Nuestra Señora de Guadalupe, e outra de San Pablo.⁶⁸ A essas duas aldeias, como também à de San Joachim, vão pouco a pouco se agregando os índios que viviam espalhados em diferentes ilhas, para que possam ser doutrinados com mais facilidade quando houver missionários que os assistam.

Enquanto estava cuidando da fundação e do ensino nesses três povoados, tive notícia de que alguns portugueses haviam subido até os Yurimágua e até mais de 30 léguas para cima

na província Omágua, até o povoado de Uaté,⁶⁹ para comerciar e resgatar cativos. Por isso, logo que pude, encaminhei-me para baixo a visitar o restante da minha missão. Saí de San Joachim a 24 de fevereiro de 1695. Passei ao largo dos demais povoados dos Omágua, viajando em geral de noite. A 14 de março cheguei ao povoado de Nuestra Señora de las Nieves de los Yurimáguas. Quatro dias antes que eu chegasse, haviam-se ido rio abaixo os portugueses com o cacau que haviam colhido e alguns escravos. Dizia o *cacique* dos Yurimáguas que haviam saído daí muito aborrecidos, ameaçando-os, e aos Aizuare, que voltariam o quanto antes para levá-los todos presos para baixo, porque se recusavam a lhes darem os seus filhos para que os levassem consigo ao Pará, e cativos para resgatar. Quando lhes pediam os filhos costumavam responder que o Padre (falando de mim) haveria de se aborrecer, que não tinham outro Padre a quem obedecer senão a mim; e se pediam cativos, lhes diziam que já não tinham mais inimigos a quem tirá-los, porque eu tinha anotados em meu livro todos os gentios da terra adentro e havia feito pazes com todos eles, proibindo-lhes de fazer guerra. E como esses índios não têm visto outro governador ou espanhol senão a mim, a tudo que os portugueses lhe diziam respondiam sempre (*falando*) no Padre; pelo que, enfasiado o capitão por não poder tirar deles o que pretendia, disse ao *cacique* que esse rio não era do Padre, mas do Morobisava (assim chamam o governador português), e que haveriam de voltar e amarrá-los todos por ordem do dito Morobisava.

Enquanto (*os caciques dos Aizuare e Ibanoma*) não chegavam, dediquei-me a doutrinar os Yurimáguas em sua língua, que é de todo diferente da dos Omágua. Chegados os ditos *caciques*, (...) os aconselhei a que se mudassem para cima, perto de San Joachim de Omáguas, onde os assistiria e doutrinará com muito amor. (...)

Observei que, não obstante todos mostrassem desejo de me seguir para cima, têm muitos motivos que os fazem resistir a essa decisão; e o principal é que, vivendo lá embaixo, com facilidade e pouco custo se provêm de ferramentas inglesas do rio Orinoco, porque as compram com umas miçangas que fazem de caracóis, mais estimadas entre aqueles gentios do que as de vidro. Com essas miçangas vão os comerciantes, que chamam *cavauri*, para terras de outros infieis e resgatam cativos; levam esses depois pelo Rio Negro aos Guaranacua, até onde chegam

os ingleses, porque poucos dias os separam (*os "ingleses" ?*) desses Guaranacua, (*e*) caminhando por terra chega-se aos Pajonale e ao rio Orinoco. Mudando-se pois esses índios, segundo eu os aconselhava, para rio acima, perdem esse comércio com que se provêm de ferramentas, as quais dificilmente irão conseguir com tanta facilidade dos nossos missionários, por ser muita a gente e maior a pobreza dessas missões.⁷⁰

De meu *Diário* deste ano de 1696 aponto o seguinte. Em fevereiro, estando eu em preparativos para subir às missões de cima, chegaram a San Joachim uns índios Yurimáguas enviados por seu *cacique*, pedindo-me com insistência que descesse logo com eles aos seus povoados, porque novamente haviam subido uns portugueses em busca de cacau e cativos, (...); imediatamente resolvi descer a consolá-los. Cheguei desta vez a Nuestra Señora de las Nieves no dia 5 de março. (...)

Dali desci três jornadas mais abaixo, onde encontrei um português chamado Francisco Sosa, homem pacífico, que me assegurou que não tinha outro intento senão beneficiar um pouco de cacau (...) Esse português acompanhou-me para baixo até Avanaria, povoado dos Aizuare defronte ao rio Yuruá, sem que eu ouvisse qualquer queixa dos índios contra ele (...) Também reparei que esses índios (*Yurimáguas e Aizuare*) escutam com atenção as coisas da fé e mostram desejo de aprendê-las, muito ao contrário dos Omágua, que enquanto os estou catequizando se distraem e falam.

O conceito que esses índios têm de mim, julgo seja devido a que eles pensam ser eu homem de espécie diferente dos demais e que não irei morrer, pois falando-lhes sobre as coisas da outra vida e que todos haveremos de morrer, um *cacique* Aizuare me interrompeu dizendo: "*Absit hoc a te; vós não haveis de morrer, porque se morrêsseis, a quem teríamos por nosso pai, amador e protetor?*" Os tremores e eclipses que tem havido esses anos, a mim os atribuem, dizendo em lágrimas: "*Que fizemos ao Padre, que nos fez morrer o Sol?*" De 200 léguas abaixo de San Joachim, onde eu estava, enviaram-me certa ocasião, de presente, uns cestos de farinha de *mandioca*, e o *cacique* deu ao índio portador incumbência de rogar ao Padre que não lhes eclipsasse mais o Sol.⁷¹ Não sei se nessas terras houve jamais semelhante demonstração. Opere Nosso Senhor nesses miseráveis a saúde de suas almas e envie operários a essa seara, que já é tempo.

Também me deram notícias aqui, os Yurimágua, das mortes de uns Padres de nossa Companhia que ocorreram no Orinoco. Os matadores foram uns índios gentios das cabeceiras do Rio Negro, chamados Caripuna, com outros que se chamam Guaranácuá^{72-E}; e agora nessa última subida até San Joachim veio comigo um índio que tinha ido até esses Guaranácuá, de onde (*em*) poucos dias, por terra, entram no Orinoco. Desses bárbaros remotos em direção do Orinoco, me dizem que já não vão matar mais, e embora não me tenham visto nem ouvido, pelo que contam umas nações de comerciantes a outras do que lhes prego aqui, dizem que já crêem em minhas palavras. Essas são as notícias que recolhi nessa minha visita aos Yurimágua e Aizuare.

A 28 de março parti para cima acompanhado de muitos Yurimágua, que vieram livremente remando por mais de quarenta dias, sem querer afastar-se do meu lado.

Nessa subida para San Joachim, caminhando pela província Omágua, encontrei em duas paragens uns índios gentios que chamam Guareicu, cujo principal assento é junto ao rio Yutaí.⁷³ É gente pacífica e já há anos tenho feito amizade com eles, mas por falta de Padres não se aldearam ("no han salido a poblarse"). Agora novamente os agasalhei com dádivas, que remeti também ao *cacique principal*, animando-os a que saíssem da mata e se juntassem na margem do rio. A cada passo encontramos sinais de outras nações infiéis que vivem terra adentro (...)

§ V

Diário do P. Samuel em que se refere o sucedido nesta missão desde o ano de 1697 até o ano de 1703

Ano de 1697

... O cabo (*D. Alonso de Borja*) quis também entrar com alguns soldados e índios amigos à terra dos Peva, Caumari e Ticuna, o que se fez com proveito porque os Peva, que por sua aversão haviam-se retirado pouco antes de San Joachim, voltaram ao povoado. Os Caumari, antes inimigos, assustados com o estrondo das escopetas, prometeram ser dali em diante nossos amigos, e poucos dias depois dois deles vieram ver-me espontaneamente, dizendo que muitos outros teriam vindo, não estivesse tão crescido o Tepuetini, que é um riacho que deságua no Uerari e é porta de entrada para as suas terras. O mesmo fizeram

os Ticuna, que vivem mata adentro quase em frente de San Pablo.⁷⁴

Em San Pablo me referem como os Ticuna, que se haviam dado por amigos da tropa espanhola, davam mostras de não querer perseverar na amizade, pois haviam desenterrado um índio Pano que havia morrido numa refrega, lhe haviam arrancado os dentes para seus colares e com as canelas haviam feito flautas, dançando com a cabeça. Haviam também morto a filha do *cacique* Omágua de Guacaraté, que mantinham cativa desde menina, dizendo que a matavam porque seu pai havia dado notícias deles e de suas terras aos espanhóis.

Nesses dias (*fins de abril*) veio ver-me (*em San Ignacio de los Aizuare*) um *cacique* de rio abaixo chamado Soëmarini, a quem os portugueses haviam dado ferramentas e outras quinquilharias para que lhes buscasse cativos, ameaçando-o que, em não aprontando o número de peças, antes de se irem ao Pará levariam a ele e a toda sua gente aos ferros para baixo. Referiu-me também como, para contentá-los, há havia entrado nos Yufiva gentios e que esses, numa refrega, lhe haviam morto dez dos índios mais valentes (...).

Ao subir de volta para San Joachim soube, pelo que me disseram alguns Yurimágua, que o intento principal do capitão (*português*) e dos frades carmelitas havia sido subir até a ribeira dos Cayuisana, que chamam Canaria, para lá dar princípio a uma nova fortaleza e dessa forma fazer-se donos daquelas províncias.

Ano 1698

A 30 de junho, o Marañón ficou muito turvo, trazendo muitíssimo lodo, e isso durou pelo espaço de sete dias. Inferi que tinha havido alguma arrebentação acima. Soube depois, por cartas de Quito, que isso havia resultado de um tremor espantoso que no dia 20 açoitou as povoações de Hambato e Tacunga, descendo de um vulcão chamado Caruirazu^{75-E} um rio de lodo que pelo Pastasa penetrou até o Marañón (...).

Ano de 1700

No começo desse ano subiu para ver-me o *curaca* dos Aizuare, chamado Auanaria, enviado por Mativa, *curaca* dos Yurimágua (que, devido a achaques, não veio). Referiu-me como em fins de junho do ano de 698 o Marañón havia chegado, lá também, muito turbulento e turvo, e que a opinião comum dos índios havia sido de que eu havia turvado a água em sinal de aborrecimento por não terem eles subido a viver cá em cima como me haviam prometido.⁷⁶

Entre muitos outros casos lastimáveis que me referiu o *curaca* Mativa, um foi que, tendo morrido um *curaca* dos Ibanoma chamado Aurifaru, o frade carmelita que se havia apoderado daquele povoado havia pego as mulheres e crianças de toda aquela localidade e as havia enviado e vender no Pará; os varões que havia metido em sua canoa, ao querer amarrá-los, haviam começado a gritar, e acudindo às suas vozes os Guayupé, que viviam junto com eles, haviam morto ali mesmo, a pauladas, o frade e os moços que o acompanhavam (...).

Ano de 1701

Depois disso passamos com a tropa (*espanhola*) ao povoado de San Pablo, onde se haviam juntado muitos Omágua rebeldes ("alzados") e haviam convidado os Ticuna com a intenção de nos atacar abertamente na praça ou ribeira daquela redução e nos matar a todos (...). O cabo mandou prender os cabeças do motim, cujo castigo foi, para uns de açoites, para outros de desterro. Estando eu doutrinando a gente na igreja, mandou também o dito cabo registrar uma por uma as casas dos índios. Encontraram nelas, entre outras coisas, muitos dentes humanos enfiados nas barrigas de umas figurinhas ao modo de pequenos ídolos, muito escarificadores para pintar as costas e alguns potinhos de Curupá em pó, com que se privam dos sentidos a fim de executar sem receio qualquer maldade. Tudo isso, depois da missa, mandei lançar numa fogueira e consumir pelo fogo.

Dos portugueses me dizem (*os Yurimágua e Aizuare*) que pretendem subir daqui a três meses para fazer fortaleza na boca do rio Putumayo e tirar os Pariano.⁷⁷

Ano 1702

De volta para San Joachim (*vindo de rio abaixo*) entrei nos Ticuna de Yauareté pelo rio Yemé. Recebeu-me o cacique Irimara com sinais de amizade e me prometeu que persuadiria os seus a se estabelecerem num bom sítio.

§ IX

Estado da missão dos Omágua e Yurimágua depois do ano 1715

Tendo-se recolhido os Omágua que tiveram a sorte de escapar das garras dos portugueses do Pará, como se disse no *Diário* do P. Samuel, assentaram-se no rio Ucayale a pouca distância do Marañón (...)

Também aos Yurimágua que foram trazidos de suas terras pelo ano de 1709, bem como a outros que escaparam do poder dos portugueses, recolheu-os o P. Joseph Ximénez e os assentou Guallaga acima próximo à boca do rio Paranapura, onde vivem no presente muito satisfeitos (...). São os Yurimágua a gente mais capaz e industriosa que essas missões têm. As mulheres ocupam-se normalmente de pintar vasos, tetes e mantas com muita peculiaridade. Dizem que, quando pagãs, costumavam atrair às suas casas, por meio de feitiços, as cobras, especialmente as que chamam Mãe d'água^{78-E} para copiar as manchas e figuras que têm desenhadas na pele. Os homens imitam com facilidade tudo que vêem, e costumam ser muito civis (*cortezanos*) e políticos. Quiçá teriam aprendido essa civilidade dos espanhóis de Moyobamba e Lamas, com quem têm muita comunicação.^{79-E}

NOTAS

1. Nos dois parágrafos precedentes descreve-se o curso do Amazonas desde o Napo até o Javari. O *Mutauay* (Macauay nos mapas modernos) é um braço do *Urussá* ou *Oroza*. O *Apayuca* ou *Amayuca* é o *Ambi Yacu*. Na foz do *Uerari* ou próximo a ela ficava San Joachim de Omágua, fundada por Samuel Fritz em 1686 e abaixo dela, mas acima do *Wiquita* (*Yiquitá*, *Shiquita* ou *Cheuquita*), fundou-se mais tarde a missão de S. Ignacio de Pevas. Pevas fica 120 km abaixo da foz do Napo e 315 acima de Tabatinga.

2. *Nuestra Señora de Guadalupe* foi fundada em 1693 na margem direita do Amazonas, a partir da aldeia Omágua de Yoaiuaté (Grohs 1974:76); esta aldeia aparece no mapa de Fritz um pouco acima da foz do Javari.

3. *San Pablo* foi também fundada em 1693 na margem direita, umas três léguas abaixo da foz do Javari, a partir da aldeia de Ameiuaté. Foi este o primeiro sítio, depois transferido a jusante, da *São Paulo dos Cambebas*, hoje São Paulo de Olivença (Noronha 1862:56-57; Amazonas 1852:103; Grohs 1974:76).

4. *Nuestra Señora de las Nieves de los Yurimáguas* foi a primeira e a mais efêmera das missões de Samuel Fritz em território brasileiro; ficava numa ilha algo acima da foz do Juruá, provavelmente nas proximidades de Fonte Boa.

5. Em 1745 as cinco missões foram vistas por La Condamine (1944:71) na margem direita, "onde as terras são mais altas e há abrigo de inundações". *Ibiratê* (*Iviratua* em La Condamine) aparece no mapa de Fritz logo acima da foz do Jutai. *Taracuatuba*, originalmente a aldeia de *Turucuaté* dos Aisuari, junto à foz do Juruá, foi o terceiro sítio de Fonte Boa (Noronha 1862:52). *Parahuari*, nas proximidades de Alvarães, defronte à foz do Japurá, recebeu depois o nome de lugar de Nogueira.

6. Hipóteses falsas, pois o Beni é um dos formadores do Madeira.

7. Outro equívoco. Os Cuchiguara não habitavam o baixo Juruá mas o baixo Purus, rio que levava originalmente o nome desta tribo.

8. Os *Cauauri*, *Caburi* ou *Caburicena* viviam ao longo do rio Caurés e eram os principais agentes de um circuito comercial que no século XVII ligava o alto rio Branco ao Solimões (Porro 1983/84).

9. Os dois parágrafos precedentes merecem algumas notas geográficas. O primeiro rio a desaguar no Amazonas pelo norte, uma jornada abaixo do Negro (12 a 14 léguas conforme o autor, portanto de 50 a 70 km) era o *Matari*, que assim aparece no mapa de Fritz. Só pode ser o rio Preto da Eva, que alcança a margem do Amazonas 75 km abaixo da barra do rio Negro, embora o seu desaguadouro principal fique 30 km mais abaixo. A atual vila de Matari fica ainda mais a jusante, 50 km abaixo do sítio da primeira redução. Serafim Leite (*História* III: 376, nota 1) adverte para que não se confunda a *aldeia de Matari*, "perto (*sic*) da foz do rio Negro", com S. José de Matari, "muito mais abaixo, já próximo do Madeira". Por volta de 1730 o missionário de Matari, mercedário, assistia também à aldeia do Urubu, "um dia escasso de navegação" abaixo da primeira. O mapa de Fritz indica uma missão de *Arubaqui* na margem esquerda do baixo Urubu, provavelmente no lago de Silves, e outra, menor, na região de Itacoatiara. Finalmente, a grande ilha junto à foz do Madeira é a da Trindade, à época de Fritz (1691) habitada pelos *Guayari* (que teriam sucedido aos Tupinambarana) e em 1730 já despovoada.

10. O rio Uatumã liga-se ao Amazonas pelo paraná de Silves; um primeiro estabelecimento jesuítico foi posteriormente cedido aos mercedários dando origem à vila de Urucará.

11. Para as diversas aldeias jesuíticas da ilha Tupinambarana e seus deslocamentos, veja-se S. Leite (*História* III:383-387) e Menéndez 1981/82.

12. O autor segue a ortografia de Fritz para o Nhamundá.

13. Pauxis, depois Óbidos, fica na margem esquerda.

14. A aldeia de Surubiú deu origem a Alenquer.

15. Gurupatuba e Urubucuará são, respectivamente, Monte Alegre e Outeiro.

16. Na verdade rio Pará e baía de Marajó.

17. O ponto de interrogação é da edição espanhola e indica incerteza de Jiménez de la Espada na leitura do manuscrito. A distância da foz do Napo à do Negro é de aproximadamente 2.000 km, correspondentes a 333 léguas geométricas de 6 km, que parecem ser a medida usada pelo autor em outras passagens; a leitura correta seria então "mais de 300 léguas".

18-E. (*As notas de Jiménez de la Espada à edição espanhola foram mantidas e identificadas pela letra E*). À margem (*do manuscrito*), um pouco acima e com mesma letra: "Para subi-las as enchem de bebida. Se lhas dá às escondidas".

19. Entenda-se "da menstruação".

20-E. À margem, com mesma letra: "Esta cura é para que sejam trabalhadoras, defumem bem a carne. A comida para um mês deve ser escolhida. A primeira, um *frailecito* (o macaquinho assim chamado, ou seja o *Chrysothrix sciureus*). Tudo isso para que não a mate o tigre, víbora, ou para que não tenham doenças.

21-E. *Porém a mim me parece mais provável* - rasurado.

22-E. Parte primeira, capítulo primeiro, § X.

23-E. Esquece o Anônimo as famosas expedições de Orellana e Teixeira. Os Omágua do Napo se comunicaram com os espanhóis em várias ocasiões e principalmente quando da rebelião dos *pendes* ou feiticeiros dos Quijo, nos anos de 1578 a 1579. Na primeira metade do século XVII os *vecinos encomenderos* de Archidona serviam-se de índios Omágua do rio Tiputini ou Tepuectini. Isto não quer dizer que o P. Acuña tenha razão ou que não a tenha, e sim que o Anônimo, neste particular, dispunha de poucas notícias.

24. O termo espanhol e português *bodoquera*, *bodoqueira*, que designa no Mediterrâneo o arco para atirar bolas de terracota, passou a indicar, na América, também a sarabatana e é neste sentido que aqui deve ser entendido.

25. *Plátano* no original. Edmundson (Fritz 1967:50) traduz por *plantain*, termo inglês que, embora se refira ocasionalmente a uma espécie de bananeira, indica usualmente a tanchagem, gênero de plantas da família das plantagináceas.

26-E. Juras ou Iuras em língua Omágua.

27. Os Yurimágua haviam sido chamados *Yoriman* por Acuña (Porro 1983/84).

28. Eram as cuias, recipientes feitos com a casca lenhosa do fruto da cueira (*Crescentia cujete*), preparadas e decoradas com grande habilidade pelas mulheres em grande parte do Amazonas. Veja-se a *Memória sobre as cuias que fazem as Índias de Monte Alegre e Santarém*, de Alexandre Rodrigues Ferreira (1974:35-39).

29. Refere-se ao culto de *Guaricana* ou *Guaricaya*, descrito mais adiante por Samuel Fritz.

30-E. Outro exemplar ou cópia desse Diário foi facilitada a M. de la Condamine pelo Sr. Pardo de Figueroa, marquês de Valle-humbroso; não creio porém que o célebre acadêmico e viajante francês tenha chegado a publicá-lo.

31. A missão de San Joachin de Omágua situava-se no Amazonas peruaño, abaixo da foz do Napo (cf. nota 1).

32. Os Yurimágua, *Yoriman* ou *Solimões*, que até meados do século XVII viviam ao longo do Amazonas, entre o Coari e o Purus, haviam em 50 anos migrado 400 km rio acima, inserindo-se em território Aisuari e até ultrapassando a foz do Juruá. A missão de N. Señora de las Nieves fora fundada por Fritz em 1689 na região fronteira à atual Fonte Boa (Porro 1983/84).

33. Os *Aisuari*, provavelmente descendentes dos habitantes da Machiparo quinhentista, haviam sido chamados *Curuzirari* por Acuña, que os encontrou ocupando a margem direita entre o Uarini (80 km abaixo do Juruá) e o Coari. Laureano de la Cruz foi o primeiro a lhes dar o nome *Aisuari*. Heriarte, que os denomina *Carapuna*, registrou o seu deslocamento uns 100 km rio acima. À chegada de Fritz ocupavam as duas margens do Amazonas, entre o Juruá e o Japurá.

34. Heriarte (1959:185) observou porém que entre os *Aisuari* "alguns trazem camisas sem mangas", que adquiriam dos Omágua. A beligerância destes últimos mantinha, conforme Acuña (1874:113), o rio despovoado por 54 léguas abaixo do seu território; isto não impedia, ao que parece, as trocas comerciais.

35. Hipótese equivocada esta das mulheres *Yurimágua* serem as "Amazonas" de Orellana; estas últimas habitariam o *Nhamundá*, 800 km abaixo dos *Yurimágua*.

36. Veja-se Porro (no prelo) para uma análise deste ritual de Guaricana, sua identificação com as "festas de Jurupari" a sua ligação com um surto messiânico que teve como figura central o próprio Samuel Fritz.

37. Em todo o diário de Fritz esta é a única menção ao etnônimo *Solimões* e envolve um surpreendente equívoco do jesuíta (cf. nota 32).

38. Na grafia do diário de Fritz, a letra *u* é freqüentemente substituída por *v*; trata-se dos *Manau*.

39. Acuña já mencionara o papel dos *Manau* na rota comercial Negro-Japurá-Solimões, mas trocara o nome dos rios ao dizer que defronte à aldeia do ouro (no Solimões), "... entra um rio chamado *Yurupazi*, subindo pelo qual, e atravessando em certa paragem por terra três dias de caminho até chegar a outro que se chama *Yupurá (Japurá)*, entra-se por este no *Yquiari (o rio Negro)* que é o rio do ouro (...). Os naturais que contratam com os que tiram esse ouro se chamam *Managu* ..." (1874:115-116). Na verdade o *Yurupazi (Yurubetts)* de Fritz é o *Urubaxi*, afluente da margem direita do Negro, ao qual se chega subindo o *Japurá*, como esclarece Fritz (Porro 1985, 1987).

40. Os *Ibanoma* não são registrados pelos cronistas mais antigos. À época de Fritz ocupavam a margem esquerda do Amazonas entre o Japurá e o *Carapanatuba*, e também a margem esquerda entre o *Tefé* e o *Catuá*.

41. Os *Cuchivara* ou *Cuchiguara* eram os antigos habitantes do baixo *Purus*, rio que originalmente tinha este nome.

42. *Guayoeni* e *Quirimatate*, aldeias dos *Aisuari*, aparecem no mapa de Fritz em ilhas entre a foz do Juruá e a do Japurá.

43. Cf. Porro (no prelo) sobre o surto messiânico protagonizado pelo P. Fritz; cf. também nota 36.

44. Mais adiante grafado *Yavarari*.

45. *Jaquaquara*, a meia distância entre *Paru* e *Outeiro*.

46. *Gurupatuba* tornou-se *Monte Alegre*.

47. Os *Tapajó*, da boca do rio homônimo.

48. O estreito de *Óbidos*, outrora *Pauxis*.

49. O rio *Trombetas* fica "... no princípio do estreito", para quem desce o rio, não pelo roteiro de Fritz, que o estava subindo.

50. A boca do rio dos *Tupinambarana*, onde mais tarde se fundaria *Parintins*, é formada pela ponta oriental da ilha homônima e pela margem direita do Amazonas.

51. Cf. notas 36 e 43.

52. Os *Tarumã* viviam no baixo rio Negro. Registre-se a coincidência de nomes do seu *cacique principal*, *Carabiana*, e do conjunto de tribos que viviam entre o baixo rio Negro e o Solimões, às quais Acuña (1874:121) denomina coletivamente *Carabuyana*.

53. *Mayavara* era a última aldeia *Omágua* no sentido rio abaixo; portanto a primeira de quem estivesse subindo a correnteza, que é o caso do autor nesta passagem. Essa fronteira oriental dos *Omágua* era a mesma dos tempos de Acuña. Para um estudo geográfico do território *Omágua* e localização de todas as aldeias mencionadas nos parágrafos seguintes, cf. Porro 1981 (mapa).

54. *Sumaúma*?

55. Aqui Fritz repete o erro de Acuña (1874:112).

56. As "terras altas dos *Cayvisana (Cayuisana)*", mais tarde conhecidas como *costa da Canaria* estão próximas à foz do *Tonantins*.

57. *Catoreará* aparece no mapa de Fritz numa ilha fronteira à foz do *Içá*, rio que, curiosamente, o autor não menciona.

58. *Guacaraté*, na ilha *Ourique*, corresponde à quinta das aldeias *Omágua* descritas por Laureano de la Cruz em 1647.

59. *Ameiuaté*, na ilha *Arariá*, corresponde à quarta aldeia de Cruz, *Carauté*.

60. *Quematé*, na grande ilha *Aramacá* junto à foz do *Javari*, corresponde à terceira aldeia de Cruz, *Mayti*.

61. *Yoaiuaté*, na ilha fronteira à foz do rio *Cayaru*, na margem peruana acima do *Javari*, corresponde à segunda aldeia de Cruz, *Sacayey*.

62. Provavelmente o rio *Atacuary* e os que lhe ficam imediatamente a jusante, na margem colombiana próximo a *Loreto*; nesta região (ilha *Cacao*) situava-se *Piramota*, a primeira aldeia de Cruz, que o franciscano batizou *San Pedro de Alcántara*.

63-E. Era portanto mais breve a viagem para cima em busca de alívio para seus achaques, do que a para baixo até o *Pará*. Evidentemente, para escolher a segunda, houve razão mais poderosa que sua enfermidade, e esta, quiçá, conveio exagerá-la.

64. Acuña (1874:112) menciona os *Guaraicu* entre os habitantes do baixo rio *Içá*, mas numa passagem posterior Fritz informa que o "principal assento" dos *Guaraicu* é "junto ao rio *Jutai*".

65. O rio *Arabanate* deve ser o *Carapanatuba*, na margem esquerda do Amazonas abaixo do *Japurá*.

66. Percebe-se aqui um processo demográfico de reacomodação resultante do enfraquecimento dos *Omágua*; as tribos que eles mantinham afastadas do rio conseguiram agora se aproximar, seja, como diz o cronista, para vingar-se dos antigos senhores da várzea, seja para ter acesso aos ricos recursos naturais agora disponíveis.

67. No Amazonas peruano; cf. nota 1.

68. Cf. notas 2 e 3.

69. *Uaté*, algo acima da foz do *Jutai*.

70. Esta passagem é muito importante por descrever o circuito comercial ao qual Acuña (1874:121) já acenara. Os *Cauauri* (ou *Caburicena*) da margem direita do Negro desciam para a várzea dos *Yurimágua* buscar colares de conchas com os quais se abasteciam de escravos em alguma tribo entre o *Japurá* e o *Negro*.

Levavam os escravos para além do Negro, junto à foz do rio Branco, entregando-os aos Guaranáguas (ou Uaranacoacena) em troca das ferramentas que esses últimos recebiam, como pagamento dos mesmos escravos, dos holandeses (não ingleses como supunha Fritz). Esses, por sua vez, subiam periodicamente o Essequibo e seu afluente, o Rupununi, daí passando pelo Tacutu ao alto rio Branco, onde encontravam os Guaranáguas. Traziam ferramentas e manufaturas e as trocavam por escravos para as plantações da Guiana. Os Cauauri, de posse das ferramentas, retornavam à várzea do Solimões para fornecê-las aos Yurimáguas e Carabayana. Cf. Porro 1983/84, 1985, 1987.

71. Cf. notas 36 e 43 e Porro (no prelo).

72-E. Essa notícia era bastante velha e não muito exata. Os jesuítas jamais estiveram, como viajantes ou catequistas, nas cabeceiras do rio Negro, nem consta que houvesse ali gentes Caripunas ou Guaranacuas. Os padres jesuítas a quem podiam referir-se os Yurimáguas que comunicaram com o P. Fritz eram Ignacio Fiol, Ignacio Theobast e Gaspar Bek, mortos no ano de 1648 por mãos dos caribes nas incipientes rancharias ou assentos de Cataruben, Duma e Cussia, situados na margem esquerda do Orinoco, entre o Meta e o Vichada, ainda que em lugares não sabidos; mas pela simples circunstância de estarem compreendidos entre esses rios, não era possível que tivessem a ver com as cabeceiras do Guainia ou alto Rio Negro.

73. Cf. nota 64.

74. Cf. nota 66.

75-E. Carhuairazu.

76. Sobre o papel messiânico do P. Fritz, cf. novamente notas 36 e 43 e Porro (no prelo).

77. Sobre o conflito luso-espanhol no alto Amazonas e a concorrência entre carmelitas e jesuítas, vistos pela ótica portuguesa, cf. Pimentel 1983 e Wermers 1965.

78-E. Yacu-mama, Boa, Giboya (*Eunectes murinus*).

79-E. Veja-se nota 23-E.

8.

JOSÉ CHANTRE Y HERRERA E A HISTÓRIA DOS JESUÍTAS NO ALTO AMAZONAS

O último capítulo deste livro traz algumas páginas de uma obra que, ao contrário das anteriores, não é uma fonte primária sobre os índios da Amazônia. José Chantre y Herrera (1738-1801) nunca esteve na América; havia entrado para a Companhia de Jesus em 1755 e oito anos depois foi desterrado da Espanha para a Itália, onde conheceu e conviveu com muitos jesuítas expulsos das colônias americanas, entre eles Manuel Uriarte, autor do *Diario de um misionero de Mainas*. Reunindo este e outros depoimentos, notas e memórias, Chantre y Herrera começou em 1768 a escrever a história das missões do alto Amazonas (Província de Mainas). O manuscrito, que inclui um mapa da Província desenhado nos cárceres de Lisboa pelo P. Francisco Xavier Veigl (ou Weigel), intitula-se *Historia de las misiones del Marañón Español* e foi publicado em 1901 sob o título *Historia de las Misiones de la Compañía de Jesús en el Marañón Español, 1637-1767* (Madri, Imprenta de A. Avrial, 744 p., 1 mapa). O autor é prolixo e nem sempre credita suas fontes, mas não é difícil perceber que dispunha de informações de primeira mão e que, com frequência, as transcrevia literalmente. Os dados etnográficos concentram-se nos 16 capítulos do Livro II (p. 59-117) e tratam principalmente de indumentária, adereços, armas, costumes familiares, cerimônias e rituais. Muito embora, desde os primeiros anos do século XVIII, os jesuítas espanhóis tivessem sido forçados a abandonar as missões situadas abaixo do Javari, a atração de importantes contingentes Omágua, Yurimáguas e Aisuari para as missões de rio acima permitiu, aos informantes de Chantre y Herrera, um bom conhecimento dos costumes dessas tribos brasileiras.

HISTÓRIA DAS MISSÕES DA COMPANHIA DE JESUS NO
MARANHÃO ESPANHOL
1637 - 1767*

LIVRO II

CAPÍTULO II : Do talhe, aspecto, roupas e adornos dessas gentes

A nação Omágua achata a testa até levantá-la para mais de seis a oito dedos e faz uma figura parecida à dos topetes que se costuma usar em perucas e penteados na moda. Para conseguir isso comprimem com duas tabuinhas, uma pela frente e outra por trás, o crânio dos meninos e meninas quando pequenos, e para fazê-lo com mais suavidade e sem dano das cabecinhas, acomodam entre as tábuas e o crânio suas almofadinhas de algodão bem cardado. No começo apertam pouco, mas a cada dois ou três dias comprimem mais pela frente e pelo cangote e dessa maneira alongam a cabeça conforme a figura que pretendem. É formosura, entre eles, ter um crânio bem achatado e levantado, e o que é mais, riem-se das demais gentes que têm, como eles dizem, cabeças de macaco. Tão extravagantes são os gostos dos homens. Já não se via (*ultimamente*) senão um ou outro Omágua dos anciãos e anciãs com essa deformidade, e nos povoados a haviam abandonado totalmente.

A nação Mayoruna era, no adorno do rosto, a mais monstruosa de todas. Os varões tinham cravejado tudo que corresponde à (*região da*) barba de um homem, que entre os espanhóis é bem cerrada e crescida. Desde mocinhos começavam a fazer furinhos na (*região da*) barba e cravar neles pedacinhos de *chonta* negra, madeira muito forte e dura, de maneira que vistos de longe pareciam homens de barba negra e cerrada. Na testa tinham dois riscos negros; nas ventas do nariz abriam buracos em que cravavam duas penas da cauda do *guacamayo*, pássaro vistoso, e outros dois no lábio inferior nos quais, em correspondência, punham outras duas penas que, com as de cima, faziam o desenho de uma cruz-de-santo-andré ("cruz aspada").

* CHANTRE Y HERRERA (ca. 1768) 1901, p. 62-90.

Embora as mulheres dessa nação fossem, em geral, bastante brancas e de boas feições, também enfeivavam monstruosamente os rostos com o que acrescentavam à natureza, porque tinham na testa três ou quatro riscos de um lado a outro que tingiam de cor negra e firme com uma erva quando faziam os cortes que atravessavam a pele com abrolhos e espinhos. Outros tantos riscos faziam nas maçãs do rosto, de cima para baixo, e outros atravessavam desde o lábio inferior, pelo queixo, até as orelhas; além de tantos riscos negros de que estavam crivados, davam como que umas pinceladas grossas do mesmo sumo que deixavam umas cintas negras que jamais se apagavam.

Era próprio da nação Mayoruna o distinguir-se os de uma tribo ou família das outras por uns riscos ou sinais particulares que adotavam ou tinham como hereditários. (...) Finalmente as demais nações usavam também de vários adornos nas orelhas, umas de um modo e outras de outro, como a Pana e a Ticuna, que ao invés de argolas trazem plaquetas triangulares, e a Maina flores feitas de plumas de várias cores.

A nudez é comum a homens e mulheres, ainda que em geral todos levem alguma coisa com que cobrem o necessário para a decência, e é uma espécie de *tonelete* (*saiote*?) que chamam *pampanilla* (*tanga*), que é amarrado à cintura, se cobre (*um pouco*), não passa dos joelhos. Soem fazer essa pequena cobertura de um tecido de palma ou de algodão; os Omágua e Zurimágua são mais recatados que os demais índios e trazem suas tangas até meia perna, pintadas com muito asseio (...)

Mesmo em sua nudez têm esses bárbaros seus adereços particulares; o mais comum é o dos braceletes (...) Os Peva e Ticuna embelezam seus braceletes com plumas de várias cores. Os Omágua usam como que de umas faixas de quatro dedos de largura e levam por ornamento em suas altas cabeças uns *llautos* vistosos pelo desenho que têm de grinalda e pela variedade de plumas de muitas cores distribuídas com asseio e entretecidas com gosto. (...)

CAPÍTULO III : Como viviam essas gentes; de seu governo e da autoridade dos seus caciques

As Encabellada fazem louça mais fina e delicada que as Omágua; porém são estas mais hábeis para peças grandes, como cântaros e tinas. Umas e outras sabem dar à louça um verniz

permanente, vistoso e fino, de maneira que as peças se limpam com muita facilidade.

Ainda aquele principal que reconhecem como cabeça da parcialidade está bem longe de ter aquela autoridade que o nome de *cacique* significa, (*nome*) com que soem chamá-lo os espanhóis. Ele é um mero capitão ou comandante para suas guerrilhas, e isto significa o nome que lhes dão de *curaca* em língua Inga, *zana* na Omágua, *raitín* na Zamea, *ejatain* na Encabellada e *acumerario* na Iquita. No demais não se sujeitam nem o reconhecem por superior, e com a mesma facilidade com que se arrimam a um, apartam-se dele sempre que lhes parece e juntam-se com outro ainda que tenha sido contrário e inimigo.¹ São esses capitães, normalmente, os mais valentes e que se tem feito temer e respeitar ou por seu brio e resolução em atacar os inimigos, ou por seu valor e animosidade em defender-se quando têm sido atacados ou perseguidos. Por vezes tornam-se renomados alguns bruxos mais insignes, a quem temem como se fossem donos de sua saúde e vida, imaginando nesciamente que ao menor desgosto que lhes causem podem consumir e aniquilar a todos à força de feitiços e bruxarias (...)

CAPÍTULO V : *Dos Gêmeos, disformes e defeituosos*

Deu muito o que pensar aos missionários do Maraón o não ver, entre tantos gentios, quaisquer gêmeos, disformes ou defeituosos. E parecendo-lhes impossível tanta uniformidade nos partos e na inteireza e igualdade dos membros entre tanta gente, pensaram seriamente na causa daquela novidade (...). Mas logo descobriram os primeiros padres, quando foram, adquirindo prática das terras, que nelas não se encontravam gêmeos, porque os gentios viam aqueles partos como efeito de alguma influência do demônio (...). O mais comum entre eles, quando nasciam duas crianças, era matar uma delas (...)

A nação Omágua tem por crueldade matá-las a sangue frio e pensa poder livrar-se de tão infame pecha pelo modo que tem de desfazer-se de uma das duas recém-nascidas. O modo é muito curioso e não posso fazer a menos de referir tão singular extravagância. Logo que uma índia deu à luz duas crianças num parto, os de casa preparam uma tina grande, das que fazem com mais asseio e pintam do modo mais curioso. Dentro dela acomodam a criança sobre uma porção de algodão bem cardado. Põem-lhe por colcha um pedaço de manta pintada deixando-lhe

o rostinho descoberto para que possa respirar. Cobrem depois a boca da tina com outra manta vistosa e bem atada para que a proteja do sol, ar e água, com o cuidado de fazer na cobertura alguns furinhos com arte e simetria para respiradouros, para que a criança não morra sufocada.

Disposta a tina dessa maneira a levam como em procissão desde a casa da mãe até a beira do rio com acompanhamento de alguns jovens, que ao som de um píforo e um tamborim vão dando saltos e folguedos diante da tina; ao redor dela vão dançando as mulheres, e os parentes encerram a procissão trajados de gala. No porto está preparada uma canoa onde assentam a tina e a prendem cuidadosamente com cordas. Feita essa diligência, afastam a canoa puxada por outras até o meio do rio e a deixam levar pela correnteza. Não fazem caso do perigo de morte a que expõem a criança, porque acreditam que alguns dos seus *zumis* (sacerdotes adivinhos que crêem ter comunicação com o demônio) a tomará a seus cuidados e saberá a quem dar o trabalho de sustentá-la e criá-la.² Satisfeitos de sua providência, voltam alegres e com algazarra para dar notícia à mãe daquilo que com toda diligência praticaram, para que se console e atenda unicamente à outra criança que lhe ficou em casa. As mulheres a consolam admoestando-a para que no futuro procure parir como boa Omágua que, sem dar trabalho aos *zumis*, que não existem para isso, saiba criar por si só os seus filhos. E que não imite outra vez os ratos e macacos que parem aos montes. Tanto soa estranho a essas gentes o singular e raro, que se dão a tão néscias extravagâncias.

Não pára nisso a superstição das Omágua; há também nesse caso uma indispensável e molesta cerimônia que cabe a todas as mulheres. Ao primeiro rumor que se espalha na parcialidade de haverem nascido duas crianças num parto, alvoroçam-se todas elas, e como tomadas de um terror pânico de que lhes pegue o contágio, levam à praça todos os seus utensílios e a golpes de pau de cego quebram vasos e pratos e fazem pedaços de caçarolas, cântaros e tinas, apagam o fogo, jogam ao rio tijolos e cinzas, sacodem o pó dos toldos, varrem as casas e batem muito bem as mudas de roupa; finalmente correm exaltadas ao rio e, com toda a roupa que levam às costas, jogam-se na água, mergulham, lavam-se com meticulosidade e, assim purificadas, voltam às suas casas a se trocar, certas de que não pegarão a doença: toda essa confusão causa às mulheres o parto dos gêmeos (...)

Por rústicos e brutos que sejam os índios do Marañón, não deixam de encontrar-se algumas famílias em que as demais reconhecem certa distinção e superioridade, que podemos chamar nobreza por conservar um ar senhorial que lhes faz angariar maior estima e apreço. Será difícil que um jovem ou uma senhora dessa classe superior case com quem não lhe seja igual na estima das gentes, nem os anciãos, a quem cabe ajustar os casamentos dos nobres, concordariam com isso facilmente. Descobriu-se essa superioridade e preeminência de famílias em quatro nações das missões mais novas, que são os Cavachi, os Ticuna, os Peva e os Omágua. As quatro têm suas cerimônias e dispõem de funções para declarar solenemente a nobreza dos meninos e meninas das famílias distinguidas e todas elas se praticam, segundo seu costume, com bebedeiras. Os Ticuna e Cavachi fazem suas bebedeiras de dois e três dias com suas noites e ao término delas saem dançando e os anciãos levam no meio deles os pretendentes, gritando que aqueles e aquelas são da raça dos principais da nação.

De mais aparato é a função entre os Omágua, e muito maior é a solenidade com que se executa, e assim merece ser explicada com alguma distinção. Os pais do menino ou menina que pretende a nobreza (a qual se costuma dar a dois ou três de uma vez) preparam um banquete com variedade de peixes, abundância de caça e grande quantidade de bebida. Fazem o convite a todos os índios da redondeza para um dia determinado, no qual acorrem homens e mulheres trajados de gala. O pai do menino ou meninos recebe os que vêm chegando; e a mãe, com algumas outras mulheres que a ajudam a repartir a bebida, lhes dá as boas-vindas com uma taça ("pilche") de bebida que lhes põe nas mãos, dizendo: - *Uripá ené ?*, que quer dizer: - Vens tu? e equivale ao nosso sejam bem-vindo. O que chega toma a bebida e responde dizendo: - *Uri ta*. Eu venho. Os homens vão tomando seus assentos em duas ou três fileiras de bancos dispostos ao longo da casa de ambos os lados, de maneira que pelo meio se possa andar com toda comodidade. As mulheres vão se acomodando sobre certas esteiras postas nas duas extremidades, de modo que se mantêm separadas dos homens.

Em outra casa, vizinha à da função, estão preparados uns andores enramados e vistosos, e neles se acomodam sentadinhas as crianças cuja nobreza vai-se declarar. Os meninos devem vestir uma *cusma* ou bata nova curiosamente pintada; e às me-

ninas devem as mães pôr uma tanga nova e primorosa e uma espécie de manta ricamente adereçada que, presa aos ombros, cobre todo o corpo. Uns e outros (*outras*) levam na cabeça uma coroa ou grinalda de plumas de várias cores distribuídas com gosto. Antes que os candidatos saiam em seus andores, saem seis ou oito mocinhos trajados como dançarinos com guizos e, ao som de um tamborim ou pífaro, vão dançando e fazendo suas andanças ritmadas. Atrás desses saem quatro mulheres de mantas longas muito pintadas e com umas varas altas emplumadas nas mãos. Seguem com seus meneios o tom de outra mulher que vai dando golpes com uma maçã de borracha sobre um remo que segura com a mão esquerda na boca de uma tina que leva pendurada como tambor. Por último vão os andores em que estão sentados os pretendentes, e os levam as pessoas que pedem a maior ou menor carga (?).

Ao entrarem os meninos com esse acompanhamento na casa principal, calam-se todos e se mantêm em silêncio até que os andores dêem a volta por trás da casa. Então uma mulher anciã que vinha entre as dançantes, manda parar os que levam os andores e, postos esses no solo, fazem saltar em terra os que vão neles. A cada um dos meninos ou meninas pega-os pela mão seu padrinho ou madrinha e leva-os diante do *zana* ou principal, a quem uma donzela apresenta ao mesmo tempo uma tesoura sobre uma bandeja. O *zana* corta com ela aos candidatos a ponta dos cabelos e as coloca na mesma bandeja. Feita esta cerimônia, o padrinho ou madrinha leva os meninos ao seu assento e lhes apara de uma vez todo o cabelo. Serve-se enquanto isso, pela segunda vez, a bebida aos que estão sentados nos bancos e, já arrumado o (*corte do*) cabelo, os meninos são apresentados outra vez ao *zana*, que levantando-se do seu assento e conduzindo-os diante de si, os vai mostrando aos índios dizendo a cada um essas palavras: *Aiquiana ene zana*, que quer dizer: Este é teu senhor. Enquanto o *zana* dá a volta por todos os assentos e os índios reconhecem os seus nobres, os dançarinos se desdobram bailando ao som do pífaro e do tamborim, e ao som da tina com a maçã e o remo dançam também as mulheres de mantas longas.

Com a apresentação dos novos senhorinhos feita pelo principal, conclui-se o substancial da função, que chamam *Us-ciumata*, que vem a ser o mesmo que fazer publicar ("hacer publicar").³ Segue-se imediatamente a comida, que as mulheres servem em bacias grandes, colocando em cada uma o que corresponde a quatro ou seis dos que estão sentados, e (*estes*) vão

tomando do que gostam. Começa a comida com bananas e mandioca cozida, que é, como veremos, o seu pão ordinário. Logo vão trazendo vários pratos de caça e os melhores peixes que conhecem naqueles rios, tudo com abundância e ostentação, conforme seus estilos. Serve-se freqüentemente a bebida em cuias ("pilches") muito curiosas e, acabada a comida, prossegue (o beber) até que se faça noite. Não se observam nessa função dos Omágua, que desde logo mostraram alguma idéia, ainda que obscura, de civilidade ("policia"), aquelas desordens que ocorrem comumente nas bebedeiras dos índios do Marañón (...). Usando as palavras de um missionário que trabalhou por mais de 20 anos com aquela gente e fez crua guerra a suas bebedeiras por ser a raiz dos mais vergonhosos vícios que encontrava entre os índios.

Diz, pois, desta maneira: "Raríssimas são as nações que não sejam dadas à embriaguez (...) São destríssimos em fazer várias espécies de bebidas do milho, das bananas, da mandioca que lhes serve de pão e bebida usual e ordinária, sabem preparar bebidas tão fortes que não há cabeça que resista à sua força e ação. Deixam-na fermentar por vários dias e ao cabo deles basta somente a exalação para transtornar uma cabeça menos forte. Além disso, usam algumas nações de outras raízes de singular virtude para o fim de privar dos sentidos. Os Zameo usam da *Chaburaza* e os Zurimágua mesclam fungos que crescem em árvores caídas com certa espécie de rendinha vermelha ("telilla colorada") que costuma estar pegada a troncos apodrecidos. Esta rendinha é sumamente cálida e não há bebedor que, à terceira dose ("pilche"), não caia com sua bebida, tanta é sua força ou, por melhor dizer, seu veneno (...)."

CAPÍTULO IX : De suas armas e guerras

(...) Os Iquito, Ticuna e Peva pelejam com umas lanças de pau vermelho ("colorado") que terminam em pontas de agulha ou de madeira tão forte como o ferro. Têm algumas destas lanças pontas nos dois extremos (...).

Vem a ser a sarabatana, ou como dizem eles (os Mainas "cimarrones") *bodoquera*, um canhão de madeira que lembra o de uma escopeta ou trabuco. Escavam dois paus bastante grossos e, juntando-os bem, os revestem e amarram com umas varinhas flexíveis e fortes como o barbante. Dão depois a todo o canhão, pela parte de fora, um verniz ou goma que o firma mais e não

permite respiradouros. Metida a flecha dentro, assopram com força e alento por uma extremidade do canhão e sai pela outra a flecha envenenada com força bastante para pegar no homem ou animal em quem apontam. Se chega a sangrar, fica envenenada a pessoa ou animal e o índio acerta o seu tiro.

Entre os venenos que os índios dessa missão usavam, o mais fino, ativo e celebrado era o dos Ticuna, cujo segredo somente chegaram a conhecer os Peva e Zava, nações confinantes. Faziam-no com mais de 30 ervas, frutos e raízes que buscavam no fundo de certas lagoas. De todos estes simples (*componentes*) faziam um cozimento com tanto cuidado e acerto conforme sua receita, sem descuidar-se do menor detalhe, porque o menor descuido bastaria para impedir a eficácia do veneno. Uma vez feito o cozimento, tem o aspecto de triaga da Europa, e qualquer um a tomaria por tal se uma certa maior espessura e o odor ingrato que desprende não desse a entender que é coisa diferente. A ação desse veneno é tanta que, untada a ponta da flecha com uma mínima porção do preparado recente, mata uma galinha em um minuto se chega a tocar o seu sangue. Se o veneno não é recente (pois dura muitos anos), não é tão eficaz, mas tampouco demora em causar o efeito. O P. Xavier Veigel, numa história manuscrita de várias coisas de Mainas,⁴ assegura que uma flecha untada havia 14 meses com esse veneno matou em sua presença, em meio quarto de hora, uma galinha. É rara a antipatia que tem com o sangue que, tocado pelo veneno, retira-se todo para o coração e o primeiro efeito que causa no animal ferido é um delíquio ao qual se segue a morte causada por sufocação, vertendo sangue o animal pelos ouvidos e pela boca (...) Estão persuadidos de que quem usar o veneno contra o próximo perde toda a provisão que dele tem em casa, (*pois*) se lhe torna inútil sem poder servir-se dele daí em diante (...).

Os índios Pano manejavam arcos e flechas, em que eram muito certos e alcançava o tiro como a bala de uma escopeta, tão direito entre árvores espessas como em campo aberto. Não tinha esta vantagem a *estólita*, arma própria dos Cocama e Omágua, que em campo aberto dava tiro longo e seguro, mas no bosque tropeçava, com o que enfraquecia. Foi a *estólita* arma muito usada pelos guerreiros do Inga, e vem a ser um pau achatado (*tableado*) de uma vara de comprimento e três dedos de largura, estreitando-se proporcionalmente para as extremidades até terminar em ponta. No meio, onde é mais larga, tem a figura de uma rosa, e pela parte interior (*inferior* ?) que se encosta na

mão tem uma concavidade correspondente a um dedo que se mete nela, e com os demais dedos se sustenta. Na ponta de cima está fixo um dente de osso em que se apóia uma cana ou flecha de oito palmos em cuja extremidade encaixam um arpãozinho com um pauzinho de um *jeme*; este arpão e pauzinho é o que faz o estrago. Porque segurando a *estólita* com a mão direita e fixando a flecha com pauzinho e arpão no dente de cima, atiram o dardo com incrível força e com tal pontaria que rara é a vez que não fazem tiro certo a 50 ou 60 passos.

Todas as nações usam de rodela e são destruíssimos em fazê-las com asseio e polidez (...) Outros as fazem de uma espécie de vime que chamam *bejuco* (*cipós*) da grossura de uma pena de escrever. Começam pelo centro com um círculo pequeno, e continuando os círculos bem unidos entre si e presos com pontos chegam a formar uma rodela de três palmos de diâmetro. Depois a guarnecem, para maior segurança, com um aro grosso em toda a circunferência, e colocando-lhe sua alça fica completa, firme e duradoura. Os Omágua, no lugar desses vimes ou cipós, valem-se de folhas de cana que chamam brava, que bem entretecidas, unidas e guarnecidas de um bom aro, formam umas rodela impenetráveis a quantas armas usem os demais índios.

NOTAS

1. Pelo menos em relação aos Omágua, deve-se observar que a fragilidade da chefia política, comum nas tribos sul-americanas da atualidade, não era originalmente uma característica desse povo. Veja-se na *Introdução* ("Sistemas políticos") evidências em contrário desde 1542 (Carvajal) até 1662 (Heriarte). É possível que o enfraquecimento da chefia tenha sido uma conseqüência do declínio demográfico, dispersão e migrações forçadas a que os Omágua foram submetidos a partir da segunda metade do século XVII.

2. A alegada aversão dos Omágua a matar crianças a sangue-frio tinha suas exceções. Laureano de la Cruz presenciou um recém-nascido sendo enterado vivo e lhe foi dito que isto era muito comum.

3. Métraux (1948:699) questiona essa "nobreza" dos Omágua, observando que o *Usciumata* "...lembra tanto a solene cerimônia Quéchuá de corte do cabelo das crianças que pode muito bem ter sido uma espécie de rito de passagem celebrado durante a primeira infância".

4. O manuscrito de Franz Xavier Veigl foi publicado no final do século XVIII (Veigl 1785).

BIBLIOGRAFIA

- Indica-se, entre parênteses, a data da primeira edição; quando *grifada*, refere-se ao ano em que a obra foi escrita.
- ABBEVILLE, Claude d' (1614) 1975 - *História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas*. Trad. de Sérgio Milliet. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 297 p. (Reprodução fac-similar da ed. Livraria Martins, 1945).
- ABREU, J. Capistrano de - *Notas em VARNHAGEN* 1959.
- ACUÑA, Cristóval de (1641) 1874 - *Nuevo descubrimiento del gran río de las Amazonas*. Transcrição da ed. de Madri, 1641, em ALMEIDA, Cândido Mendes de, *Memórias para a história do extinto Estado do Maranhão*. Rio de Janeiro, Hildebrandt, vol. II, p. 57-143 (v. também CARVAJAL, ROJAS, ACUÑA 1941).
- AGUILAR Y CórDOBA, Diego (1578) - *Marañón*. Capítulos V e parte do VI em JIMÉNEZ DE LA ESPADA 1965, vol. III, p. 237-239.
- ALMEIDA, Cândido Mendes de - v. ACUÑA 1874.
- ALTAMIRANO, capitão (s.d.) 1948 - "Relação", em VÁSQUEZ DE ESPINOSA 1948, p. 381-393 (parte II, livro IV, § 1199-1213).
- AMAZONAS, Lourenço da Silva Araujo e 1852 - *Diccionario topographico, historico, descriptivo da Comarca do Alto-Amazonas*. Recife, Typographia Commercial de Meira Henriques, 208 p. (Reedição fac-similar 1984, Manaus, Associação Comercial do Amazonas, "Coleção Hiléia Amazônica", 1).

- BERREDO, Bernardo Pereira de (1749) 1905 - *Annaes historicos do Estado do Maranhão*. 3ª ed., Florença, Typographia Barbèra, 2 vols. ("Historiadores da Amazonia", I).
- BETTENDORFF, João Phelippe (1698) 1910 - "Chronica da missão dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, vol. 72 (1), ano 1909, p. 1-697.
- CARAVANTES, López de - v. LÓPEZ DE CARAVANTES (1632).
- CARVAJAL, Gaspar de (1542 ?) 1894 - *Descubrimiento del Río de las Amazonas... com una introducción histórica por José Toribio Medina*. Sevilla, E. Rasco (v. também CARVAJAL, 1934, 1942).
- CARVAJAL, Gaspar de (1542 ?) 1934 - *The discovery of the Amazon... as published with an Introduction by José Toribio Medina*. Trad. de Bertram T. Lee; edição de H. C. Heaton. Nova Iorque, American Geographical Society, xiv, 467 p. (v. também CARVAJAL 1894, 1942). Em apêndice, trad. da crônica de Carvajal na versão de Oviedo (v. OVIEDO Y VALDÉS 1851-1855, CARVAJAL 1942).
- CARVAJAL, Gaspar de (1542 ?) 1942 - *Relación del nuevo descubrimiento del famoso río grande que descubrió por muy gran ventura el capitán Francisco de Orellana*. Transcrições de Fernández de Oviedo y Dn. Toribio Medina y estudio crítico del descubrimiento. Publicación dirigida por Raul Reyes y Reyes. Quito ("Biblioteca Amazonas" I).
- CARVAJAL, ROJAS, ACUÑA 1941 - *Descobrimientos do Rio das Amazonas*. Traduzidos e anotados por C. de Melo-Leitão. São Paulo, Comp. Ed. Nacional, 294 p. ("Brasiliana" 203).
- CHANTRE Y HERRERA, José (ca. 1768) 1901 - *Historia de las Misiones de la Compañia de Jesús en el Marañón Español, 1637 - 1767*. Madri, A. Avrial, 744 p.
- CIEZA DE LEÓN, Pedro de (1553) 1945 - *La Crónica del Perú*. Buenos Aires, Espasa-Calpe, 294 p. ("Col. Austral" 507).
- CIEZA DE LEÓN, Pedro de (1554) (s.d.) - *Guerras civiles del Perú*. Tomo I: *Guerra de las Salinas*. Madri, García Rico.
- CIVEZZA, Marcellino da - v. CRUZ 1885.
- CLASTRES, Hélène 1978 - *Terra sem mal*. Trad. de Renato Janine Ribeiro. São Paulo, Brasiliense, 123 p.
- COMPTE, Francisco M. - v. CRUZ 1885.

- CÓRDOBA, Diego de Aguilar y - v. AGUILAR Y CÓRDOBA (1578).
- CORTEZÃO, Jaime 1950 - "O significado da expedição de Pedro Teixeira à luz de novos documentos", em *IV Congresso de História Nacional, 21-28 Abril de 1949*. *Anais*. Rio de Janeiro, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Imprensa Nacional, vol. III, p. 173-204.
- CROCKER, William 1967 - "The Canela Messianic Movement: an Introduction", em *Atas do simpósio sobre a biota amazônica*, Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Pesquisas, vol. 2, p. 69-83.
- CRUZ, Laureano de la (1653) 1885 - "Nuevo descubrimiento del río de Marañón llamado de las Amazonas, hecho por la religión de San Francisco, año de 1651" (2ª ed.), em Francisco M. Compte, *Varones ilustres de la orden seráfica en el ecuador*, 2ª ed., Quito, Imprenta del Clero, tomo I, p. 144-207. (1ª ed. em Marcellino da Civezza, *Saggio di bibliografia geografica, storica, etnografica sanfrancescana*, Prato, 1879; 3ª ed. Madri, Biblioteca de la irradiación, 132 p. 1900).
- D'ANVILLE 1729 - *Carte particulaire du cours de la riviere des Amazones ou du Maragnon ... dressé ... par le Sr ...* Paris. (v. MENÉNDEZ 1981-1982).
- DENEVAN, William M. 1977 - "The Aboriginal population of Amazonia", em W.M. Denevan (ed.), *The Native Population of South America in 1492*, Madison, p. 205-234.
- DOBYNS, Henry F. 1966 - "Estimating Aboriginal American Population. 1. An Appraisal of techniques with a new Hemispheric Estimate", *Current Anthropology*, vol. 7 (4), p. 395-449.
- DRUMOND, Carlos 1950 - "A carta de Diogo Nunes e a migração dos Tupi-Guaranis para o Peru", *Revista de História*, São Paulo, vol. I (1), p. 95-102 (v. também NUNES 1921-1924).
- EDMUNDSON, George - v. FRITZ 1967.
- ESPADA, Marcos Jiménez de la - v. JIMÉNEZ DE LA ESPADA, Marcos.
- ESPINOSA, Antonio Vásquez de - v. VÁSQUEZ DE ESPINOSA, Antonio.
- ÉVREUX, Ives d' (1614) 1929 - *Viagem ao norte do Brasil*. Trad. de César Augusto Marques. Rio de Janeiro, Freitas Bastos - Leite Ribeiro, 438 p. (reedição de "Biblioteca de Escriitores Maranhenses" II, 1874).

- FERNANDES, Florestan 1963 - *Organização social dos Tupinambá*. 2ª ed., São Paulo, Difusão Européia do Livro, 375 p. ("Corpo e Alma do Brasil" XI).
- FERREIRA, Alexandre Rodrigues (1783-1791) 1974 - *Viagem filosófica pelas capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. Memórias, Antropologia*. Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura, 163 p.
- FRITZ, Samuel (1691) - "Mapa Geographica del Río Marañón ó Amazonas", em RIO BRANCO 1899 (Atlas, 86-A, 86-B).
- FRITZ, Samuel (1686-1723) - *Diário*, v. MARONI 1889-1892.
- FRITZ, Samuel (1686-1723) 1918 - "O diário do Padre Samuel Fritz". Com introdução e notas de Rodolfo García, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 81 (ano 1917), p. 353-397.
- FRITZ, Samuel (1686-1723) 1967 - *Journal of the travels and labours of Father Samuel Fritz in the River of the Amazons between 1686 and 1723. Translated from the Evora MS and edited by the Rev. Dr. George Edmundson*. Londres, Hakluyt Society, 1922 (reedição fac-similar Kraus Reprint Ltd.).
- GANDAVO, Pero de Magalhães (1576) 1980 - *Tratado da Terra do Brasil. História da Província Santa Cruz*. Belo Horizonte, Itatiaia - São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 150 p. ("Reconquista do Brasil" NS 12).
- GARCÍA, Rodolfo v. FRITZ 1918.
- GASCA, Pedro de (1549, 1550) - Cartas de 6 de dezembro de 1549 e 8 de janeiro de 1550 ao Conselho das Índias, em JIMÉNEZ DE LA ESPADA 1895, p. 217-218.
- GROHS, Waltraud 1974 - *Los indios del Alto Amazonas del siglo XVI al XVIII*. Bonn, 132 p. ("Bonner Amerikanistische Studien" 2).
- HEATON, H.C. v. CARVAJAL 1934.
- HERIARTE, Mauricio de (1662) 1874 - *Descrição do Estado do Estado do Maranhão, Pará, Corupá e Rio das Amazonas*. Edição e notas de Francisco A. Varnhagen. Viena, Imprensa do filho de Carlos Gerold, 84 p. (Publicado também em VARNHAGEN 1959, vol. III, p. 171-190).
- HERRERA, José Chantre y v. CHANTRE Y HERRERA, José.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de 1969 - *Visão do Paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 2ª ed.,

- São Paulo, Companhia Editora Nacional/ Editora da Universidade de São Paulo, xxvi, 356 p. ("Brasiliana" 333).
- JIMÉNEZ DE LA ESPADA, Marcos 1880-1889 - "Viaje del Capitán Pedro Texeira aguas arriba del Rio de las Amazonas (1638-1639)" (sic), *Boletín de la Sociedad Geográfica de Madrid*, IX (1880) : 209-231; XIII (1882) : 192-218, 266-275, 417-447; XXVI (1889) : 159-193.
- JIMÉNEZ DE LA ESPADA, Marcos 1889-1892 - v. MARONI 1889-1892.
- JIMÉNEZ DE LA ESPADA, Marcos 1895 - "La jornada del capitán Alonso Mercadillo a los indios Chupachos é Iscaicingas", *Boletín de la Sociedad Geográfica de Madrid*, XXXVII : 197-237.
- JIMÉNEZ DE LA ESPADA, Marcos (ed.) 1965 - *Relaciones geográficas de Indias. Perú*. 2ª ed., Madri, 3 vols. ("Biblioteca de Autores Españoles", 183-185).
- LA CONDAMINE, Ch.-M. de (1745) 1944 - *Viagem na América Meridional descendo o Rio das Amazonas*. Trad. de Cândido Jucá (filho). Rio de Janeiro, Editora Pan-Americana, xvii, 270 p. ("Biblioteca Brasileira de Cultura" 1).
- LATHRAP, Donald W. 1975 - *O alto Amazonas*. Trad. de M. A. García. Lisboa, Verbo, 271 p. ("Historia Mundi" 40).
- LEITE, Serafim - 1938-1950 - *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro; Lisboa, Livraria Portugalia, 10 vols. (v. especialmente vol. III, 1943).
- LÓPEZ DE CARAVANTES (1632) - *Noticia del Perú, Tierra Firme y Chile*. Citado em JIMÉNEZ DE LA ESPADA (ed.) 1965.
- MARCOY, Paul 1875 - *Travels in South America*. Londres, Blackie & Son, 2 vols. (Original francês em *Le Tour du monde*, Paris, 7(1866), 8(1867)).
- MARKHAM, Clement R. (ed.) 1971 - *The expedition of Pedro de Ursua & Lope de Aguirre in search of El Dorado and Omagua in 1560-61*. Translated from Fray Pedro Simon's "Sixth historical notice of the conquest of Tierra Firme" by W. Bollaert. Londres, Hakluyt Society, 1861 ("First Series" 28). Reedição fac-similar Lenox Hill, Burt Franklin.
- MARONI, Paolo (autor presumido, 1738) 1889-1892 - "Noticias auténticas del famoso rio Marañón y Misión apostólica de la Compañía de Jesus de la provincia de Quito en los dilatados bosques de dicho río". Escribías por los años de 1738 un

- misionero de la misma Compañía y las publica ahora por primera vez Marcos Jiménez de la Espada. *Boletín de la Sociedad Geográfica de Madrid*, XXVI (1889): 194-270, 397-430; XXVII (1889): 47-101; XXVIII (1890): 175-203, 383-454; XXIX (1890): 73-119, 220-266; XXX (1891): 111-161, 193-235, 381-405; XXXI (1891): 22-77, 235-282; XXXII (1892): 113-143; XXXIII (1892): 24-79.
- MEDINA, José Toribio - v. CARVAJAL 1894, 1942.
- MEGGERS, Betty J. 1971 - *Amazonia. Man and Culture in a Counterfeit Paradise*. Chicago, Aldine Atherton, 182 p.
- MEGGERS, Betty J. e Clifford, Evans 1957 - *Archaeological Investigations at the Mouth of the Amazon*. Washington, Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, 664 p. ("Bulletin" 167).
- MELATTI, Júlio César 1972 - *O messianismo Krahó*. São Paulo, Herder/Editora da Universidade de São Paulo, 140 p.
- MELO-LEITÃO, C. de - v. CARVAJAL, ROJAS, ACUÑA 1941.
- MENÉNDEZ, Miguel 1981/1982 - "Uma contribuição para a etno-história da área Tapajós-Madeira", *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, NS, vol. 28, p. 289-388.
- MÉTRAUX, Alfred 1927 - "Migrations historiques des Tupi-Guarani", *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, NS, vol. 29, p. 1-45.
- MÉTRAUX, Alfred 1948 - "Tribes of the Middle and Upper Amazon River", em *Handbook of South American Indians*, Washington, Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, vol. 3, p. 687-712 ("Bulletin" 143).
- MÉTRAUX, Alfred 1967 - *Religions et magies indiennes d'Amérique du Sud*. Paris, Gallimard, 291 p.
- MONGUIA, Pedro de (1561) 1865 - "Relación breve fecha por ..., Capitán que fué de Lope de Aguirre ... de la jornada del gobernador Pedro de Orsua, etc.", em *Colección de documentos inéditos ... de América y Oceania*, Madri, Colección del Archivo de Indias, tomo 4, p. 191-215.
- MUNILLA, Ladislao Gil 1954 - *Descubrimiento del Marañón*. Sevilla, Publicaciones de la Escuela de Estudios Hispano-Americanos de Sevilla.
- MYERS, Thomas P. 1973 - "Toward the Reconstruction of Prehistoric Community Patterns in the Amazon Basin", em Lath-

- rap e Douglas (eds.), *Variation in Anthropology*, Urbana, p. 233-252.
- NIMUENDAJU, Curt 1952 - *The Tukuna*. Trad. de W.D. Hohenthal, Berkeley e Los Angeles, University of California Publications in American Archaeology and Ethnology, nº 45, 209 p.
- NIMUENDAJU, Curt (1949) 1953 - "Os Tapajó", *Revista de Antropologia*, São Paulo, vol. 1 (1), p. 53-61.
- NIMUENDAJU, Curt (1914) 1987 - *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocuva-Guarani*. Trad. de Charlotte Emmerich e Eduardo B. Viveiros de Castro. São Paulo, Hucitec/Editora da Universidade de São Paulo, xlii, 156 p.
- NORDENSKIOLD, Erland 1917 - "The Guarani invasion of the Inca Empire in the sixteenth century", *The Geographical Review*, Nova Iorque.
- NORONHA, José Monteiro de (1768) 1862 - *Roteiro da viagem da cidade do Pará, até as últimas colonias do sertão da Provincia*. Pará (Belém), Typographia de Santos & Irmãos, 77 p.
- NUNES, Diogo (1553 ?) 1921-1924 - "Apontamento do que V.A. quer saber" (carta a D. João III de Portugal), em *História da colonização portuguesa do Brasil*, Porto, vol. 3, p. 367-368. Publicada originalmente em *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1840, vol. 2, p. 365-369 (na 3ª ed., 1916, p. 375-379); v. também DRUMOND 1950.
- OBBEREM, Udo 1967-68 - "Un grupo indígena desaparecido del oriente ecuatoriano", *Revista de Antropologia*, São Paulo, vol. 15-16, p. 149-170.
- ORTIGUERA, Toribio de (1585 ?) 1909 - *Jornada del Río Marañón*, em SERRANO Y SANZ (ed.) 1909, vol. 2, p. 305-422.
- OVIEDO Y VALDÉS, Gonzalo Fernández de (ca. 1543-1546) 1851-1855 - *Historia general y natural de las Indias, Islas y Tierra Firme del Mar Océano*. Madri, Real Academia de la Historia, 4 vols. v. também CARVAJAL 1942.
- PIMENTEL, Vitoriano (1705) 1983 - "Relação que faz Frei ... das missões do Rio Negro e Solimões, etc.", *Anais da Biblioteca e Arquivo Públicos do Pará*, Belém, vol. 13, p. 402-416.
- PORRO, Antonio 1981 - "Os Omágua do alto Amazonas. Demografia e padrões de povoamento no século XVII", em *Contribuições à Antropologia em homenagem ao Prof. Egon Schaden*, São

- Paulo, Museu Paulista, Coleção Museu Paulista, Série Ensaio, vol. 4, p. 207-231.
- PORRO, Antonio 1983-1984 - "Os Solimões ou Jurimáguas. Território, migrações e comércio intertribal", *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, NS, vol. 29, p. 23-38.
- PORRO, Antonio 1985 - Mercadorias e rotas de comércio intertribal na Amazônia", *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, NS, vol. 30, p. 7-12.
- PORRO, Antonio 1986 - "As tribos indígenas do rio Amazonas: bibliografia comentada do período colonial", *Boletim de Pesquisa da CEDEAM*, Manaus, Universidade do Amazonas, Comissão de Documentação e Estudos da Amazônia, vol. 5 (8), p. 120-147.
- PORRO, Antonio 1987 - "O antigo comércio indígena na Amazônia", *D.O. Leitura*, São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Ano 5, nº 56 (janeiro 1987), p. 2-3.
- PORRO, Antonio (no prelo) - "Mitologia heróica e messianismo na Amazônia seiscentista", *Revista de Antropologia*, São Paulo, vol. 30.
- POSEY, Darrell A. 1986 - "Manejo da floresta secundária, capoeiras, campos e cerrados (Kayapó)", em *Summa Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians*, vol. 1: *Etnobiologia* (coordenação Berta G. Ribeiro), Petrópolis, Vozes, p. 173-185.
- REYES Y REYES, Raul v. CARVAJAL 1942.
- RIO BRANCO, Barão do (José Maria da Silva Paranhos) 1899 - *Atlas contenant un choix de cartes antérieures au traité conclu à Utrecht le 11 avril 1713 entre le Portugal et la France*, vol. 6 de *Mémoire présentée par les États Unis du Brésil au Gouvernement de la Confédération Suisse, I Mémoire du Brésil*.
- ROJAS, Alonso de (autor presumido, 1639) 1880-1889 - *Descubrimiento del río de las Amazonas y sus dilatadas provincias*, em JIMÉNEZ DE LA ESPADA 1880-1889, vol. 13 (1882), p. 417-447 (v. também CARVAJAL, ROJAS, ACUÑA 1941).
- ROOSEVELT, Anna C. 1980 - *Parmana. Prehistoric Maize and Manioc Subsistence along the Amazon and Orinoco*. Nova Iorque, Academic Press, xv, 320 p.
- SCHADEN, Egon 1959 - *A mitologia heróica de tribos indígenas do Brasil*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 185 p. ("Vida Brasileira" 15).

- SERRANO Y SANZ, M. (ed.) 1909 - *Historiadores de Indias*. Madri, 2 vols. ("Nueva Biblioteca de Autores Españoles" 13, 15). (2ª ed., 1968, 2 vols., "Biblioteca de Autores Españoles", 215, 216).
- SIMON, Pedro 1627 - *Primera parte de las noticias historiales de las conquistas de Tierra Firme en las Indias Occidentales*. Cuenca, Equador. (v. trad. ingl. da 6ª Noticia em MARKHAM (ed.) 1971).
- SIOLI, Harald 1985 - *Amazônia. Fundamentos da ecologia da maior região de florestas tropicais*. Trad. de Johann Becker. Petrópolis, Vozes, 72 p.
- TEIXEIRA, Pedro (1639) 1950 - "Relación del General Pedro Tejeira de el río de las Amazonas para el S.or Presidente", em CORTEZÃO 1950, p. 188-194.
- VARNHAGEN, Francisco A. de 1959 - *História Geral do Brasil*. 6ª ed. integral, com notas de Capistrano de Abreu e Rodolfo García. São Paulo, Melhoramentos, 5 vols.
- VÁSQUEZ, Francisco (ca. 1561) 1909 - "Relación verdadera de todo lo que sucedió en la jornada de Omagua y Dorado, etc.", em SERRANO Y SANZ (ed.) 1909, vol. 2, p. 423-484.
- VÁSQUEZ DE ESPINOSA, Antonio (1629) 1948 - *Compendio y descripción de las Indias Occidentales*. Transcrição e edição de Charles Upson Clark. Washington, Smithsonian Institution ("Miscellaneous Collections" 108).
- VEIGL, Franz Xavier (1768) 1785 - "Grundliche Nachrichten über die Verfassung der Landschaft von Maynas in Süd-Amerika bis zum Februar 1768", em Christoph G. von Murr (ed.). *Reisen Einiger Missionarien der Gesellschaft Jesu in Amerika*, etc. Nurembergue, p. 1-324.
- WERMERS, Manuel M. 1965 - "O estabelecimento das missões carmelitas no Rio Negro e no Solimões (1695-1711)", em *V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, Coimbra 1963, *Actas*. Coimbra, vol. 2, p. 527-572.
- ZÚÑIGA, Gonzalo de (ca. 1561) 1865 - "Relación muy verdadera de todo lo sucedido en el río del Marañón, en la provincia del Dorado, etc.", em *Colección de Documentos Inéditos... de América y Oceania*. Madri, Colección del Archivo de Indias, vol. 4, p. 215-282.

SEDE

Petrópolis, RJ
(25689-900) R. Frei Luís, 100
Caixa Postal 90023
Tel. (0242)43-5112
Fax: (0242)42-0692

LOJAS

Bauru, SP
(17015-002) Av. Rodrigues Alves, 10 - 37
Tel. e Fax: (0142)34-2044

Belo Horizonte, MG
(30190-060) R. Tupis, 114
Tel.: (031)273-2538
Fax: (031)222-4482

Blumenau, SC
(89010-003) R. 15 de Novembro, 963
Tel.: (0473)22-3471
Fax: (0473)22-6739

Brasília, DF
(70730-731) CLR/Norte, Q. 704, Bloco A,
Nº 15
Tel.: (061)223-2436
Fax: (061)223-2282

Campinas, SP
(13015-002) Rua Br. de Jaguará, 1164
Tel.: e Fax: (0192)89316

Campo Grande, MS
(79002-174) R. Br. do Rio Branco, 1231
Tel. e Fax: (067)384-1535

Cuiabá, MT
(78005-600) Av. Getúlio Vargas, 381
Fax: (065)322-3350
Tel.: (065)322-6967 - 322-6809

Curitiba, PR
(80230-080) R. 24 de Maio, 95
Tel.: (041)233-1392
Fax: (041)233-1513

Fortaleza, CE
(60025-100) R. Major Facundo, 730
Tel.: (085)231-9321
Fax: (085)221-4238

Goiânia, GO
(74023-010) R. 3, Nº 291
Tel. e Fax: (062)225-3077

Juiz de Fora, MG
(36010-041) R. Espírito Santo, 963
Tel. e Fax: (032)215-8061

Londrina, PR
(86010-390) Rua Piauí, 72, Loja 1
Tel.: e Fax: (0432)37-3129

Novo Hamburgo, RS
(93310-002) R. Joaquim Nabuco, 543
Tel. e Fax: (051)593-8143

Pelotas, RS
(96015-300) R. 7 de Setembro, 145
Tel. e Fax: (0532)27-1032

Porto Alegre, RS
(90010-273) R. Riachuelo, 1280
Tel.: (051)226-3911
Fax: (051)226-3710

Recife, PE
(50050-410) R. do Príncipe, 482
Tel.: (081)221-4100
Fax: (081)221-4180

Rio de Janeiro, RJ
(20031-201) R. Senador Dantas, 118-1
Tel. e Fax: (021)220-6445

Salvador, BA
(40060-410) R. Carlos Gomes, 698-A
Tel.: (071)241-8666
Fax: (071)241-8087

São Paulo, SP 1
(01006-000) R. Senador Feijó, 158/168
Tel.: (011)35-7144
Fax: (011)37-7948

São Paulo, SP 2
(01414-000) R. Haddock Lobo, 360
Tel.: (011)256-0611
Fax: (011)258-2841

ESCRITÓRIOS

Rio de Janeiro, RJ
(20211-130) R. Benedito Hipólito, 1
Tel.: (021)224-0864
Fax.: (021)252-7528

São Paulo, SP
(01309-902) R. Luiz Coelho, 308 - Sala
37 - 3º andar
Tel.: (011)258-6910
Fax: (011)258-7070

SEDE

Petrópolis, RJ
(25889-900) R. Frei Luís, 100
Caixa Postal 90023
Tel. (0242)43-8112
Fax: (0242)43-0893

LOJAS

Bauri, SP
(17015-002) Av. Rodrigues Alves, 10 - 37
Tel. e Fax: (0142)34-2044

Belo Horizonte, MG
(30190-060) R. Tupia, 114
Tel.: (031)273-2538
Fax: (031)223-4482

Blumenau, SC
(89010-002) R. 15 de Novembro, 983
Tel.: (0473)22-3471
Fax: (0473)22-6738

Brasília, DF
(70730-737) CLRN/Ne. O 704, Bloco A
Nº 15
Tel.: (061)223-2438
Fax: (061)223-2282

Campinas, SP
(13015-002) Rua Br. de Jaguará, 1164
Tel. e Fax: (0192)89318

Campo Grande, MS
(79002-174) R. Br. do Rio Branco, 1281
Tel. e Fax: (067)384-1235

Cuiabá, MT
(78002-900) Av. Getúlio Vargas, 381
Fax: (065)322-3380
Tel.: (065)322-6987 - 322-8808

Cuiabá, PR
(80230-080) R. 24 de Maio, 95
Tel.: (041)233-1392
Fax: (041)233-1513

Fortaleza, CE
(60025-100) R. Major Fausto, 730
Tel.: (085)231-9321
Fax: (085)221-4238

Goiânia, GO
(74023-010) R. 2, Nº 201
Tel. e Fax: (051)225-2077

Luz de Fora, MG
(38010-017) R. Espírito Santo, 993
Tel. e Fax: (032)212-8081

Londrina, PR
(86010-320) Rua Paul. 75, Loja 1
Tel. e Fax: (0432)37-2128

Novo Hamburgo, RS
(93370-002) R. Joaquim Nabuco, 843
Tel. e Fax: (051)293-8143

Palmas, RS
(98015-300) R. 7 de Setembro, 146
Tel. e Fax: (052)27-1032

Porto Alegre, RS
(90070-273) R. Riachuelo, 1280
Tel.: (051)228-3911
Fax: (051)228-3710

Recife, PE
(52080-410) R. do Príncipe, 482
Tel.: (081)221-4100
Fax: (081)221-4180

Rio de Janeiro, RJ
(20021-201) R. Senador Dantas, 1181
Tel. e Fax: (021)220-8446

Salvador, BA
(40080-410) R. Carlos Gomes, 688-A
Tel.: (071)241-8888
Fax: (071)241-8087

São Paulo, SP 1
(01008-000) R. Senador Felis, 1581/88
Tel.: (011)38-7144
Fax: (011)37-2848

São Paulo, SP 2
(01414-000) R. Haddock Lobo, 380
Tel.: (011)258-0811
Fax: (011)258-2841

ESCRITÓRIOS

Rio de Janeiro, RJ
(20211-130) R. Benedito Hipólito, 1
Tel.: (021)224-0884
Fax: (021)225-7228

São Paulo, SP
(01308-902) R. Luiz Coelho, 308 - Sala
37 - 3º andar
Tel.: (011)258-8910
Fax: (011)258-7070

mente povoada (mais de um milhão de habitantes, conforme estimativas recentes) e sabiamente explorada pelos agricultores e pescadores ribeirinhos. São muitas *províncias* de línguas e culturas diferentes, com grandes povoados interligados pelo comércio fluvial e terrestre. Há caminhos "bons e largos" que atravessam a floresta; há currais de tartarugas, armazéns cheios de peixe moqueado, farinha e cerâmica acumulados para o comércio; há guerreiros em flotilhas de canoas, com longos escudos de couro de jacaré e há mulheres que tecem e pintam roupas de algodão e que dizem encantar as serpentes para copiar seus desenhos nas cuias e vasos que fabricam.

Este rico e complexo mundo indígena, já desaparecido no século XVIII, é revelado pela pena dos cronistas como uma imagem fugidia que o etno-historiador procura agora fixar e reconstituir.

ANTONIO PORRO, nascido na Itália em 1940, naturalizado, vive em São Paulo desde 1949. Doutor em Antropologia Social (1977) pela Universidade de São Paulo, é especialista em Etno-história. Como professor visitante, tem dado cursos de pós-graduação e conferências em diversas universidades. Tem trabalhos publicados no Brasil e no exterior sobre Etno-história, Religião e Mitologia maia do México e da Guatemala e sobre as populações indígenas da Amazônia no período colonial.